



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

SOCIALIZAÇÃO, PAPÉIS DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO:
TECENDO NARRATIVAS FEMININAS.

Inara Linn Maracci

Brasília, 28 de novembro de 2013.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1013325.

Maracci, Inara Linn.
M298s Socialização, papéis de gênero e desenvolvimento psicológico
: tecendo narrativas femininas / Inara Linn Maracci. --
2013.
xii, 309 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação
em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, 2013.
Inclui bibliografia.
Orientação: Maria Helena Fávero.

1. Mulheres - Socialização. 2. Identidade de gênero.
3. Psicologia do desenvolvimento. I. Fávero, Maria
Helena. II. Título.

CDU 159.9-055.2



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde

SOCIALIZAÇÃO, PAPÉIS DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO:
TECENDO NARRATIVAS FEMININAS.

Inara Linn Maracci

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

Brasília, 28 de novembro de 2013.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Maria Helena Fávero – Presidente
Universidade de Brasília-UNB

Prof. Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedroza – Membro
Universidade de Brasília-UNB.

Prof. Dra. Daniele Nunes Henrique Silva – Suplente
Universidade de Brasília-UNB.

Brasília, 28 de novembro de 2013.

*Dedico esse trabalho aos meus pais e, em especial,
à minha mãe, Edith, por ter me dado, certa vez,
uma máquina de costura,
com uma mesa cheia de gavetas.
Costurar eu nunca aprendi,
porém, é nessa mesa que estudo até hoje e
na qual escrevi essa dissertação.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, às participantes dessa pesquisa, que de uma forma carinhosa, com muito empenho e dedicação, possibilitaram a realização deste estudo.

Aos professores que fizeram parte dessa jornada, agradeço primeiramente, a contribuição da minha orientadora, Profª. Dra. Maria Helena Fávero, por compartilhar seu conhecimento, pela oportunidade de vivenciar a apresentação de um trabalho em um congresso internacional (Portugal) e por ter me apoiado nos momentos certos, incentivando-me a enfrentar as dificuldades com as quais me deparei durante o mestrado.

Agradeço ao Prof. Max Storai Lucich pelas suas aulas maravilhosas de inglês instrumental na UNB, as quais contribuíram para que eu obtivesse uma excelente nota na seleção de mestrado.

Agradeço à Profª. Dra. Silviane Bonaccorsi Barbato, por ter me acolhido carinhosamente na sua disciplina em 2010, como aluna especial, despertando em mim o interesse pela pesquisa científica e pelos métodos qualitativos de investigação. Agradeço aos colegas da turma, em especial à Sueli de Souza Dias, por me incentivar a fazer a seleção para o mestrado, acreditando no meu potencial.

Agradeço à Profª. Dra. Suely Sales Guimarães, Psicóloga e minha terapeuta, pela sua enorme ajuda, que, com sua experiência e competência, me ajudou a enfrentar com tranquilidade os desafios de um mestrado, bem como, o desafio de enfrentar problemas de saúde e de sair vitoriosa deles, sem ter que desistir da realização de um grande sonho.

Agradeço aos Técnicos Administrativos, da secretaria do departamento PGPDS, em especial à Cláudia Freire, pela disponibilidade, pelos esclarecimentos, pelo incentivo e eficiência.

Agradeço a meus pais, Arno e Edith (em memória) pelo seu esforço em proporcionar bons estudos para os seus filhos, visando, assim, que tivéssemos outras opções de vida. Agradeço e retribuo seu incentivo dedicando esse trabalho a vocês. Agradeço à minha mãe, que estaria muito feliz por mais essa conquista em minha vida, pelo seu apoio, desde menina, sempre me incentivando nos estudos, e por ter me ensinado a enfrentar de cabeça erguida qualquer dificuldade que se apresentasse em minha vida.

Agradeço ao meu marido, Marcelo, pelo apoio durante toda essa trajetória, por cuidar de mim, nos momentos que precisei, por participar desse projeto de vida, dando opiniões e criando condições para que eu pudesse me dedicar aos meus estudos. Agradeço o teu carinho, o teu bom humor e por estares ao meu lado sempre.

Agradeço à minha irmã, Aimara, que sempre acompanha os momentos importantes da minha vida, mesmo morando muito longe. Agradeço a tua amizade e carinho e ao meu cunhado, David Sage, pela sua eficaz revisão do *abstract* dessa dissertação.

Agradeço à minha amiga Elizabete, minha irmã goiana de coração, por compartilhar esse momento importante em minha vida, com a sua amizade, e pelas suas preciosas orações.

RESUMO

A socialização e a construção identitária de gênero são processos importantes do desenvolvimento psicológico humano. Esse estudo investigou como as mulheres constroem seus papéis de gênero e vivenciam o seu processo de socialização durante o seu desenvolvimento, a partir de narrativas. Participaram da pesquisa quatro mulheres entre 37 e 55 anos de idade, servidoras de uma universidade pública do DF. Três delas com formação de nível superior e uma de nível médio. Todas eram mães (2 a 3 filhos), sendo uma casada, uma em união estável, uma divorciada e uma solteira. As participantes se consideraram pertencentes à classe baixa e média. A coleta de dados desenvolveu-se em três etapas consecutivas. Na primeira, solicitou-se uma narrativa escrita: “Minha história de vida: de menina até hoje”. Na segunda, foram propostas questões individuais elaboradas a partir das narrativas. Na terceira etapa, os temas comuns evidenciados nas narrativas foram apresentados como objeto de discussão para três sessões de grupo focal. Os dados obtidos nas duas primeiras etapas foram analisados como um texto, tomando-se a proposição como unidade de análise. As interlocuções do grupo focal foram submetidas à análise dos atos da fala. A análise dos resultados das etapas iniciais sugere que: a socialização, a construção e desempenho de papéis sociais femininos ainda fundamentam-se pelas ideologias da naturalização, do patriarcado e do mito do amor materno; os papéis femininos tradicionais, de esposa e mãe, ainda são fortemente socializados ao longo da vida e são priorizados, em detrimento de outros papéis, como os papéis de pessoa, mulher e profissional; o foco na queixa do abandono e na ausência do apoio masculino demonstra a posição de destaque, dada à figura masculina, e a consequente dependência feminina, conforme parâmetros patriarcais. Os dados do grupo focal revelaram: a dificuldade das mulheres em adotarem ou aceitarem uma fala feminina mais assertiva e a criação de um falso self; a socialização de atitudes femininas como a dependência, o apego, o medo do abandono, a queixa, e a permanência de um padrão de feminilidade, no qual as mulheres devem ser boas, ceder, agradar e viver em função dos outros. O método adotado se revelou propício à investigação proposta neste estudo.

Palavras-chave: socialização, identidade de gênero, narrativas, grupo focal.

ABSTRACT

The socialization and the development of a gender identity in our society by individuals are important processes of human psychological development based on the narratives. This study investigated how women create their female gender roles, and how they are influenced by social parameters throughout their development. Four women between the ages of thirty-seven and fifty-five participated in this study. These women are all employed at a Public University, in Brazil's Federal District. Three of the women have College degrees and one holds a high school diploma. All are mothers, with two to three children. One is married, one is in a stable union, one is divorced and one is single. The participants considered themselves to be of the lower to the middle socioeconomic class. Data was collected in three consecutive stages. In the first phase, we asked the participants to write a narrative: "My life story: from girl to present." In the second phase, we questioned them about issues raised in their narrative. In the third phase, we presented for discussion elements that were common in the first two phases in, for three focus group sessions. The data obtained in the first two phases was transcribed and analyzed; subsequently using it as a unit for analysis. The dialogs from the focus group were submitted to speech analysis. The resulting analysis suggests that: the socialization process, the development and the performance of the female role in society are strongly influenced by the ideologies of naturalization, social/patriarchal concept and the misconception of maternal love. The concept of traditional female roles of wife and mother are still strongly socialized throughout life. This prioritization of the female/mother role figure appears to be to the detriment of other roles, such as individual, as woman and as professionals in this study. The frequent complaint of "abandonment" and "absence" of male support in parenting, underlines the prominent position given to the masculine figure in society and the subsequent dependence of women in accordance with existing social/patriarchal parameters. The data resulting from the study of the focus group, revealed: the difficulty women have in exercising a more assertive role and manner of speaking and the creation of a "false" self; the socialization of feminine attitudes like dependence, attachment, fear of abandonment, complaint; and the permanence of feminine ideologies in which females are portrayed as good, dependent, accommodative who function as a result of the needs of others. The methods utilized in this study revealed themselves appropriate for the proposed study.

Keywords: socialization, gender identity, narratives, focus group.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
A Socialização Como Processo do Desenvolvimento Psicológico	14
A socialização: Uma revisão nos periódicos de psicologia	17
A Narrativa: Recuperando o Sujeito Psicológico	53
O Compartilhar das Vozes das Narrativas: O Grupo Focal.....	56
PARTE II: O ESTUDO	58
O Problema e o Método.....	58
Sujeitos	59
Procedimentos de Coleta de Dados	60
Procedimentos de Análise de Dados	64
PARTE III: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	66
Os Dados Obtidos na Primeira e Segunda Etapa.....	66
Discussão dos Dados Obtidos na Primeira e Segunda Etapa	78
Discussão dos dados do sujeito 1 (S1).....	78
Discussão dos dados do sujeito 2 (S2).....	87
Discussão dos dados do sujeito 3 (S3).....	101
Discussão dos dados do sujeito 4 (S4).....	145
Discussão geral dos dados obtidos na primeira e segunda etapa.	147
Os Dados Obtidos na Terceira Etapa.....	152
O grupo focal: primeira sessão.	153
O grupo focal: segunda sessão.....	184
O grupo focal: terceira sessão.....	214
Discussão Geral dos Dados Obtidos na Terceira Etapa.....	243

Discussão Geral do Estudo.....	246
PARTE IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS	250
REFERÊNCIAS	253
ANEXOS	260
1 Aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.	261
2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	262
3 Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de voz para fins de Pesquisa.....	263
4 Transcrição dos Atos da Fala da Primeira Sessão do Grupo Focal.....	264
5 Transcrição dos Atos da Fala da Segunda Sessão do Grupo Focal.....	276
6 Transcrição dos Atos da Fala da Terceira Sessão do Grupo Focal	292

Lista de Tabelas

TABELAS

1 Estudos da Primeira Categoria: A Socialização na Infância	177
2 Estudos da Segunda Categoria: A Socialização nas Relações Familiares	27
3 Estudos da Terceira Categoria: A Socialização na Adolescência	33
4 Estudos da Quarta Categoria: A Socialização na Vida Adulta.....	40
5 Estudos da Quinta Categoria: A Socialização na Mídia.....	47
6 Características dos Sujeitos da Pesquisa	59
7 Análise da Narrativa do Sujeito1 (S1).....	67
8 Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito1 (S1).....	70
9 Análise da Narrativa do Sujeito 2 (S2).....	81
10 Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito 2 (S2).....	85
11 Análise da Narrativa do Sujeito 3 (S3).....	89
12 Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito 3 (S3).....	94
13 Análise da Narrativa do Sujeito 4 (S4).....	103
14 Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito 4 (S4).....	116
15 Extratos de Transcrição dos Atos da Fala da Primeira Sessão do Grupo Focal.....	153
16 Extratos da Transcrição dos Atos da Fala da Segunda Sessão do Grupo Focal	184
17 Extratos da Transcrição dos Atos da Fala da Terceira Sessão do Grupo Focal	214

INTRODUÇÃO

O pensamento ocidental caracteriza-se pela distinção entre mente e corpo, uma herança grega que se mantém em nossas ideias, discursos e práticas ainda nos dias de hoje. É um pensamento que fundamenta as demais dicotomias tais como: razão e emoção; pensamento e linguagem; indivíduo e sociedade. Dicotomias que, por sua vez, sustentam o dualismo que coloca homem e mulher como duas categorias opostas (Fávero, 2010b).

Estudos feministas tais como o de Bordo (1986) analisaram as origens desse pensamento ocidental, defendendo a ideia da masculinização da ciência pela visão de Descartes – objetiva, que supervaloriza o racional e que influenciou a forma de se compreender o mundo. Portanto, um mundo que possuía uma alma e corpo feminino, na Idade Média, é recriado e masculinizado, na Idade Moderna, pelo pensamento cartesiano. Esse modo de pensar deu origem às separações homem/natureza e mente/corpo e, assim, à dicotomia masculino/feminino, que foram colocados em posições hierárquicas diferentes.

A influência do pensamento dualista também se faz presente nas ideias naturalizadas de gênero, expressas em crenças cotidianas, como, por exemplo, as que associam as mulheres a tudo que diga respeito à natureza e aos instintos, como o instinto maternal, e os homens a tudo que se relaciona com o racional, como a capacidade de decisão e resolução objetiva de problemas. Dessa maneira, como sintetiza Fávero (2010b, p. 21), “a mulher, então seria só corpo; o homem, a mente”.

A reflexão inicial sobre o pensamento dualista é um ponto chave para o entendimento do processo de socialização de gênero – tema do nosso estudo –, pois é a partir da manutenção desse pensamento, que divide as pessoas entre homens e mulheres, que os papéis sociais gendrados são construídos, mantendo, ao mesmo tempo, a ideologia da feminilidade e da masculinidade.

Em termos gerais, a socialização pode ser compreendida como um processo de interação social que possibilita a construção da identidade social. É definida, na perspectiva da sociologia do conhecimento, como a introdução dos indivíduos no mundo objetivo, de uma forma contínua e ampla (Berger & Luckmann, 1973; Mielis & Garcia, 2010).

Berger e Luckmann (1973) afirmam que o indivíduo não nasce membro de uma sociedade, mas possui uma predisposição e é induzido ao longo de sua vida a fazer parte dela. É pela socialização vivida na infância (socialização primária) que o indivíduo torna-se membro da sociedade.

Em outras palavras, a criança, ao nascer, depara-se com um mundo novo e do qual precisa apropriar-se com a finalidade de se integrar e de construir-se como um sujeito social. Nesse sentido, o sujeito vai interiorizando e apropriando-se de uma realidade social ao assumir normas, valores e crenças, direitos e deveres, e papéis sociais (Doise, 1998).

O objetivo principal deste estudo foi investigar como as pessoas do sexo feminino vivenciam o seu processo de socialização e construção de seus papéis de gênero, ao longo de suas vidas, por intermédio da análise de suas narrativas. E, em decorrência dessa análise, foi possível verificar quais as implicações dessa vivência em relação ao seu desenvolvimento psicológico e as repercussões em suas relações interpessoais.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa que articula campos de estudos de gênero e estudos feministas e que se insere na perspectiva defendida por Fávero (2010b), a qual enfatiza a importância de se considerar as questões de gênero para que se possam entender os processos psicológicos do desenvolvimento dos indivíduos.

A primeira parte que fundamenta esse estudo foi dividida em quatro itens. No item *A Socialização como Processo do Desenvolvimento Psicológico*, procuramos apresentar a forma como a socialização foi abordada nesse estudo, ou seja, levando-se em conta os seus aspectos sociais e culturais, bem como os aspectos pessoais e psicológicos dos indivíduos que vivenciam esse processo ao construírem a sua identidade de gênero. No item *Socialização: Uma Revisão nos Periódicos de Psicologia*, apresentamos o resultado da nossa busca em base de dados por publicações científicas que abordam a socialização, em especial a socialização feminina, desde a infância até a fase adulta, em diversos contextos, priorizando os que foram publicados em revistas científicas de psicologia.

Nos itens *A Narrativa: Recuperando o Sujeito Psicológico e O Compartilhar das Vozes das Narrativas: O Grupo Focal*, procuramos fundamentar teoricamente a metodologia empregada nesse estudo, a qual se utilizou das narrativas e de sessões de grupo focais para estudar a subjetividade e a construção identitária de gênero.

Na segunda parte desse estudo, descrevemos a nossa pesquisa, desde o problema e o método adotados, seguidos da descrição dos sujeitos que participaram da pesquisa, até os procedimentos de coleta e análise de dados empregados e desenvolvidos em três etapas diferentes.

Na terceira parte, apresentamos os resultados obtidos em todas as etapas, em forma de tabelas, expondo as análises em forma de discussão, tanto das narrativas, quanto das respostas aos dados complementares, bem como das três sessões de grupo focal.

O final da terceira parte traz uma discussão geral do estudo, em que se procurou destacar os resultados mais relevantes encontrados e aqueles que nos proporcionaram uma reflexão e análise mais aprofundada, com o apoio de autores clássicos da área.

A quarta e última parte é dedicada às considerações finais. Elas se desenvolveram a partir de uma reflexão crítica sobre o nosso estudo, reconhecendo suas limitações e apontando sugestões para futuras pesquisas, além de destacar sua contribuição para o conhecimento em psicologia, principalmente no que se refere ao desafio metodológico que colocamos em prática nessa pesquisa, o qual teve a intenção de desenvolver um estudo de cunho reflexivo e crítico dentro da psicologia.

PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Socialização Como Processo do Desenvolvimento Psicológico

Nesse estudo assumimos a perspectiva de Fávero, conforme pesquisas anteriores (2005, 2007, 2009, 2013), na qual o desenvolvimento psicológico humano não é entendido como um processo universal, pronto e dado, mas como um processo construído permanentemente na interação dialética que acontece entre o ser humano e sua sociocultura, considerando-se esse ser, como ativo e construtor do seu próprio desenvolvimento.

Segundo a tese defendida por Fávero (2005), o desenvolvimento psicológico humano ocorre por meio da articulação entre: “os aspectos subjetivos, desenvolvimentais e cognitivos dos processos semióticos em um contexto psicológico, e o fundamento histórico, institucional e ideológico dos sistemas de signos, em um contexto sociocultural” (p. 17).

Portanto, assumindo-se a perspectiva psicológica de Fávero (2005), abordamos a socialização e a construção dos papéis de gênero como processos do desenvolvimento psicológico humano, considerando os aspectos sociais e culturais dessa socialização, bem como os aspectos psicológicos e pessoais do sujeito em processo de desenvolvimento.

Nosso interesse maior nesse estudo é o de verificar como as pessoas vivenciam o processo de socialização de gênero sob o ponto de vista pessoal, ou seja, de entender como os indivíduos, em sua interação com as práticas e discursos culturais de gênero, constroem seus significados particulares, os seus paradigmas pessoais, a sua subjetividade e seus papéis de gênero.

A intenção nesse estudo é analisar os aspectos sociais, considerando-se o sujeito como um ser ativo e construtor do seu próprio desenvolvimento, tal como foi realizado nos estudos de Fávero e Mello (1997) e Fávero (2001a), sobre a maternidade e adolescência, bem como no estudo de Abrão (2009) sobre a participação feminina na política.

Nos estudos de Abrão (2009), verificamos, por exemplo, que a autora, para compreender a opção de algumas mulheres em exercer funções políticas, procurou entender, em primeiro lugar, como elas construíram as suas identidades de gênero. Ela chegou à conclusão de que a construção das identidades de gênero feminina e masculina são processos distintos, pois o desenvolvimento de meninos e meninas segue trajetórias diferenciadas, a começar pela sua socialização. Segundo a autora, em nossa cultura “tornar-se homem é inequivocamente diferente de tornar-se mulher” (p. 11).

Em seu estudo, Abrão (2009), procurou fazer uma análise histórica da socialização e, para tanto, retomou as análises realizadas por Perrot, historiadora francesa, a qual afirma que meninos e meninas são socializados de formas diferentes desde a idade Média. A explicação para isso, segundo Abrão (2009), reside no fato de que as diferenças entre os gêneros são fundamentadas por

modelos sociais hegemônicos, tal como o patriarcado, e pela ideologia da naturalização, que persiste até os dias atuais.

Segundo Fávero (2010b), a ideologia da naturalização atribui aos homens e às mulheres características diversificadas e tidas como naturais ou inatas e, portanto, dadas pela natureza e imutáveis. Dessa forma, durante a sua socialização, os indivíduos internalizam modelos de feminilidade e de masculinidade, os quais são sustentados por essa ideologia que, por sua vez, é mantida pelo pensamento patriarcal.

A ideologia da naturalização é um ponto chave para se entender, por exemplo, a construção do conceito do instinto materno, o qual determina um destino biológico e único para as mulheres e que também mantém as crenças sobre a existência de um amor materno natural e incondicional, como foi apontado por Badinter (1985).

Segundo Fávero (2010a), entender a ideologia ou o próprio “processo de naturalização da mulher” (p. 179), é um conceito importante para se entender a construção e a manutenção dessas crenças e práticas sociais, as quais irão constituir-se em práticas pessoais, regulando as relações dos indivíduos e determinando, no caso da mulher, que o seu papel fundamental na sociedade é de esposa e mãe.

Em relação ao processo de socialização, e em especial ao processo da socialização feminina, foco de nosso estudo, pode-se observar que vários autores concordam que as meninas são preparadas, desde cedo, para desempenharem os papéis sociais tradicionais, de esposa e mãe (Badinter, 1985; Gillespie, 2003; Moura & Araújo, 2004; Perosa, 2006; Pilla, 2008).

Estudos sobre o casamento e maternidade contemporâneos, tais como os de Bordini e Speb (2012), Rios e Gomes (2009) e Gillespie (2003), sustentam que os papéis e a identidade feminina têm sido histórica e tradicionalmente construídos em função da maternidade.

Para entendermos essa construção sob o ponto de vista sociocultural, retomaremos a análise histórica e filosófica de Badinter (1985), apresentada em seu livro *Um amor conquistado: O mito do amor materno*, e o estudo de Del Priore (2009), apresentado em seu livro: *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*.

Badinter (1985), esclarece que, na Europa, após o ano de 1760, várias publicações surgiram recomendando às mulheres que cuidassem pessoalmente de seus filhos e maridos. Essa autora nos informa que tais publicações enfatizavam a ideia de que a mulher deveria ser mãe, antes de tudo, o que deu suporte para a construção do mito que continuou vivo, duzentos anos depois, o mito do instinto materno e de um amor espontâneo e incondicional que toda mãe tem pelo seu filho. Mitos como esse que alimentaram crenças femininas de que toda mulher já nasce com essa característica, pois se trata de algo instintivo e natural de toda mulher.

Diante dessa ideologia dominante, como nos aponta Badinter (1985), a mulher acabou “enclausurada em seu papel de mãe, não podendo mais evitá-lo sob pena de condenação moral” (p.

238). Passou cada vez mais confinada ao espaço doméstico, responsabilizando-se integralmente pelas tarefas familiares, como esposa e mãe, o que contribuiu para que encontrasse dificuldade para desenvolver-se como profissional e que também fez com que ela valorizasse seu marido e filhos mais do que a si mesma.

Esse mito do amor materno se faz presente também, na fabricação da “santa-mãezinha”, ideia surgida na época do Brasil Colônia, nas famílias patriarcais, conforme Del Priore (2009), nos informa, quando a Igreja, no intuito de impor o matrimônio para as mulheres, valeu-se da criação de um modelo feminino, o da “boa e santa mãe” (p. 94). Assim, as mães eram tidas como exemplo, e a maternidade era sua tarefa e principal projeto de vida.

Diante disso, pode-se supor que através da criação do mito do amor materno, da ideologia da naturalização e do patriarcado a mulher foi sendo definida como uma “personagem relativa” (Badinter, 1985, p. 25), como alguém que só existe por causa do pai, no papel de esposa, ou por causa do filho, no papel de mãe. Quer dizer, ela sempre está relacionada a alguém ou em conexão com os outros. As mulheres estariam, portanto, definidas em termos de sua relação com as outras pessoas.

Ao analisarmos os papéis femininos e, em especial a maternidade, sob o ponto de vista individual e psicológico, procuramos nos valer das teorias sobre a subjetividade materna conforme defendido por Chodorow, em 1978, em seu livro, *The Reproduction of Mothering*.

A autora nos explica que é necessário entender a diferença nas configurações do complexo de Édipo masculino e feminino para que se possa compreender como a relação com a mãe torna-se tão enredada e até constitutiva dos desejos das mulheres de se tornarem mães, e que isso implica também na qualidade de seus afetos maternos (Chodorow, 1978, p. 9). Segundo a autora, o fato de todas as crianças identificarem-se, primeiramente, com as suas mães, faz com que a identificação de gênero para as meninas seja um processo contínuo, estabelecendo-se uma relação de apego e de dependência. Tal fato, como ela aponta, não acontece com os meninos, pois, para se identificarem com o pai, terão que abrir mão da sua primeira identificação e apego às suas mães (p. 174).

Desse modo, enquanto as meninas vivenciam uma relação de apego, tendo dificuldades com a separação e a sua individuação, os meninos, ao contrário, tem dificuldade com a intimidade ou laços que gerem dependência (Chodorow, 1978; Fávero, 2010b; Gilligan, 1982).

Outra questão importante analisada por Chodorow (1978, 2002), é o fato de as crianças serem cuidadas preferencialmente pelas mães desde que nascem, ou seja, por mulheres e não por homens, em nossa sociedade. Logo, as meninas podem identificar-se de forma direta com as suas mães e com os papéis familiares desempenhados por elas. Para a autora, isso contribui para que a identidade feminina centralize-se nos papéis de esposa e mãe. Dessa forma há, portanto, uma continuidade geracional dos papéis e das atividades femininas transmitidas na relação mãe e filha (Chodorow, 1978, 2002).

Além disso, a relação direta e pessoal da menina com a sua mãe propicia também o desejo de recriar essa relação primária. Uma das formas para que isso se concretize se dá, em nível inconsciente, quando essa menina depois de adulta se torna mãe, revivendo e recriando sua relação dual materna, porém, agora como mãe de seu filho.

Sob o ponto de vista psicodinâmico, ser mãe seria uma das maneiras da mulher preencher suas necessidades relacionais e afetivas. Necessidades essas que não são preenchidas nos seus relacionamentos com os homens devido às dificuldades destes em lidar com a intimidade, e que a maternidade feita por mulheres e a organização social de gênero produziram (Chodorow, 2002).

Chodorow (1978), ao refletir sobre as diferenças de gênero, conclui que a organização familiar e a criação de ideologias produzem essas diferenças e geram expectativas para que a mulher, mais do que os homens, encontre a sua identificação principal na família. Assim, ela pontua que as famílias criam suas crianças gendradas, heterossexuais e prontas para o casamento (Chodorow, 2002).

Em consonância com as conclusões de Chodorow (2002), Fávero (2010b), defende a ideia de que o processo de socialização de gênero está fundamentado na ideologia heterossexual. De acordo com essa autora, tal ideologia mantém a divisão de duas categorias de pessoas, homens e mulheres, isto é, mantêm os papéis gendrados e, ao mesmo tempo, mantêm a ideologia da feminilidade e a ideologia da masculinidade.

A seguir apresentamos a nossa revisão da literatura. Nela trouxemos as publicações científicas que analisaram o processo de desenvolvimento psicológico dos papéis sociais de gênero, desde a infância até a fase adulta. Nosso estudo teve-se de modo especial sobre aquelas que tiveram como foco principal a socialização feminina.

A socialização: Uma revisão nos periódicos de psicologia

O objetivo desta revisão de literatura foi identificar como as publicações científicas em periódicos de psicologia vêm abordando a relação entre socialização, construção dos papéis de gênero e o desenvolvimento psicológico de meninas, adolescentes e mulheres, na primeira e na segunda década do século XXI. Para esse fim, realizou-se uma busca, nas bases de dados, por estudos publicados no período de 2006 a 2011. Essa pesquisa foi executada em três etapas.

Na primeira etapa da busca que realizamos, foram consultadas as plataformas eletrônicas PROQUEST e Portal CAPES, com os seguintes descritores: socialização feminina, papéis de gênero feminino, socialização e gênero. Foram encontrados 311 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Desses artigos, 62 atendiam aos descritores definidos inicialmente.

Na segunda etapa, foram consultadas as bases de dados SciELO, PePSIC, PsycINFO, Ullapsi, BVS-Psi. A pesquisa foi refinada por meio da utilização dos seguintes termos: identidade de gênero, feminilidade, identidade feminina, socialização de gênero e socialização da mulher.

Foram obtidos 90 artigos novos, e o nosso número total de artigos passou para 152. Destes, 105 foram publicados em revistas de psicologia ou de estudos feministas.

Na terceira etapa de nossa revisão de literatura, foi realizada uma nova busca por artigos publicados em 15 revistas de psicologia brasileiras, indexadas na base de dados Scielo, de Qualis A1 a B2. Foram obtidos 37 artigos novos e, como resultado final, obtivemos 142 artigos publicados em periódicos de psicologia.

Após a leitura dos resumos foram analisados 35 artigos, os quais tinham maior relevância para o objetivo deste estudo, listando-se a referência completa de cada um deles, o referencial teórico, os objetivos, o método e os principais resultados. Essa análise foi sistematizada em tabelas numeradas, constituídas por cinco colunas e uma linha para separar um artigo do outro, conforme proposto e desenvolvido por Fávero (2001b).

A análise das publicações revelou a existência de cinco grandes categorias de estudos, as quais foram identificadas nas tabelas da seguinte maneira: estudos da primeira categoria – a socialização na infância; estudos da segunda categoria – a socialização nas relações familiares; estudos da terceira categoria – a socialização na adolescência; estudos da quarta categoria – a socialização na vida adulta e estudos da quinta categoria – a socialização na mídia.

Apresentamos na subseção seguinte as Tabelas 1 a 5 das respectivas categorias de estudos, cada uma delas seguida de sua discussão e, no final uma análise e discussão geral dos estudos da revisão de literatura.

Estudos da primeira categoria: A socialização na infância.

Tabela 1

Estudos da Primeira Categoria: A Socialização na Infância

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
Perosa, G. S. (2006). A Aprendizagem das diferenças sociais: Classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. <i>Cadernos Pagu</i> , 26, 87-111. Brasil.	Bourdieu, 1979, 1980, 1990; Pinçon & Pinçon Charlot, 2000; Almeida, 2004; Ring-er, 1979.	Estudar os efeitos dos processos de socialização na construção identitária e a trajetória socioprofissional adotada por alunas de três escolas confessionais de São Paulo, na década de 1960.	82 ex-alunas responderam a questionários enviados por correio; diretoras, religiosas e ex-professoras foram entrevistadas sobre o estilo pedagógico.	A escola privada no Brasil e de natureza religiosa promove uma experiência educacional homogênea que potencializa os efeitos do processo educativo sobre a incorporação dos estereótipos de classe e gênero e contribuem para a interiorização de disposições psicológicas, morais e intelectuais que orientam as escolhas e trajetórias de suas alunas, tanto na esfera profissional como familiar. Predomina uma socialização de natureza mais moral que profissional.
Vianna, F., & Finco, D. (2009). Meninas e meninos na educação infantil. <i>Cadernos Pagu</i> , 33, 265-283. Brasil.	Soares, 2002; Neto, A. V., 1996; Zaran-kin, 2002; Franguela., 2000; Scott, 1995; Foucault, 1977; EgleBecchi, 2003; Jeffrey Weeks, 2003.	Analisar relatos e observar as ações de professoras frente às meninas e aos meninos; analisar as estratégias para a normalização e o controle das expressões corporais de alunos.	As autoras focam dois relatos sobre dois casos de transgressões das fronteiras de gênero e as percepções sobre cada um deles: um menino que se vestia de noiva e uma menina que usava tênis de dinossauro.	A transgressão dos padrões socialmente aceitos costuma ser mal vista e ridicularizada, com o fim de reforçar a conformidade aos padrões tradicionais de gênero; meninos e meninas experimentam, inventam e criam: o modo como estão sendo educados pode contribuir para limitar suas iniciativas e suas aspirações, mas também para se tornarem mais completos.

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Miranda, P. (2010). Habitar um corpo sexualizado: Identidades de gênero construídas numa modernidade ambígua. <i>Revista Ex aequo</i>, 22, 59-75. Portugal.</p>	<p>Shilling, 2003; Giddens, 1991; Mead, 1991; Beck, 2000, 2001; Butler, 1990; Connell, 1995; Berger & Luckman, 1998; Jordan, 1995.</p>	<p>Investigar a construção social das identidades de gênero nas crianças num contexto de modernidade reflexiva marcada pela individualização. Averiguar as tensões por habitar um corpo sexualizado na construção identitária.</p>	<p>Pesquisa qualitativa com observação de campo e estudo de caso em uma escola de Ensino Básico do segundo e terceiro ciclo, na cidade de Viçeu, no período de 2006 a 2007. Entrevistas com crianças de 9 a 12 anos, e com seus pais, professores e pessoas do seu convívio.</p>	<p>Evidenciou-se que a família e a escola mantêm diferenciação tradicional dos papéis binários de gênero, revelada na referência à divisão das tarefas domésticas, nos cuidados com os filhos, nas linguagens verbais e não verbais, nas interações durante as atividades no cotidiano escolar que revelam uma lógica de diferenciação entre masculino e feminino. Há indícios de transversalidade de gênero na construção identitária das crianças, o que permite pensar-se sobre a desconstrução do binário de gênero.</p>
<p>Cordazzo, S.T.D., & Vieira, M.L. (2008). Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar. <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i>, 21, 365-373. Brasil.</p>	<p>Vygotsky, 1991; Brougère & Wajskop, 1997; Kishimoto, 1999; Sutton-Smith, 1986; Silva, 2006; Beraldo, 1993.</p>	<p>Verificar quais as brincadeiras mais adotadas pelas crianças e qual é a relação com idade e gênero.</p>	<p>213 crianças, 107 meninos e 106 meninas, alunos de 1ª à 4ª Série de uma Escola Privada do Ensino Fundamental foram entrevistadas e observadas sobre suas brincadeiras.</p>	<p>Os meninos tendem a estereotipar mais as brincadeiras do que as meninas. Meninos de 6 a 8 anos tendem à segregação por sexo e idade nas brincadeiras. As brincadeiras ditas como femininas foram apontadas em menor número tanto pelas meninas quanto pelos meninos.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
Kishimoto, T.M., & Ono, A.T. (2008). Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. <i>Pro-posições</i> , 19, 209-222. Brasil.	Brougère, 1994, 2004; Scott, 1995; Macnaughton, 1999; Finco, 2003; Vianna, 2004; Caldas, Couthard & Leeuwen, 2004.	Pesquisa de intervenção com o fim de estabelecer as relações entre brinquedo, gênero e educação. Desenvolver a equidade no brincar infantil e estimular meninos e meninas a brincar juntos.	Observação etnográfica entre 2005 a 2006 de crianças entre 2 e 10 anos de idade, de uma brinquedoteca. Uso de diário de bordo, filmagens e relatos das crianças. Análise de dados conforme Bardin.	Evidencia-se a predominância de estereótipos de gênero no uso de brinquedos e a dificuldade de se transformar preconceitos de gênero provenientes de fatores externos a brinquedoteca. Há indícios de mudanças que reforça a possibilidade de se adotar uma política de valorização de equidade no brincar infantil.
Ribeiro, J. S. B. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: Socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. <i>Cadernos Pagu</i> , 26, 145-168. Brasil.	Heilvorn, 1993; Bruschini & Unbehau, 2002; Araújo, 1989; Parker, 1991.	Estudar a construção da sexualidade e a identidade de gênero na socialização infantil, e a reprodução de modelos femininos no brincar.	Pesquisa etnográfica no espaço da rua e entrevistas com crianças de 7 a 14 anos, de uma comunidade praieira. A maioria descendente da etnia negra e de classe mais desfavorecida da população.	A sexualidade é entendida como obscenidade, maldade, uso indecente do corpo. Aos sete anos, as crianças são separadas por sexo e seus comportamentos são controlados pelos adultos: meninas aprendem que não andam e nem brincam com meninos; recomenda-se aos meninos distância das meninas. A masculinidade é relacionada ao controle das emoções; a casa é de domínio feminino. As brincadeiras em grupo expressam as representações conservadoras de gênero. Meninos e meninas referem-se à sexualidade como algo próprio do domínio masculino. Para as meninas, a construção da feminilidade vincula-se diretamente à negação do corpo e da sua sexualidade.

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Jadva, V., Hines, M., & Golombok, S. (2010). Infant's preferences for toys color and shapes: Sex differences and similarities. <i>Arch Sex Behaviors</i>. 39, 1261-1273. Inglaterra.</p>	<p>Alexander & Hines, 1994; Pasterski et al., 2005; Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, S & Eichstedt, 2001; Snow, Jacklin & Maccoby, 1983; Bandura, 1977; Kohlberg, 1996.</p>	<p>Examinar se as crianças se diferenciavam nas suas preferências por brinquedos tipicamente masculinos ou femininos, bem como pelas características dos objetos, como cor e forma.</p>	<p>Avaliação do olhar preferencial de 120 crianças de 12, 18 e 24 meses de idade, 20 meninos e 20 meninas em cada grupo etário. Projeção de imagens em pares, de formas geométricas, carro, boneca, nas cores: azul rosa, vermelho e sem cor.</p>	<p>Diferenças e semelhanças encontradas entre os sexos em relação à preferência por brinquedos, cores e formas. Meninos e meninas de 12 meses preferem bonecas, cores avermelhadas às azuis e formas redondas às angulares. Crianças de 18 e 24 meses do sexo feminino mostravam mais interesse por bonecas do que os meninos e, estes, mais por carros. A preferência masculina por carros e a esquivia ao uso de brinquedos femininos indica a influência dos processos de socialização. A preferência de ambos os sexos por cores avermelhadas aos 12 meses sugere a influência do meio.</p>
<p>Zosuls, K.M., Ruble, D.N., LeMonda, C.S.T., Shout, P.E., Bornstein, M.H., & Greulich, F. K. (2009). The acquisition of gender labels in infancy: Implications for gender typed play. <i>Developmental Psychology</i>. 45, 688-701. Estados Unidos da América.</p>	<p>Aprendizagem Social (Bussey & Bandura, 1999); Teoria de esquema de gênero (Bem, 1981; Martin & Halverson, 1981), Teoria desenvolvimental cognitiva (Kohlberg 1966; Ruble, 1994) Teorias de categorização social (Bigler, Jones & Loblimer, 1997).</p>	<p>Descrever o desenvolvimento de atribuição de gênero antes dos dois anos de idade. Investigar se e como a atribuição de gênero se relaciona com o desenvolvimento de brincadeiras gendradas.</p>	<p>Estudo longitudinal com 82 crianças, 36 meninos e 46 meninas, de 9 e 21 meses: Registros do desenvolvimento da linguagem e em vídeo das crianças brincando sozinhas e com as mães, com brinquedos gendrados e neutros. Entrevistas com as mães e Inventários.</p>	<p>As meninas começam a usar palavras relacionadas ao gênero mais cedo do que os meninos, iniciando aos 17 meses. Dentre os seis rótulos (menino, menina, homem, mulher, senhora e cara) menina e menino foram às palavras mais frequentes, tanto aos 17 como aos 21 meses de idade. O desenvolvimento de diferenças sexuais, nas brincadeiras, é observado dos 17 aos 21 meses de idade. Há um aumento de brincadeiras gendradas dos 17 aos 21 meses. Evidência da relação entre atribuição de gênero e brincadeiras gendradas.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Holub, S.H., Tisak, M.S., & Mullins, D. (2008) Gender differences in children's hero attributions: Personal hero choices and evaluations of typical male and female heroes. <i>Sex Roles</i>, 58, 567-578. Estados Unidos da América.</p>	<p>Barnes, 1900; Hill, 1911, 1930; Erikson, 1977, 1980; Eagly, 2000; Duck, 1990; Gash & Conway, 1997; Simmons & Wade, 1983.</p>	<p>Investigar o processo de socialização de gênero em relação à escolha dos seus heróis pessoais e examinar os atributos que lhes são conferidos.</p>	<p>103 crianças (55 meninos e 48 meninas) entre 8 e 11 anos de idade, de uma escola de 3 e 4 graus de Estudo Elementar, de classe média, e maioria brancos, responderam a questionários sobre seus heróis através de 27 adjetivos.</p>	<p>A maioria das meninas escolheram heróis do âmbito privado e pessoas conhecidas (familiares, professores, amigos). Os meninos escolheram tanto heróis conhecidos como figuras públicas (Astros do esporte, super-heróis) e heróis masculinos de forma significativa; as meninas escolheram ambos os sexos como heróis e de sexo neutro. Crianças escolheram com maior frequência heróis do mesmo sexo ao seu; os meninos apresentam maior resistência ao serem associados com algo feminino, do que as meninas com algo masculino. Diferenças de gênero foram observadas nas escolhas dos atributos típicos de heróis masculinos e femininos. Meninas escolhem atributos expressivos: ser gentil, caridoso e acolhedor; os meninos, atributos relacionados a prestígio, força, energia, inteligência, trabalhador.</p>

Discussão dos estudos da primeira categoria: A socialização na infância.

Essa categoria é composta por estudos relacionados à socialização de crianças desde a tenra infância até a pré-adolescência (ver Tabela 2). Foram analisados, para essa categoria: estudos longitudinais norte americanos e ingleses, estudos nacionais e um de Portugal. São estudos desenvolvidos no contexto familiar e escolar.

As investigações realizadas em escolas, contexto que concentra o maior número de estudos dessa categoria, tinham como foco analisar as práticas educacionais em relação à construção dos papéis de gênero e, ao mesmo tempo, comprovar o papel e a influência dessas instituições na construção de gênero dos seus alunos e alunas (Cordazzo & Vieira, 2008; Holub, Tisak, & Mullins, 2008; Miranda, 2010; Vianna & Finco, 2009).

Outros estudos dessa categoria tinham como foco analisar a socialização de gênero por meio da análise de práticas informais como o brincar, observando os tipos de brincadeiras e brinquedos, assim como os heróis preferidos, conforme o sexo biológico das crianças (Cordazzo & Vieira, 2008; Holub et al., 2008; Kishimoto & Ono, 2008; Ribeiro, 2006; Vianna & Finco, 2009).

Esses estudos apontam a permanência de uma categorização primária baseada no sexo biológico que determina as brincadeiras que são consideradas apropriadas para meninos e outras apropriadas para meninas. Essa categorização está fundamentada, segundo Fávero (2010b), pelo paradigma da heterossexualidade.

Esse aspecto é sinalizado de forma clara nos estudos que seguem a teoria dos estereótipos como, por exemplo, de Kishimoto e Ono (2008), que evidenciaram a forte predominância de práticas estereotipadas nas escolhas de brinquedos e brincadeiras. Isso pode ser verificado, por exemplo, por meio da predominância, entre as meninas, das brincadeiras restritas a casa e a família, bem como a valorização da imagem do corpo, das vestimentas e das atividades cosméticas. Por outro lado, o estudo desses autores evidenciou o predomínio de brincadeiras com carrinhos e bonecos de heróis de filmes entre os meninos e a valorização do poder, do prestígio e controle das situações nas brincadeiras. Nesses estudos há um consenso no que se refere ao desenvolvimento psicológico dos papéis sociais na infância, indicando como as crianças internalizam valores e assumem os seus papéis de gênero ao experimentarem e imitarem os adultos.

Na mesma linha de discussão, Cordazzo e Vieira (2008), revelaram a relação entre estereotipia de gênero, segregação por gênero e tipificação sexual: crianças brincam de forma segregada por gênero, ou seja, com pares do mesmo sexo biológico, com brincadeiras estereotipadas/gendradas, brincadeiras que são caracterizadas como femininas ou masculinas, e com objetos sexualmente tipificados. Os meninos tendem a estereotipar mais as brincadeiras do que as meninas e a brincar em grupos separados por sexo e por idade.

Ainda nessa mesma linha de pesquisa, encontram-se os autores que analisaram a preferências das crianças por heróis de filmes (Holub et al., 2008), que constataram que as crianças escolhem com maior frequência heróis do mesmo sexo que os delas, sendo que as meninas elegem heróis masculinos ou “neutros”, o que não acontece com os meninos, os quais tendem a ser mais resistentes à escolha de heróis do sexo feminino, sugerindo que há uma forte pressão social, na socialização masculina, para que os meninos não se associem a nada que seja feminino.

É importante ressaltar, dentro da teoria da segregação, estudos transgeracionais que revelaram como, ao educarem seus filhos (as) /netos (as), os avós (ôs), pais e mães reforçam e mantêm as práticas de segregação quando recomendam aos meninos que permaneçam distantes das meninas, estigmatizando os que convivem e brincam com elas ao chamá-los de “boiolas”. Os meninos que brincam com as meninas são considerados como passivos e dominados pelas meninas, não sendo, portanto, “tão homens”. Dessa maneira, permanece a prática de segregação por meio de normas como: “menina não anda e nem brinca com menino”, sobretudo a partir dos sete anos de idade, considerada como uma fase do despertar da sexualidade (Ribeiro, 2006).

Estudos que analisaram a relação entre gênero e brinquedo revelaram a função socializadora da segregação dos grupos ao constatarem que é na interação com os pares que as crianças aprendem qual seria o papel considerado adequado ao seu gênero, adotando padrões de condutas estereotipados, os quais são reforçados pelo grupo.

Os estudos realizados no contexto escolar revelaram que a socialização está centrada no corpo. Um corpo que ganha destaque na educação infantil, o qual, além de cuidado, é educado, “adestrado” e adornado conforme parâmetros culturais e práticas sociais (Cordazzo & Vieira, 2008; Miranda, 2010; Perosa, 2006; Ribeiro, 2006, Vianna & Finco, 2009).

Os estudos que se fundamentaram na análise de escolas voltadas para a educação de meninas, como as escolas católicas nas décadas de 1930 a 1960, ilustram essa ênfase na educação do corpo. O ensino incluía o controle do corpo exercido pelo uso de uniformes e pela adoção de condutas consideradas adequadas, como sentar-se corretamente e portar-se à mesa. As meninas aprendiam a se conter, a não se expor e a seguir formalmente as etiquetas. Segundo Bourdieu (1999), a escola contribuía para fazer do corpo feminino um corpo para o outro e, por intermédio de estratégias de normalização e de controle, os processos de feminilidades e masculinidades tornavam-se como “marcas impressas nos corpos” (Vianna & Finco, 2009, p. 279).

Padrões de feminilidade e de masculinidades são fixados nas crianças por intermédio da educação, os quais limitam a sua aprendizagem e criatividade. Quando estes padrões não são correspondidos, revela-se a função normatizadora das escolas, que está presente no cotidiano escolar de modo velado (Vianna & Finco, 2009).

Estudos longitudinais abrem outras linhas de pesquisa ao focarem na autossocialização: quando a criança tem noção de gêneros diferentes, categorizando a si mesma e aos outros. Os

estudos são unânimes em indicar que tanto as famílias como a escola contribuem de forma relevante para a construção das diferenças de gênero, constatando ser nas interações cotidianas, com seus pares, familiares e professores (as) que as crianças constroem suas concepções do que é ser feminino ou masculino.

O processo de socialização, todavia, não é estudado com o foco no ponto de vista psicológico. Na maior parte das vezes, os autores adotam a perspectiva social para compreender a socialização de gênero e não analisam o que a fundamenta, como, por exemplo, a ideologia heterossexual que, como já nos referimos na introdução, ao manter a divisão de duas categorias de pessoas, homens e mulheres, mantém os papéis gendrados e, ao mesmo tempo, mantém a ideologia da feminilidade e a ideologia da masculinidade (Fávero, 2010b).

Estudos da segunda categoria: A socialização nas relações familiares.

Tabela 2

Estudos da Segunda Categoria: A Socialização nas Relações Familiares

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
Sampaio, J., Santos, M.F.S., & Silva, M.R. F. (2008). A representação social da maternidade de crianças em idade escolar. <i>Psicologia, Ciência e Profissão</i> , 28, 174-185. Brasil.	Badinter, 1985; Ariés, 1981; Berger & Luckmann, 1973; Leontiev, 1988; Wallon, 1945, 1971, 1979; Moscovici, 1961, 1994; Doise, 1998; Duveen, 1994.	Investigar o conteúdo e a estrutura das representações sociais da maternidade em crianças em idade escolar.	16 alunos de uma escola particular do Recife, de ambos os sexos, entre 8 e 10 anos de idade. Uso de entrevistas, desenhos e histórias sobre “mãe”.	O amor e a abnegação incondicional ao filho (a) são o núcleo central da representação social da maternidade e têm consequências diretas na estruturação da identidade de crianças e mulheres. A Representação Social (RS) da maternidade é ancorada em parâmetros biológicos; os relatos apontam um modelo materno idealizado construído no cotidiano das crianças com suas mães.
Diniz, P. K. C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. <i>Paidéia</i> , 20, 145-154. Brasil.	Keller, 1998; Bridges, Connell & Belsky, 1988; Leyendecker, Miller & Harwood, 2001; Zamberlan, Biasoli-Alves, 1997; Seidl de Moura, 2008.	Investigar as metas de socialização de mães e pais acerca do futuro dos seus filhos e a influência do gênero da criança nas metas traçadas por eles.	26 casais da cidade de João Pessoa, pais pela primeira vez, de filhos entre dois e 40 meses (17 meninos e nove meninas). Uso de entrevistas semiestruturadas, categorias s de Harwood e cols (1996) e análise conforme Bardin.	A categoria auto aperfeiçoamento foi a categoria mais cotada tanto pelas mães quanto pelos pais, independente do sexo da criança. No entanto, quando a criança era do sexo masculino, as mães apresentavam maior preocupação com o auto aperfeiçoamento do filho. Os pais apresentaram mais expectativas sociais para os filhos do que para as filhas. Na categoria emotividade foi constatada apenas uma pequena menção, por parte das mães, para com as filhas e por apenas um dos pais para com o filho.

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Sinno, S.M., & Kiellen, M. (2009). Moms at work and dads at home: children's evaluations of parental roles. <i>Applied Developmental Science</i>, 13, 16-29. doi: 10.1080/10888690802606735. E.U.A</p>	<p>Smetana, 2006; Turiel, 1983; Biernat, Manis, & Nelson, 1991; Barber & Jozefowicz, 1999; Eccles, Jacobs, & Harold, 1990; Tenenbaum & Leaper, 2003; Bridges & Etaugh, 1995;</p>	<p>Verificar o que as crianças pensam sobre os papéis parentais de trabalhar fora e de cuidar dos filhos, e análise das justificativas quanto aos estereótipos.</p>	<p>Pesquisa com entrevistas individuais semiestruturadas com 75 alunos (34 meninas e 33 meninos) de 7 anos, 54 alunos (27 meninas e 27 meninos) com 10 anos, de escolas públicas americanas.</p>	<p>As crianças aceitam que ambos os pais trabalhem fora em tempo integral. As mães trabalham por escolha pessoal e os pais por serem os provedores da família. Grande parte julgou inaceitável o pai exercer o papel doméstico, mas aceitável para a mãe de ficar em casa. Justificativas centradas nos estereótipos dos papéis domésticos. Para as crianças, os pais são menos competentes para as tarefas domésticas do que as mães, que as fazem naturalmente. Os papéis domésticos não são vistos em termos de equidade.</p>
<p>Cox, S.J, Mezulis, A.H., & Hyde, J.S. (2010). The Influence of child gender role and maternal feedback to child stress on the emergence of the gender difference in depressive rumination in adolescence. <i>Developmental Psychology</i>, 46, 842-852. E.U.A.</p>	<p>Conway, Csank, Holm, & Blake, 2000; Rood, Roelofs, Ögels, Nolen-Hoeksema & Schouten, 2009; Nolen-Hoeksema, 1991; Nolen-Hoeksema & Girgus, 1994.</p>	<p>Analisar se a identidade de gênero e as atitudes maternas de incentivo a expressão das emoções mediam o surgimento das diferenças de sexo na ruminação depressiva durante a adolescência.</p>	<p>Estudo longitudinal com 316 adolescentes (163 meninas e 153 meninos) e suas mães. Uso de entrevistas telefônicas; questionários de autorelato e registro em vídeo da execução de uma tarefa comportamental.</p>	<p>A identidade de papel de gênero feminino e o incentivo a expressão das emoções, pelas mães, nas filhas de 11 anos, mediou significativamente a associação entre o sexo da criança e o desenvolvimento da ruminação depressiva aos 15 anos. As mães mais tradicionais são especialmente mais propensas a incentivar a expressão de afetos negativos em suas filhas. Não houve correlação entre masculinidade e ruminação. Meninas com identidade mais feminina tem maior probabilidade de serem ruminativas na transição para a média adolescência do que as meninas com traços menos femininos.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Seron, C., & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: Um enfoque na relação mãe e filha. <i>Psicologia: Teoria e Prática</i>, 13, 154-164. Brasil</p>	<p>Bassols, Kapczinski & Eizirik, 2001; Winnicott, 2001; Zimmerman, 1999; Aberastury & Knobel, 1992; Castro et al., 2009; Mynaio, 2004.</p>	<p>Compreender o papel da relação mãe e filha no processo de construção da identidade feminina na adolescência.</p>	<p>10 adolescentes do sexo feminino, entre 14 e 18 anos, que residiam com as suas mães, de nível de ensino médio e superior, responderam a um roteiro de perguntas. Análise conforme Bardin.</p>	<p>A identificação entre mãe e filha propicia uma relação mais próxima, possibilitando uma maior compreensão dos papéis sociais e da própria feminilidade. Para as adolescentes, as mães são o primeiro modelo de identificação; as avós maternas vêm em segundo; as avós paternas, em terceiro; irmãs e tias, em quarto e por último “Nossa Senhora”. As mães são percebidas como: uma mulher única e especial, algo divino, superprotetoras, confidentes, cuidam do corpo, realizam as tarefas domésticas e tem uma vida de renúncia para com as filhas.</p>
<p>Hagan, L. K., & Kuebli, J. (2007). Mothers' and fathers' socialization of preschoolers' physical risk taking. <i>Journal of Applied Developmental Psychology</i> 28, 2-14. Estados Unidos da América.</p>	<p>Greendorfer, 1993; Fivush, Broatman, Buckner & Goodman, 2000; Bussey & Bandura, 1999; Coltrane & Adams, 1997; Lytton & Romney, 1991; Levey & Fagot, 1997;</p>	<p>Analisar como mães e pais socializam seus filhos e filhas quando eles estão desempenhando atividades de risco físico e se esta socialização contribui para as diferenças de sexo nesta situação.</p>	<p>Pesquisa com alunos de 3 a 4 anos, de escolas particulares e públicas. Uso de áudio e vídeo do comportamento de 80 pais-crianças, na execução de tarefas motoras com obstáculos. Uso de escalas, inventários e histórico de lesões para análise dos dados.</p>	<p>Confirmado que os pais desempenham papel importante como agentes na socialização das crianças, pois foram eles e não as mães que monitoraram seus filhos e filhas de formas diferentes numa situação de risco. Os pais orientavam e ofereciam ajuda com maior frequência às meninas do que aos meninos e encorajavam seus filhos, mais do que suas filhas, a se engajarem em atividades de risco. Mães de meninas e de meninos não apresentaram formas diferentes de monitorar seus filhos nesta situação.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Hupp, J. M., Smith, J.L., Coleman, J.M., & Brunell, A.B (2010). That's a boy's toy: Gender-typed knowledge in toddlers as a function of mother's marital status. <i>The Journal of Genetic Psychology</i>, 171, 389-401. E.U.A.</p>	<p>Fagot & Leinbach, 1995; Ruble, Martin & Berenbaum, 2006; Bem, 1974, 1981; Martin & Halverson, 1981, 1983; Levy, 1989, 1999.</p>	<p>Analisar se a estrutura (estado civil) e situações familiares (comportamento andrógino das mães) contribuem para o nível de conhecimento gendrado pelas crianças</p>	<p>28 crianças (11 meninos e 17 meninas) de 2 a 3 anos e suas mães, de 31 anos em média (8 casadas, 10 solteiras, uma divorciada, uma viúva e 8 que nunca casaram), a maioria trabalhando fora. Uso de inventários.</p>	<p>As crianças nesta faixa etária já aprenderam a categorizar o gênero. Crianças de mães casadas apresentaram graus mais altos de conhecimento gendrado do que as de mães solteiras. Ambas as mães realizam tarefas andróginas, porém a frequência foi maior nas mães não casadas e quanto mais as mães realizavam tarefas andróginas menos conhecimento gendrado era apresentado por suas crianças.</p>

Discussão dos estudos da segunda categoria: A socialização nas relações familiares.

Nessa categoria encontram-se as publicações que se focaram nos processos de socialização no contexto familiar, tendo como ponto de partida os modelos teórico-conceituais da Psicologia do Desenvolvimento. Esse campo de estudo considera a família como o principal agente de socialização, seja do ponto de vista do desenvolvimento, do comportamento ou dos papéis gendrados (Blakemore & Hill, 2008).

Sabe-se que pais e mães criam seus filhos e suas filhas de formas diferentes. Na Tabela 1, por exemplo, vimos que, antes de os filhos nascerem, as mães e os pais é quem fazem as escolhas dos brinquedos, das cores e da decoração do quarto dos seus bebês. Posteriormente, escolhem as atividades domésticas, de lazer e desportivas, criando, desta forma, “um mundo de gênero” (Blakemore & Hill, 2008, p. 193).

Nessa linha de pesquisa, estão os estudos que analisaram como pais e mães interagem de formas diferentes com os seus filhos (as) influenciados pelo gênero da criança. Dessa maneira, o pai pode ser mais tolerante com a filha em determinadas situações e oferecer sua ajuda para realizar certas atividades, porém, com o filho, incentiva-o a correr mais riscos e desafios e a ser independente. Ou as mães podem incentivar a expressão de emoções, como a tristeza, nas filhas, enquanto os pais reforçam expressões de raiva e agressividade nos filhos (Cox, Mezulis, & Hyde, 2010; Hagan & Kuelbi, 2007; Hupp, Smith, Coleman, & Brunell, 2010; Sinno & Kiellen, 2009). Esses estudos sobre estereótipos, no entanto, comprovaram que as mães, de maneira geral, adotam atitudes mais igualitárias ou denominadas “feministas” com os seus filhos e filhas (Hagan & Kuelbi, 2007).

Nessa categoria, encontramos apenas dois estudos que analisaram a socialização das emoções, um deles foi o estudo de Diniz e Salomão (2010), que investigou as expectativas das mães e dos pais em relação à demonstração de afetividade por parte dos (as) filhos (as). Nesse estudo, foi constatado apenas por parte das mães o desejo de que as filhas fossem afetivas. À exceção de um dos pais, que manifestou o desejo de afetividade para com o seu filho. Esse resultado indica que a socialização das emoções segue ainda um modelo estereotipado para meninos e meninas.

O segundo estudo foi de Cox et al. (2010), no qual os autores analisaram as expressões das emoções, estudando a diferença entre os gêneros na ruminação depressiva na adolescência. O estudo evidenciou que o tipo de emoção a ser expressa é estimulado ou ignorado conforme o sexo da criança e do adolescente. As meninas eram incentivadas, pelas mães, por meio de recompensas, a expressarem suas angústias.

Nos meninos, porém, as expressões desse tipo de emoção foram ignoradas ou até mesmo descartadas. Em vez de serem recompensados, os meninos poderiam ser punidos, comportamento que indicava e ensinava que a tristeza é um afeto inadequado para os homens. Os meninos eram

incentivados pelas mães a expressarem a raiva e o enfrentamento de problemas e não a ruminação depressiva.

Para Fávero (2010b), o estudo das emoções é o ponto chave para entendermos o processo de socialização de gênero. A autora esclarece que é pela maneira como entendemos a emoção e a significamos como masculina ou feminina que construímos “uma subjetividade e uma identidade gendradas” (p. 15).

Sob outra perspectiva, alguns estudos observaram como as crianças percebiam os papéis parentais tradicionais, como o de ser mãe, por exemplo. Esses estudos indicaram que as crianças criam concepções acerca desse papel, entendendo que ser mãe é: dar carinho, educar, cuidar da alimentação e amar os seus/ suas filhos (as) incondicionalmente. Quanto à divisão dos papéis domésticos, as crianças relataram que as mães possuíam uma competência natural para cuidarem de crianças, o que não observavam nos pais. Aceitaram que ambos os pais trabalhassem fora o dia todo, porém, julgaram inaceitável que o pai ficasse em casa para cuidar dos filhos (Cox et al., 2010; Sampaio, Santos & Silva, 2008; Seron & Millani, 2011).

Há um consenso nos estudos de Hupp et al. (2010), Sampaio et al. (2008) e Sinno e Kiellen (2009), de que os papéis tradicionais familiares desempenhados pelos (as) pais e mães baseiam-se em parâmetros biológicos, dividindo-se as funções domésticas em categorias consideradas adequadas para cada sexo, o que colabora para que se mantenham os estereótipos e padrões nos papéis de gênero.

Estudos da terceira categoria: A socialização na adolescência.

Tabela 3

Estudos da Terceira Categoria: A Socialização na Adolescência

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
Rosistolato, R. P. R. (2009). Gênero e cotidiano escolar: Dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. <i>Estudos Feministas 17</i> , 11-30. Brasil.	Bozon, 2004; Joan Scott, 1989, 2005; Wacquant, 2002; Louro, 2002; Jeni Vaitsman, 1994; Foucault, 1999; Altmann, 2001, 2005; Gilligan, 1982.	Analisar as classificações e representações de gênero que ocorrem no decorrer das interações entre professores e alunos que participam de projetos de orientação sexual nas escolas.	Trabalho de campo realizado em 24 escolas de Ensino Fundamental do Rio de Janeiro. Foram entrevistados 16 docentes vinculados aos projetos. Observações dos participantes em um curso de formação de professores sobre orientação sexual.	As representações de gênero sobre a feminilidade e a masculinidade oscilam entre modernas e tradicionais. Os cursos tornam-se um assunto de mulheres para mulheres, devido a sua composição majoritária feminina. Meninos participam pouco, pois sentem vergonha de falar de sexo, em sala de aula ou com meninas, preferindo seus pares, onde se reafirmam como homens ao falarem em quantidade e potência sexual. A grande participação de meninas deve-se ao fato de que falar sobre sexo, cuidar do corpo e gravidez são assuntos exclusivos de mulheres.
Simonson, J., Mezulis, A., & Davis, K. (2011) Socialized to ruminate? Gender role mediates the sex difference in rumination for interpersonal events. <i>Journal of Social and Clinical Psychology, 30</i> , 937-959. Estados Unidos da América.	Hankin, B., Abramson, L., Moffitt, T., Silva, P., McGee, R., & Angell, K, 1998; Nolen-Hoeksema, 1987; 1991, 2003; Ingram, Cruet, Johnson & Wisnicki, 1988; Gilligan, 1982.	Examinar se a identificação com os papéis de gênero femininos podem ser responsáveis pela diferença sexual nos traços e respostas de ruminação frente a eventos estressantes.	136 adolescentes de 14 a 20 anos de idade, de ambos os sexos, responderam questionários, sobre stress e nível de identificação com papéis de gênero, registraram em diários eventos estressores e suas respostas e estados de ruminação.	Meninas registram uma maior identificação com os papéis de gênero femininos e um estado de maior ruminação, tanto com eventos interpessoais, como de realização, do que os meninos. A feminilidade cria uma via indireta e significativa entre sexo e ruminação interpessoal. Dessa forma a feminilidade é responsável parcialmente pela diferença sexual na ruminação com estressores interpessoais, mas não com estressores de realização.

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Mehta, C. M & Strough, J. (2010). Gender segregation and gender-typing in adolescence. <i>Sex Roles</i> 63, 251–263. Estados Unidos da América.</p>	<p>Deaux & Major, 2002; Liben & Bigler, 2002; Thorne & Luria, 1986; Erikson, 1968; Poulin & Pedersen, 2007; Strough & Covatto, 2002; Mac-coby, 1998.</p>	<p>Investigar a associação entre segregação de gênero com traços típicos de papéis de gênero com a identidade de grupo de referência e com crenças de habilidades comunicativas e de ação.</p>	<p>60 adolescentes do sexo masculino e 85 do sexo feminino de 15 a 17 anos, alunos de escolas privadas americanas responderam a questionário com o tema “meus amigos”.</p>	<p>Metade dos pares de adolescentes seriam pares de mesmo gênero. 72 % dos grupos eram do mesmo sexo dos adolescentes. Meninas acreditam serem mais parceiras, mais sensíveis e comunicativas do que os rapazes e propensas a endossar traços típicos femininos, comprovando assim a associação entre segregação, grupo, traços e crenças. Para os meninos não foi constatada a associação entre segregação e demais aspectos. Meninos e Meninas foram igualmente propensos a endossar os traços masculinos de: competitividade, independência, assertividade e orientação para a atividade.</p>
<p>Theran, S.A. (2009). Predictors of level of voice in adolescent girls: ethnicity, attachment, and gender role socialization. <i>Journal of Youth Adolescence</i> 38, 1027–1037. Estados Unidos da América.</p>	<p>Harter, 1995, 1997, 1998; Brown & Gilligan, 1992, 1993; Bowlby, 1969, 1982); Chodorow, 1978, 1987; Way, 1995; Boldizar, 1991.</p>	<p>Analisar os preditores de nível de voz (etnia, apego e socialização de papéis de gênero) entre grupos de adolescentes femininas de etnias e situação socioeconômicas diferentes.</p>	<p>108 adolescentes femininas, de 14 a 16 anos de idade, sendo 37% brancas, 14% de duas raças, 11% latinas, 4% americanas asiáticas e 3% de americanas nativas responderam questionários. Foram usadas também escalas e inventários.</p>	<p>Construção de dois níveis de voz: de autoridade, com pais e professores; e de pares, com amigos e colegas. Confirma-se que o apego e socialização de papéis de gênero são preditores importantes do nível de voz nas relações. Tanto a masculinidade quanto a feminilidade contribuíram de forma significativa para níveis altos de voz com figuras de autoridade. Adolescentes afros americanas apresentaram níveis de voz mais altos do que as caucasianas. Adolescentes de escolas com concentrações maiores de minorias étnicas apresentaram níveis altos de voz com os pares do que as adolescentes de escolas com poucos estudantes de minorias étnicas.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Colley, A. (2008). Young people's musical taste: Relationship with gender and gender-related traits. <i>Journal of Applied Social Psychology</i>, 38, 2039–2055. Inglaterra.</p>	<p>Katz, Blumler & Gurevitch, 1974; Christenson & Peterson, 1988; Hargreaves & O'Neill, 2000; Bem, 1981; Christenson & Roberts, 1998.</p>	<p>Investigar a diferença de gênero no gosto musical de jovens. Verificar se a identificação com os traços expressivos e instrumentais, característicos de gênero, contribui para estas diferenças.</p>	<p>208 estudantes de graduação (110 mulheres e 98 homens) de 19 anos responderam questionários sobre preferência por estilos musicais, escalas de traços de personalidade e exame de formação musical.</p>	<p>Comprovadas diferenças no gosto musical. Os homens preferem músicas contemporâneas pesadas (heavy metal, rock), já as mulheres preferem música pop. Rock foi o estilo mais cotado pelos homens e, apesar da diferença de gênero encontrada, foi o segundo estilo mais cotado pelas mulheres. Apenas o estilo rap não apresentou diferença de gênero, confirmando seu status de música que une apelos tanto masculinos (letras agressivas e subversivas) como femininos (ritmo de dança). Gênero foi o preditor mais significativo de gosto musical por estilos estereotipados do que a identificação com traços de personalidades femininos e masculinos.</p>
<p>Fávero, M.H & Abrão, L.G.M. (2006). Malhando o gênero: O grupo focal e os atos da fala na interação de adolescentes com a telenovela. <i>Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> 22, 175-182. Brasil.</p>	<p>Bourdieu, 1997; Abrão & Fávero, 2003; Fávero, 2000; Fávero & Trajano, 1998; Fávero & Carvalho, 2000, Chabrol & Bromberg, 1999; Vion, 2000; Lotman, 1990; Zicari, 2001.</p>	<p>Investigar as questões de gênero presentes nos atos da fala de adolescentes, numa situação de interação focada em uma cena da telenovela brasileira “Malhação” (rede Globo, edição 2001).</p>	<p>Participaram 47 alunos da 6ª e 8ª séries do 1º grau e da 1ª e 3ª séries do ensino médio, divididos em oito grupos com três meninas e três masculinos cada, de 12 e 18 anos, de escolas públicas e particulares. Uso de uma cena de telenovela para discussão grupal. Análise dos atos da fala.</p>	<p>Predomínio do julgamento moral e conservador dos personagens da cena nos grupos da 6ª e 8ª séries, com predomínio de verbalizações femininas e silêncio masculino. Incremento na participação masculina, apoio feminino às falas masculinas e validação do julgamento moral sobre a conduta adequada feminina, no grupo da 3ª série do ensino médio da escola pública. A análise dos atos da fala indica a manutenção de papéis masculinos e femininos que privilegiam o status masculino. As narrativas de gênero presentes na telenovela repercutem na construção identitária do gênero masculino e feminino.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Wisdom, J. P., Rees, A. M., Riley, K. J., & Weis, T. R. (2007). Adolescents' perceptions of the gendered context of depression: "Tough" boys and objectified girls. <i>Journal of Mental Health Counseling</i> 29, 144-162. Estados Unidos da América.</p>	<p>Hazier & Mellin, 2004; Reed, 1994; Hill & Lynch, 1983; Barrett & White, 2002; Broderick & Korteland, 2002; O'Neil, 1990; Strauss & Corbin, 1998; Kitzinger, 1995.</p>	<p>Investigar as perspectivas dos adolescentes sobre o impacto do sexo e das expectativas de papéis de gênero na depressão e seus sintomas.</p>	<p>Pesquisa qualitativa. Grupo focal com 22 adolescentes (13 meninas e 9 meninos), idade média de 15,86 anos. Entrevistas individuais de adolescentes com depressão, de 4 a 19 anos. Anotações de campo. Codificação dos dados segundo a teoria da fundamentação.</p>	<p>O gênero influencia na depressão pelos desafios impostos pelas expectativas sociais e culturais, mudanças da puberdade (nas meninas) e a associação com solidão e rejeição. Para as meninas, as expectativas culturais de beleza, da magreza e a objetificação sexual foram os fatores que causam e/ ou aumentam a probabilidade de depressão. Para os meninos, as pressões sociais para serem durões e machos, negar emoções, levam a depressão. Expressam raiva ao invés de tristeza, ignoram problemas ou se distraem, não procuram assistência, para não colocar sua masculinidade em dúvida. Ambos os sexos, consideram que as meninas são mais sensíveis à rejeição do que os meninos.</p>
<p>Câmara, S.G., & Carlotto, M. S.(2007). Coping e gênero em adolescentes. <i>Psicologia em Estudo, Maringá</i>, 12,87-93. Brasil.</p>	<p>Folkmanand , L., 1980; Blalock & Joiner,2000; D'Amico,2000; Bussey & Bandura,1999; Frydenberg, 1997; Chapman & Mullis, 1999.</p>	<p>Avaliar a associação entre bem-estar psicológico e estratégias de coping nos gêneros masculino e feminino.</p>	<p>Participaram 389 alunos, do 3º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas da região sul, com idade média de 17,3 anos, 41,4% masculino e 58,6% feminino. Uso de questionários de Saúde/Bem-estar psicológico e Escala de Enfrentamento.</p>	<p>As meninas apresentam maior bem-estar psicológico ao assumirem posturas ativas na resolução dos problemas, já os meninos, quando estão integrados em grupos de pares e buscam ajuda profissional. Redução da tensão, apoio espiritual, falta de afrontamento, fixar-se no positivo e resolver problemas foram as estratégias mais utilizadas pelas meninas, já os meninos, utilizaram: distração física, guardar para si, ação social e ignorar problemas. Redução da tensão e distração física foram as estratégias que mais diferenciaram ambos os grupos.</p>

Discussão dos estudos da terceira categoria: A socialização na adolescência.

As publicações dessa terceira categoria focaram-se na socialização durante a adolescência, período marcado por desafios, no qual meninos e meninas já adquiriram maior consciência sobre o gênero (ver tabela 3). A aquisição dessa consciência é facilitada por fatores biológicos, tais como o início da puberdade, e por fatores socioculturais: pressões e expectativas quanto à definição e adequação às normas e aos padrões comportamentais gendrados.

Dessa forma, a construção identitária de gênero, iniciada na infância a partir das primeiras noções acerca do que é ser menino ou menina, conforme vimos na Tabela 1, segue o seu percurso, aprimorando-se na adolescência (Zosuls et al., 2009a). Esse período é extremamente relevante para o estudo sobre socialização de gênero, tendo em vista que é um período importante do desenvolvimento psicológico humano, marcado pela construção e identificação com os papéis culturais de gênero (Câmara & Carlotto, 2007).

O foco dos estudos da Tabela 3 abrange questões que preocupam os adolescentes, como a afetividade, a sexualidade, o impacto da puberdade e das expectativas sociais na construção identitária de gênero, a internalização de representações de feminilidade e masculinidade, a convivência em grupos de pares e a construção de selves autênticos diante da família, da escola e dos amigos.

Muitos autores concentraram suas pesquisas na investigação das diferenças sexuais em relação ao comportamento depressivo, ao *coping* (estratégias usadas para o enfrentamento de problemas), à expressão de sentimentos, à fala sobre questões da sexualidade e até mesmo sobre as preferências musicais, procurando verificar se a identificação com a masculinidade e a feminilidade influenciava no gosto musical dos jovens (Câmara & Carlotto, 2007; Colley, 2008; Simonson, Mezulis & Davis, 2011; Wisdom, Rees, Riley, & Weiss, 2007). Partes desses estudos parecem tomar como pressuposto a noção de adolescência como uma fase de perturbações, em que se faz necessário o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, como é o caso dos estudos de Câmara e Carlotto (2007); Simonson et al. (2011) e Wisdom et. al (2007).

Estudos sobre sexualidade na adolescência, no contexto escolar, analisaram as representações sociais de gênero e constataram um aspecto interessante: as desigualdades de gênero eram combatidas nos discursos das professoras, porém, não em suas práticas no contexto familiar, ou seja, não conseguiam educar seus filhos de uma forma mais igualitária (Rosistolato, 2009). Os autores dessa linha de pesquisa concluíram que falar sobre sexualidade parece ser um assunto mais de mulheres, pois observaram que os meninos falavam menos de sexo do que as meninas e, quando falavam, era somente entre os seus grupos de pares. As meninas falavam mais a respeito de sexo, tendo como preocupação os cuidados com o corpo, a puberdade e o risco de gravidez. Tal diferença indica uma reprodução da ideia de que cabe às mulheres e não aos homens a preocupação com a

sexualidade. Essa ideia se baseia em parâmetros biológicos e na ideologia da naturalização e reforça, no caso das mulheres, o seu papel primordial: ser mãe (Fávero & Abrão, 2006; Rosistolato, 2009; Wisdom et al., 2007).

Estudos sobre segregação de gênero (Mehta & Strough, 2010; Rosistolato, 2009), revelaram que a segregação trata-se de um fenômeno evidente nas amizades de meninos e meninas, as quais são compostas, em sua maioria, por pares de pessoas do mesmo gênero. Esse é um processo que tem início na infância, passando pela adolescência e permanecendo na vida adulta.

Nesses estudos, os autores constataram uma identificação maior por parte das meninas com os grupos de pares, fazendo com que, por exemplo, aderissem a crenças de serem mais sensíveis e comunicativas do que os meninos, que suas amizades são mais próximas e que se apoiam mutuamente, como descrito no estudo de Mehta e Strough (2010).

Há autores que concordam que os traços de comportamentos femininos desenvolvidos e adquiridos no grupo de pares são socializados, reforçados e tendem a aumentar e se consolidar ao longo da vida. Quanto aos meninos, concluem que a identificação grupal, a busca de apoio e a necessidade de filiação são características femininas e não fazem parte da socialização masculina (Mehta & Strough, 2010; Câmara & Carlotto 2007; Rosistolato, 2009).

A preocupação em resistir ou negar algo que se associe ao feminino pode ser bem compreendida em dois estudos que não constam na Tabela 3 e que, embora não tratem especificamente da socialização feminina, contribuem para a reflexão desta pesquisa. Um desses estudos é o de Garlick (2003), sobre o que é ser um homem. Nesse estudo o autor defende que para obter-se uma coerência interna do que vem a ser masculino ou feminino é necessária a produção de oposições, isto é, “ser masculino é não ser feminino” (p. 158). O outro estudo é de Welzer-Land (2001), no qual o autor relata fazer parte da educação de meninos a ação de inculcá-los a ideia de que: “para ser um verdadeiro homem, ele deve combater os aspectos que poderiam fazê-lo ser associado às mulheres” (p. 462).

Retomando os estudos da Tabela 3, pode-se observar que em alguns desses estudos as meninas falaram proporcionalmente mais do que os meninos e a isto se associou a maior possibilidade de expressão das emoções pelas meninas, um comportamento visto como tipicamente feminino, mas que, quando enfatizado, pode levar à depressão (Simonson et al., 2011; Wisdom et al., 2007). Esses estudos destacam-se dos demais porque estudaram a socialização em relação a outras variáveis, tais como a expressão das emoções, a depressão e a ruminação depressiva, enfatizando a relação mútua entre emoção e gênero. Os autores concluíram que as meninas são socializadas para ruminarem, ou seja, para focarem-se em eventos, afetos e humor negativos, o que leva a uma recorrência maior de depressão em mulheres do que em homens. Os meninos, no entanto, possuem a tendência de ignorar seus problemas, de procurarem se distrair ao invés de falarem deles, são socializados para serem “durões”, “machos” e para negarem suas emoções.

É importante ressaltar que no estudo de Câmara e Carlotto (2007), sobre estratégias de enfrentamento de problemas, os autores apontaram que os meninos diferenciavam-se das meninas por tentarem não pensar nos problemas, usando a estratégia de evitação cognitiva para não se defrontarem com o estresse. Porém, ao contrário de Mehta e Strough (2010) e Wisdom et al. (2007), Câmara e Carlotto (2007), constataram que os meninos usam a estratégia de ação social, que consiste na busca pelo apoio do grupo para tentarem fazer frente aos problemas.

Finalmente, estudos como os de Theran (2009), e de Fávero e Abrão (2006), adotam uma perspectiva feminista, a da interseccionalidade, a qual, segundo Shields (2008), procura estudar as identidades sociais umas em relação às outras. Theran (2009), ao investigar gênero relacionando-o a outras variáveis, tais como etnia e nível de autenticidade na fala, constatou que adolescentes afro-americanas são mais autênticas, falando francamente o que pensam, do que as meninas brancas. Essa autora revela que a socialização parental é diferente entre essas etnias, isto é, pais e mães afro-americanos educam suas filhas para serem fortes e francas a fim de que conquistem espaço numa sociedade que as marginaliza. Desse modo, o estudo desenvolvido por Theran (2009), exemplifica como o gênero é estudado em relação a outras identidades sociais, desvelando as relações de poder que estão embutidas nessas identidades sociais (Shields, 2008).

Estudos da quarta categoria: A socialização na vida adulta.

Tabela 4

Estudos da Quarta Categoria: A Socialização na Vida Adulta

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultado
Nascimento, A. R. A., Nascimento, I. F. G., & Trindade, Z. A. (2008). A representação social do trabalho feminino para homens casados. <i>Mental, 11</i> , 145-164 - Barbacena. Brasil.	Abric, 2001; Badinter, 1993; Bardin, 1977; Moscovici, 2003; Rocha Coutinho, 2005; Bruschini, 2000; Nolasco, 1993.	Identificar que elementos compõem, nas esferas conjugal e familiar, a representação social do trabalho feminino para homens casados.	100 homens casados, escolaridade de 1º a 3º grau, entre 20 a 59 anos, com ou sem filhos, foram entrevistados. 56 com esposas que trabalhavam, 37 que não trabalhavam atualmente e 7 que nunca trabalharam. Análise de evocação e de Bardin.	Mudanças modestas na divisão das tarefas domésticas entre parceiros. Trabalho feminino considerado de menor valor para o orçamento doméstico. Os ganhos pessoais e financeiros femininos não alteraram de forma significativa as atribuições aos papéis de mãe, esposa e dona de casa. Trabalho feminino considerado como um direito concedido às mulheres, não devendo implicar no abandono dos “deveres” femininos. Ajuda financeira foi à vantagem mais apontada, porém a maior renda ainda vem dos homens. A distância dos filhos, dupla jornada, cansaço, assédio e risco de traição são as consequências negativas apontadas pelos homens, estes realizam tarefas domésticas como uma ajuda esporádica.

<p>Pilla, M. C. B. A.(2008). Labores, quitutes e panelas: Em busca do lar ideal. <i>Cadernos Pagu</i>, 30, 329-343. Brasil</p>	<p>D’Incao, 1997; Rago, 1997; Haroche, 1998; Schapochnik, 1998; Cleser, 1906.</p>	<p>Refletir sobre normas culturais e poder através do desempenho feminino como “Rainha do Lar” no Brasil, no início do século XX.</p>	<p>Artigo teórico elaborado com consulta à manuais de administração do lar e de culinária usados na virada do século XX até a década de 60 (Minha Casa, Revista Bom Apetite, Enciclopédia de Arte Culinária, etc.).</p>	<p>Valorização da conduta controladora da dona-de-casa, a que governa a si, seu lar e sua família. Novos modelos: de feminilidade e de família para preparar as moças para o casamento, mães dedicadas, maridos responsáveis, filhos saudáveis, e lares acolhedores. Discurso médico reforça o papel da dona de casa. Cozinhar e manter a casa limpa e em ordem são tarefas sagradas de uma boa dona de casa, o trabalho e estudo vêm em segundo lugar. Cabia à mulher administrar os espaços de serviço (cozinha, despensa) e sua relação com os lugares de sociabilidade (salas de estar e jantar), marcando o lugar feminino.</p>
<p>Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. <i>Psicologia Ciência e Profissão</i>, 30, 262-275. Brasil.</p>	<p>Amato, Booth, Johnson & Rogers, 2007; Thompson, 1995; Berk, 1985; Ferree, 1990; Féres-Carneiro, 1998; Goldenberg, 2000; Rocha-Coutinho, 2003, 2004, 2005, 2007; Thistle, 2006.</p>	<p>Investigar como casais urbanos de classe média negociam a realização de tarefas dentro do lar e em que medida isto propicia o surgimento de pontos de atrito à vida conjugal.</p>	<p>Pesquisa qualitativa com 20 membros de casais heterossexuais de classe média, entre 30 a 45 anos de idade, ambos trabalhando fora de casa, com filhos, foram entrevistados separadamente. Os dados foram analisados conforme Bardin.</p>	<p>Ambos os sexos declararam participar das tarefas do lar. Homens participam muito mais do cuidado dos filhos do que nas tarefas da casa. As mulheres consideram que cabe a elas a maior responsabilidade pelas lidas domésticas e cuidado dos filhos, qualificando a participação dos maridos como uma função coadjuvante, colaborativa e periférica. Os homens relataram uma participação maior do que o que foi referido pelas mulheres. Mulheres não percebem a disparidade na divisão de tarefas como um problema ou fonte de conflitos maritais. Quando questionados sobre o que deveria ser modificado, a maioria acreditava não haver necessidade de mudanças.</p>

<p>Carvalho, A. M. A., Cavalcanti, V. R. S., Almeida, M. A., & Bastos, A. C. (2008). Mulheres e cuidado: Bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? <i>Paidéia</i>, 18, 431-444. Brasil.</p>	<p>Beraldo & Carvalho, 2006; Del Priore, 2001; Araújo & Scalon, 2005; Jablonski, 200; Rocha-Coutinho, 2003; Rodrigues, 1998; Benedict, 1934,2006; Mead, 1950, 2000; Bastos, 2001; Da Matta, 2000.</p>	<p>Refletir sobre práticas e concepções a respeito do cuidar como papel feminino por meio dos pontos de vista psicobiológico e histórico-cultural.</p>	<p>Artigo teórico que retrata a divisão sexual do trabalho ao longo da história humana, dos nossos ancestrais até os dias de hoje, bem como das atividades desenvolvidas pelas mulheres, principalmente a de cuidados dentro do enfoque psicobiológico e histórico cultural.</p>	<p>Maior participação feminina em tarefas de cuidado. Sustentação da tese de maior predisposição da mulher quanto ao cuidado dos filhos, com base no argumento de que seu investimento parental é maior do que o do homem, segundo o enfoque psicobiológico. Predisposição cuidadora poderia se generalizar para outras pessoas, como idosos e parentes sozinhos. O argumento histórico-cultural justifica a maior participação da mulher, no cuidar, pela identificação com modelos culturais de papéis de gênero e com mecanismos como a socialização primária de papéis masculinos e femininos, conceito de condicionamento cultural, modelagem cultural segundo Mead e Estereotipia de gênero.</p>
<p>Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>, 24, 44-55. Brasil.</p>	<p>Deleuze, 1992; Carvalho, 1997; Chodorow, 1990; Ariés, 1981; Badinter, 1980/1985; Costa, 1986, 1989.</p>	<p>Discutir a naturalização de conceitos e práticas relacionadas à maternidade e aos cuidados maternos, através das mudanças vividas pelas famílias na Europa e no Brasil. Destacar a contribuição da Medicina e da Psicologia na caracterização do papel materno.</p>	<p>Artigo de revisão bibliográfica sobre a maternidade na história.</p>	<p>A maternagem está vinculada à maternidade, como função natural feminina por excelência. Século XVIII inicia a exaltação ao amor materno, pelos discursos filosóficos, médico e políticos. Criação do mito e da figura da mulher-mãe, a “rainha do lar”. Contribuição dos médicos higienistas, pedagogos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas na construção de normas reguladoras para uma vida familiar normal e saudável. Idealização da relação mãe-bebê, essencial para o desenvolvimento infantil. A mulher moderna pode planejar adiar e viver a maternidade sozinha, pelas técnicas de reprodução assistida, sem que isso signifique uma condenação social.</p>

<p>Amazonas, M. C. L. Vieira, L. L. F., & Pinto, V. C. (2011). Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>. 31, 314-327. Brasil.</p>	<p>Butler, 2001,2003; Louro, 2008; Minayo, 1999; Jablonski, 2010; Foucault, 1977,1979, 2006, 2009; Araújo & Scalon., 2006; Bruschini, 2007; Scott, 2005; Arán, 2006; Woodward, 2000.</p>	<p>Discutir os modos de subjetivação femininos no mundo contemporâneo, enfatizando a relação da mulher com o trabalho e com a família.</p>	<p>Pesquisa qualitativa com seis mulheres entre 25 e 35 anos de idade, da classe média de Recife/PE, de terceiro grau completo e incompleto, todas trabalhando fora, foram entrevistadas, sendo três casadas e três solteiras. Os dados foram analisados conforme Bardin.</p>	<p>Mulheres em posições contraditórias: discurso de sujeito autônomo e livre, valorização do trabalho, por um lado, e as demandas para atender as exigências de maridos e filhos no lar. Vivem conflitos quando não correspondem ao discurso da “boa mãe”. Recorrem a novas práticas (creches, babás, pedir ajuda aos maridos), mas ainda não se sentem confortáveis. Prevalece ideia da maternidade como algo sagrado e natural, de forma significativa. Pais assim como as mães sentem-se responsáveis pela supervisão dos cuidados aos filhos, monitorando-os a distância, por telefone. Mulheres buscam um novo “Príncipe Encantado”, alguém independente, incentivador de seu desenvolvimento profissional e que divida as responsabilidades domésticas e criação dos filhos. Mulheres planejam casar-se e ter filhos depois de conquistar estabilidade financeira e profissional.</p>
--	--	--	---	---

Discussão dos estudos da quarta categoria: A socialização na vida adulta.

Na quarta categoria encontram-se estudos que trataram da socialização na vida adulta, destacando-se as análises dos papéis desempenhados por homens e mulheres no cotidiano do casamento (ver tabela 4). São estudos empíricos que, em sua maioria, focalizaram-se na análise da divisão sexual das tarefas domésticas entre os casais (Amazonas, Carvalho, Cavalcanti, Almeida & Bastos, 2008; Jablonski, 2010; A. R. Nascimento, I. F. G. Nascimento & Trindade, 2008; Vieira & Pinto, 2011) e outros teóricos, que se focaram nos papéis femininos tradicionais de cuidado e da maternidade, analisando o seu desenvolvimento histórico na humanidade até os dias atuais (Carvalho et al, 2008; Moura & Araújo, 2004). Esclarecemos que o estudo de Moura e Araújo (2004), embora não tenha sido publicado no período pesquisado, foi incluído devido a sua relevância sobre o tema e por contribuir para uma melhor compreensão acerca da construção das diferentes concepções em relação à maternidade.

Estudos sobre a divisão sexual das tarefas domésticas tinham como objetivos principais averiguar se haviam ocorrido mudanças no cotidiano familiar devido ao aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e analisar como a mulher administra seus papéis de mãe e profissional (Amazonas et al., 2011; Jablonski, 2010; A. R. Nascimento et al., 2008).

Existe um consenso entre os autores de que as responsabilidades e tarefas domésticas ainda não são compartilhadas de forma igualitária entre os casais, pois a responsabilidade pela execução ou supervisão das tarefas continua sendo da mulher. Os homens, quando participam das tarefas, o fazem de forma esporádica, atuando muito mais no cuidado com os filhos do que com as tarefas de casa (Amazonas et al., 2011; Jablonski, 2010).

Os estudos também indicaram que os homens aceitam cada vez mais o trabalho feminino remunerado, porém, sem que as mulheres deixem de valorizar as atividades domésticas, principalmente a tarefa maternal (Amazonas et al., 2011; Jablonski, 2010; Nascimento et al., 2008).

Um ponto divergente entre os estudos de Jablonski (2010) e Amazonas et al. (2011), refere-se à percepção das mulheres quanto à disparidade na divisão de tarefas, pois, enquanto no primeiro esta disparidade não foi vista como um problema, sem causar atritos conjugais, no segundo as mulheres reivindicavam uma maior participação masculina nas tarefas domésticas. Tanto assim que as mulheres solteiras apontaram como parceiro ideal alguém que compartilhe a responsabilidade de criar os filhos e a manutenção do lar.

Cabe ressaltar, ainda, nessa linha de pesquisa, que o estudo de A. R. Nascimento et al (2008) evidenciou que o homem ainda mantém o papel tradicional de principal provedor da família, pois o salário dele paga as despesas de manutenção do lar e os gastos com a educação dos filhos, enquanto que o salário feminino é destinado para os gastos pessoais, ou, de acordo com os maridos: “caprichos femininos”.

Constatamos, também, que todos os estudos, ainda que tivessem como foco o trabalho profissional feminino, nunca deixaram de comentar, relacionar ou analisar a mulher em relação ao seu papel mais tradicional, isto é, o de ser mãe. Por isso, decidimos incluir nesta categoria o estudo teórico de Moura e Araújo (2004), que analisou com profundidade a maternidade na história. Esse estudo faz uma reflexão a respeito do mito do amor materno. Os autores apontam políticos, filósofos e médicos que passaram a exaltar o valor da maternidade e a incentivar a mulher a assumir os cuidados com a prole. Dessa forma, a mulher acabou sendo cada vez mais isolada no espaço doméstico, a fim de cumprir as tarefas referentes a ele.

Nessa mesma linha, temos o estudo de Pilla (2008), que complementa o estudo teórico de Moura e Araújo (2004), ao buscar retratar a mulher, no Brasil, no início do século XX. Em seu estudo, Pilla (2008), aborda a figura da mulher mãe e “rainha do lar” e se destaca pelo seu método de coleta de dados, o qual utiliza manuais de administração do lar e de culinária, livros usados na década de 1960, destinados à orientação e preparação das moças de famílias abastadas para a vida matrimonial.

Tais manuais difundiam o modelo feminino segundo o qual a mulher deveria governar a si, seu lar e sua família. Modelo fundamentado no sistema educacional para as meninas proposto por Stanley Hall (citado em Fávero, 2010b), que se baseava no conceito de instinto natural e que, portanto, reforçava a necessidade de preparar essas meninas para o que socialmente se definia como seu papel principal: esposa e mãe.

Esses manuais e livros de culinária, de uma forma implícita, serviam como guias para orientar e estimular as mulheres para a execução de seus papéis sociais tradicionais de esposa e mãe. Além disso, fixavam o local que as mulheres deveriam ocupar na sociedade. Manuais, portanto, de treinamento que faziam parte do processo de socialização feminina e objetivavam manter relações de desigualdade e poder entre homens e mulheres (Moura & Araújo, 2004; Pilla, 2008).

As ideias baseadas no modelo de “rainha do lar”, que foram bastante difundidas no início do século XX, retratadas no trabalho de Pilla (2008), ainda estão presentes nos dias de hoje, sendo observáveis, por exemplo, nos estudos de Amazonas et al. (2011), e de A. R. Nascimento, et al. (2008). O estudo de Amazonas (2011), constatou que as mulheres modernas procuram atender a uma nova demanda social de serem independentes e livres, dando valor ao trabalho fora de casa, mas entram em conflito quando não conseguem desempenhar o papel estereotipado de “boa mãe”. De modo semelhante, os estudos de A. R. Nascimento et al. (2008), constataram que os homens consideram o trabalho feminino fora do lar um direito concedido à mulher, mas que não deveria implicar no abandono dos deveres tidos como femininos. Portanto, observa-se que os resultados dos estudos indicam que, apesar do desempenho feminino de outros papéis, as mulheres ainda sofrem pressões sociais que as responsabilizam pelo cuidado do lar e dos filhos.

Estudos sobre os papéis femininos compartilham a ideia de que estes papéis são fundamentados na crença da natureza feminina, na ideologia da naturalização, criada há alguns séculos e que foi incentivada e internalizada pelas mulheres, como demonstrado por Moura e Araújo (2004). Posteriormente, no início do século XX, isso foi reforçado, quando a mulher foi promovida socialmente a “rainha do lar”, devido ao seu papel materno (Pilla, 2008). Esse paradigma, conforme aponta o estudo de Amazonas et al. (2011), faz com que as mulheres, ainda hoje, acreditem que elas são as detentoras do “saber cuidar” (p. 323), crença ancorada em sua capacidade de dar à luz e amamentar (Chodorow, 1990). Dessa maneira, a maternagem, ou seja, o cuidar de outros, e a maternidade ainda estão fortemente vinculadas. Cuidar do outro e ser mãe parecem ser os papéis femininos por excelência (Moura & Araújo, 2004).

Constatamos que a maior parte dos estudos desta categoria investiga gênero por meio das divisões sexuais, as quais, segundo teóricos feministas, reafirmam e legitimam os estereótipos de gênero (Shields, 2008).

Estudos da quinta categoria: A socialização na mídia.

Tabela 5

Estudos da Quinta Categoria: A Socialização na Mídia

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
Collins, R. L. (2011). Content analysis of gender roles in media: Where are we now and where should we go? <i>Sex Roles</i> 64, 290–298. Estados Unidos da América.	Gerbner & Signorielli, 1979; Rudy, 2010b; Bandura, 2002; Slater & Rouner, 2002; Greenberg et al., 1984, 2002; Heatherton & Sargent. 2009.	Verificar como as mulheres são representadas atualmente pela mídia, através de uma análise de conteúdos e de papéis de gênero, publicados em duas edições especiais da Revista Sex Roles.	18 artigos empíricos publicados nas edições especiais entre 2010 e 2011. Categorização de cinco áreas relacionadas a gênero (sub-representação, sexualização, subordinação, papéis tradicionais de gênero e imagem corporal).	As mulheres foram subrepresentadas na mídia em comparação aos homens. Foram retratadas de uma forma negativa, sexualizada (uso de roupas provocativas ou seminuas), corpos magros, subordinação pelas expressões faciais e posturas corporais e, limitada, em papéis femininos tradicionais ou morais (donas de casa, mães, esposas e guardiãs do sexo). Os programas de saúde na mídia focaram-se em doenças específicas do corpo feminino (câncer de mama e aparelho reprodutivo). A ausência significativa da mulher em programas da mídia sugeriu que apesar do aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, a mídia continuou a ignorá-las.
Gilpatric, K. (2010). Violent female action characters in contemporary American cinema. <i>Sex Roles</i> 62, Estados Unidos da América.	Bandura, 1986; Blumere Hauser. 1933; Gerbner. 1970; Lazarsfel de Merton. , 1948; Gerbner, 1998; Huesmann, 1999; Signorielli & Bacue, 1999.	Analisar os estereótipos de gênero presentes nos personagens de ação femininos e violentos do cinema americano contemporâneo.	Análise de 112 filmes de ação americanos, lançados entre 1991 a 2005, com personagens femininas de ação e com cenas de violência. Análise de dados conforme Bardin.	58,6% das personagens aparecem em papéis submissos ao herói masculino do filme e 42% tinham um romance com ele. Apenas 15,3% atuavam como heroínas principais. As personagens femininas eram protegidas pelos heróis masculinos, eram suas ajudantes ou companheiras românticas, mantendo o estereótipo de gênero. Aparecem como fortes e poderosas, porém a sua violência estava a serviço dos interesses de um herói masculino reforçando sua submissão ao personagem masculino.

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
<p>Zanoni, H. T., & Ferreira, E. S.(2009). Identidades de gênero e filmes infantis: Um panorama sobre as novas perspectivas da construção das identidades de gênero em crianças. <i>Caderno Espaço Feminino</i>, 22,149-169. Brasil.</p>	<p>Lauretis, T de. , 1994; Mira, M. C., 2003; Linton, R. 1973; Welzer-lang, D., 2001.</p>	<p>Analisar como os filmes infantis contribuem para a formação da identidade de gênero infantil e quais as consequências das novas configurações de gênero presentes em filmes recentes.</p>	<p>Pesquisa Bibliográfica e análise de dois filmes infantis clássicos: Cinderela e a Bela Adormecida e dois filmes contemporâneos: Shrek e Deu a louca no Chapeuzinho.</p>	<p>Constataram-se diferenças de noções de gênero entre os filmes clássicos e os contemporâneos: os personagens femininos fogem da convenção, mostrando princesas corajosas, lutando como homens e príncipes passivos e delicados como mulheres, porém é mantida a história de amor heterossexual e romântico entre os personagens, típicos da identidade feminina. Tendência atual de produzir filmes com noções de gênero mais flexíveis e através de personagens menos idealizados. Crianças começam a aceitar mais as diferenças e sexualidades alternativas como normais.</p>
<p>Xavier, C. F. (2011). Era uma vez uma princesa e um príncipe... : Representações de gênero nas narrativas de crianças. <i>Estudos Feministas</i>, 19, 591-603. Brasil.</p>	<p>Louro, 2000; Silva, 2003; Tatar. , 2004; Corso, D. L., & Corso, M., 1996. Estudos de Gênero, Estudos Culturais e Teoria Foucaultiana.</p>	<p>Entender como as crianças constroem representações de gênero a partir da descrição física e comportamental de princesas e príncipes clássicos.</p>	<p>Pesquisa-ação com 42 crianças e adolescentes (18 meninas e 24 meninos), entre 10 a 15 anos, de escola pública. Produção de textos e desenhos pelas crianças com discussões a partir de leitura de livros infantis.</p>	<p>As representações de gênero corresponderam aos ideais sociais hegemônicos de masculinidade e feminilidade. As meninas estão mais conformadas com os ideais femininos, do que os meninos. A construção identitária feminina se dá pelos atributos físicos: corpos magros, vaidade, e elementos femininos: corações e flores. Resistências para desfazer demarcação rígida de gênero ao se propor uma nova princesa, a qual foi retratada com atributos femininos idealizados, porém sexy e sensual. Só os meninos conseguem subverter a imagem padrão, com príncipes gordos, vaidosos, roqueiros, surfistas e dorminhocos.</p>

Referência	Referencial Teórico	Objetivos	Método	Resultados
Santos, M. R. dos. (2011). Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 60). <i>Cadernos Pagu</i> , 36, 257-282. Brasil.	Hollows, 2000; Hilde Heynen., 2005; Bell & Hollows,2005; Giddens, 2002; Stuart Hall, 1997, 2000; Woodard.2000; Scott, J.1999; Judith Butler, 2003.	Discutir e analisar discursos sobre a domesticidade e os modelos de identidade de gênero veiculados pela revista Casa & Jardim nas décadas de 50 e 60.	Artigo teórico com investigação centrada nos discursos veiculados pela revista Casa & Jardim durante as décadas de 1950 e 1960.	As revistas de decoração são consideradas como veículos de representações que contribuíam para a reiteração das normas hegemônicas na vida social. As identidades de gênero em Casa & Jardim são estruturadas a partir da marcação de diferenças entre os sexos, afirmando contrastes na decoração do quarto dos filhos (as), escritório masculino e feminino. As expectativas de conduta familiares correspondem às convenções que regulavam o relacionamento conjugal de classe média, dos anos 1950. Veiculava-se ideia de que as mulheres nasceram para serem donas de casa, esposas e mães.

Discussão dos estudos da quinta categoria: A socialização na mídia.

A quinta categoria foi composta por estudos que analisaram a relação entre os meios de comunicação social (mídia) e a socialização de gênero (ver tabela 5). Em sua maioria, esses estudos são teóricos e investigaram a influência da mídia na construção da identidade de gênero de crianças, adolescentes, jovens adultos e famílias. Essa influência ocorre tanto por meio de personagens de histórias infantis, como príncipes e princesas, heroínas de filmes de ação americanos, quanto pela atuação das mulheres em programas de TV, em vídeos musicais e, até mesmo, por meio de revistas de decoração. Essas revistas veiculam modelos de identidade de gênero ao fornecerem ideias de espaços femininos e masculinos para o lar, consolidando, desta forma, os estereótipos de gênero (Santos, 2011).

Collins (2011), Gilpatric (2010), Zanoni e Ferreira (2009), constataram, em seus estudos, que, em comparação aos homens, as mulheres apareceram muito pouco na mídia (programas, filmes de TV, vídeos). Quando aparecem são em programas que reforçam os papéis tradicionais de dona de casa e esposa ou como objetos sexuais nos vídeos musicais, com corpos magros e jovens, vestindo roupas provocativas ou seminuas.

Nos filmes americanos de ação, as personagens femininas são violentas, usam armas, matam e destroem, porém, como observou Gilpatric (2010), sempre aparecem em um papel submisso e em uma relação amorosa com o personagem masculino principal. Estudos feministas indicam que a imagem de uma mulher mais ativa e agressiva, que parece indicar uma quebra dos papéis tradicionais de gênero, não passa de um produto de mercado, pois, ao final da história, os estereótipos de gênero são mantidos, principalmente a submissão.

Na opinião de Gilpatric (2010), os estereótipos de gênero continuam os mesmos, porém, apresentam-se com uma “nova roupagem” (pp. 745-746). O mesmo ocorre nos filmes infantis e contos de fadas, nos quais o enredo parece se repetir, girando sempre em torno de um amor romântico, eterno e heterossexual entre os personagens principais. O que se pode dizer a esse respeito é que isso significa que o modelo heterossexual permanece sendo reproduzido pela mídia, mantendo-se a ideologia em torno da heterossexualidade e da heteronormalidade, as quais, por sua vez, mantêm a ideologia do patriarcado (Fávero, 2010b).

A esse respeito, vale ressaltar o estudo de Xavier (2011), uma pesquisa de intervenção que observou resistências por parte das crianças em questionar demarcações rígidas de gênero criadas em nossa cultura. Quando a autora solicitou às crianças que inventassem novas formas de príncipes e princesas, percebeu que foram alguns meninos que introduziram aspectos novos e desafiaram o padrão convencional, mais do que as meninas, as quais, no geral, pareciam estar mais conformadas com as normas estipuladas para os traços típicos femininos.

O estudo de Santos (2011), sobre a revista de decoração Casa & Jardim exemplifica o que foi apontado por Bourdieu (1999), em relação à visão dominante da divisão sexual ser expressa na estrutura dos espaços, na decoração dos quartos e nas divisões de interiores das casas. A revista sugeria que as donas de casa levassem em consideração o sexo da criança, entre outros elementos, para decorarem o quarto dos (as) filhos (as). Sugeriam que o quarto masculino deveria ser um espaço que traduzisse o equilíbrio entre o repouso e o estudo, com poucos móveis decorativos. Enquanto no quarto feminino os móveis poderiam ser mais leves, paredes em tom pastel ou com desenhos alegres, e poderia ter vários objetos decorativos. A revista, por meio dos arranjos e da demarcação dos espaços domésticos, servia como um meio para estabelecer as identidades de gênero e, ao mesmo tempo, para manter as diferenças entre um e outro.

Os autores analisados nessa categoria compartilham a ideia de que a mídia reitera normas hegemônicas da vida social, como o modelo heterossexual. Reforçam padrões de comportamentos e papéis gendrados, como os papéis femininos de donas de casa, mães e esposas, fortalecendo estereótipos. Os estudos dessa categoria apontam o papel da mídia na socialização e a influência dela na construção dos papéis gendrados, porém, não analisam o que fundamenta essa socialização e essa construção de papéis.

Como já dito anteriormente, na discussão dos estudos da Tabela 1, Fávero (2010b), defende a ideia de que a socialização é fundamentada pela ideologia da heterossexualidade, a qual, mantendo a divisão de duas categorias de pessoas, homens e mulheres, mantém os papéis gendrados para um e outro e, ao mesmo tempo, mantém a ideologia da feminilidade e a ideologia da masculinidade.

Discussão geral dos estudos da revisão da literatura.

De um modo geral, pode-se dizer que os estudos tiveram como meta principal verificar como os indivíduos constroem a sua identidade de gênero por intermédio do processo de socialização e quais as implicações desse processo ao longo de suas vidas. A socialização de gênero foi analisada em várias fases do desenvolvimento humano, por meio de pesquisas realizadas com crianças, adolescentes e adultos e em contextos diferentes, tais como: a escola, a família e a mídia.

Em relação às publicações, a maioria das pesquisas é empírica, destacando-se as que foram realizadas com crianças e adolescentes, as quais correspondem a 63% do total dos estudos.

Alguns autores, como Câmara e Carlotto (2007), consideram a infância e a adolescência fases marcantes na construção da identidade de gênero. Essa visão é compartilhada por pesquisadores das ciências sociais, tanto que a tendência é enfatizar estudos sobre a socialização primária, quando a criança apropria-se de uma realidade social e desenvolve sua identidade. A

socialização, no entanto, é um processo contínuo, que tem seu início na infância e mantém-se ao longo da vida (Berger & Luckman, 1973).

Conforme a perspectiva defendida por Fávero (2005, 2010b), a socialização e a construção identitária, sob o ponto de vista psicológico humano, envolvem indivíduos ativos e criadores, isto é, indivíduos que estão permanentemente construindo o seu próprio desenvolvimento. Da mesma maneira, nos estudos de psicologia feminista, entende-se que as identidades não são rígidas e sim “fluidas, de tal maneira que podem mudar ao longo do tempo e, ao mesmo tempo, são vividas como estáveis, dando ao self um senso de continuidade ao longo do tempo e do espaço” (Shields, 2008, p. 306).

As pesquisas analisadas nesse estudo, em sua maioria, analisaram o gênero sob o ponto de vista sociológico e não por meio do desenvolvimento psicológico humano. Os autores fundamentaram seus estudos nas teorias das representações sociais, na teoria dos estereótipos e na teoria da segregação de gênero (A. R. Nascimento et al., 2008; Cordazzo & Vieira, 2008; Mehta & Strough, 2010; Rosistolato, 2009; Sampaio et al., 2008; Sinno & Kiellen, 2009).

Percebeu-se que as pesquisas, ao analisarem as representações culturais, continuam, conforme defendido por Fávero (2010b), priorizando “o meio sociocultural em detrimento do sujeito em processo de desenvolvimento. . . . e ao esmo tempo não revelam, segundo Fávero (2010b) o que essas práticas e esses discursos culturalmente situados significam para a pessoa em particular que vivencia e constrói a sua identidade pessoal gendrada” (p. 320).

Em relação à abordagem das pesquisas estudadas nas diferentes categorias, verificou-se que a identificação e a descrição de diferenças entre os sexos são utilizadas com maior frequência nos estudos internacionais. Esses estudos também priorizaram as metodologias quantitativas para coleta de dados, como questionários e inventários padronizados. Segundo a perspectiva feminista em psicologia, a naturalização das categorias de gênero tem favorecido essa abordagem nas pesquisas de gênero. O Foco nas descrições das diferenças, segundo Shields (2008), não ajuda a compreender melhor como e quando o gênero opera como um sistema de opressão ou como um aspecto de identidade. Na verdade, segundo Rutherford (2007), as diferenças como explicação mantêm a dicotomia entre masculino e feminino e reafirmam a legitimidade dos estereótipos de gênero.

O estudo de Jadvá et al. (2010), foi o único estudo das tabelas (citado na Tabela 1) que procurou investigar também as semelhanças e não apenas as diferenças. Seus resultados demonstraram que não há preferências diferentes em relação a brinquedos, cores e formas, entre as crianças de 12 meses e sim semelhanças, pois ambos os sexos preferiram bonecos, cores avermelhadas e formas arredondadas. Esse resultado nos faz retomar as ideias defendidas pela psicóloga feminista Rhoda Unger (1979), que, em primeiro lugar, aponta que a similaridade entre os sexos, sob variadas formas, não se trata de nenhum fato surpreendente. Em segundo lugar, a autora considera que o exame

e a análise das diferenças desviam o foco de uma quantidade considerável de similaridades e, em terceiro que essa ênfase da psicologia em continuar nessa abordagem de pesquisa, reside no fato de que não seria útil para a ideologia do patriarcado que as mulheres e os homens sejam mais parecidos do que diferentes.

Evidenciou-se que poucos estudos adotaram a perspectiva feminista de interseccionalidade, na qual gênero é compreendido no contexto das relações de poder e em relação a outras variáveis como etnia e classe social. Dentro dessa linha, destacam-se dois estudos apresentados na Tabela 3, de Fávero e Abrão (2006), sobre análise dos atos da fala em uma situação de interação com uma cena de uma telenovela, e de Theran (2009), sobre análise de preditores de nível de voz, etnia, apego e socialização de gênero.

É interessante notar que apenas alguns estudos mencionam a relação entre gênero e emoção. Podemos citar três estudos: dois da Tabela 2, o de Cox et al. (2010), e de Simonson et al. (2011), que analisaram a relação entre a socialização de gênero, a expressão das emoções e a ruminação depressiva ; e o terceiro estudo, da Tabela 3, de Wisdom et al. (2007), sobre a relação entre as expectativas sociais, as emoções e a depressão em adolescentes. O objetivo principal desses estudos era investigar a associação entre a expressão das emoções e sua relação com a depressão. Os autores constataram que as expressões das emoções, tais como/tristeza e raiva/, são estimuladas ou ignoradas pelos pais/ mães/conforme o sexo da criança.

Esses dados comprovam a tese defendida por Fávero (2010b), de que a socialização é uma construção gendrada, cujo ponto central reside no modo como entendemos a emoção, ou seja, de como a “filiamos aos significados do feminino e do masculino” (p. 15). Em outras palavras, socializa-se o menino e a menina para expressarem determinadas emoções, como se viu nos estudos citados anteriormente, criando-se padrões de comportamentos e atitudes emocionais estereotipadas, as quais têm as funções de manter as diferenças entre os sexos, reforçando uma relação desigual de poder entre homens e mulheres, e de manter a heterossexualidade e os papéis tradicionais de gênero (Fávero, 2010b).

A Narrativa: Recuperando o Sujeito Psicológico

Estudiosos e pesquisadores feministas partem do princípio que o estudo da subjetividade humana é o ponto principal para que se possa entender uma sociedade gendrada (Chodorow, 1978; Morawsky, 1997; Shields, 2008) . Além disso, para Morawsky (1997), os estudos de gênero exigem o uso de métodos de pesquisa apropriados: métodos qualitativos, como a narrativa. No nosso estudo optamos pela narrativa justamente pelo seu potencial em revelar o modo pelo qual a subjetividade feminina é construída, o que possibilitaria uma melhor compreensão do processo de socialização feminina como um todo.

Apesar de não haver uma definição unívoca para a narrativa na ciência, existe, no entanto, um consenso de que ela e, especificamente, a história de vida, é um veículo que torna o self e o mundo mais compreensíveis. A narrativa promove um retorno às questões sociais da vida, às questões do indivíduo e suas relações, e também de padrões de atividade social (Gergen & Gergen, 2010).

Para Morawsky (1997), a narrativa serve como um mediador entre as ações individuais e as condições socioculturais. Por meio dela se pode, por exemplo, acompanhar a evolução e construção das identidades de gênero. Portanto, percebe-se que ela é uma ferramenta metodológica importante tanto para os estudos em Psicologia Social, da Personalidade e Psicologia Cognitiva, quanto para os estudos em ciências sociais.

Por tratar-se de um texto linguístico, a narrativa está relacionada ainda com outras áreas de conhecimento, como a semiologia e a linguística. Essa característica confere à narrativa possibilidade de promover um diálogo interdisciplinar entre vários campos de conhecimento e, ao mesmo tempo, de torná-la cada vez mais usada nas últimas décadas pela ciência pós-moderna (Fonte, 2006; Gergen & Gergen, 2010; Mungioli, 2002).

Alguns estudiosos ressaltam o aspecto cognitivo da narrativa, vendo-a como uma forma de pensamento em que o mais importante é analisar não só o que o texto da narrativa quer dizer, mas também como ela se constrói e se organiza para obter um sentido. Em outras palavras, ela revela a forma de pensar de seu narrador, como ele engendra e constrói o seu pensamento e organiza a sua experiência de vida (Gergen & Gergen, 2010; Morawsky, 1997; Mungioli, 2002).

Ao narrarem suas histórias de vida, as pessoas lembram-se dos fatos marcantes de suas trajetórias, colocam suas experiências em certa sequência, listam acontecimentos e ações e tendem a dar um sentido para elas, procurando explicações e, muitas vezes, avaliam, no final, os resultados obtidos em suas vidas (Jovchelovitch & Bauer, 2000).

Em outras palavras, comprova-se de que “existe um esforço ativo e engajado do narrador para refletir e analisar a sua experiência de vida, incorporando um sentido de mudança na estória de vida” (Fávero, 2010b, p. 325). O pensamento crítico e avaliativo do narrador garante que a narrativa seja mais do que uma simples listagem cronológica de acontecimentos, pois, ao narrar e refletir sobre a sua história de vida, o indivíduo pode reconstruir novos significados e novas formas de pensar, reformulando suas crenças e “paradigmas pessoais”, como é referido por Fávero (2010b).

Segundo Fonte (2006), nas novas abordagens da ciência pós-moderna, o indivíduo não é mais considerado como um “mero processador de informação” e sim como um “construtor ativo de significados” (p. 124). Quanto a isso, Correia (2003), ao apresentar as ideias de Bruner sobre a constituição social da mente, informa que ele já apontava em 1997 que a diferença entre

processamento de informação e significados é que a informação desconsidera a importância dos significados, ignorando-os (Correia, 2003).

Segundo Correia (2003), Bruner propôs uma psicologia que estudasse as formas como os seres humanos produzem significados em seus contextos culturais. Ele ressaltou a importância da Psicologia Cultural, a qual teria como instrumento principal a Psicologia Popular, um campo de estudo que leva em consideração as intenções, os desejos e as crenças dos indivíduos, além de seu contexto social e cultural. Para ele a narrativa seria a forma de se ter acesso a esses dados. A narrativa seria como “uma moeda comum entre o self e o mundo social” (citado em Correia, p. 509). Ela está sempre presente e o ser humano organiza as suas experiências de vida através da narrativa. Na verdade, para o autor, as pessoas transformam as suas experiências vivenciadas no mundo em narrativas.

Bruner destaca algumas características universais das narrativas, tais como: a sequencialidade de eventos; o envolvimento de estados mentais; a sua estrutura de tempo que não é medida por um relógio, e sim pelo tempo humano e dos fatos e ações humanas relevantes, que a compõe, os quais não possuem apenas uma interpretação e são passíveis de questionamento e, não é necessário que se comprove a sua veracidade ou precisão, podendo ser reais ou imaginários (citado em Correia, 2003). Desse modo, devido a essas características e ao fato da narrativa ser uma das formas mais usadas para organizar a experiência humana, Bruner (1991), sugere que os nossos dados de pesquisa, em estudos sobre a mente, deveriam ser autobiografias espontâneas, ou uma versão longitudinal do si mesmo ou do self.

Como um Psicólogo Cognitivo, Bruner (1991), afirma que o pensamento narrativo tanto quanto o pensamento lógico científico parecem sempre presentes no ser humano, suas formas variam devido à ênfase dada pela cultura, embora sejam universais.

Contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana. Existe em todos os lugares, no mito, na lenda, na história, no drama, na pintura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, nas notícias e na conversação. Assim sendo, a narrativa é considerada mais do que um método de investigação científica na Psicologia Social. Segundo Barthes et. al (1971) ela é “transhistórica e transcultural” (p. 19).

Para Barthes (1993), não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa, pois para o autor:

A narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo algum, um povo sem narrativa. . . . Ela está simplesmente ali, como a própria vida. (pp. 251-252)

O Compartilhar das Vozes das Narrativas: O Grupo Focal.

No âmbito das abordagens qualitativas e em pesquisas sociais o grupo focal vem sendo cada vez mais utilizado. Ele permite a compreensão de processos de construção da realidade e a percepção de crenças, hábitos e valores de um grupo de indivíduos que estão inseridos em um contexto de interação (Gatti, 2005).

Para Fávero (2005), o grupo focal pode ser utilizado tanto para a pesquisa como para a prática psicológica, e a ênfase dada para as interlocuções verbais produzidas no grupo permite que se evidenciem os significados sociais, assim como o paradigma pessoal de cada sujeito que partilha tais significados. O conhecimento de tais significados e paradigmas é importante para o entendimento de processos do desenvolvimento psicológico humano, tal como o tema desse estudo, que procurou analisar a socialização e a construção de papéis de gênero femininos.

Consciente da importância e do papel que a mediação semiótica exerce no processo do desenvolvimento psicológico, Fávero (2005), defende uma proposta metodológica que faz essa articulação entre a mediação semiótica, os significados sociais e o desenvolvimento psicológico. Além disso, nas palavras de Fávero:

Nossa proposta implica na tomada de consciência, no sentido proposto por Piaget (1977), de cada sujeito, a respeito desses mesmos significados sociais partilhados e sua relação com as ideias que fundamentam o seu próprio paradigma, assim como as implicações deste paradigma pessoal para a sua prática pessoal e ou profissional e as possibilidades de sua reelaboração. (2005, p. 22)

Essa proposta metodológica tem sido empregada através do grupo focal em vários estudos, de diferentes áreas, como a da saúde (Costa, 2006; Floriano, 2006), da educação (Salgado, 2007; Vieira, 2008), do desenvolvimento psicológico e em questões de gênero (Abrão, 2003, 2009), e tem se mostrando como um método pertinente segundo os seus autores.

O estudo de Abrão (2003), por exemplo, investigou as questões de gênero presentes nos atos da fala de adolescentes, numa situação de interação focada em uma cena da telenovela brasileira “Malhação” (rede Globo). Nesse estudo, a autora, ao propor um foco para discussão para os adolescentes, pôde observar e analisar as diferenças entre as verbalizações femininas e masculinas, não só em relação a sua frequência, ou ao tipo de conteúdo presente no seu discurso, mas principalmente, como essas falas eram construídas frente a uma situação de interação social, revelando quais eram os significados de gênero existentes nessas trocas verbais.

Uma das conclusões a que a autora chegou foi que, apesar de haver um predomínio de falas femininas quanto à frequência, a análise dos atos da fala revelou um predomínio de valores morais conservadores que privilegiam o status masculino. Portanto, apesar dos sujeitos femininos falarem mais do que os masculinos, as suas falas sustentavam as opiniões conservadoras masculinas,

reforçando a manutenção de papéis gendrados. Esse resultado só foi possível, por meio da análise dos significados presentes nessa comunicação interativa, que é viabilizada pelos grupos focais. (Abrão, 2003; Abrão & Fávero, 2004).

O grupo focal é tomado, então, não como um grupo de discussão qualquer, ou como entrevistas em grupo, mas como uma situação interacional que gera interlocuções pelas quais as construções cognitivas dos seus participantes podem ser analisadas, bem como os seus significados e paradigmas pessoais, através da análise dos atos da fala (Fávero, 2012). A análise dos atos da fala, produzidas no grupo focal, constitui-se um ato social através do qual os seus atores sociais interagem, encontram formas de resolver os seus problemas, constroem coletivamente uma nova realidade social, construindo-se e reconstruindo-se indefinidamente.

Segundo Fávero (2005), “adotar a análise dos atos da fala produzidos nas interlocuções trata-se de favorecer e evidenciar a reelaboração mental dos sujeitos em interação, e, portanto do seu desenvolvimento psicológico, considerando os significados sociais e os processos de mediação semiótica” (p. 23). As interlocuções tomadas como atos da fala, podem ser submetidas a uma categorização, tal como qualquer ato humano.

Dessa forma, Fávero (2005), tomando por base o trabalho de Chabrol e Bromberg (1999), emprega a classificação dos atos da fala distribuídos em cinco esferas, com suas respectivas categorias, a saber: A esfera da “Informação”, da “Avaliação”, da “Interação”, esfera “Acional” e a esfera “Contratual”. A definição detalhada de cada uma das esferas encontra-se na segunda parte deste estudo, no item procedimentos de análise de dados.

Outros aspectos importantes do grupo focal relacionam-se com o debate que é proposto aos seus participantes, através de temas comuns. A exposição de similaridades e de diferenças entre os participantes leva-os a um questionamento, encorajando-os a repensarem seus pontos de vista ou a complementar os pontos de vistas dos outros. Ela promove uma reflexão crítica, individual e coletiva, que organiza e estrutura o pensamento de seus participantes, levando-os a desenvolver uma tomada de consciência sobre suas formas de pensar, de sentir e de agir. Esse procedimento poderá fazê-los rever suas práticas pessoais e sociais (Fávero, 2012). Portanto, o grupo focal é um gerador de dados e uma ferramenta metodológica que, quando tomado como um procedimento de intervenção, pode promover mudanças efetivas nas crenças, significados e conceitos das pessoas que dele participam (Fávero, 2012).

As principais considerações dessa fundamentação teórica serão retomadas no item: o problema e o método, uma vez que estão no alicerce do procedimento de coleta de dados e de análise de dados desse estudo. Como veremos, assumiu-se a proposta de Fávero (2005, 2007, 2010), e dos trabalhos que se fundamentam nela (Abrão, 2009; Costa, 2006; Oliveira Vieira, 2008), e desenvolveu-se um estudo que deu, efetivamente, voz às participantes na construção dos dados, tal como foi desenvolvido em Fávero e Maracci (2012).

PARTE II: O ESTUDO

O Problema e o Método

O objetivo principal deste estudo foi investigar como o processo de socialização e a construção de papéis de gênero é vivenciada por pessoas do sexo feminino, ao longo do curso de suas vidas. E, em segundo, verificar quais as implicações dessa vivência em relação ao seu desenvolvimento psicológico e as repercussões que podem ser verificadas em suas relações interpessoais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que articula campos de estudos de gênero e estudos feministas inserida na perspectiva defendida por Fávero (2010b), que enfatiza a importância de se considerar as questões de gênero para que se possam entender os processos psicológicos do desenvolvimento dos indivíduos.

A metodologia desse estudo fundamenta-se na tese de Fávero (2005), a qual entende que: “o desenvolvimento psicológico humano se dá na interação entre os aspectos subjetivos, desenvolvimentais e cognitivos dos processos semióticos num contexto psicológico e o fundamento histórico, institucional e ideológico dos sistemas de signos num contexto sociocultural” (p. 17).

Uma tese, portanto, que defende a ideia de uma interação dialética entre o indivíduo e o seu meio sociocultural e que, ao considerar o ser humano como um ser ativo, que constrói seu desenvolvimento de forma permanente, resiste às ideias deterministas tanto de ordem biológica como sociocultural, nas quais se adotam “a impossibilidade de mudanças tanto em relação às nossas atitudes pessoais e interpessoais como na escala mais ampla das instituições sociais” (Fávero, 2010b, p. 13).

Para responder a esta tese, a autora defende uma abordagem metodológica na qual o sujeito da pesquisa tem voz e participa da própria construção dos dados (Fávero, 2005, 2012). Dessa maneira, adotando-se a perspectiva teórica, conceitual e metodológica mencionada, utilizou-se a narrativa para a obtenção dos significados e crenças pessoais, consideradas como paradigmas pessoais por Fávero (2005), tal como exposto na fundamentação teórica.

Os grupos focais deram oportunidade às participantes de interagir e refletir sobre os aspectos comuns obtidos nas narrativas individuais e de concordarem ou não sobre eles. Essa interação no grupo focal também proporcionou a tomada de consciência, tal como ressaltado por Fávero (2012), em sua proposta, no sentido da reelaboração de novos significados e conclusões.

Em suma, a abordagem adotada implica em assumir o desafio metodológico de transformar a situação de pesquisa em uma situação na qual as participantes são engajadas na coleta e na interpretação dos dados.

Sujeitos

Participaram dessa pesquisa quatro mulheres, servidoras públicas federais de uma Universidade da região Centro-Oeste, as quais procuraram atendimento psicológico junto a um setor da comunidade acadêmica, que promove ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida dos servidores da Universidade.

Na Tabela 6 apresentamos as características das participantes da pesquisa, denominadas como Sujeito 1 (S1), Sujeito 2 (S2), Sujeito 3 (S3) e Sujeito 4 (S4). Manteremos essa mesma denominação daqui para frente.

Tabela 6

Características dos Sujeitos da Pesquisa

	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4
Data de Nascimento	29/05/1958	22/11/1956	21/04/1974	28/04/1963
Escolaridade	Superior/ Administração	Superior Administração	Ensino Médio	Superior/ Pós- Graduação Administração
Profissão	Servidora Pública	Servidora Pública	Servidora Pública	Servidora Pública
Estado Civil	Companheiro	Divorciada	Solteira	Casada
Nº.de Filhos	02 filhas	03 filhos	03 filhos	02 filhas
Religião	Católica	Católica	Evangélica	Católica
Estados em que nasceram	Espirito Santo	Pernambuco	Distrito Federal	Minas Gerais
Situação Econômica	Média	Média	Baixa	Média
Estados da Família de origem	Espírito Santo	Paraíba	Piauí	Minas Gerais

Como podemos ver, a faixa etária das participantes variou dos 37 aos 55 anos, sendo que três possuíam escolaridade de nível superior, graduadas na mesma área: administração e uma de nível médio. Durante a pesquisa, uma delas (sujeito 4) havia ingressado no mestrado

profissionalizante. Quanto às funções, a maioria delas exerciam funções administrativas na Universidade, junto a Reitoria, sendo que uma delas trabalhava no Hospital Universitário. Quanto às famílias, todas provieram de cidades do interior, com filhos (média de 2 a 3 filhos), sendo uma casada, uma que informou viver com companheiro, mas que durante a pesquisa estava se separando, uma solteira e outra divorciada. Quanto à classe social, uma se considerava pertencente à classe baixa e as demais se consideravam pertencentes à classe média. Todas informaram possuir uma religião e residir atualmente em cidades da região centro-oeste.

Procedimentos de Coleta de Dados

O procedimento de coleta de dados realizou-se no período de outubro de 2011 a janeiro de 2012, logo após a aprovação do projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (Anexo 1).

As salas utilizadas foram disponibilizadas pelo setor procurado pelas participantes para realização de atendimento psicológico, localizado no Hospital Universitário. Os encontros foram agendados por telefone, verificando-se a disponibilidade com cada uma das participantes.

No primeiro encontro, as participantes foram informadas dos objetivos e dos procedimentos a serem adotados durante a pesquisa e assinaram o termo de consentimento de participação livre e esclarecida (TCLE), conforme consta no Anexo 2, e o termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa (Anexo 3), para os outros encontros. No entanto, julgou-se suficiente apenas a gravação das participantes em áudio e não em vídeo durante a segunda e terceira etapas da coleta de dados. A coleta de dados desenvolveu-se em três etapas consecutivas, cada uma delas fundamentada na análise da anterior e apresentadas a seguir.

Na primeira etapa, o momento das narrativas, solicitou-se às participantes que redigissem um texto com o seguinte tema: “Minha história de vida: de menina até hoje”. Cada participante recebeu material para a escrita e nesse momento coletaram-se também algumas informações pessoais, tais como idade, escolaridade, etc., conforme descrito no item sujeitos e na tabela 6. Nessa etapa, compareceram três participantes da pesquisa, as quais realizaram a tarefa, individualmente, na mesma sala e horário. Agendou-se outro dia e horário para a quarta participante, (S4), a qual realizou a atividade sozinha.

Na segunda etapa, momento das respostas aos dados complementares, as participantes foram convidadas a responder questões particulares, elaboradas a partir da análise de suas narrativas. A intenção, com as questões propostas, foi verificar se a análise era pertinente ou não, perguntando a opinião das participantes e solicitando esclarecimentos sobre alguns pontos de suas narrativas.

As questões foram digitadas em papel A4 e apresentadas individualmente a cada participante em horários diferentes e em ambiente privado, solicitando-se que as suas respostas

fossem gravadas. O tempo de gravação foi bem variado entre as participantes, sendo que S1 gravou suas respostas em 14min 33s; S2 em 2min 8s; S3 em 11 min e S4 em 42min 58s.

As questões apresentadas para cada uma das participantes foram:

Sujeito 1

1. Quando ou em qual circunstância você se deu conta de que era uma menina e não um menino?
2. Como sua mãe sobreviveu economicamente para criar 12 filhos? Teve ajuda da família? Foi trabalhar fora? Desenvolveu uma atividade rentável em casa?
3. Como suas irmãs vieram para Brasília? Sua mãe, depois de viúva, lidou com vocês de modo menos rígido do que o que você relata no início, onde você define os papéis para homens e mulheres?
4. Quem providenciou toda esta transição para facilitar os estudos de suas irmãs e o seu? Foi sua mãe? Como?
5. Você se lembra de uma frase bem típica de sua mãe? Como você a descreveria hoje, tomando-a como pessoa e não apenas como mãe?
6. Por que na sua narrativa você não fala quase nada da sua escolarização? O que você poderia nos contar sobre ela, isto é, sobre sua história escolar? Por exemplo, que matérias gostava mais, de quais professores(as) gostava mais, o que pensava em ser quando crescesse e se tornasse adulta? E assim por diante.
7. Você faz a seguinte afirmação: “Hoje tenho mais firmeza nas minhas decisões e sinto-me mais livre e segura como mãe e mulher”. O que significa esta afirmação?

Sujeito 2:

1. Quando ou em qual circunstância você se deu conta de que era uma menina e não um menino?
2. Você inicia sua narrativa com uma frase: “Considero bastante difícil falar da minha vida desde menina até hoje em tão pouco tempo”. Por favor, releia o que nos narrou e grave tudo o que lhe vier à cabeça e que não deu tempo na primeira ocasião.
3. Por que na sua narrativa você não fala quase nada da sua escolarização? O que você poderia nos contar sobre ela, isto é, sobre sua história escolar? Por exemplo: que matérias gostava mais, de quais professores (as) gostava mais, o que pensava em ser quando crescesse e se tornasse adulta? E assim por diante.
4. Desta segunda vez lembrando-se e narrando sua história, você se deu conta de algo que não tinha se dado conta antes? Poderia nos relatar?

Sujeito 3:

1. Quando ou em qual circunstância você se deu conta de que era uma menina e não um menino?
2. Você narra que: “Com sete anos comecei a perceber de uma forma não muito consciente um carinho incômodo por parte de um tio... sua presença me incomodava muito”. O que quer dizer carinho incômodo? Incômodo por quê?
3. Mais para frente na sua narrativa você usa o termo “assédio” em referência ao seu tio. Em que sentido você usou este termo?
4. Você narra que: “Minhas primas tinham muita inveja... passei por muitas humilhações”. Porque elas tinham inveja? Inveja de que? A que tipo de humilhação você se refere?
5. Você narra que: “Aos 19 anos fiquei grávida do meu primeiro filho... fiquei grávida outra vez”. Como isto aconteceu Você tinha conhecimento de método para evitar a gravidez? Esta possibilidade, tanto de evitar, como de engravidar havia sido discutida com os seus parceiros?
6. Por que na sua narrativa você não fala quase nada da sua escolarização? O que você poderia nos contar sobre ela, isto é, sobre sua história escolar? Por exemplo, que matérias gostava mais, de quais professores (as) gostava mais, o que pensava em ser quando crescesse e se tornasse adulta? E assim por diante.
7. Você faz menção à sua separação depois de três anos de convivência. Poderia esclarecer o motivo da separação?

Sujeito 4

1. Quando ou em qual circunstância você se deu conta de que era uma menina e não um menino?
2. Poderia nos responder como hoje você vê os dois fatos que você relatou e que retomamos abaixo?

A minha infância foi muito controlada, especialmente pelo pai, para o qual parece que tudo era proibido. Ele controlava a minha comida, para onde eu ia, o comprimento dos vestidos e do cabelo e por aí vai... Esse controle se estendia a gastos, ou seja, parecia que tudo era difícil e não se podia gastar. Acho que é por isto que hoje sou muito econômica, quase miserável.

“A despeito da tanta proibição com gastos, meu pai era generoso em nos proporcionar alguns luxos. Por exemplo, tivemos a 1ª televisão da rua em que morávamos, no interior; meu pai comprava inúmeros livros de escola, de histórias, etc.”.

3. O que significa a expressão: “Meu cabelo não era bom”. Como você entende isso hoje?
4. Como você vê seu pai e sua mãe como pessoas?
5. Como e quando descobriu o que era a menstruação?
6. Você narra que: “Também quis namorar muito cedo, para os padrões da época, o que era também muito controlado pelo meu pai. Tive uma paixão estorpecida pelo meu primeiro namorado”. O que quer dizer este “Muito cedo” e como namorou apesar do controle referido? Como era este controle? Quais métodos de controle eram usados?
7. Você narra que: “Sentia meu espaço e minha liberdade cada vez mais invadidos e com a sensação de que ninguém ligava para mim, de que ninguém cuidava de mim”. Como você vê isso hoje?
8. Você narra que:

Tive muita solidão e tristeza nessa época, até entrar na faculdade, quando as coisas melhoraram, embora pouco. Não conseguia arrumar um namorado e nem firmar com qualquer outro rapaz, que se interessasse por mim. Tive problemas de peso nesta época. Sentia-me gordinha, feia, de cabelo feio, o que me afastava ainda mais das pessoas.

Como você vê isso hoje? Isso mudou? Se sim, quando e como isso mudou?
9. Você narra sobre seu atual marido que:

Ele era *caliente, assanhado*, fumava, tinha cabelos compridos e era ousado. Só não transamos antes de nos casarmos, porque tinha como projeto me casar virgem (uma bobagem!). Namoramos durante quatro anos, na maioria das quais ele me deixava insegura sobre seus reais sentimentos. “Não demonstrava, a meu ver, muito interesse em estar comigo”. A princípio parece contraditório. Poderia esclarecer?
10. Por favor, explique a afirmação: “Do nosso relacionamento sexual, lembro-me de ter me conformado com tudo, mesmo sabendo que tinha esperado demais”.
11. Por favor, explique melhor as frases:

Superados os problemas com nossa segunda filha, seguiu-se uma fase mais normal, mas na qual eu passei a ser também a provedora financeira da casa, pois tive melhoras no trabalho, e ele teve piores. No começo, isso não me atingia muito, mas hoje temos algumas discussões por causa disso.
12. Por favor, explique melhor as frases: “Com a menopausa veio, por ironia, uma fase de grande desinteresse sexual, o que está desestabilizando muito meu casamento. Fazer sexo sem querer tem sido, às vezes, torturante para mim”. Por que ironia? Por que fazer sexo sem querer?

13. Você narra que: “Ter a paciência que sempre tive com meu marido e filhas têm sido cada vez mais difíceis”. O que quer dizer ter paciência? Por que sempre a teve? O que a levava a ter paciência? Por que agora é difícil?
14. Por que na sua narrativa você não fala quase nada da sua escolarização? O que você poderia nos contar sobre ela, isto é, sobre sua história escolar? Por exemplo: Que matérias gostava mais, de quais professores (as) gostava mais, o que pensava em ser quando crescesse e se tornasse adulta? E assim por diante.
15. Seria possível nos dizer o que veio a sua cabeça ao responder a estas questões? Sobre o que está refletindo nesse momento?

Na terceira etapa, momento do grupo focal, realizaram-se três sessões em um curto intervalo de tempo (de 18 a 25/02/2012). Na primeira sessão, a experimentadora apresentou, com o auxílio de projeção em Power Point, os principais temas comuns aos textos produzidos nas primeiras e segundas etapas da coleta de dados, convidando o grupo a discuti-los.

Tratou-se inicialmente de cinco temas consensuais, os quais foram abordados ao longo das três sessões de grupo focal. Dessa maneira, na primeira sessão, a experimentadora apresentou os cinco temas para o grupo. Na segunda sessão, fez uma revisão rápida do encontro anterior, indicou ao grupo em qual tema havia parado a discussão anterior e apresentou dois temas novos obtidos na análise da primeira sessão do grupo focal.

Na terceira e última sessão, a experimentadora finalizou a discussão dos temas dando um fechamento ao grupo. O tempo médio de duração das sessões de grupo focal foi de 90 minutos. Todas as sessões foram registradas em áudio e transcritas posteriormente para análise.

Procedimentos de Análise de Dados

A transcrição de cada narrativa foi tomada como um texto tal como proposto por Fávero (1995, 2001b, 2005), Fávero e Mello (1997), e Fávero e Trajano (1998), conforme é descrito por esta autora a seguir:

Tomamos a fala dos sujeitos como um texto, no sentido defendido por Lotman (1988), ou seja, como um veículo mediador de um determinado conteúdo, de um pensamento que se verbaliza, em referência a um texto maior, sociocultural, no qual ele se insere. Considerando, então, o texto subjetivo, dentro da perspectiva da semiótica da cultura, como sugeriu Bakhtin (1992), tomamos a proposição como unidade de análise. Em outras palavras, convertemos o conteúdo da fala transcrita em proposições que, em última análise, é o mesmo que extrair de uma forma linguística mais complexa o parágrafo, por exemplo, os sentidos nela implícitos, através de uma forma linguística mais simples: a frase afirmativa. (Fávero & Mello, 1997, p. 133)

Construíram-se tabelas para cada uma das narrativas obtidas. Na primeira e segunda coluna da esquerda, temos a enumeração dos trechos das narrativas e a sua transcrição na íntegra. Na coluna do meio, foram dispostas as proposições extraídas do conteúdo das narrativas e na coluna da direita, os comentários, isto é, uma análise do significado dessas proposições.

Utilizou-se o mesmo procedimento de análise para os dados obtidos na segunda etapa da coleta: respostas aos dados complementares. As transcrições das gravações dessas respostas seguiram o modelo internacional para transcrição de discurso, conforme proposto pelos autores Tian, Jimarkon e Singhasiri (2011). Apresentamos a seguir os símbolos usados nas transcrições e suas descrições:

- S1, S2, S3, S4: Sujeito 1, Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4
- E: Experimentadora
- Letras maiúsculas: Tom enfático na fala do sujeito
- (...): Três pontos indicam pausa na fala do sujeito
- {}: Comentários do transcritor
- <>: Indicação de fala sobreposta, de que a fala foi tomada por outro sujeito do grupo.
- @: Riso do interlocutor
- (@): @ em parênteses indica risos em grupo dos sujeitos
- @@@@: Um ou mais “@” indicam a intensidade do riso do interlocutor

A análise das narrativas e respostas aos dados complementares evidenciou temas comuns relatados com frequência pelas participantes da pesquisa. Esses temas serviram como pontos para reflexão e discussão na primeira sessão do grupo focal.

Cada uma das três sessões de grupo focal foi transcrita na íntegra, seguindo o modelo de transcrição de discurso, conforme proposto por Tian et al. (2011).

Procedeu-se à análise das interlocuções tomando-se os atos da fala como unidade de análise. Realizou-se a análise dos atos da fala por meio das esferas e suas respectivas categorias, como retomados por Fávero (2007), da proposta de Chabrol e Bromberg (1999), as quais são:

1. Esfera da Informação - que corresponde a todo ato da fala que visa descrever, categorizar, definir, considerar os objetos do mundo e sua relação de maneira não avaliativa. Suas categorias são: informar, exemplificar, confirmar, infirmar, retificar, exemplificar, explicitar e citar.
2. Esfera da Avaliação - que corresponde a todo ato da fala que exprime um julgamento de valor ou uma apreciação. Suas categorias são: avaliar, tomar posição, dar um aviso, validar, invalidar, justificar e criticar.
3. Esfera da Interação - que corresponde a todo ato da fala que visa à colaboração das identidades dos parceiros e a cogestão das suas relações. Suas categorias são:

cumprimentar, desaprovar, acusar, reconhecer, (se) escusar, complementar, conformar, desmentir, desafiar, atenuar, acentuar e contestar.

4. Esfera Acional - que corresponde a todo ato da fala que propõe o fazer, que incita e exorta o fazer e o engajamento. Suas categorias são: propor, incitar, exortar, (se) engajar e declarar.
5. Esfera Contratual - refere-se a todo ato da fala que visa regular a comunicação em função dos objetivos, dos jogos de ações e do contrato de comunicação, da gestão de contrato, das distâncias entre os objetivos, da duração das interlocuções. Explicações de porque se está lá, dos objetos temáticos e de sua pertinência, das normas do grupo, da gestão de atividades e tomada da palavra.

Os resultados dessa análise foram estruturados em forma de tabelas, sendo uma tabela para cada sessão de grupo focal. As tabelas foram divididas em quatro colunas. Na primeira coluna, temos a enumeração dos trechos das interlocuções para facilitar a sua localização. Na segunda coluna, temos as transcrições dos extratos dos atos da fala, os quais geraram elementos para discussão. Na terceira coluna, temos as esferas nas quais os atos da fala se situam e, na quarta coluna, apresentamos as respectivas categorias dos atos da fala.

No método de análise proposto por Fávero (2012), “os resultados de uma sessão fornecem os subsídios para a definição dos objetivos da sessão seguinte” (p. 107), ou seja, a análise das interlocuções produzidas em uma sessão de grupo focal define o foco da sessão seguinte. Dessa maneira, novos temas foram identificados além dos cinco primeiros e serviram como pontos de discussão para a segunda e terceira sessões.

PARTE III: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Dados Obtidos na Primeira e Segunda Etapa

A seguir são apresentados os resultados obtidos nas narrativas e respostas aos dados complementares de cada uma das participantes da pesquisa, organizados em forma de tabelas específicas, conforme descrito na parte II desse estudo. A cada tabela segue uma discussão respectiva a respeito dos dados mais relevantes.

Tabela 7

Análise da Narrativa do Sujeito 1 (S1)

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
1.	Nascida no interior do ES, família humilde, descendente de italianos e com muitas tradições da Itália.	<ul style="list-style-type: none"> – Nasci no interior. – Venho de uma família humilde. – Fui criada dentro das tradições italianas. 	S1 refere-se as suas origens: cidade do interior, família humilde, descendência italiana, guardando tradições italianas.
2.	A mulher era preparada para o casamento. O Homem herdava terras e a mulher, máquina de costura e enxoval para o casamento.	<ul style="list-style-type: none"> – A mulher era criada para se casar. – Os filhos homens herdavam os bens. – As mulheres herdavam a máquina de costura e o enxoval para se casarem. 	S1 se refere às diferenças entre a criação das filhas e dos filhos da sua família. Ressalta a diferença do que era atribuído a cada um como herança.
3.	As escolas tinham até a 5ª. Série. Meus irmãos mais velhos saíam para estudar em colégios de padres, freiras. Sou a caçula de onze irmãos.	<ul style="list-style-type: none"> – Os estudos iam até a 5ª série. – Os irmãos mais velhos saíam primeiro para continuar os estudos. – Meus irmãos iam estudar em colégios católicos. – Sou a última filha. 	S1 informa que para continuar os estudos os filhos eram enviados aos colégios católicos em outra cidade.
4.	Minha mãe ficou viúva com o acidente de carro em que eu estava e mamãe educou os filhos com bastante preocupação, carinho e sempre muito calada.	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe ficou viúva. – Eu estava no acidente de carro em que meu pai morreu. – Minha mãe nos educou com preocupação. – Ela nos criou com carinho. – Minha mãe não falava muito. 	S1 informa que a mãe ficou viúva e educou os filhos. Ressalta que a mãe era uma pessoa calada.
5.	Saí de V.N. I para C.I., na casa da minha irmã I. com 18 anos, para ingressar na Faculdade de	<ul style="list-style-type: none"> – Saí de casa aos 18 anos para estudar. – Fui morar na casa de minha irmã. 	S1 informa que sai de casa para continuar os estudos, mudando-se para a casa da irmã.

	Administração. Nesta época cuidava dos meus sobrinhos durante o dia e estudava a noite.	<ul style="list-style-type: none"> – Estudei administração. – Estudava a noite e cuidava das crianças durante o dia. 	Frequenta apenas dois lugares, a casa da irmã de dia, e a Faculdade à noite.
6.	Vim pra Brasília, morar com minhas três irmãs em 1981. Trabalhei na iniciativa privada durante 12 anos numa mesma empresa.	<ul style="list-style-type: none"> – Mudei de cidade. – Fui morar com minhas irmãs em Brasília. – Trabalhei por muito tempo numa mesma empresa. 	S1relata suas mudanças quando sai para estudar e trabalhar. Morando junto com as irmãs mais velhas.
7.	Em 1990 conheci meu atual marido. Engravidei, em 92 nasceu G.. Neste mesmo ano fomos morar juntos. Em 94 nasceu a N. Nesta época tinha me desligado da empresa e estava sem trabalhar. Ingressei na UNB em 1995	<ul style="list-style-type: none"> – Conheci meu marido em 1990. – Tivemos uma filha dois anos depois. – Resolvemos morar juntos. – Dois anos depois nasceu outra filha. Parei de trabalhar. – Voltei a trabalhar um ano depois na Universidade. 	Comenta de seu marido. De como formou a sua família. Não se casou, apesar das tradições e zelo que havia em sua família, passando a morar junto em função da gravidez da primeira filha. Parou de trabalhar em função do nascimento das filhas. Volta a trabalhar quando a filha menor tem um ano.
8.	Minhas filhas eram as primeiras netas por parte de pai e a família do V. participava presencialmente bastante das nossas vidas. Sempre fui muito ligada com duas das irmãs, mas com a distância física nos víamos poucas vezes ao ano e frequentemente falávamos via fone.	<ul style="list-style-type: none"> – Minhas filhas foram as primeiras netas na família de meu marido. – A família dele estava sempre presente. – Sempre fui ligada a minhas irmãs e a minha família. – Não podia vê-las com frequência. – Falávamos por telefone. 	S1informa que a família do marido está sempre presente na vida dela com marido e filhas. Referindo-se a uma presença constante. Comenta da sua ligação com as irmãs mais velhas e da distância que impede que convivam com mais frequência.
9.	Minha vida estava tranquila e calma até entrar na adolescência da G. Hoje analisando com mais calma, percebo claramente que tanto eu quanto o pai não estávamos preparados para enfrentar esta fase. Houve agressividade, desobediência, autoritarismo... tudo saiu dos eixos.	<ul style="list-style-type: none"> – Minha vida era calma. – Os problemas começaram com a adolescência de minha filha. – Eu não estava preparada para enfrentar a adolescência da minha filha. – Meu marido também não. 	S1relata mudanças na vida familiar e o surgimento de conflitos com a adolescência da filha. Avalia sua atuação e do marido frente a essa situação, concluindo que perderam o controle.

		<ul style="list-style-type: none"> - -Tivemos problemas de comportamento. - Perdemos o controle. 	
10.	<p>Procuramos vários especialistas: psicólogos, terapia em família, psiquiatra, mas muitas decepções.</p> <p>Passados três anos parece que a poeira está baixando e com minha terapia parece que tudo está se encaixando. Hoje tenho mais firmeza nas minhas decisões e sinto-me mais livre e segura como mãe e mulher.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Procuramos atendimento médico. Tivemos muitas decepções. - As coisas estão se acalmando. - A minha terapia está me ajudando a ser mais firme. - Sinto-me melhor como mãe e mulher. 	S1 relata uma fase difícil vivida em família e a necessidade de buscar apoio médico para resolver os problemas. Não esclarece quais foram as decepções. Comenta que os problemas familiares acalmaram e que a terapia a ajudou a se sentir mais segura em relação ao seu papel de mãe e de mulher.
11.	<p>Tenho muito que aprender, estudar e sonho ver minhas filhas felizes e realizadas ao lado do meu marido.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tenho muito coisa para aprender. - Quero estudar. - Gostaria de ver minhas filhas felizes e em família. 	S1 fala de seus projetos de estudos, sua vontade de aprender. Gostaria de ver a família feliz, com filhas realizadas e de permanecer em família.

Nota. A narrativa foi escrita em 27/10/2011.

Tabela 8

Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito1 (S1)

Trecho	Transcrição da Gravação	Proposição	Comentário
1.	Questão número um... eu acho que eu sempre, desde que me entendo por gente, eu achei que eu era uma menina.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sempre achei que era uma menina. – Achei que era uma menina desde que me entendo por gente. 	S1 não tinha dúvidas de que era uma menina.
2.	Apesar de que eu gostava muito de fazer o que os meus primos, os meus menino... Os meus irmãos faziam, quando eu era criança. Tipo, ser mais esperta, sei lá, alguma coisa assim que eles queriam fazer, e eu achava legal eles fazerem, que a mulher era sempre mais para cuidar das coisas dentro de casa.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu gostava de fazer coisas de meninos quando era criança. – Ser esperta é legal. – Os meninos fazem coisas legais. – A mulher cuida das coisas e fica dentro de casa. 	S1 informa que havia tarefas e atividades distintas para meninos e meninas e que as mulheres não faziam coisas dentro de casa. Tinham que cuidar da casa.
3.	Questão número dois. Eu morava na roça, com, minha mãe morava na roça... e eu perdi o pai com 9 anos...ela tinha 11 filhos e sobrevivíamos das atividades de roça, café, milho, feijão.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu morava na roça com minha mãe. – Perdi meu pai aos nove anos. – Minha mãe tinha 11 filhos para sustentar. – Nosso sustento vinha da roça. 	Relata sua vida simples na roça junto a mãe e irmãos. A mãe continuou na roça depois da morte do marido, não saiu para trabalhar fora.
4.	Mamãe nunca trabalhou fora, nunca teve atividade fora de casa. Era trabalho de roça mesmo, com os irmãos e os meus irmãos mais velhos, eles iam estudar fora, em colégios, e os que ficavam em casa, as irmãs que não iam, trabalhavam na roça também.	<ul style="list-style-type: none"> – Mamãe nunca trabalhou fora de casa. – O trabalho era na roça com toda família. – As irmãs também trabalhavam na roça. 	S1 informa que o sustento da família vem da atividade na roça e é executada pelos filhos e filhas. A mãe continua em casa, não vai trabalhar fora para ganhar o sustento da família.

5.	Uma irmã mais velha, não a das mais velhas, mas ela era freira, ela saiu de freira, e veio morar em Brasília, com outra amiga dela, aí trouxe mais duas irmãs, mais velhas do que eu, e depois eu também fiquei estudando lá numa cidade vizinha, Cachoeira do Itapemirim, que eu ficava cuidando das minhas sobrinhas, que a minha irmã morava lá, fiz faculdade lá.	<ul style="list-style-type: none"> - Uma irmã mais velha deixou de ser freira. - Ela foi morar em Brasília com uma amiga. - As irmãs mais velhas foram morar com ela. - Eu fui morar na casa de uma irmã. - Fiz faculdade lá. 	S1 relata que a quando saem de casa para estudar vão residir na casa das irmãs mais velhas. Vivendo junto à família.
6.	Aí... Eu tinha um namorado na época que a gente, depois de cinco anos, a gente terminou, eu ficava numa cidade ele em outra Aí eu vim para Brasília também, que eu fiquei meia deslocada, minha irmã me trouxe pra cá.	<ul style="list-style-type: none"> - Eu tinha um namorado. - Terminei o namoro de 5 anos. - Eu morava numa cidade e ele em outra. - Minha irmã me trouxe para Brasília. 	Fala de um relacionamento longo que não se manteve devido à distância. Foi levada pela irmã mais velha para Brasília.
7.	Deixa... eu ver aqui a pergunta número três... {lendo a pergunta escrita}... Sua mãe depois de viúva lidou com vocês de modo menos rígido que, o que você relata no início, onde você define os papéis para homens e mulheres? Não, minha sempre foi submissa. E meu pai era um líder comunitário, uma pessoa sempre ativa, muito ativa, e a minha mãe sempre foi muito submissa a ele. Mas, assim viviam muito bem.	<ul style="list-style-type: none"> - Minha mãe era muito submissa. - Meu pai era muito ativo. - Minha mãe era submissa ao meu pai. Eles se entendiam. 	S1 refere-se aos papéis masculinos e femininos, em que os homens eram ativos e tomavam as decisões, como líderes enquanto as mulheres se submetiam a eles, aceitando e se conformando com esta situação.
8.	Mas a minha mãe era a calada, só que fazia tudo, e o meu pai era muito ativo mesmo.	<ul style="list-style-type: none"> - Minha mãe era calada. - Minha mãe fazia tudo. - Meu pai era muito ativo. 	S1 descreve a mãe sendo uma pessoa calada e submissa e o pai como ativo. Descreve um padrão de comportamento para homens e mulheres transmitido pelos pais.
9.	Não que ela tenha ficado menos rígida, ela sempre foi, ela nunca teve, palavra forte dentro	<ul style="list-style-type: none"> - Minha mãe foi sempre rígida. - Minha mãe nunca mudou. 	S1 descreve o papel submisso da mãe e ativo do pai. Informa sobre o poder de decisão que

	de casa, assim. O meu pai que tomava as atitudes, as atividades, faziam... A conversa com os filhos era o meu pai, a minha mãe era muito calada.	<ul style="list-style-type: none"> – A palavra da minha mãe não era forte. – Meu pai tomava as decisões. – Meu pai falava com a gente. – Minha mãe calava-se. 	ficava com o pai e não com a mãe.
10.	A questão número quatro. {Lendo a pergunta}...Quem providenciou toda esta transição para facilitar os estudos de suas irmãs e o seu? Sempre foi minhas irmãs mais velhas, sempre. Nunca a minha mãe tomou atitude, ela só falava assim: Olha! Cuidado minha filha! Juízo! Sempre foram algumas das irmãs lá em Cachoeiro, a minha irmã I{cita o nome da irmã}, que eu sou muito ligada a ela, que me levou pra lá.	<ul style="list-style-type: none"> – Minhas irmãs mais velhas tomavam atitude. – Minha mãe nunca teve atitude. – Minha mãe queria que a gente tivesse juízo. 	A mãe é vista como uma pessoa pacata, sem atitude e que se preocupa com a moral das filhas. Não incentiva as filhas a saírem de casa para estudarem. Parece que se não fosse pelas irmãs mais velhas, as mais novas permaneceriam dentro de casa, sem ir adiante nos estudos.
11.	Aqui em Brasília, já tava a minha irmã L.,e já tinha a M., e a M{ outro nome} também que ficaram aqui, então a minha mãe sempre ficava tomando a postura, eu acho que eu sou muito assim também, que os outros faziam.	<ul style="list-style-type: none"> – Minhas irmãs já estavam morando em Brasília. – Minha mãe fazia sempre o que os outros achavam. – Eu sempre faço o que os outros dizem. 	S1 refere-se a sua conduta de obediência em relação às irmãs mais velhas e de dependência, deixando que elas decidam sua vida. Postura semelhante a da mãe de não tomar decisões.
12.	Uma frase questão número cinco, uma frase típica da minha mãe...era assim: Cuidado com que os outros vão falar! E muito ligada à hora. Olha tá na hora disso! Tá na hora daquilo! Muito, muito ligada à hora e uma frase, essa...essa não sai da minha cabeça: cuidado com que os outros vão falar!	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe se preocupava com a opinião alheia. – Ela era rígida nos horários. 	S1 descreve a mãe como uma pessoa rígida, determinada e que se preocupava com a moral das filhas.
13.	Questão número seis, pois é a minha escolarização, engraçado eu fui sempre assim, passei na faculdade, primeira vez que eu fiz o vestibular,	<ul style="list-style-type: none"> – Eu passei no vestibular na primeira vez. – Eu fiz vestibular porque minha irmã me incentivou. 	S1 informa que a decisão de fazer vestibular e faculdade partiram da irmã mais velha. Adota uma postura de obediência e demons-

	<p>porque a minha irmã, a I{nome}, ela me deu vários livros para estudar, para fazer a faculdade, e eu me tranquei dentro de casa, por uns três meses, assim, depois que eu terminei o... a... os estudos lá em V. N., o segundo grau, e aí eu fiquei estudando e passei a primeira vez e fui estudar em C. do I.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Eu estudei muito em casa. 	<p>tra esforço e capacidade nos estudos, porém não ressaltava muito este aspecto.</p>
14.	<p>Depois eu vim para Brasília, e fiquei mais envolvida, pra trabalhar, pra trabalhar e ajudar assim a gente morava em quatro irmãs, e mais estu..., e mais pra trabalhar mesmo, e estudei inglês, alguma coisa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Eu vim pra Brasília mais para trabalhar do que estudar. – Eu morava com minhas três irmãs. 	<p>Muda de idade, porém sempre morando com familiares.</p>
15.	<p>Matéria que eu gostava mais, engraçado que isso eu não me toca, eu gosto mais, matéria assim de voltada à área administrativa, mas não muito, o. a administração é muito matemática, e isso não me apaixona muito, eu gosto mais de executar, assim atividades de...eu não sou muito ligada de ficar atrás de uma mesa, eu gosto de atitudes que movimentem mais o meu trabalho, de gestora, eu gosto de comandar, mas tem uma pessoa que fique na minha retaguarda, que faça uma planilha, que executa certas atividades, que eu... eu comandaria.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Eu gosto da área administrativa. – Eu não gosto de matemática. – Eu gosto de executar, de agir. – Eu gosto de comandar. – Eu preciso de alguém que me dê um suporte. 	<p>S1 demonstra que gosta de comandar, ter atitude e não ficar parada. Evidencia uma identificação mais com as atitudes do pai do que com as da mãe. No entanto demonstra certa insegurança ao comentar que precisa de alguém na retaguarda, lhe auxiliando.</p>
16.	<p>É eu tive professores que eu gostava mais nessa área assim, de administração, é lidar com pessoas. Eu nunca fui assim, pensar o que, que eu vou ser, quando eu vou crescer, qual a matéria, o que, que eu vou executar, é muito engraçado isso, essa pergunta, porque eu nunca pensei</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Eu gostava dos professores de administração. – Eu gosto de trabalhar com pessoas. – Eu nunca pensei no que eu queria ser quando crescesse. – Eu fui criada para ter uma família e ser uma 	<p>S1 informa que foi criada para casar-se e ter uma família, ser uma pessoa dependente e não em termos de profissão, do que ser quando crescesse.</p>

	isso. Parece que eu sempre fui criada para ter uma família e ter alguém, que me deixe... Me deixe...me desse suporte, psicológico, talvez.	pessoa dependente.	
17.	E aí é difícil hoje, é eu pensar, na minha postura de... Comando integral. É difícil isso pra mim. Até nessa pergunta eu estou enrolada para responder a pergunta seis, porque eu nunca me fiz, nunca me vi, de uma pessoa, ah! Eu estou nessa área, porque eu tenho capacidade. Parece que eu tenho mais ao mesmo tempo eu tenho medo de enfrentar.	<ul style="list-style-type: none"> – É difícil dar-me conta que gosto de comandar. – Eu tenho capacidade para comandar, para administrar. – Eu tenho medo de me ver capaz. 	A questão proposta instiga S1 a refletir sobre sua capacidade de comando, de administrar pessoas. A participante relata sua insegurança em exercer sua função de comando.
18.	Então qual a questão, qual a matéria que eu gosto mais? Bom, complicado pra mim, eu fiz um curso, aqui depois na UNB, de especialização, onde eu me dediquei, é Desenvolvimento Gerencial, pela Universidade. Eu me dediquei um ano e meio, pedindo apoio assim do meu marido, ex-marido, não sei por que hoje quando eu vejo, o meu, o que eu escrevi, foi uma situação, que a minha família, ficou tão... tão desestruturada que ele não aguentou, e até hoje eu não consigo tomar as rédeas da minha filha mais velha, com a agressividade, não sei como lidar com ela, e isso eu tenho certeza que isso acabou, com o, que o V., ele não conseguiu ele tá a três meses fora de casa.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu não sei que matéria eu mais gosto. – É difícil responder essa pergunta. – Eu me especializei em desenvolvimento gerencial. – Eu pedi apoio ao meu marido ou ex-marido. – Ele não aguentou e saiu de casa. – Minha família tá desestruturada. – Eu não consigo comandar a minha filha mais velha. 	S1 mostra sua ambivalência: em ser uma pessoa ativa e decidida, que tem o comando, e também sua insegurança, como uma pessoa que precisa ter o aval de uma figura masculina (o marido) para agir dessa maneira. Assume a responsabilidade quanto a desestrutura familiar e atribui a saída do marido de casa a sua incapacidade de resolver os problemas familiares. Arca com as responsabilidades e culpa-se pelos fracassos quanto à educação das filhas.
19.	No início foi impossível, agora está difícil, mas eu acho que é uma questão que eu tenho que passar por isso. É um crescimento pessoal. E precisa disso a minha família, mas do fundo, ao	<ul style="list-style-type: none"> – No início era impossível aceitar essa situação. – Está difícil, mas é necessário passar por isso. – Eu vou crescer com isso pessoalmente. 	S1 descreve a situação difícil de separação do marido. Entendendo ao mesmo tempo, que isso foi necessário e que poderá crescer com essa situação. Demonstra sua ambigui-

	meu estudo, eu ainda penso em fazer o mestrado, mas nunca foi uma coisa, que foi o norte na minha vida. Eu estou seguindo isso por uma questão de, hoje eu vejo até, questão financeira. Eu gostaria muito de ter feito, eu tenho certeza, que eu seria muito capaz de lá atrás ter feito isso, estudar, mais, terminar a faculdade vamo! Fazer mestrado, vamo! Fazer doutorado, mas eu não tive este norte, eu pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> – Hoje penso em fazer mestrado por motivos financeiros. – Eu gostaria muito de ter feito mestrado antes. – Eu não tive essa determinação. 	dade, ao relatar que gostaria de ter feito mestrado antes, que era capaz, mas justifica-se dizendo que não teve uma atitude própria e determinada para que isso acontecesse.
20.	E nem depois que eu casei minhas irmãs também, me desligaram. Olha só como eu estou dependente! De alguém, pra falar alguma coisa que eu tenho que fazer. Eu me vejo nisso, todo o momento da minha vida., toda hora, eu vejo que eu tenho que crescer nesse lado. E não consigo ainda, eu não consigo. Mas pelo ou menos agora eu to percebendo que depende de mim.	<ul style="list-style-type: none"> – Minhas irmãs se desligaram de mim, depois que casei. – Eu preciso de alguém para falar o que devo fazer. – Eu tenho que crescer. – Eu tenho que ser independente. – Eu me dei conta que isso só depende de mim. 	S1 refere-se a sua dependência e da sua necessidade de incentivo para continuar seus estudos de mestrado e doutorado. Dá-se conta de que quer mudar, mas reconhece que é difícil.
21.	A questão número sete você faz a seguinte afirmação: “hoje tenho mais firmeza nas minhas decisões e sinto-me mais livre e segura como mãe e mulher”. Hã @@ ai, ai, acabei de...de dizer que hoje, talvez eu tenha mais firmeza, talvez eu tenha porque a vida está, eu estou apanhando tanto com a vida. Firmeza nas decisões? Eu acredito que hoje eu não tenho tanto assim, mas se eu tiver, e eu estou muito insegura para falar isso, é porque eu estou apanhando demais. Então o que significa essa informação? Sinceramente, o que eu acho que eu escrevi nessa época, hoje eu não escreveria	<ul style="list-style-type: none"> – Eu estou apanhando com a vida. – A vida está me ensinando a ser mais firme. – Eu acho que hoje não estou mais tão firme. – Hoje eu não me sinto tão segura assim. 	S1 não se sente tão segura e firme hoje, pois sua vida mudou. Essa mudança refere-se a o fato de estar separada do marido, fato que ocorreu depois que escreveu sua narrativa.

	dessa forma não.		
22.	. Eu sei que hoje, as minhas filhas são tudo pra mim, e eu estou fazendo, gostaria muito de ter uma família, uma família assim de marido e mulher e filhas, e hoje eu estou assim, não tenho nada disso porque eu não tive firmeza, eu não tive decisão, pra tomar na hora que precisava. Eu não fui capaz, não fui capaz de...ter discernimento pra saber lidar com essa situação de filhos, família, marido.	<ul style="list-style-type: none"> – Minhas filhas são tudo para mim. – Eu gostaria de ter uma família. – Eu gostaria de estar com meu marido e filhas juntos. – Eu não soube se firme e decidia. – Eu não fui capaz de resolver os problemas familiares. 	S1 informa o quanto gostaria de estar na companhia do marido, de ter uma família inteira. E assume a culpa pela não resolução dos problemas familiares.
23.	Às vezes eu penso assim meu Deus eu gostaria que alguém falasse pra mim, porque a minha vida toda foi isso. E agora eu estou vivendo à duras penas, porque eu não consegui, eu não consegui. Eu não me culpo isso não, mas eu não consegui tomar a decisão perante os filhos e hoje eu sou uma escrava da minha filha. Escrava! Da minha filha e meu marido não aguentou e ele saiu.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu gostaria que alguém me ajudasse a decidir. – Eu não consegui ter atitude com os filhos. – Eu sou escrava da filha. – Eu não consegui comandar minha filha e meu marido foi embora. 	S1 queixa-se da sua falta de firmeza e atitude com a filha. Da sua dificuldade em comandar a filha, sentindo-se comandada por ela. Assume novamente a responsabilidade pela saída do marido de casa e atribui a si a responsabilidade de educar os filhos e não ao marido.
24.	Eu corri atrás também de trabalho, importante pra mim era trabalho pra sustentar, talvez o papel de mãe, hoje é muito claro pra mim, papel de mãe, de mulher e de uma pessoa realizada em estudo, me deixa muito a desejar. Mas eu acredito que sempre é tempo... De... Querer, de conseguir, de vencer. E eu me sinto muito, assim capaz assim de... De começar, não tenho pra mim a minha idade, eu tô com 52, 53, eu não sei, pra mim não é importante, o importante é a psicológica, a idade psicológica, que eu	<ul style="list-style-type: none"> – O trabalho para mim é importante. – É importante trabalhar para sustentar a família. – Deixo a desejar como mãe e mulher e como uma pessoa realizada. – Ainda há tempo para vencer. – O importante é querer, – O que importa é a idade psicológica e não cronológica. 	S1 informa avalia sua vida e seus desejos de estudar. Considera isto possível e de que é capaz, mesmo com a idade que está.

	estou mais nova, pra minha cabeça, eu acho.		
25.	Mas eu preciso encontrar um caminho como uma pessoa, de... dos meus estudos, eu tenho uma profissão, é isso que eu quero ser, eu adoro a parte administrativa, mas eu tenho que buscar esse lado, eu preciso buscar o meu lado mulher, e uma mãe, que eu sou, fico totalmente desorientada com as minhas decisões, como mãe, como mulher, e como pessoa. Decisões ou indecisões?	<ul style="list-style-type: none"> – Eu tenho uma profissão. – Eu gosto de ser administradora. – Eu preciso resolver o meu lado mulher e de mãe. – Eu estou indecisa atualmente. 	S1 refere-se a sua insegurança e indecisão quanto ao rumo de sua vida. E de seus planos de resolver sua vida quanto ao seu lado mulher e seu papel de mãe.

Nota. As questões dos dados complementares foram respondidas pelo Sujeito 1 em 15/12/2011. Os Símbolos @@ significam risos, {} comentários feitos pela experimentadora e (...) pausa na fala.

Discussão dos Dados Obtidos na Primeira e Segunda Etapa

Discussão dos dados do sujeito 1 (S1).

A participante S1, na época da narrativa, tinha 53 anos e percebe-se, por sua narrativa e dados complementares, que veio de uma família na qual os papéis de gênero masculino e feminino eram claramente demarcados: papéis tradicionais em que a mulher deveria ser preparada para se casar, cuidar da casa e constituir uma família, enquanto o homem deveria cuidar dos bens da família. Essa determinação de funções para cada sexo fica evidente no trecho 2 de sua narrativa, quando S1 coloca que, nas tradições em que foi criada, as mulheres herdavam a máquina de costura e ganhavam o enxoval para o casamento e os homens recebiam a terra.

Em relação à identificação com os papéis de gênero, constata-se que S1 teve modelos parentais que posicionam a mulher como uma pessoa submissa ao marido, calada, preocupada em manter sua moral, devendo viver em família e em função da família. E o homem como uma pessoa mais ativa, que toma as decisões, o líder, aquele que tem a “palavra forte,” que comanda, conforme se verifica nos trechos 7 a 9.

Observa-se que S1 e seus irmãos receberam uma educação rígida e voltada para as questões morais. Saíram de casa apenas para continuar seus estudos e frequentaram escolas católicas, e algumas das irmãs seguiram o caminho religioso, tornando-se freiras.

Um aspecto que chama atenção é que as mulheres, na família de S1, mudavam-se para a casa de irmãs mais velhas quando saíam para estudar. Isso sugere que elas recebiam apoio para concretizar seus estudos, porém, também seria uma forma de permanecerem junto ao seu grupo familiar (trecho 5).

Esse costume indica, em primeiro lugar, a preocupação de manter a moral e honra das filhas ao saírem de casa, o que é verbalizado pela mãe de S1 quando ela recomenda às filhas “juízo” e cuidado com que os outros vão falar (trechos 10 e 12) e, também, uma determinação do lugar da mulher junto à família. Isso propicia a preparação de S1 para o seu papel feminino principal: de mãe e esposa, podendo contribuir ainda para que ela se torne uma pessoa dependente, sempre filiada a outros, na busca de apoio, consolidando características tipicamente femininas socializadas em nossa cultura.

Essa necessidade de filiação e busca de apoio é tão marcante que se estende ao longo de toda a sua vida, pois, mesmo depois de casada, ela relata a falta que sente de ter suas irmãs por perto, como podemos ver no trecho 20, dando-se conta da sua dependência dos outros. Além do apego à família (às irmãs), S1 relata frequentemente uma ausência de firmeza em suas decisões, reconhecendo que sempre precisa de alguém que lhe diga o que fazer.

Dois fatores podem ter contribuído para esse comportamento: a perda do pai, quando menina, uma pessoa descrita por S1 como um líder, que tomava as atitudes e decisões na família e

o fato de ter sido a filha caçula em uma família de dez filhos. Dessa maneira, conclui-se que S1 acostumou-se que os outros, como o pai e, na falta dele, as irmãs mais velhas, decidissem por ela o que fazer, como, por exemplo: prestar vestibular, fazer faculdade, mudar-se para outra cidade, etc.

Evidencia-se também a importância que S1 atribui à presença de uma figura masculina ao seu lado, pois, conforme relata no trecho 16, foi criada para ter uma família e ter alguém que lhe desse suporte psicológico. Acha difícil pensar no que gostaria de ser quando crescesse, ou em se tornar uma pessoa independente. Tanto assim que finaliza a primeira parte de sua narrativa dizendo que seu sonho é estar em família, com as filhas felizes e ao lado do seu marido (trecho 11, Tabela 7).

Constata-se em sua narrativa que S1 assume seu papel de mãe e o prioriza em detrimento de outros papéis, como o de profissional, o de mulher e o de pessoa. Preocupa-se com o seu desempenho como mãe, responsabilizando-se integralmente pela educação das filhas e pela solução de problemas familiares. Questiona-se e cobra-se quanto a sua eficácia em criar e conduzir sua família.

Percebe-se, dessa maneira, que S1 exerce um papel de mãe dentro da ideia do mito do amor materno, um amor incondicional, que se responsabiliza por todos os atos dos filhos, dedicando-se quase que totalmente a esta função, não deixando espaço para que o marido também possa se envolver e se responsabilizar pela educação das filhas.

A narrativa de S1 sugere que ela adota um modelo de papel feminino que valoriza sua função de dona do lar, que lhe dá o comando da casa, dos filhos e da vida familiar como um todo. Função da qual não pode abrir mão e nem delegar a ninguém, pois é uma ideia que se fundamenta no instinto materno, na crença da naturalização, ou seja, de que essa função compete naturalmente à mulher exercer e não ao homem. Desse modo, não sobram tempo nem espaço em sua vida para que possa se dedicar mais a outros papéis e funções, tais como de pessoa e de profissional.

Quando questionada sobre seus estudos, o que ela pensava ser quando crescesse, sobre sua profissão, S1 encontra dificuldades para responder e parece dar-se conta, nesse momento, de quanto parou de investir nesse aspecto de sua vida. Tornou-se uma profissional capaz, é uma provedora responsável, gosta de administrar e de comandar pessoas no seu trabalho (traços de personalidade que lembram os de seu pai) e acredita em sua capacidade. No entanto, depois que casou, passou a dedicar-se a família de tal modo, que acabou esquecendo-se de si mesma e de levar adiante seus projetos profissionais.

Como ela mesma comenta no trecho 22: “Eu sei que hoje as minhas filhas são tudo para mim” e salienta que, apesar de estar separada, gostaria de ter uma família completa e de voltar a viver com seu marido, valorizando a presença masculina. Percebe-se quanto a separação que S1 atribui à filha o afastamento do marido e a sua incompetência em “dominar” a filha, o que

provocou segundo ela, a saída do marido de casa. Essa reflexão de S1 sinaliza a tendência feminina de culparem-se pelos problemas familiares sem o envolvimento da figura masculina.

O desejo de volta a viver em família de S1 é de fácil compreensão, pois foi criada para viver em família e com alguém lhe dando suporte. Estar sozinha, ser independente, indica ser algo novo e para o qual não foi preparada, não faz parte de sua socialização. Segundo Fávero (2010b), a mulher adere à ideia de que sua felicidade depende do outro, ou como ela mesma coloca: “o conceito de felicidade é construído em relação ao outro” (p. 345). Dessa maneira, conclui-se que a ausência de uma figura masculina pode ter contribuído para que S1 se sentisse infeliz e incompleta.

Tabela 9

Análise da Narrativa do Sujeito 2 (S2)

Trecho	Transcrição da Narrativa	Proposição	Comentário
1.	“Considero bastante difícil falar da minha história de vida desde menina até hoje em tão pouco tempo”.	<ul style="list-style-type: none"> – Acho bastante difícil falar da minha vida. – Acho difícil falar da minha vida desde menina. – É pouco tempo para falar da minha vida desde a infância. 	S2 relata que ser difícil narrar sua vida desde a infância e usa o tempo dado para escrever a narrativa como argumento para essa dificuldade. Podemos dizer também que ela veicula a ideia de que sua história de vida é muito longa.
2.	“Nasci na fazenda, onde permaneci até os meus sete anos. Tive uma infância muito pura e simples, na qual minha mãe era muito presente com tudo e meu pai muito ausente em tudo. Cresci meio que aprendendo a me virar”.	<ul style="list-style-type: none"> – Nasci na área rural e lá permaneci até os sete anos. – Minha infância foi pura e simples. – Eu fui prioritariamente cuidada pela minha mãe. – Meu pai era muito ausente. – Aprendi a me virar. 	S2 faz referência à infância pura e simples sem nos dar dados sobre o significado disso. Ela opõe o cuidado materno à ausência paterna sem esclarecer de que natureza era a ausência do pai, (se física, se relacionado ao cuidado e a atenção ou outro tipo de ausência). Com referência à relação entre essa ausência paterna e o “se virar sozinha” valoriza muito a figura paterna, apesar de frisar a presença constante da mãe. Atribui então o fato de aprender a se virar como a referência à ausência paterna.
3.	Procurei trabalhar muito cedo. Aos 14 anos arranjei emprego em um supermercado e comecei a ganhar meu dinheiro cedo. Fui meio que jogada no mundo para aprender com a vida.	<ul style="list-style-type: none"> – Comecei a trabalhar cedo. – Aos 14 anos comecei a ganhar meu próprio dinheiro. – Fui jogada no mundo. – Aprendi com a vida 	Relata que começou a trabalhar cedo e ganhar seu próprio dinheiro aos 14 anos. Refere-se à falta de apoio ao dizer que foi meio que jogada no mundo e ter que ser independente financeiramente. Não reconhecendo o aspecto positivo de ser independente.
4.	Meu pai muito coronel e minha mãe Amélia.	<ul style="list-style-type: none"> – Meu pai era muito autoritário. – Minha mãe muito submissa. 	S2 faz referência a autoridade do Pai e a submissão da mãe e, marcado os papéis de gênero.

5.	Meu pai viajava o Brasil todo. Conheceu o Goiás e resolveu mudar para cá, acompanhei sem poder opinar. Porém sempre busquei mudar de vida.	<ul style="list-style-type: none"> – Meu pai viajava com frequência. – Vim para Goiás por decisão de meu Pai. – Eu sempre quis mudar de vida. 	S2 informa que as decisões eram tomadas pelo pai e ela e a família se submetiam. Suas opiniões não contavam. Porém sempre procurou mudar essa situação, ou seja, de poder tomar suas próprias decisões.
6.	Em 1976 mudei para Brasília e comecei a me virar de novo, aos trancos e barrancos.	<ul style="list-style-type: none"> – Mudei para Brasília. – Aprendi a me virar sozinha novamente – Aprendi a lidar com dificuldades. 	S2 refere-se a falta de apoio da família da família e de estar sozinha.
7.	Tudo novo, muitas tristezas, muita alegria, uma mistura de muitos sentimentos.	<ul style="list-style-type: none"> – Tudo novo, local novo. Aconteceram coisas boas e ruins. 	S2 relata as mudanças, coisas novas que trouxeram momentos bons e ruins e sua ambiguidade de sentimentos.
8.	Casei em 1980, fui feliz vários anos de minha nova vida. Tive filhos, três, depois fui amadurecendo com a própria vida, querendo sempre ter o meu espaço.	<ul style="list-style-type: none"> – Casei e era feliz em minha nova vida. – Fiquei feliz de ter meus três filhos. – Os anos foram se passando eu sempre quis ter o meu espaço próprio. 	Refere-se a uma vida nova e diferente com o casamento e o nascimento dos filhos. Era feliz nessa vida familiar. Apesar das alegrias, quis ter sempre o seu espaço, a sua própria vida.
9.	De repente achava que estava tudo errado, tinha que seguir em frente, deparei com muitos problemas a serem resolvidos. Divorciei. Sofri muito.	<ul style="list-style-type: none"> – Achava que estava tudo errado. – Problemas surgiram. – Tive que enfrentá-los e acabei me separando. – Isso me fez sofrer. 	S2 relata problemas, os quais ela não deixa claro quais são e que a levaram ao término do seu casamento, indicando que essa decisão de se separar foi difícil de lidar.
10.	Achei que perdi meu tempo querendo mudar o pai dos meus filhos. Decepções mil.	<ul style="list-style-type: none"> – Enganei-me com o pai dos meus filhos, e me decepcionei. – Desisti de querer mudá-lo. 	S2 relata suas decepções com o pai de seus filhos, da sua perda de tempo acreditando que ele poderia mudar. Fala do seu engano e do tempo que perdeu acreditando nessa mudança. Relata muitas decepções, porém não deixa claro quais são exatamente. Refere-se ao pai de seus filhos e não usa a palavra marido. Apresenta uma queixa em relação à criação, e ao papel de pai.

11.	Divorciei e agora vamos lutar para criar, educar os filhos só, emocionalmente e financeiramente.	<ul style="list-style-type: none"> – Tomei uma decisão. – E agora tenho que lutar e me virar sozinha para criar e educar os filhos. – Não tenho ajuda de nenhuma espécie. 	S2 refere-se a sua separação e fato de estar só, para criar os filhos. Não pode contar com a ajuda financeira e nem apoio e presença do marido para educar os filhos.
12.	Abdiquei do amor que tinha pelo pai dos meus filhos para melhor criá-los.	<ul style="list-style-type: none"> – Abri mão do amor que sentia pelo meu marido em favor dos meus filhos. 	S2 coloca marido e filhos em uma situação de oposição. Tem que optar entre o amor ao marido ou ao amor aos filhos. Indica ter feito um sacrifício em prol da educação dos filhos.
13.	O sofrimento me trouxe muita força para tudo. Busquei ajuda na religião, na terapia, nas amigadas e em mim mesma. Consegui superar bastante coisa. Hoje vejo que consegui além do possível. A mulher que sou hoje me deixa orgulhosa e vitoriosa. Continuo buscando sempre o melhor para minha existência como mulher.	<ul style="list-style-type: none"> – Aprendi com a dor a ser forte. – Tive apoio na religião, nas amigas, na terapia e de mim mesma. – Passei por muita coisa, muito sofrimento. Fui vitoriosa. – Tenho orgulho de mim mesma. – Continuo buscando ser feliz como mulher. 	S2 relata que a separação foi um grande sofrimento na sua vida, mas que superou com ajuda de amigos, e recursos como a religião e a terapia. Continua buscando sua felicidade como mulher refere-se ao desejo de ter um novo relacionamento.
14.	Ainda não encontrei o amor da minha vida, continuo buscando.	<ul style="list-style-type: none"> – Quero encontrar um amor, uma pessoa para fazer parte da minha vida. 	S2 relata que precisa de um amor em sua vida para ser feliz. Alguém para compartilhar.
15.	Apesar dos altos e baixos vou sobrevivendo, valorizando cada fase da vida.	<ul style="list-style-type: none"> – Apesar dos problemas, e sofrimentos continuo vivendo. Dou valor à vida e a cada período da minha vida. 	Reconhece os momentos bons e ruins de sua vida, e procura achar uma forma de viver, ou de sobreviver. Aprende a dar valor à vida.
16.	Talvez nem tudo tenha acontecido como eu esperava. Gostaria de ter os filhos mais centrados, tenho problemas com álcool e drogas que ainda não consegui	<ul style="list-style-type: none"> – Nem tudo aconteceu como eu sonhava. – Não planejei ter filhos viciados. – Gostaria que eles fossem mais disciplinados. 	S2 relata sua frustração por problemas de drogas com os filhos. Queixa-se de que eles não são como ela sonhou. Acha que deve resolver esse problema e assumir a responsabilidade.

	resolver (filhos).		
17.	Estou buscando, não desisto nunca. Busco sempre ser feliz e tenho sempre a sensação do dever cumprido	<ul style="list-style-type: none"> - Continuo buscando. Luto para ser feliz. - Cumpri com o meu dever. 	Apesar dos problemas que encontrou na vida, não desiste de ser feliz. Sente que cumpriu seus deveres, como mãe, apesar dos problemas com os filhos.
18.	Não carrego culpas, às vezes muita decepção no dia a dia que vou digerindo, procurando não sofrer muito	<ul style="list-style-type: none"> - Não me sinto culpada. - Sinto-me decepcionada, mas vou aceitando aos poucos. Não deixo o sofrimento tomar conta de mim. 	S2 refere-se aos problemas da vida, como decepções e não se sente culpada pelas coisas que não deram certo. Procura não alimentar culpas e sofrimentos e aceitar os problemas que possui.
19.	Vivendo um dia a cada dia, uma hora a cada hora, um minuto a cada minuto sempre em busca da paz interior e do prazer em coisas simples.	<ul style="list-style-type: none"> - Procuro viver um dia de cada vez. - Procuro me sentir bem comigo mesma e em paz. 	S2 relata que procura viver o dia a dia e ser feliz em pequenas coisas. Indica atitudes de aceitação de problemas e decepções que viveu.

Nota. A narrativa foi escrita por S2 em 27/10/2011.

Tabela 10

Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito 2 (S2)

Trecho	Transcrição da Gravação	Proposição	Comentário
1.	Respondendo a questão número um, eu sempre me dei conta que era menina, porque a minha mãe sempre mostrou isso pra gente. Menino usa camisa e calça, a menina usa vestidinho.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sempre soube que era menina. – Minha mãe mostrou que meninos usam camisa e calça e meninas, vestidos. 	S2 informa que foi ensinada a ver as diferenças entre os sexos pelas roupas, afirmando que sempre soube que era menina.
2.	Então desde que eu me entendi de gente que eu já sabia que era menina. E eu sempre me aceitei como menina.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sempre tive noção de que era menina. – Aceitei-me como menina. 	S2 informa que sempre aceitou o fato de ser mulher.
3.	Com referência a segunda questão, é... É realmente um tempo curto pra gente falar de uma vida inteira, onde tem tantas coisas que às vezes a gente deixa de colocar, mas assim eu considero que os pontos mais importantes eu coloquei.	<ul style="list-style-type: none"> – É difícil falar de uma vida inteira em pouco tempo. – Não falei tudo. – Falei o mais importante. 	S2 teve uma nova oportunidade para falar mais de sua vida, porém não acrescenta dados novos. Ressalta que falou o que era importante.
4.	Com referência a questão número três, é eu realmente não coloquei sobre a escolarização, porque eu priorizei mais assim a história de vida e não dei muito foco nesta área.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu não falei sobre escola. – Preferi falar da minha vida. 	S2 considerou relevante falar de sua vida ao invés da sua história escolar.
5.	Eu comecei a estudar, assim muito nova, porque eu morava em fazenda e eu não tinha muito o que fazer e eu ia para a escola com as minhas irmãs mais velhas. Eu ia assim pra acompanhar, por curiosidade, então eu com cinco, seis anos eu já ia pra a escola	<ul style="list-style-type: none"> – Fui para escola cedo. – Ia para escola por que não tinha o que fazer. – Minhas irmãs me levavam junto pra escola. 	S2 informa que ia para escola por curiosidade e para acompanhar as irmãs. A escola era um lugar para passear e assim sair da fazenda.

	com elas.	<ul style="list-style-type: none"> – Estudava por curiosidade. Comecei a estudara aos 5, 6 anos. 	
6.	Na verdade eu fui alfabetizada muito, muito cedo. E eu gostava muito de... de matemática. Era a matéria que eu mais gostava.	<ul style="list-style-type: none"> – Alfabetizei-me muito cedo. – Gostava de matemática. 	S2 refere-se a sua capacidade de aprendizagem e seu gosto pela matemática.
7.	E como na época ser professora era muito chique, eu sempre quis ser professora. Depois ao decorrer dos anos isso vai mudando e eu sempre gostei muito da área de Psicologia. Não fiz Psicologia, fiz Recursos, é... Gestão de Recursos Humanos, mas a Psicologia é uma área que muito me encanta.	<ul style="list-style-type: none"> – Ser professora era chique. – Eu queria ser professora. – Depois eu mudei. – Passei a gostar de Psicologia. – Cursei gestão de recursos humanos. – Não fiz Psicologia. 	S2 informa que as escolhas profissionais relacionavam-se ao que era valorizado na época. Informa que optou por ser gestora de recursos humanos, mas gosta da Psicologia.
8.	Em resposta a questão quatro, é, não eu me... me, o que eu tinha colocado, eu não tenho assim algo que eu me lembre agora, que eu deixei de relatar, algo que eu considero importante. Obrigada.	<ul style="list-style-type: none"> – Não tenho nada a acrescentar. – Nada que seja importante. 	S2 informa que não tem nada a acrescentar, que falou do que era importante de sua vida.

Nota. As questões aos dados complementares foram respondidas por S2 em 15/12/2011.

Discussão dos dados do sujeito 2 (S2).

A participante S2 tinha 55 anos no momento da narrativa e, por meio dela e das respostas aos dados complementares, verifica-se que foi ensinada desde cedo a diferenciar os sexos por meio de estereótipos que determinavam um padrão de vestimenta adequado e distinto para meninos e meninas. Dessa maneira, como podemos ver no trecho 1 (Tabela 10), as roupas marcam o sexo das crianças, tais como: meninos são aqueles que usam camisa e calça e meninas as que usam vestidos.

Em relação aos papéis de gênero, S2 informa que teve como modelos um pai muito ausente e muito “coronel” e uma mãe muito presente e “Amélia” (ver trechos 2 e 4 da Tabela 9). Essas informações sugerem um modelo masculino de autoridade, em que o homem é quem decide os rumos da família, deixa o cuidado dos filhos sob a responsabilidade da mulher e um modelo feminino, no qual a mulher assume essa responsabilidade e é submissa ao marido.

Ao referir-se a sua mãe como “Amélia”, S2 indica o padrão de feminilidade que existia em sua família e que foi adotado por sua mãe. Um padrão que corresponde a um modelo de mulher característico, do início do século XX, época em que foi escrita a música *Ai que saudades eu tenho da Amélia* (Alves & Lago, 1941), a qual divulgava a ideia de que uma “mulher de verdade” era aquela que se submetia, aceitava tudo e obedecia sempre ao seu marido. Uma mulher dedicada ao lar e que não tinha vaidades.

Percebe-se que S2 procurou traçar uma trajetória diferente de sua mãe, procurando tomar suas próprias decisões e aprendendo desde cedo a ser independente ou, em suas palavras, a “se virar sozinha” (trecho 3 e 6 da Tabela 9). No entanto, observa-se também, que, ao invés de valorizar sua capacidade de ser independente financeiramente, de ter liberdade para decidir sua vida, ela queixa-se frequentemente de estar sozinha e de não ter apoio.

S2 faz referência à ausência do seu pai, que viajava muito e do qual não tinha apoio, na sua infância e mais tarde, à ausência de apoio de seu marido na criação de seus filhos, ao relatar que criou seus três filhos sozinha, sugerindo com isso que se centraliza mais na ausência e, na necessidade da presença de outra pessoa, do que na valorização de suas competências.

Outro aspecto interessante na narrativa de S2 diz respeito ao seu casamento e separação. Ela relata que abdicou do amor que sentia pelo marido para criar melhor seus filhos (trecho 12 da Tabela 9). Esse relato leva a crer que, nesse momento de sua vida, por motivos que não foram esclarecidos, S2 privilegiou o seu papel de mãe, abdicando do seu lado de mulher, de esposa, em favor dos filhos. Esse fato evidencia, portanto, a importância que ela dá ao papel de mãe, como um dever a ser cumprido (trecho 17 da Tabela 9). Um papel de mãe que se enquadra no mito do amor materno. Um amor que impõe sacrifícios, como separar-se do marido que amava e que a incumbia de resolver todos os problemas dos seus filhos, independente de suas idades.

Ela finaliza sua narrativa dizendo que não desiste de buscar o amor de sua vida, que nem tudo saiu como esperava, indicando uma idealização quanto ao tipo de filhos e de marido que gos-

taria de ter tido: um amor romântico e filhos sem problemas. Quanto ao amor romântico, Fávero (2010b) esclarece que em nossa cultura a mulher não foi socializada para viver sozinha e sim para viver nessa expectativa de encontrar um amor perfeito. "Um homem perfeito, um verdadeiro príncipe encantado, que vai lhe fazer feliz para sempre" (p. 346). Dessa maneira, as mulheres internalizam a ideia de que só poderão ser felizes e completas quando encontrarem o outro, como foi relatado em alguns momentos por S2.

Tabela 11

Análise da Narrativa do Sujeito 3 (S3)

Trecho	Transcrição da narrativa	– – Proposição	Comentário
1.	Eu nasci em T/ DF á 37 anos atrás. Filha de mãe solteira morei aqui no DF até completar cinco anos de idade, minha mãe era empregada doméstica e morávamos de aluguel.	– Tenho 37 anos e nasci no DF. – Sou filha de mãe solteira. – Eu morei no DF até completar 5 anos. – Minha mãe era doméstica. – Não tínhamos casa própria.	S3 enfatiza o fato de ter nascido no DF, onde mora atualmente. Relata dificuldade da mãe de criá-la sozinha, ter de trabalhar como empregada e pagar aluguel.
2.	Nesse período mudamos muitas vezes. Moramos alguns períodos em casa de uma prima da mãe, uma tia muito legal, mas minha mãe ficava desempregada com muita frequência, pois além de mim ela teve mais dois filhos, ainda aqui no DF. Como não tinha com quem deixar a gente, ela enfrentou muitos problemas. Sendo assim nos mudamos para o interior do Piauí.	– Mudamos de lugar com frequência. – Tivemos que morar em casa de parentes. – Minha mãe perdia emprego seguido. – Ela tinha muitos filhos. – Ela não tinha com quem deixar os filhos para trabalhar. – Tivemos que voltar para o Piauí.	S3 relata uma infância com dificuldades financeiras, a falta de moradia própria, dificuldade da mãe de trabalhar e criar os filhos, e do seu retorno à terra natal.
3.	Fui morar na roça com o meu avô materno. Lá eu vivi a glória e o inferno ao mesmo tempo.	– Sai da cidade grande e fui morar na roça. – Fui morar com meu avô. – Foi um tempo muito bom e muito ruim ao mesmo tempo.	S3 relata sua mudança de local, de ser deixada pela mãe aos cuidados do avô materno. Não deixa claro o que seria “a glória e o inferno” vivido por ela nesse período.
4.	Meu avô era muito legal, com ele aprendi a discernir o bem do mal e a ler a Bíblia.	– Eu gostava do meu avô. – Ele me ensinou a diferença entre o bem e o mal. – Ele me ensinou a ler a Bíblia.	O avô de S3 indica ter sido uma pessoa importante na vida dela. Ensinou coisas boas, da vida. Deu uma orientação religiosa. Pelo seu relato o avô exerce uma função de pai e de educador em sua vida.

Trecho	Transcrição da narrativa	– – Proposição	Comentário
5.	Minha história predileta era a de José do Egito que foi vendido pelos irmãos como escravo e depois ele acabou virando vice-rei de todo o Egito.	– Gostava da história do José do Egito. Ele foi traído pelos irmãos. – Ele era escravo e depois virou vice-rei.	S3 indica identificação com o personagem Bíblico, que foi traído, criado longe da família, e passou o trabalho na vida. Era escravo, e depois se tornou uma pessoa importante.
6.	Bom eu convivi com o meu avô até os meus 11 anos, mais ou menos. Ele era meu amigo, com ele aprendi a plantar e colher e coletar frutas e mel nas matas era muito bom.	– Eu morei com meu avô por sete anos. – Ele gostava de mim. – Aprendi muita coisa com ele. – Foi um tempo muito bom.	O avô aparece como um pai para ela, uma pessoa que lhe deu afeto e a cuidou por um período. Ensinou práticas de roça para garantir sua subsistência, ou seja, para não passar fome. Não fala da mãe, a qual a deixou sob os cuidados do avô.
7.	Com 7 anos comecei a perceber de uma forma não muito consciente um carinho incômodo por parte de um tio, que era marido da irmã de minha mãe e então comecei a fugir dele sempre que possível, pois a sua presença me incomodava muito, todo aquele carinho exagerado me enojava, mas a situação era muito complicada.	– Aos sete anos percebi algo errado nos carinhos de meu tio. – Eu não gostava desse carinho. Eu não tinha noção do era. – Eu fugia dele. – Ele era da família. Tinha nojo daquele carinho.	S3 relata situação de abuso sexual sofrida por parte de um tio aos sete anos de idade. E da dificuldade para sair dessa situação uma vez que ele era da família.

Trecho	Transcrição da narrativa	<ul style="list-style-type: none"> – – Proposição 	Comentário
8.	Pois eu que ajudava a minha mãe com todas as tarefas de casa, ela trabalhava na roça, para que tivéssemos comida em casa e eu cuidava dos meus três irmãos.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu cuidava da casa e dos meus irmãos. – O trabalho da minha mãe era na roça. – Ela plantava para gente ter o que comer. 	S3 fala das tarefas, de cuidar da casa e dos irmãos desde pequena. Tinha que ajudar a mãe, que trabalhava na roça. Um serviço pesado, mas que garantiria a comida da família. São tempos difíceis, de falta de emprego e de dinheiro, vividos em sua infância. A mãe cria os filhos, sozinha, não tem a presença do pai das crianças. S3 é obrigada pelas circunstâncias a exercer o papel de mãe de seus irmãos menores.
9.	Quando nos mudamos, meu irmão do meio era pequenino e nossa mãe nos deixou com minhas tias e voltou para o DF para trabalhar e quando retornou para o Piauí, 6 meses após, ela já estava grávida do meu 3º. Irmão.	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe deixou a mim e meu irmão pequeno. – Fomos morar com uma tia. Minha mãe foi trabalhar. – Minha mãe ficou grávida novamente. 	S3 informa outra mudança para casa de parentes. Fala do abandono da mãe em função da busca de trabalho e da família que cresceu com a nova gravidez da mãe. Não menciona o pai dos filhos, dando a entender que a mãe continuava criando seus filhos, sozinha.
10.	Elas judiavam de nós, batiam muito no meu irmão M. e o pequeno ficava largado. As minhas primas e primos também judiavam da gente. Minhas tias deixavam a gente até com fome e jogavam nossas roupas fora para não lavá-las e as outras davam para as nossas primas.	<ul style="list-style-type: none"> – Minhas tias nos maltratavam. – Batiam no meu irmão. – Meu irmão menor não era cuidado por elas. Passamos fome. – Sofremos maus tratos nas mãos de minhas tias e primas. 	S3 relata a falta de cuidado das tias com ela e os irmãos. Da fome, falta de higiene, dos maus tratos sofridos. De uma situação de abandono por parte da mãe na sua busca por emprego.

Trecho	Transcrição da narrativa	– – Proposição	Comentário
11.	Bem voltando ao assédio do meu tio, à medida que fui crescendo tudo piorava ele não me dava paz a não ser quando tinha o meu avô por perto ou outro adulto. Para completar minhas primas tinham muita inveja e faziam todo tipo de intriga. Passei por muitas humilhações.	<ul style="list-style-type: none"> – Fui assediada pelo meu tio. – À medida que eu cresci o assédio aumentava. – Ele só se afastava quando meu avô ou outro adulto estava perto. – Minhas primas tinham inveja de mim. – Fui muito humilhada. 	S3 refere-se ao assédio do tio, que piorava à medida que ela crescia. Informa que os adultos e o avô não percebiam a situação. Relata a inveja das primas quanto ao carinho que recebia do tio.
12.	Com 12 anos, depois da morte do meu avô, fui trabalhar na cidade como doméstica.	<ul style="list-style-type: none"> – Meu avô morreu quando eu tinha 12 anos. – Comecei a trabalhar de doméstica. 	S3 informa que foi criada pelo avô até os 12 anos. E teve que trabalhar depois da morte dele, sugere que perde o apoio e a única proteção que tinha.
13.	Aos 19 anos fiquei grávida do meu 1º filho. O pai não assumiu a criança, mas minha mãe me acolheu.	<ul style="list-style-type: none"> – Fiquei grávida cedo, aos 19 anos. – O pai não assumiu. – Minha mãe me aceitou. 	S3 é mãe solteira assim como a mãe. O pai da criança não assumiu, porém é acolhida pela mãe.
14.	Aos 21 anos voltei a morar no DF, continuei trabalhando como doméstica e logo fiquei grávida outra vez, mais uma vez só tive apoio da minha família e levei o bebê para minha mãe cuidar junto com o outro que tinha ficado. Isso me deixou muito triste.	<ul style="list-style-type: none"> – Retornei ao DF aos 21 anos. Continuei sendo doméstica. – Fiquei grávida de novo. – Não tive apoio do pai da criança, só da minha mãe. – Tive que deixar meus filhos com a minha mãe. – Fiquei triste de deixar meus filhos. 	S3 relata ter ficado grávida novamente, e de mais uma vez estar sozinha para criar os filhos, contando só com a ajuda da mãe. Relata sentir-se mal por ter que deixar os filhos sob os cuidados da mãe, de ficar longe e não poder criá-los. Repetindo a história vivida por sua mãe quando ela era pequena.

Trecho	Transcrição da narrativa	– – Proposição	Comentário
15.	Aos 22 anos voltei a estudar concluí o 1º e 2º Grau com muito custo, mas beleza. Em 2003 comecei a trabalhar no HUB, meu primeiro emprego fora da casa dos outros.	– Concluí meus estudos com dificuldade. – Comecei a trabalhar no HUB. Meu primeiro emprego sem ser doméstica.	S3 narra as suas dificuldades para completar os estudos e de sua satisfação em poder trabalhar num emprego que não fosse como doméstica.
16.	Em 2005 trouxe minha mãe e os meus filhos para morar em Brasília comigo.	– Trouxe minha família para Brasília para morarmos todos juntos.	Consegue reunir a família, sua mãe e os filhos que tinha deixado sob os cuidados da mãe. Indicando o quanto lutou para conseguir isso. E ao mesmo tempo de como era importante ter a família reunida.
17.	No final de 2006 conheci um rapaz com quem namorei. Engravidei, morei com ele 3 anos. Atualmente estou separada morando com os meus filhos e minha mãe mora no mesmo lote, na casa dos fundos e apesar de toda a dificuldade sou mais feliz hoje.	– Namorei um rapaz. – Engravidei novamente. – Moramos juntos por 3 anos. – Hoje estou separada. – Moro com os meus filhos. – Minha mãe mora perto. – Sou feliz por estarmos todos juntos.	S3 relata que apesar de estar separada, está com a sua família: mãe e filhos, todos juntos, no mesmo lugar e sente-se feliz por ter conseguido reunir sua família.

Nota. As questões aos dados complementares foram respondidas em 15/12/2011

Tabela 12

Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito 3 (S3)

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
1.	{S3 suspira fundo}...Primeira questão. Me dei conta de que era uma menina e não menino quando eu tinha uns seis anos de idade e ganhei um vestido cor de rosa tomara que caia. Amava este vestido. Me sentia a menina mais linda do mundo.	<ul style="list-style-type: none"> – Dei-me conta que era menina aos seis anos. – Dei-me conta por que ganhei um vestido, cor de rosa. Eu me achava bonita. 	S3 percebe a diferença de sexo por estereótipos vinculados a roupas e cores. Parece ter sido socializada pensando que as meninas devem cuidar da aparência e de sua beleza física.
2.	Segunda questão. O modo incômodo como o meu tio me acariciava e tentava ficar perto de mim todo tempo me causava repulsa. Né aquele carinho persistente de querer tá sempre perto de mim, de querer tá sempre comigo, de me pegar no colo, de passar a mão no meu corpo às vezes me incomodava, me incomodava muito.	<ul style="list-style-type: none"> – Não gostava dos carinhos do meu tio. – Eu tinha nojo dos carinhos dele. – Não gostava que ele passasse a mão no meu corpo 	S3 relata os carinhos do tio que deixam claro a situação de assédio, no entanto não dá mais detalhes se sofreu abuso sexual, estupro ou não.
3.	Em relação a assédio. Ele me perseguia e ia em todos os lugares onde eu estivesse principalmente se eu estivesse sozinha. Sempre, eu tentava fugir, mas ele tava sempre disposto a ir atrás de mim onde quer que eu estivesse. Depois de um tempo começou a interferir nas minhas relações com outras pessoas, inclusive quando fiquei mocinha com namorado.	<ul style="list-style-type: none"> – Ele vivia atrás de mim. – Queria estar a sós comigo. – Ele não queria que eu tivesse namorados. 	S3 relata a perseguição do tio e suas intenções de abuso.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
4.	Questão quatro em relação à inveja das minhas primas. Eu sempre era muito elogiada por ser bonitinha e educada. Eu tinha um pensamento diferente das outras meninas que queriam casar e viver lá mesmo no interior, eu sempre falava que queria ser empresária, estudar muito, ser bem sucedida e viajar e isso causava inveja, porque é um pensamento diferente e não... Nunca fui de ser do tipo que Maria vai com as outras. Apesar da idade, eu tinha as minhas próprias decisões e isso incomodava muito.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu chamava atenção por ser bonita. – Minhas primas tinham inveja disso. – Eu não queria casar e viver no interior como as outras meninas. – Eu queria ser empresária. – Eu era decidida. Ser independente incomoda. 	S3 indica que despertava inveja pela sua aparência física e por ter planos diferentes. Não queria seguir a trajetória de uma menina de cidade de interior. Pensava em ser independente, uma pessoa de sucesso, e não uma mulher submissa. Demonstrava ter iniciativa própria, o que fugia aos padrões femininos da região.
5.	Bom a minha primeira gravidez. Sim, eu já tinha consciência sim, conhecimento dos métodos para evitar, mas não usava como eu deveria. Nunca discuti nada com os meus parceiros.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sabia como evitar uma gravidez. Eu não me preocupava com isso. – Eu cuidava disso sozinha. 	S3 não teve muitos cuidados para evitar a gravidez. Cuidava disso sozinha e não compartilhava a responsabilidade com os pais dos seus filhos.
6.	Na minha primeira gravidez, conheci uma pessoa. Tinha terminado um relacionamento de alguns meses, um noivado, e aí conheci esse rapaz, me envolvi com ele, fiquei grávida logo de cara. Depois ele foi embora me deixou sozinha e aí eu descobri que na realidade ele já era casado e tinha três filhos.	<ul style="list-style-type: none"> – Rompi um noivado. – Fiquei grávida de uma pessoa que tinha conhecido a pouco tempo. – Fiquei grávida na primeira vez que, ficamos juntos. – Ele me abandonou. – Ele era casado e pai de três filhos. 	Pelo seu relato, S3 envolveu-se com uma pessoa que conhecia pouco. Não teve cuidado para evitar e engravidou em seguida. Não sabia que o rapaz era casado e pai de três filhos e acabou sozinha na sua primeira gravidez.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
7.	Bom a outra gravidez foi quando eu já tinha 21 anos, fiquei grávida do meu segundo filho, uma relação esporádica, não tinha vínculo com a pessoa, me encontrei com ele algumas vezes. Tivemos relação sexual uma vez e eu fiquei grávida. Hoje, ele já assumiu o filho e dentro do possível é um bom pai.	<ul style="list-style-type: none"> - Fiquei grávida de novo aos 21 anos. - Não tinha um relacionamento firme. - Fiquei grávida na primeira vez que fizemos sexo. - No início ele não assumiu o filho. - Hoje ele é um bom pai. 	S3 descreve uma segunda gravidez não planejada, de um relacionamento esporádico, ou seja, sem compromisso. O pai da criança não assume o filho no início, mas muda sua atitude mais tarde.
8.	Questão de número seis. A minha escolarização. Eu amava ir à escola quando era garota. Minha matéria predileta era Português, Literatura. Não gostava de matemática. Sempre gostei muito dos meus professores, mas interrompi meus estudos quando fui trabalhar em casa de família com 12 anos. Inté então eu tinha feito até a quarta série. Depois que eu voltei a estudar, com 21 anos aqui em Brasília. Eu concluí o meu primeiro grau, terminei o segundo grau pelo método supletivo	<ul style="list-style-type: none"> - Eu gostava muito de ir a escola. - Gostava muito de português. - Não gostava de matemática. - Adorava meus professores. - Parei de estudar aos 12 anos para trabalhar. - Fiz até a quarta série. - Voltei a estudar aos 21 anos. - Consegui concluir o segundo grau. 	S3 demonstra que gostava muito de frequentar a escola e estudar. Porém foi obrigada a parar de estudar par trabalhar. No entanto, assim que teve condições esforçou-se e terminou os seus estudos.
9.	Ah! Que eu pensava ser quando crescesse? Bom como eu sempre tive uma ideia de me tornar uma grande empresária, dirigir uma grande empresa, eu sempre me via atrás de uma mesa, muito bem vestida, rindo, comandando um monte de gente.	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sonhava grande. - Queria ser dona de uma empresa. - Gosto de comandar e pessoas. - Gostaria de ser uma pessoa rica e bem vestida. 	S3 transmite a ideia de que gostaria de ser uma pessoa de sucesso, rica e feliz. Uma pessoa que comanda e dirige outras pessoas. Uma pessoa que toma decisões.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
10.	<p>Separação do M.. Questão sete. É depois de alguns anos juntos, meus filhos resolveram morar comigo e ele não aceitou, este foi o motivo principal da separação.</p> <p>{A entrevistadora entrou na sala para verificar se a gravação tinha terminado e ao perguntar se teria algo mais a colocar, em relação a última questão, S3 decide continuar respondendo}</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Separei-me porque meu marido não queria que meus filhos morassem junto com a gente. 	<p>S3 comenta que o principal motivo seria a não aceitação por parte de seu companheiro, dos seus dois filhos, fruto de seus relacionamentos anteriores. Pergunto se ela não queria explicar mais detalhadamente o motivo da separação e ela decide continuar.</p>
11.	<p>Bom quando os meus filhos foram morar comigo, o meu ex-marido falou que não aceitava eles e usou isso como desculpa pra ir embora né.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Meus filhos foram morar comigo. - Meu marido não os aceitava. - Meu marido queria ir embora e usou isso como desculpa. 	<p>S3 relata o motivo alegado por seu ex-marido para deixá-la. Porém dá-se conta mais tarde de que esse não era o motivo principal.</p>
12.	<p>Então olhando pra trás e vendo alguns acontecimentos que vieram depois, na verdade não foi bem isso, só isso. Nós tivemos uma relação conturbada onde eu fui deixada totalmente de lado, eu pra ele era mais como uma pessoa que tomava de conta da casa e do nosso filho, pois ele tinha verdadeira fixação pelo nosso filho caçula, que é o único filho dele né? E o meu caçula, ele não se importava comigo, era, eu não era esposa, a mulher dele, eu era só a pessoa que tomava de conta do filho dele e da casa. E cuidava dele.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aconteceram coisas depois. - Não foi só por isso que ele foi embora. - Ele não me dava atenção. - Eu servia de empregada e pra cuidar do filho. - Eu não era tratada como esposa. 	<p>Segundo S3, o marido a usava como empregada, para cuidar da casa e do filho e não a tinha como esposa.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
13.	Desde então é... tivemos uma relação amigável por assim dizer, eu sempre procurei me dar bem com ele, por causa do nosso filho, confundi toda... Aquela fixação dele pela criança como amor de pai, hoje eu percebo que não era bem isso. Ele... tem tendências...ou... bem claras de pedofilia, eu descobri a pouco tempo que ele tava abusando do nosso filho, e no momento... to no meio de uma denúncia... (silêncio) pois pra defender meu filho eu tive que denunciá-lo {voz trêmula}.	<ul style="list-style-type: none"> - Tivemos uma separação amigável. - Ele era fixado no filho. - Pensei que era amor de pai. - Enganei-me, ele era pedófilo. - Ele abusava do filho. - Eu tive que denunciá-lo. 	S3 relata uma decepção e um grande engano ao perceber que sua fixação ao filho não era algo puro, como amor de um pai e sim uma perversão. Descobre que o pai abusava sexualmente do próprio filho e foi obrigada a fazer uma denúncia contra o ex-marido como uma forma de proteger o seu filho.
14.	Ainda não tenho nenhum amparo legal pra impedir que ele fique com a criança, então nos fins de semana, que é o período que ele mais procura pela criança, eu procuro ficar longe de casa, eu vou pra casa de parentes, de amigos pra ele não ter acesso ao meu filho {choro}.	<ul style="list-style-type: none"> - Não posso impedir legalmente que ele fique com o filho. - Saio de casa par ele não ter acesso a criança. 	S3 demonstra que está procurando proteger o seu filho par que não sofra mais abusos por parte do pai. Enquanto aguarda decisão judicial procura evitar o contato saindo de casa com o filho ou escondendo-se em casa de parentes.
15.	Tô indo atrás de Psicólogos, pra cuidar do meu filho, to tendo assistência da Assistente Social e to aguardando o processo de investigação desta denúncia, mas to disposta a fazer tudo que estiver ao meu alcance pra proteger o meu filho. (suspirando)	<ul style="list-style-type: none"> - Estou levando meu filho no Psicólogo. - A Assistente social está me ajudando. - Estamos aguardando a investigação da denúncia. - Estou fazendo de tudo par protegê-lo. 	Percebe-se que S3 ficou bastante abalada com a situação e está procurando todos os recursos disponíveis para proteger seu filho. O que não aconteceu, no seu caso, quando sofria assédio por parte de seu tio.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
16.	Essa situação ela é muito incômoda pra mim. Porque muita coisa como se eu tivesse vivendo tudo de novo, quando vejo o D., o meu filho caçula, sem querer falar com o pai, fugindo dos carinhos, das carícias dele, fugindo do abraço do pai, eu me vejo fugindo, daquele tio que tanto me perseguia.	<ul style="list-style-type: none"> – Incomodo-me muito com tudo isso. – Isso me faz reviver o que aconteceu comigo. – Meu filho foge do carinho do pai. – Eu fugia do carinho do meu tio. 	S3 revive seu assédio e abuso sofrido pelo tio agora com o filho caçula. Lembra-se de quando fugia dos carinhos incômodos do tio e reconhece que o filho está passando pela mesma situação com o pai.
17.	Me lembro de coisas que, eu nunca tinha me lembrado, não lembrava mais, há muito tempo, coisas que aconteceram na época que eu era garotinha ainda, e agora vivendo essa história do D., como mãe dele,, é que eu me dou conta de algumas coisas, das características do meu tio, que como o pai do D., é uma pessoas muito prestativa, tava sempre por perto, sempre dando apoio, sempre disponíveis, vendo que queriam ajudar, quando na realidade os interesses era outro	<ul style="list-style-type: none"> – Estou me lembrando de muita coisa da minha infância. – Percebo que o pai do meu filho faz coisas parecidas que o meu tio fazia comigo. – Eles ficam sempre por perto. – Mostram-se prestativos, mas na verdade querem outra coisa. 	S3 dá-se conta das atitudes de seu tio, que são semelhantes as do pai de seu filho. Percebe as atitudes típicas de um abusador sexual. Isso tudo faz relembrar seu tempo de menina e da forma como o tio a tratava. De como foi ingênua e não percebia a sua intenção real, de assediá-la e abusá-la.
18.	Sempre levando presente, prometendo coisas, pra de alguma forma ter as crianças por perto, no caso o D., e eu. O pai do D., ele é muito prestativo comigo, muito bonzinho com om Diego, sempre muito disponível, e eu confundi tudo isso com amor de pai.	<ul style="list-style-type: none"> – Meu tio dava presentes para atrair as crianças. – O pai do meu filho az igual. – Eu me enganei com ele. 	Comenta do seu engano em relação ao pai de seu filho. Reconhece as atitudes típicas dos pedófilos e abusadores, que procuram atrair as crianças com presentes ou enganam ou outros se mostrando como pessoas boas e prestativas.
19.	Só que eu não me lembrava que o meu tio agia dessa forma, tô me lembrando disso agora, com o sofrimento do meu filho, olhando pra o pai do meu filho, já tô me lembrando como o meu tio se comportava comigo e com a minha mãe.	<ul style="list-style-type: none"> – Estou me lembrando de como meu tio fazia comigo. – O sofrimento do meu filho me faz lembrar o meu próprio sofrimento. 	S3 revive todo o seu sofrimento através da situação porque passa seu filho com o pai. Reconhece atitudes similares entre o tio e o pai do seu filho.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
20.	Pra minha mãe ele era... tava acima de qualquer suspeita, assim como o pai do D. pra mim. Até pouco tempo estava acima de qualquer suspeita, eu achava que eu era a mulher mais feliz do mundo porque eu tinha... o pai do meu filho era o pai perfeito. Sempre muito disponível sempre disposto a dar tudo que estivesse ao seu alcance para essa criança	<ul style="list-style-type: none"> – Ninguém suspeitava de nada. – Eu achava o pai do meu filho um pai perfeito. – Ele era muito bom. Eu me enganei totalmente com ele. 	S3 fala do seu engano de como foi ingênua e se considerava feliz por ter o pai de seu filho junto com ela. Era a primeira vez que não criava um filho sozinha, tendo o apoio de uma figura masculina ao seu lado, e isso a deixava feliz.
21.	Não sei se ingenuidade minha..., não sei se eu tô me cobrando demais... mas eu me sinto na obrigação de que eu deveria ter identificado...esse comportamento dele. Mas eu não me lembrava também de como o outro se comportava.	<ul style="list-style-type: none"> – Culpo-me por não ter me dado conta disso antes. – Não percebi que ele se comportava que nem o meu tio. – Eu já havia esquecido tudo isso. 	Percebe-se que S3 culpa-se por não ter identificado que o pai de seu filho agia da mesma forma que o tio com ela. Cobra-se por não ter percebido ou lembrado disso. Acha que foi ingenuidade de sua parte, mas responsabiliza-se pela situação vivida pelo filho.

Nota. As questões aos dados complementares foram respondidas por S3 em 15/12/2011. Os símbolos {} significam comentários feitos pela entrevistadora. E a sequência de três pontos (...) significam pausa na fala de S3.

Discussão dos dados do sujeito 3 (S3).

A participante S3 tinha 37 anos no momento da narrativa e, assim como S2, aprendeu a diferenciar os sexos por um padrão de conduta estereotipado, vinculado à maneira de vestir, às cores e à valorização da imagem do corpo. Desde cedo, S3 relata ter aprendido que as meninas usam vestidos tomara que caia, (ver trecho 1 da Tabela 12), de cor rosa e valorizam a beleza física, características típicas femininas mediadas pela nossa sociocultura e pela mídia, como vimos na revisão da literatura.

Percebe-se que S3 teve uma infância difícil. Foi criada pela mãe e pelo avô materno. Refere-se à mãe como uma pessoa que tinha muitos filhos, mãe solteira, que trabalhava muito para sustentá-los e que não conseguia proporcionar-lhes uma estabilidade financeira. Uma mulher que criara sua família sozinha, sem apoio de um provedor masculino. O avô materno foi a sua referência masculina. É dele que S3 relata ter recebido uma educação conservadora, com princípios religiosos e o carinho de pai. Assim, entende-se que a mãe e o avô foram os modelos que S3 teve para se identificar e construir sua identidade de gênero.

A ausência de um pai, bem como a falta de proteção e de condições financeiras da mãe para criar os filhos, dão a entender que se trata de fatores relevantes que contribuíram para que S3 vivesse situações traumáticas em sua infância, tais como: abandono, maus-tratos e abuso sexual, conforme podemos ver nos trechos 7 a 9 da Tabela 11.

Verifica-se na narrativa que S3 identifica-se com sua mãe ao tornar-se também uma mãe solteira e criar seus filhos sem a presença e o apoio de uma figura masculina. Ela exerce ambos os papéis parentais, de cuidar dos filhos e de ser a provedora do lar na maior parte de sua vida. No entanto, ao contrário de sua mãe, obteve uma estabilidade e independência financeira que lhe permitiu cuidar de sua família sem ajuda dos outros parentes e, assim, protegê-los.

S3 relata que queria estudar e ser bem sucedida e não apenas casar e viver no interior como as suas primas (ver trecho 4 da Tabela 12). Isso indica que ela queria, portanto, ser independente e tomar suas próprias decisões. Demonstra ter sido uma menina cuja forma de pensar e planos de vida eram diferentes das demais meninas na família, pois seus anseios não se enquadravam nos padrões de feminilidade aceitos na região. Padrões que incentivavam a mulher a desenvolver-se como uma pessoa dependente e submissa e a exercer apenas os papéis tradicionais de esposa e mãe.

Supõe-se que a educação e o apoio do avô materno, recebidos durante a infância até a pré-adolescência de S3, tenham contribuído para que ela construísse uma identidade de gênero que foge dos estereótipos e dos padrões comuns, pois, ao valorizar e adotar atitudes de independência, de iniciativa e de tomada de decisões, S3 comporta-se de acordo com padrões tidos mais como masculinos do que femininos. Ela desenvolve atitudes que a sociedade espera que os meninos desenvolvam e não as meninas e é graças a essas atitudes independentes que S3 consegue traçar um destino diferente para a sua vida e evitar os problemas que viveu junto a sua mãe, na infância.

A situação de ter sido abusada sexualmente por um tio indica que a mãe de S3 dependia da ajuda de parentes para poder criar seus filhos. Confiava suas crianças ao cuidado de suas irmãs, e um dos cunhados aproveitou-se da situação de vulnerabilidade e cometeu o abuso contra S3 e maus-tratos com os irmãos. Essa situação não é lembrada entre os familiares, pois não menciona nenhuma denúncia do fato. Isso nos remete a Fávero (2010b), que pontua a existência de uma “cultura familiar onde a violência e o abuso sexual acontecem e são mantidos pela lei do silêncio” (p. 267). Segundo a autora, a prática de segredo familiar é muito comum nesses casos, pois, geralmente, os abusadores são parentes e, para que não se rompam os laços familiares e a rede de apoio familiar, prevalece o segredo e não a denúncia.

Os relatos de S3 indicam que ela revive seu trauma infantil por intermédio de seu filho caçula, o qual foi assediado sexualmente pelo próprio pai biológico (trecho 13 da Tabela 12). No entanto, diferente da mãe, S3 viola esse segredo assim que suspeita, denunciando-o aos órgãos competentes. A sua independência financeira e a capacidade de decisão possibilitaram que S3 tomasse essa atitude e não tivesse que se submeter a essa situação.

Para finalizar, quando S3 fala: “eu era a mulher mais feliz do mundo porque eu tinha o pai do meu filho, era o pai perfeito” (ver trecho 20 da Tabela 12), percebe-se a importância que S3 dá a presença masculina no lar, principalmente na função de pai para os seus filhos. Isso nos leva a crer que, apesar de S3 ter se tornado uma pessoa competente e independente financeiramente, ela ainda conserva uma carência desse amor de pai, vivida na infância. É essa carência que a faz idealizar a figura paterna, confundindo um amor e carinho perverso (do tio e do pai de seu filho) com um amor verdadeiro de pai.

Tabela 13

Análise da Narrativa do Sujeito 4 (S4)

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
1.	Nasci em uma cidade mineira e sou a segunda filha, depois de meu irmão mais velho.	<ul style="list-style-type: none"> – Sou mineira. – Nasci depois de meu irmão mais velho. 	S4 refere-se a sua origem e sua posição na família.
2.	A constituição de nossa família se deu em, por assim dizer, 2 etapas, ou seja, 3 filhos com pouca diferença de idade, eu no meio; um espaço de tempo razoável e mais 3 filhos, minha única irmã a do meio dos 3 mais novos.	<ul style="list-style-type: none"> – A minha família formou-se em duas etapas. – Três filhos mais velhos. – Eu sou a filha do meio. – Depois de um tempo, mais três filhos. Eles são os mais novos. – Entre eles minha única irmã. 	S4 faz referência a formação da família, salientando a posição dos irmãos e a sua como irmã e o fato de ter uma única irmã.
3.	De criança pequena, lembro-me de algumas coisas: 1) Meus pais não tinham uma situação financeira muito tranquila, de modo que minha mãe trabalhava muito para ajudar no sustento. Então, além de cuidar de tudo na casa, costurava pra fora.	<ul style="list-style-type: none"> – Da minha infância lembro-me que meus pais tinham uma situação financeira difícil. – Minha mãe tinha que trabalhar dentro e fora de casa. 	S4 faz referência a dificuldade financeira e a necessidade da mãe de trabalhar fora. Lembra-se da mãe como uma pessoa que trabalhava muito.
4.	Com isso, lembro-me que ela não tinha muito tempo e, por vezes, sentia-me abandonada de seus cuidados, inclusive porque o meu irmão, depois de mim era meio doentinho.	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe não tinha tempo. – Sentia-me abandonada. – Ela não me cuidava. – Ela cuidava mais do meu irmão que era doente do que de mim. 	S4 queixa-se da falta de atenção da mãe para com ela. Relata sentimentos de carência materna, de abandono, de falta de cuidado e de atenção.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
5.	2) Usei chupeta por muitos anos, inclusive já grandinha. Cheguei a chupar chupeta escondida, atrás das portas e até mesmo na escola.	<ul style="list-style-type: none"> – Usei chupeta até depois de grande. – Usava chupeta escondida. – Usava chupeta na escola. 	S4 relata hábitos infantis que perduraram por um bom tempo, informando que não queria largar a chupeta, mesmo na escola.
6.	3) A minha infância foi muito controlada, especialmente pelo pai, para o qual parece que tudo era proibido. Ele controlava a minha comida, para onde eu ia, o comprimento dos vestidos e do cabelo e por aí vai...	<ul style="list-style-type: none"> – Fui muito controlada pelo meu pai quando pequena. – Para ele tudo era proibido. – Ele controlava tudo em mim, minha comida, meu cabelo, minhas roupas, aonde eu ia. 	Relata uma educação rígida e controlada por parte do pai. Menciona o pai e não a mãe quanto aos cuidados com vestido, comida, etc..
7.	Esse controle se estendia a gastos, ou seja, parecia que tudo era difícil e não se podia gastar. Acho que é por isto que hoje sou muito econômica, quase miserável.	<ul style="list-style-type: none"> – Não se podia gastar. – Tinha que controlar os gastos. – Tornei-me muito econômica. 	S4 ressalta o controle rígido de ordem financeira em sua família. O que contribuiu pra que ela se tornasse uma pessoa muito econômica.
8.	Eu era meio danadinha e mandona, especialmente com minhas amiguinhas de rua e de escola. Queria controlar todas as brincadeiras, me dar bem na maioria delas. E quando não saía do meu jeito, me emburrava e me afastava das amiguinhas, até que estas vinham me procurar com “agradinhos “para ficarmos de bem”.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu era danada. – Eu era mandona. – Eu gostava de mandar, nos outros. – Eu controlava as brincadeiras. – Eu fazia chantagem emocional com as minhas amigas. 	S4 mostra seu espírito de liderança e de como conduzia e controlava as brincadeiras na sua infância.
9.	5) Apesar da tanta proibição com gastos, meu pai era generoso em nos proporcionar alguns luxos. Por exemplo, tivemos a 1ª televisão da rua em que morávamos, no interior, meu pai comprava inúmeros livros de escola, de histórias, etc.	<ul style="list-style-type: none"> – Meu pai era generoso. – Meu pai comprou uma televisão para nós. Fomos os primeiros da rua a ter uma televisão. – Meu pai comprava livros para nós. 	S4 relata um aspecto contraditório do pai. Ele proibia e controlava os gastos, mas às vezes ,esbanjava, dando certos luxos para a família. As atividades de lazer para os filhos eram dentro de casa, ler livros e assistir televisão.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
10.	6) Outras lembranças de infância dizem respeito à minha estatura. Sempre fui muito pequena, abaixo da média. Acho que, por causa disso, não gostava que as atenções voltassem para mim, especialmente quando saíamos de casa.	<ul style="list-style-type: none"> – Sempre fui muito baixinha – Minha estatura não era normal.. – Não gostava de chamar atenção dos outros na rua. 	S4 demonstra o quanto sua estatura, abaixo da média, a marcou em sua infância, causando-lhe constrangimentos e inibindo-a de sair para rua por algumas vezes.
11.	Meu cabelo também não era bom, o que me deixava, muitas vezes, ainda mais sem vontade de chamar a atenção.	<ul style="list-style-type: none"> – Meu cabelo não era bom. – Minha estatura não era boa. – Não gostava de chamar atenção pelo cabelo e pela estatura. 	S4 não aceitava o seu cabelo e sua estatura. Não gostava desses aspectos físicos e se constrangia ao sair na rua, com receio de chamar atenção.
12.	Contudo, nas brincadeiras com meus dois irmãos, era diferente: queria ser a melhor, me dar bem em tudo e para tanto, chegava às vezes, a trapacear e a fazer maldades com os dois.	<ul style="list-style-type: none"> – Com os meus irmãos eu queria ser a melhor. – Eu trapaceava. – Eu era maldosa com eles. 	S4 fala da competição com os irmãos e de como queria ser a melhor. Informa que se sentia mais a vontade ou menos retraída, brincando com pessoas de sua família.
13.	Da minha puberdade, lembro-me das descobertas sexuais em manipulações, sozinha, às escondidas. Lembro-me também de brincadeiras com meus próprios dois irmãos mais velhos.	<ul style="list-style-type: none"> – Na puberdade lembro-me das masturbações. – Masturbava-me sozinha e escondida. – Brincava com meus irmãos mais velhos. 	S4 narra sua história de vida e descreve cada uma das etapas do seu desenvolvimento. Na puberdade lembra-se das suas descobertas e experiências sexuais, da masturbação e brincadeiras sexuais com os irmãos.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
14.	A adolescência, por sua vez, já foi mais complicada. Minha mãe estava sempre acolhendo, em casa, alguns sobrinho ou sobrinha para morarem conosco no intuito de estudar. Eu, que já tinha fama de danadinho e “terrível“, fiquei ainda mais arredia. Não sei se tinha fundamento, mas ficava sempre com a impressão de que minha mãe cuidava mais dos filhos dos outros do que de mim.	<ul style="list-style-type: none"> – Minha adolescência foi complicada. – Minha mãe hospedava sobrinhos em nossa casa. Eles vinham para estudar. – Fiquei mais terrível e arredia. – Minha mãe cuidava mais dos outros do que de mim. 	S4 queixa-se da falta de atenção da mãe para com ela. Indica sentir ciúmes do cuidado que a mãe dela dá aos sobrinhos, referindo-se a eles como os filhos dos outros. Demonstra dificuldade de dividir a atenção da mãe e a casa dela com os parentes.
15.	Lembro-me de quando fiquei menstruada. Não sabia o que era aquilo e levei um susto! A cada vez que ficava menstruada era um problema... Tentava esconder até da minha mãe.	<ul style="list-style-type: none"> – Levei um susto quando menstruei. – Não sabia o que era menstruar. – Menstruar era um problema. – Queria esconder da minha mãe. 	S4 relata que menstruar foi uma experiência assustadora e constrangedora. Tem dificuldades de lidar com essa situação nova e ao invés de compartilhar e buscar orientação se retrai e esconde de sua própria mãe. Suas atitudes indicam uma relação distante entre mãe e filha, de pouco diálogo.
16.	Também quis namorar muito cedo, para os padrões da época, o que era... Também muito controlado pelo meu pai.	<ul style="list-style-type: none"> – Quis namorar cedo demais. – Isso estava fora dos padrões. – Meu pai não deixava eu namorar. 	S4 descreve-se como uma pessoa ousada, que deseja fazer coisas que fogem ao padrão comum e também ao controle rígido de seu pai, como no caso de namorar cedo.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
17.	Tive uma paixão estarrecedora pelo meu primeiro namorado, que, depois de dois anos, se mudou da cidade, para uma capital. Tentamos continuar namorando, mesmo à distância, através de cartas e em suas raras vindas à nossa cidade, a passeio ou em visita aos pais. A coisa não vingou.	<ul style="list-style-type: none"> – Tive uma paixão muito forte pelo meu primeiro namorado. – Namoramos por dois anos. – Ele mudou-se para capital. – Tentamos continuar o namoro. – Namoramos por cartas. – Víamo-nos raramente. – O namoro terminou. 	Lembra-se da primeira paixão, do primeiro namorado e indica ter sido algo importante em sua vida. Um namoro que era uma grande paixão no início, mas que foi minguando, aos poucos, devido à distância.
18.	Não houve um término oficial e consentido do namoro e, de minha parte, fiquei alimentando por mais de dois anos depois, a fantasia de que ele ainda gostava de mim e de que voltaríamos a namorar e de que tudo ficaria bem. Corroborava essa fantasia o fato de que ele fazia contato telefônico, às vezes, mas sempre escorregadio. Arrumar outro namorado e firmar em namoro depois dessa experiência foi difícil e demorado.	<ul style="list-style-type: none"> – Não terminamos o namoro oficialmente. – Eu não concordei com o final do namoro. – Achei que ela ainda gostava de mim – Ele não mostrava firmeza. Foi difícil arrumar outro namorado firme depois dele. 	S4 demonstra o quanto foi difícil para ela aceitar que seu namoro havia terminado, pois nada foi conversado ou tratado pessoalmente. Refere-se a sua ilusão e expectativas que não se concretizaram. Percebe-se sua carência e, necessidade de sentir-se amada. Uma desilusão que foi difícil de ser superada. Dá importância a namoros firmes, ou seja, de firmar compromisso.
19.	Quando estava com 17 anos, mudamo-nos (a família inteira) para B., para darmos continuidade aos estudos, especialmente eu e meu irmão mais velho.	<ul style="list-style-type: none"> – Aos 17 a família toda veio para Brasília. – Mudamos por causa dos estudos. – Mudamos para que eu e meu irmão mais velho pudessemos estudar. 	Em função da necessidade de continuar os estudos dos filhos mais velhos, a família toda se muda para Brasília, e não apenas ela e o irmão. Percebe-se que a participante vem de uma família em que os membros são apegados uns aos outros.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
20.	Os primeiros anos em B. foram extremamente difíceis para mim, especialmente devido à frustração e infelicidade daquele namoro mal acabado (fiquei muito tempo, muito mesmo com “dor de cotovelo”) e também porque a casa continuava cheia de “filhos dos outros “. Sentia meu espaço e minha liberdade cada vez mais invadidos e com a sensação de que ninguém ligava por mim, de que ninguém cuidava de mim.	<ul style="list-style-type: none"> – Os primeiros anos foram muito difíceis para mim em B. – Estava frustrada e triste por causa do término do namoro. – A nossa casa estava cheia de filho dos outros. Não tinha espaço. Não tinha liberdade. – Ninguém se importava ou cuidava de mim. 	S4 relata sentimentos de solidão, de abandono, de falta de cuidado e de atenção, de tristeza por causa do término do namoro.. Relata sua dificuldade de adaptação com essa situação.
21.	Comecei a trabalhar cedo, não só para buscar certa independência financeira, mas também, para ficar um pouco fora de casa, já que esta estava sempre cheia de gente.	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhei cedo. – Queria ser independente e ficar fora de casa. – Não aguentava ficar numa casa cheia de gente. 	Percebe-se pelos relatos de S4 que ela não gosta de morar numa casa cheia de gente. Não se sente bem e procura trabalhar fora para ter uma justificativa para se ausentar.
22.	Tive muita solidão e tristeza nessa época, até entrar na faculdade, quando as coisas melhoraram, embora pouco. Não conseguia arrumar um namorado e nem firmar com qualquer rapaz, que se interessasse por mim.	<ul style="list-style-type: none"> – Sentia-me só e triste nessa época. – As coisas melhoraram um pouco quando entrei na faculdade. – Eu não arranjava ninguém para namorar. – Não conseguia firmar namoro. – Não conseguia gostar de ninguém que se interessava por mim. 	S4 fala de sua solidão e de sua dificuldade em namorar novamente. Relata que era difícil arranjar um namorado e ao mesmo tempo de querer ter um compromisso novamente com alguém. A busca por um namorado indica ser algo importante para aliviar seu sentimento de solidão.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
23.	Tive problemas de peso nesta época. Sentia-me gordinha, feia, de cabelo feio, o que me afastava ainda mais das pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> – Engordei nesta época. – Sentia-me gorda e feia. – Me cabelo era feio. – Afastei-me das pessoas. 	Além da solidão e tristeza, a participante refere-se a sua baixa autoestima, acha-se feia, gorda, ou seja, não se considera atraente e isso contribui para que não procure um novo relacionamento.
24.	Depois de uns quase três anos nessa condição, conheci o rapaz que hoje é meu marido. A princípio não queria nada com ele e cheguei a me esquivar várias vezes de seus convites para sair. Por insistência dele, começamos a namorar e a coisa foi firmando com o tempo.	<ul style="list-style-type: none"> – Fiquei três anos, sozinha. – Conheci meu marido. – No início eu não queria nada com ele. – Não queria sair com ele. – Namoramos por insistência dele. – Namoramos firme. 	S4 dá a entender que teve dois namorados. O primeiro, sua grande paixão, que foi difícil de superar quando terminou, e o segundo com quem se casou. Indica que estava com receio de envolver-se novamente com alguém, evitando assim uma nova decepção, porém o namoro foi se firmando e se consolidando.
25.	Ele era quente, assanhado, fumava, tinha cabelos compridos e era ousado. Só não transamos antes de nos casarmos, porque tinha como projeto me casar virgem (uma bobagem!).	<ul style="list-style-type: none"> – Ele era quente, sensual. – Era ousado e rebelde. – Não fizemos sexo antes do casamento por minha causa. – Eu queria me casar virgem. – Casar virgem é uma bobagem. 	Descreve o marido como ousado, rebelde, desafiador e sensual. Uma pessoa impaciente, que não via a hora deles fazerem sexo. No entanto relata que segue a tradição de casar-se virgem e depois constata que era uma bobagem.
26.	Namoramos durante quatro anos, na maioria das quais ele me deixava insegura sobre seus reais sentimentos. Não demonstrava, a meu ver, muito interesse em estar comigo.	<ul style="list-style-type: none"> – Namoramos por quatro anos. – Sentia-me insegura com ele. – Não tinha certeza de que ele gostava de mim. 	Apesar de namorarem por 4anos, S4 não tem certeza se ele gosta dela. Demonstra insegurança quanto aos interesses dele, achando que ele quisesse apenas ter sexo.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
27.	O casamento foi uma consequência do entendimento de que esse era o jeito dele, mas, no fundo eu tinha uma fantasia de que ficaria mais interessado e dedicado. Fez parte dessa fantasia, a certeza de que, com tanto assanhamento dele, nossa vida sexual seria ótima. Mas, para minha surpresa, ele não se fez muito presente (na minha opinião, é claro, pois achava, aquela época, que sexo era todo dia).	<ul style="list-style-type: none"> – Casei-me para que ele ficasse mais interessado e dedicado. – Fiquei frustrada com ele sexualmente. – Eu pensava que faríamos sexo todo o dia. – Ele não se fez tão presente sexualmente quanto eu queria. 	O casamento indica ter sido uma forma de firmar um compromisso. Uma maneira de ela garantir o interesse e dedicação dele para com ela. Havia também a ilusão de que fariam sexo todo dia, mas isso não se confirmou. Relata uma frustração com a relação sexual ou o desempenho sexual do marido.
28.	Fomos surpreendidos, no início, do casamento, com uma grande dificuldade financeira, o que nos deixava pouco tempo para estarmos juntos, pois ele foi trabalhar em Goiânia, indo e voltando todos os dias, mas saindo de madrugada e chegando muito tarde da noite.	<ul style="list-style-type: none"> – Tivemos problemas financeiros no início do casamento. – Ficávamos pouco tempo juntos. – Ele foi trabalhar em Goiânia. – Saía cedo e voltava tarde. 	O casal por problemas financeiros começou a se distanciar. Viam-se pouco por causa do trabalho.
29.	Lembro-me de ter me sentido muito só, mas também de ter apreciado muito ficar sozinha num espaço que, agora, era só meu, ou seja, que eu não tinha que dividir com os “filhos dos outros”.	<ul style="list-style-type: none"> – Sentia-me muito sozinha. – Gostava de ficar sozinha. – Tinha um espaço que era só meu. Não tinha que dividir com ninguém. 	Com o marido trabalhando em outra cidade S4 sente-se só. Dá-se conta de que é ruim ficar sozinha, mas ao mesmo tempo é bom, pois finalmente tem um espaço que é só seu. Não tem que dividir mais a sua casa com os filhos dos outros. Casar-se indica ter sido uma solução para esse problema vivido em sua infância.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
30.	Até a chegada de nossa primeira filha, após quase dois anos de casamento, a vida foi lutar para pagar dívidas e para conseguir alguma estabilidade, o que nos aproximou muito e nos tornou muito cúmplices.	<ul style="list-style-type: none"> – Tivemos nossa primeira filha depois de dois anos de casados. – A gente vivia para pagar dívidas. A gente lutava para ter uma estabilidade. – Essa luta nos uniu muito. – Tínhamos um objetivo em comum. 	S4 descreve sua vida inicial de casamento, como um período difícil de muito trabalho e luta para conseguir uma estabilidade financeira. Esse aspecto financeiro parece que era importante para ambos. E ela e o marido acabaram ficando mais próximos nessa luta.
31.	Do nosso relacionamento sexual, lembro-me de ter me conformado com tudo, mesmo sabendo que tinha esperado demais. Conformei-me até com o fato de ele não querer sexo após seis meses de gravidez de nossa primeira filha. Achava ele que, iria me machucar e /ou o bebê.	<ul style="list-style-type: none"> – Conformei-me com nossa vida sexual. – Aceitei até de não ter mais sexo após a minha primeira gravidez. – Ele achava que fazer sexo ia me machucar. – Fazer sexo machuca o bebê. 	S4 não estava satisfeita com sua vida sexual, porém conforma-se com a situação. Não questiona o fato dele não querer sexo após o nascimento da primeira filha.
32.	A chegada de nossa primeira filha foi uma ótima experiência e me distraiu muito. O único lamento que tenho é de que sempre tive que fazer tudo sozinha (levar a médicos, exames, escola, natação, balé, etc), pois ele estava sempre trabalhando. Saía de manhã bem cedo e só retornava à noite.	<ul style="list-style-type: none"> – O nascimento da primeira filha foi muito bom. Distraiu-me. – O ruim é que eu tinha que fazer tudo. – Eu cuidava dela sozinha. – Meu marido estava sempre longe. 	Refere-se ao nascimento da filha como algo positivo, porém queixa-se de ter que cuidar sozinha da filha. A criação de filhos fica inteiramente sob a responsabilidade dela, pois o marido não está presente. Informa que o marido preocupa-se em trabalhar.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
33.	A decisão de termos um segundo filho foi a despeito disso, bastante planejada. (Porém nossa segunda filha veio acompanhada de uma série de suspeitas de problemas de saúde (felizmente não confirmados), tais como: síndrome de down, hidrocefalia, síndrome de Tunner, etc.) A suspeita de Síndrome de Down, já no primeiro dia de vida, me tirou o chão. Foi um choque violento, do qual demorei a me recuperar, apesar de o diagnóstico não ter se confirmado.	<ul style="list-style-type: none"> – Planejamos ter um segundo filho. Ela nasceu com suspeitas de doenças. Foi um choque pensar que minha filha pudesse ser deficiente. – As doenças não se confirmaram. – Demorei em me recuperar do choque. 	S4 relata as dificuldades vividas em família, com o nascimento da sua segunda filha. Do susto que levou pela possibilidade de sua filha ser deficiente e de como ficou abalada com esse momento de sua vida.
34.	Enfrentei com essa criança, 5,5 anos, a dificuldade de que ela não se alimentava bem, ainda que se oferecesse a ela centenas de novidades. Também nessa fase difícil, de suspeitas de doenças, de inúmeras investigações sobre sua inapetência, enfrentei tudo sozinha. O marido estava sempre trabalhando, saindo cedinho e chegando só a noite.	<ul style="list-style-type: none"> – Tive dificuldade por cinco anos e meio com essa filha. – Ela não comia bem. – Enfrentava tudo sozinha. – Meu marido não estava por perto. Ele estava sempre trabalhando. 	Os problemas de saúde, com as filhas, eram resolvidos por ela. Informa que não tinha o apoio do marido, pois ele não estava por perto. A responsabilidade de criar as filhas permanecia sendo dela. Queixa-se disso.
35.	Mas parece que a extrema ocupação em cuidar dessa criança tão difícil me distraiu de todas as outras coisas. Mas devo dizer que foi tudo muito difícil e representou um marco em minha vida. Inclusive, fiz terapia, por quase quatro anos, para superar um pouco o trauma e as dificuldades.	<ul style="list-style-type: none"> – O cuidado excessivo com a filha me distraiu do resto. – Foi um período difícil. – Marcou minha vida. – Fiz terapia para superar esse trauma. 	S4 dedica-se a filha com problemas de saúde e deixa de lado os problemas do seu casamento. Dedicar-se ao seu papel de mãe do que ao seu papel de esposa.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
36.	Superados os problemas com nossa segunda filha, seguiu-se uma fase mais normal, mas na qual eu passei a ser também a provedora financeira da casa, pois tive melhoras no trabalho, e ele teve pioras. No começo, isso não me atingia muito, mas hoje temos algumas discussões por causa disso.	<ul style="list-style-type: none"> – Resolvemos os problemas com a segunda filha. Nossa vida voltou ao normal. – Passei a ser a provedora da casa. Ganhava mais que meu marido. – No início isso não me incomodava. Hoje discutimos por causa disso. 	Resolvidos os problemas com a filha surgiram outros. S4 passou a ser a provedora da casa, ou a principal provedora, pois ganhava mais que o marido. Intensificam-se as diferenças entre o casal e os problemas que já existiam entre eles.
37.	O choque seguinte que me lembro foi saber que minha filha mais velha já tinha tido sua primeira experiência sexual, sem me contar nada. Descobri por um acaso, levei um susto e depois fiquei chocada com a naturalidade dela diante da situação. Ou seja, eu e o pai éramos arcaicos e o que estava acontecendo com ela era natural.	<ul style="list-style-type: none"> – Choquei-me ao saber que minha filha não era mais virgem. – Ela não me contou. Levei um susto. – Fiquei chocada com a naturalidade dela. 	S4 relata sua surpresa ao descobrir que sua filha não é mais virgem e dela não saber nada a respeito. As questões sexuais são relatadas de uma forma traumática ou assustadora.
38.	Mais recentemente, fui surpreendida com uma menopausa um pouco precoce. (Não sei se é coincidência, mas veio após um choque tido no trabalho, que prefiro não relatar (uma vez que poderei ser identificada se o fizer), em que fui tratada com descaso e injustamente acusada de ter feito coisas que não fiz).	<ul style="list-style-type: none"> – Surpreendi-me com a menopausa – Acho que foi devido a um stress no trabalho. Uma injustiça que me fizeram passar no trabalho 	A chegada da menopausa a surpreende. Percebe-a como algo precoce que veio por um stress. Assusta-se com a menopausa, como na sua primeira menstruação, e com a perda da virgindade da filha primogênita.
39.	Com a menopausa veio, por ironia, uma fase de grande desinteresse sexual, o que está desestabilizando muito meu casamento.	<ul style="list-style-type: none"> – A menopausa me fez perder interesse por sexo. – Isso é uma ironia. – Isso está causando problemas no casamento. 	Relata ter problemas com a chegada da menopausa e da falta de interesse por sexo. Que isto está causando problemas no casamento, porém já existiam problemas antes da menopausa.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
40.	Fazer sexo sem querer, tem sido, às vezes, torturante para mim. Ter a paciência que sempre tive com meu marido e filhas tem sido cada vez mais difícil. Dores no corpo, cansaço e outros maus estares aparecem aqui e acolá para dificultar mais ainda as coisas. Tudo isso vem acompanhado de uma falta enorme de assistência médica, já que temos a meu ver, o pior plano de saúde com os piores médicos do país.	<ul style="list-style-type: none"> – É uma tortura fazer sexo sem vontade. – Não tenho tido mais paciência com a família. – Tenho dores no corpo. Sinto-me cansada. – Não tenho uma boa assistência médica. – Meu plano de saúde é o pior de todos e com os piores médicos do país. 	Queixa-se da menopausa, dos sintomas e da falta de assistência médica. Parece queixar-se de não estar sendo bem cuidada ao reclamar do plano de saúde e de médicos ruins. A menopausa a deixa sem paciência. Relata mudanças no corpo e estado emocional.
41.	Estou sempre oscilante entre achando que está tudo bem e, outras vezes, que o mundo está desabando. Estou sempre, inconscientemente, cobrando atenção e dedicação dos outros comigo (especialmente marido e filhas) e sempre achando que eles não estão se importando nem um pouco.	<ul style="list-style-type: none"> – Estou sempre oscilando. – Penso de uma forma radical, extremada. – Quero que os outros me deem atenção e se dediquem a mim. – Acho que minha família não liga para mim. 	Percebe-se que a menopausa causa alterações no seu estado emocional. Cobra atenção da família para com ela, do marido e das filhas. Continua o sentimento de incerteza e de insegurança. Acha que a família não se importa com ela, assim como ocorria na sua família de origem. Parece querer uma atenção especial.
42.	Eu, que sempre trabalhei muito e sempre corri atrás de tantas coisas, sinto-me extremamente cansada e sem energia.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sempre trabalhei muito. – Eu sempre corri atrás das coisas. – Hoje estou cansada. – Não tenho mais energia. 	Relata mudanças que percebe no seu ritmo, dá-se conta de que não possui mais a energia de antes, de fazer um monte de coisas, de ter bastante energia para trabalhar e dar conta de tudo.

Trecho	Transcrição da narrativa	Proposição	Comentário
43.	Se alguém me pede algo, sinto-me explorada (eu, que sempre acudi “a tempo e a hora“, as demandas da família, amigos, colegas, etc).	<ul style="list-style-type: none"> – Não consigo mais atender as demandas dos outros. – Acho que estão me explorando. 	S4 percebe que está diferente, está mudando sua conduta com a família. Não está mais tão disponível para a família. Não tem mais aquela disponibilidade para se dedicar aos outros.
44.	Fico sempre atribuindo tudo à menopausa, mas um pouco mais recentemente, tenho pensado que pode se tratar de um momento importante, de mudanças necessárias, o que me deixa um pouco mais conformada.	<ul style="list-style-type: none"> – A causa de tudo é a menopausa. – Também pode ser um período de mudanças necessárias. – Tento me conformar com estas mudanças. 	S4 atribui os seus problemas e mudanças de atitudes a chegada da menopausa. Dá-se conta de que atravessa um período de mudanças importantes em sua vida e tenta se adaptar.
45.	Enfim, os dias vão passando... Uns melhores e outros piores... O corpo já não é mais o mesmo...ler letras miúdas é difícil, a energia vai se esvaindo e até escrever tantas linhas de uma só vez foi um desafio.	<ul style="list-style-type: none"> – O tempo vai passando. – Tenho dias bons e ruins. – Meu corpo mudou. Não enxergo tão bem quanto antes. – Escrever tudo de uma vez foi difícil. 	S4 tenta conformar-se com a chegada da menopausa. Sente que o corpo mudou , está perdendo a energia que tinha e que está envelhecendo. Esforçou-se para escrever e contar toda a sua vida de uma só vez.

Nota. A narrativa foi escrita por S4 em 03/11/2011. Os símbolos @@ significam risos.

Tabela 14

Análise das Respostas aos Dados Complementares do Sujeito 4 (S4)

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
1.	Questão um. Bem eu não me lembro exatamente, é...em qual circunstância, eu me dei conta de que era uma menina. A sensação que eu tenho é de que eu sempre soube que era uma menina.	<ul style="list-style-type: none"> – Eu não me lembro bem quando me dei conta que era uma menina. – Acho que eu sempre soube que era uma menina. 	S4 tenta recordar em que momento deu-se conta de que era menina.
2.	Talvez até porque, eu tive um irmão mais velho, tive eu de menina, em seguida outro irmão, em seguida outro irmão, então não sei exatamente, não me lembro.	<ul style="list-style-type: none"> – Talvez eu tenha me dado conta por causa dos meus irmãos. – Tinha eu de menina e meus irmãos de meninos. 	S4 identifica as diferentes categorias de gênero pelo fato de ter irmãos.
3.	Talvez pelas roupas que eu usava, não sei, minha mãe sempre foi é cuidadosa, com esta questão de roupa, sempre fez meus próprios vestidinhos, e acho que isso era importante pra ela, mas eu não me lembro exatamente. A sensação que eu tenho... é de que... eu sempre soube (@), que era uma menina. Parece engraçado, mas sim. Talvez pelo convívio com os meus irmãos, a gente brincava juntos. Não sei, eu era uma menina muito presa dentro de casa não sei exatamente, não me lembro.	<ul style="list-style-type: none"> – Acho que foi pelas roupas que eu usava. – Minha mãe era cuidadosa com as roupas. Ela fez meus vestidos. – Aprendi convivendo com os meus irmãos. – Acho que eu era uma menina muito presa. Eu ficava muito dentro de casa. 	A convivência com os irmãos permite que S4 veja as diferenças entre os sexos. Cita também a diferença nas roupas, de que as meninas usam vestidos. Faz referência a mãe que cuidava muito desse aspecto, dando-se ao trabalho de fazer as próprias roupas da filha. Relata ter sido uma menina muito presa.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
4.	Questão dois. Bom a primeira... a primeira questão aqui, é sobre a minha fala de ter tido uma infância muito controlada, e sobre padrões de gastos né. Bem hoje eu me sinto ainda assim muito controlada, inclusive pelos meus pais apesar de não morar com eles né? É controlada pelo meu marido, controlada pelas minhas filhas, não sei assim exatamente como, de como isso funciona, como vem isso né?	<ul style="list-style-type: none"> – Eu era muito controlada na infância. – Eu ainda sou muito controlada. – Sinto-me controlada pelos meus pais. Mesmo não morando com eles. – Meu marido me controla. – Minhas filhas me controlam. – Não sei por que isso acontece. 	S4 relata que ainda hoje se sente controlada pela família de origem, por intermédio dos seus pais, como pela sua família nuclear, marido e filhas.
5.	É por exemplo, eu já sou casada há 25 anos, já não resido com os meus pais, mas por exemplo, minha mãe, e os meus pais em geral, sempre fazem pressão pra nos domingos a gente ir pra lá, então às vezes eu nem to com vontade de ir, eles começam a fazer pressão, a telefonar, às vezes fazem pressão através do meu marido que gosta muito de ir pra lá, de tá com eles.	<ul style="list-style-type: none"> – Estou casada há muito tempo. – Não moro mais com meus pais. – Eles insistem para que eu vá à casa deles aos domingos. – Eles pressionam. Ficam telefonando. Usam meu marido para conseguir que eu vá lá. 	S4 participante queixa-se da falta de liberdade. De como a família pressiona ela e tenta convencê-la a estar com eles. Sente essa pressão como uma forma de controle.
6.	é minha mãe por exemplo, ela...ela sempre, quer se dar conta assim do que, que tá acontecendo dentro da minha casa, houve um tempo inclusive, que ela chegava a dizer, Ah! Eu sei de alguma coisa das suas meninas, que você não sabe, porque as suas meninas comentaram isso. E eu inclusive proibi minhas filhas de ficar levando questões nossas internas, da nossa casa, porque isso me machucava. Muitas vezes quando ela ligava, ou comentava, Ah! Eu to sabendo isso das meninas, talvez até você não saiba, então ela me diminuía, digamos, eu me sentia, não que ela me diminuía né? Eu me sentia diminuída né? Como mãe, e entendia que isso passava um certo controle da parte dela né?	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe quer saber de tudo que acontece na minha casa. – Ela acha que sabe de tudo que acontece com as meninas. – Eu proíbo minhas filhas de falarem da nossa privacidade. – Eu não gosto dessa falta de privacidade. – Não gosto quando ela fala que sabe mais do que eu sobre as meninas. Sinto-me diminuída perante ela. Ela me desvaloriza como mãe. 	S4 queixa-se do controle da mãe, que quer saber de tudo que se passa na família dela. Relata seu incômodo pela falta de privacidade causada pela mãe e do quanto se sente desvalorizada pela mesma.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
7.	Por exemplo, ela sempre dá palpite sobre as minhas roupas, sobre o que eu uso, é sobre o que eu deveria fazer, é dentro da minha casa, né? Nas coisas que eu estou fazendo, que está acontecendo comigo. Agora, por exemplo, que eu to numa empreitada de um Mestrado, ela sempre diz que não sei pra que, que eu fui inventar isso, né? Que eu não tinha necessidade de inventar isso.	<ul style="list-style-type: none"> – Minha mãe dá palpite em tudo. – Ela quer controlar o que eu visto ou faço da minha vida. – Ela acha um absurdo eu fazer mestrado agora. – Ela acha que fazer mestrado não é necessário. 	S4 relata as atitudes da mãe, que ainda a trata como criança, querendo decidir por ela, desde o que vestir até o que fazer e estudar. Não respeitando as decisões da filha, como fazer mestrado.
8.	Ah! Então, eu entendo isso como uma forma de controle sim, meu pai diminuiu bastante depois que eu casei, mas...não deixa de ser controlador, por exemplo, quando a gente vai na casa dele, ou apesar de eu já estar 25 anos morando fora, às vezes eu tô lá na casa dele, aí digamos, um exemplo, eu quero tomar um guaraná, então se eu for lá na geladeira pegar um guaraná ele fica alerta com aquilo, ou ele fala que não é pra eu tomar do guaraná, é pra eu tomar da coca que já tá aberta na mesa, e isso ainda hoje, funciona assim né	<ul style="list-style-type: none"> – Intrometer-se na minha vida é uma forma de controlar. – Meu pai me controla menos depois que casei. – Ele não deixou de ser controlador. Ele controla quando estou na casa dele. – Ele controla o que vou tomar. – Ele continua controlando os gastos. 	O pai de S4 passa a controlar menos a filha depois que ela casou, porém quanto aos gastos, parece não ter mudado seus hábitos, especialmente se forem na casa dele. Continua sendo uma pessoa econômica.
9.	E enquanto a gastos, não sei, eu sempre tenho essa impressão, porque eu sou muito econômica mesmo, eu tenho assim..., sou muito controlada, minha finanças, minha vida doméstica é toda controlada, eu sei exatamente quanto ganho e quanto eu gasto. Sei exatamente quanto posso gastar em determinado momento, é...	<ul style="list-style-type: none"> – Eu sou muito econômica. – Eu sou muito controlada. – Controlo meu dinheiro. – Controlo meus gastos domésticos – Eu controlo o quanto eu posso gastar. 	S4 aprendeu desde cedo a ser econômica e administrar suas finanças. Calcula seus gastos e sabe até onde pode gastar.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
10.	<p>Às vezes até eu me privo de alguma coisa porque eu acho excessivamente caro, né? Digamos assim talvez para ficar mais claro, um exemplo, ah, agora, por exemplo, eu to querendo ir numa homeopata né, pra ver se ela me ajuda nesses meus desequilíbrios de menopausa. Por indicação de uma amiga, que enfim, falou muito bem dessa homeopata, então assim, é uma consulta muito cara e eu to assim, trabalhando pra poder conseguir ir nessa homeopata e pagar esse valor. Não que eu não possa né? Eu posso despende do meu salário esse mês e no outro esse valor, não vai me fazer falta, mas pra mim é difícil, é difícil, às vezes, é... gasta isso é muito, agora eu falando aqui, eu to percebendo que é uma coisa muito mais comigo né? Por exemplo, eu não sou assim muito miserável com as minhas filhas, com o meu marido não, o que elas precisam. Ou ele precisa, em geral eu to sempre pronta pra ajudar, pra apoiar, não que também deixe de fazer como eles querem, mas assim sou muito mais generosa né com eles.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu me privo das coisas, caras. - Quero melhorar minha menopausa. - Quero consultar uma homeopata. - A consulta é cara. - Estou lutando comigo mesma para consultar e pagar esse valor. - Eu posso pagar esse valor. - Não vai me fazer falta. - É difícil para eu gastar tudo isso. - Eu não sou avarenta com as minhas filhas, com o meu marido - Eu sempre ajudo a minha família. - Sou mais generosa com minhas filhas e marido do que comigo mesma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nesse trecho percebe-se a dificuldade de S4 em gastar dinheiro consigo mesma. Dá-se conta, ao refletir sobre a questão, de que isso acontece com ela e não com as filhas e marido. Consegue ser mais generosa com a família e com ela age de uma forma mais controlada, sendo mais avarenta consigo mesma.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
11.	E o segundo comentário aqui, que a despeito de tanto, meu pai que era generoso né? Não sei em relação a hoje, acho que ele não é tão generoso assim mais. Mas também meu pai já não tá tão novo né?, assim, porque ele tem sinais já de impaciência, eu sinto que ele não, para ser franca eu sinto que meu pai não anda muito bem não, eu acho que ele anda assim meio triste-nho, sabe, meio quieto, meio no canto dele, então assim, ele não, assim, na parte da minha vida, é financeira, ele não se mete absolutamente nada hoje, depois que eu casei, né?, sou eu com a minha vida, e ele não... Não dá palpite em nada, até o contrário da minha mãe, né? Mas, ele não... Dá palpite em nada	<ul style="list-style-type: none"> - Meu pai já não é mais tão generoso. - Meu pai já tá velho e impaciente. - Acho que meu pai não tá bem. - Ele tá triste. Ele tá quieto. Ele tá mais isolado. - Ele parou de interferir na minha vida depois que casei. - Eu sou dona da minha vida. - Ele não dá palpite em nada da minha vida. - A minha mãe dá palpite em minha vida. 	S4 descreve as mudanças no seu pai. Considera a impaciência, a tristeza e a sua quietude como um sinal de envelhecimento ou de falta de saúde. Relata que o pai parou de interferir em sua vida a partir do momento que ela casou. Indicando que S4 é tratada como adulta e tem o direito de decidir sobre sua vida apenas depois que casa. A mãe de S4, porém, indica que continua tratando a filha como uma criança e não como uma mulher adulta, casada e mãe de família.
12.	E ele continua sendo generoso né, com algumas coisas lá do jeito torto dele, então exemplo, sempre exemplo né? Que eu acho que às vezes ajuda a esclarecer, então ele sabe, por exemplo, que eu gosto muito de costelinha de porco assada na churrasqueira, então quando eu vou pra lá ele procura fazer essa costelinha, diz que fez especialmente pra mim, e raramente tá do jeito que eu gosto. Mas ele né, sempre procura fazer e eu acho que isso é generosidade sim. Sempre que a gente comenta alguma coisa, por exemplo, viagem, quando a gente viaja juntos, ele sempre sabe, quer bancar isso, quer bancar aquilo, enfim, acho que ele continua sendo generoso. Mas, hoje ele não entra muito na minha vida não. Ele não dá muito palpite sobre a minha vida não. Ele fica muito mais na dele, assim, muito mais ao largo. Não sei se eu ajudei a esclarecer essa questão dois.	<ul style="list-style-type: none"> - Ele ainda é generoso. - Ele tem um jeito meio torto. - Meu pai faz costelinha para mim quando vou a casa dele. - Ele faz especialmente para mim. - É difícil ele acertar o jeito que eu gosto. - Mas ele faz. - Para mim ele é generoso. - Quando a gente viaja junto com eles, ele quer pagar tudo. - Ele continua sendo generoso. - Ele não entra mais na minha vida. - Ele fica na vida dele. 	Percebe-se que o pai de S4 a trata de uma forma especial. É atencioso com ela, procurando agradá-la, fazendo as comidas que ela gosta. Parece ser um pai cuidadoso. Procurando cativá-la. Costumam viajar juntos, em família e o pai tem atitudes generosas, oferecendo-se para pagar as despesas. Porém essa generosidade também pode ser vista como uma forma de continuar controlando a situação e ao mesmo tempo de manter a família reunida, cultivando o apego familiar.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
13.	<p>A questão três né? A questão do cabelo. Eu nunca gostei do meu cabelo né? Eu achava o meu cabelo muito feio, é nunca fui uma pessoa feliz com o meu cabelo e ainda hoje, não sou. Eu sempre tentando fazer alguma coisa com o cabelo e parece que ele nunca se ajeita. Já tive traumas assim também com o corte de cabelo, já na vida adulta, e aí, não eu vou fazer um corte radical prá ver se eu começo a gostar do meu cabelo e foi pior ainda (@@) e hoje eu tenho medo de cortar o cabelo assim.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Eu nunca gostei do meu cabelo. – Meu cabelo era muito feio. – Não sou feliz com o meu cabelo até hoje. Meu cabelo não se ajeita. – Tive traumas com corte de cabelo mesmo depois de grande. – Fiz um corte radical e o meu cabelo só piorou. – Tenho trauma de cortar cabelo. 	<p>S4 não aceita o cabelo que tem, quer muda-lo, tenta cortá-lo para ver se melhorava e não consegue obter o resultado que quer. Apresenta preocupação com o corpo, com o seu aspecto físico.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
14.	<p>Não sei é uma coisa forte essa questão de cabelo. Eu me lembro assim de...de, como eu sempre fui assim, meio, talvez complexada com essa coisa de cabelo, é eu me lembro que não sei se é porque eu prestava atenção nisso, por exemplo, eu tenho uma prima, que sempre o cabelo muito bonito, ela sempre chamava muito atenção pra esse cabelo dela. E eu me lembro de uma vez, a gente era assim menina moça e ela chegou a dizer pra mim, Ah! O meu cabelo eu adoro, a gente falando sobre cabelo eu acho, Ah! Eu não gosto do meu cabelo. Ela falou, ah! Eu adoro o meu cabelo, mas ainda bem porque o meu cabelo é liso, mas o meu cabelo é liso mesmo. Mas até o cabelo lá da minha xereca (@@) espero que vocês entendam que é a púbis, né? Até o cabelo da minha xereca é liso, né? Uma coisa assim surpreendente, que eu acho que ninguém tem cabelo liso nesse lugar. Então, assim, você vê pra mim lembrar disso, uma coisa assim que cabelo, é uma coisa... Que sempre teve uma diferença pra mim. Eu realmente não gosto do meu cabelo até hoje, vivo fazendo coisas no cabelo, que, e poucas às vezes surte, assim, um efeito assim que eu goste que digo assim, poucas vezes eu me lembro de ter dito, ai tô feliz com o meu cabelo dessa vez né.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O cabelo é importante para mim. - Sou uma pessoa complexada por causa do cabelo. - Sinto-me inferiorizada. - O cabelo é algo que me chama atenção. - Minha prima tem um cabelo muito bonito. - Ela era exibida com esse cabelo. - Ela dizia que adorava o cabelo liso dela. - O cabelo dela era todo liso. - Até o cabelo do púbis é liso. - Isso não pode ser verdade. - Ninguém tem cabelo liso nesse lugar. - O cabelo sempre fez diferença para mim. - Sempre me senti diferente por causa do cabelo. - Eu não gosto do meu cabelo até hoje. Meu cabelo é ruim. 	<p>S4 sente-se inferiorizada por não ter um cabelo bom. Um cabelo que não se ajeita e que provavelmente não é liso. Pois parece que o cabelo liso, como o de sua prima que é considerado um cabelo bonito. A participante é insatisfeita com o seu cabelo, como com sua estatura, aspectos físicos que a fazem se sentir inferior perante os outros. Ao dizer que não é feliz com o seu cabelo, talvez não se considere uma pessoa bonita ou atraente, como a sua prima.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
15.	Além disso, eu fiquei, comecei a ter cabelos brancos, muito jovem, Acho que aos 18 anos eu já tinha alguns fios de cabelo branco. Hoje, aos 48 eu diria que 85% do meu cabelo, está branco. E o que não ajuda muito né? Porque você precisa do excesso da química que eu tenho que fazer, porque eu não vou sair aos 48 anos grisalha por aí, faz com que o cabelo nunca fique realmente bom. Então, não sei, essa coisa de cabelo, sempre me incomodou muito. Sempre me incomodou, me incomoda ainda hoje, é eu sempre fico sem saber o que fazer com o cabelo	<ul style="list-style-type: none"> - Meus cabelos ficaram brancos muito cedo aos 18 anos. - Hoje ele está quase todo branco. - Cabelo branco só piora as coisas. - Tenho que pintar o cabelo para não ficar grisalha. - Isso estraga mais ainda o meu cabelo. - O meu cabelo sempre me incomodou. - Eu não sei o que fazer com ele. 	S4 demonstra seu descontentamento com o seu cabelo e agora pelo fato dele estar branco. A importância que dá a sua imagem e aparência física faz com que cometa excessos e estrague ainda mais cabelo.
16.	Às vezes eu vou no salão, fazer uma escova, sai de lá não gosta da escova, né? Tudo assim é difícil eu gostar de alguma coisa que se faz no meu cabelo. Não sei, porque, mas é uma coisa bem... parece que é uma coisa bem... presente, bem forte.	<ul style="list-style-type: none"> - Faço escova no cabelo. - Não gosto de nada que faço no meu cabelo. - É algo bem forte. - Não consigo entender bem. 	Mais uma vez participante evidencia o quanto S4 não gosta e não aceita o seu cabelo, a sua imagem.
17.	A questão quatro, como eu vejo meu pai e minha mãe hoje? Hoje? Acho que hoje. Como pessoas. Deve ser hoje. Bom minha mãe, eu sempre achei que minha mãe era, sempre olhei pra ela e sempre vi uma pessoa muito ocupada, muito...ocupada em cuidar de casa em cuidar de filho dos outros, em produzir, né? Hoje por exemplo, a minha mãe tem 70 anos e faz pão de queijo pra vender, faz empada pra vender, mini pizzas pra vender, faz assados nos Natal e ela é muito ocupada, então eu acho assim, eu vejo ela, como assim... e ela não precisa disso, assim financeiramente, ela não precisa tá nessa trabalhadeira toda	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre vi minha mãe como uma pessoa ocupada. Muito ocupada em cuidar da casa. - Muito ocupada em cuidar dos filhos dos outros. - Muito ocupada em produzir. - Minha mãe tem 70 anos. - Ela faz salgados para vender. - Ela não precisa fazer isso. Não precisa de dinheiro. - Ela não precisa trabalhar tanto. 	A ideia que tem da mãe é de uma pessoa sempre ocupada. Uma pessoa que cumpre com as atividades domésticas, ou seja, com o seu papel tradicional feminino de dona de casa e de mãe. Uma pessoa ativa que procura estar sempre produzindo. Uma pessoa que trabalha muito, mas dentro de casa.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
18.	<p>...eu também assim olho pra ela e vejo minha mãe não dirige até hoje,, nunca dirigiu e eu acho que ela é autoritária com os filhos, autoritária com o meu pai, e acho hum...isso antagônico. Como ela pode ser autoritária e, por exemplo, não dirigir? Né? Não cuidar da própria vida, não ter liberdade pra sair, andar, ir pros lugares sem o meu pai né? E ela reclama às vezes, que vai nos locais e ele quer ir embora imediatamente. Então eu acho ela assim, que às vezes ela é um pouco contraditória. Às vezes é tão autoritária com algumas coisas, mas assim muito submissa com outras. E isso me parece, assim contraditório.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Minha mãe nunca dirigiu um carro. - Ela é autoritária com todo mundo, mas não sabe dirigir. - Ela dirige a vida dos outros, mas não sabe dirigir a dela. - Não é livre para sair. - Não sai sozinha. Ela depende do meu pai para sair. - Ela é autoritária e submissa ao mesmo tempo. 	<p>S4 percebe sua mãe como uma pessoa contraditória, pois ao mesmo tempo em que é autoritária com a família, dirigindo a vida dos outros e comandando sua casa e família, é também submissa e dependente do marido, pois não sabe dirigir um carro, não sai sozinha de casa, sem a companhia do marido.</p>
19.	<p>. É... ela tem uma coisa que me incomoda muito. Até hoje assim, eu não sei se sempre foi assim, mas, ultimamente eu tenho observado muito isso. É ela é assim... eu acho que ela se acha uma boa pessoa, e é mesmo, ela é uma boa pessoa, e ela assim, eu acho que ela se considera muito boa naquilo que ela faz, e eu acho também que ela é uma pessoa muito boa naquilo que ela faz. Mas me incomoda muito hoje, ela assim, tudo o que ela faz é melhor do que qualquer outra...pessoa possa fazer. Então, assim um exemplo, é se ela faz uma comida muito boa é inconcebível para ela que eu possa fazer tão bom quanto ela, alguma coisa. Ela, assim, não sei essa expressão, ela colhe né? Os louros pra ela mesma, né? Então, assim, ela tá sempre se valorizando muito em várias coisas e, às vezes, assim, é isso faz com que eu me sinta diminuída, porque eu acho que tem coisas que eu faço melhor do que ela, ou tão bom quanto ela, mas acho que ela não... não reconhece isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tem uma coisa na minha mãe que me incomoda muito. - Ela se considera muito boa em tudo que faz. - Eu concordo que ela é muito boa no que faz. - Tudo que ela faz é melhor que os outros. - Ela não aceita que eu também faço coisas boas. - Ela se valoriza muito. - Eu me sinto diminuída com isso. - Tem coisas que eu faço melhor do que ela ou tão bem quanto ela. - Ela nunca aceita isso. 	<p>Nesse trecho percebe-se um conflito entre mãe e filha. Existe uma competição e rivalidade entre elas. Enquanto a mãe se valoriza muito pelo que faz, S4 se desvaloriza e sente-se diminuída. Queixa-se da falta de reconhecimento da mãe para com as coisas boas que ela faz.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
20.	<p>Talvez não fale com a intenção de parecer que é melhor, mas é exatamente isso que eu sinto né? Por exemplo, ela sempre, essa coisa dela dizer, ah! Eu sei tudo que se passa na vida de todo mundo, né? Eu acho que ninguém sabe tudo o que se passa na vida de todo mundo. Talvez na parte prática, ela saiba, que, por exemplo, sei lá, que você tá trabalhando, que você fez uma macarronada hoje, mas talvez não saiba aquilo que se passa no seu íntimo, né? Naquilo que como você tá. E eu acho que ela se envolve muito com essa coisa de fazer, fazer, fazer, fazer as coisas dentro de casa e às vezes deixa muito a desejar, no ponto assim de cuidar dela de passar, sabe? De ser mais livre, sabe prá ir comprar um sapato no shopping precisa depender do meu pai, enfim, coisas assim.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Para mim parece que ela se acha melhor. – Ela acha que sabe de tudo da vida da gente. – Ela sabe do dia a dia da gente. – Ela não sabe o que se passa dentro da gente. – Ela sabe o que a gente faz e não o que a gente sente. – Ela se ocupa em fazer as coisas dentro de casa. – Ela não se ocupa em cuidar dela. – Ela não é livre. – Ela depende do meu pai. 	<p>Percebe-se uma carência em relação mãe, no sentido dessa mãe não saber como a filha se sente. A mãe para ela é uma pessoa que se preocupa em fazer coisas dentro de casa, para os outros e não para ela. Uma pessoa submissa, dependente e que não cuida de si mesma. Que vive em função do lar e das atividades domésticas.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
21.	<p>Meu pai, eu acho até que já falei um pouco aqui né? Quando eu falei na questão dois, né? Que hoje eu vejo assim que ele... não é mais aquela pessoa tão autoritária, como ele era antes, que ele era muito autoritário. É ele é mais light, mas em compensação, assim ele não, eu tenho achado ele muito triste, mas meu pai é uma pessoa assim muito honesta, trabalhador, ele é uma pessoa que, por exemplo, até hoje, gosta de leitura, é uma pessoa que valoriza passeios, então, assim ele é muito franco naquilo que ele gosta é, eu acho que essa coisa lá em casa, nós todos os filhos somos muito trabalhadores, somos seis irmãos, todo mundo batalha bastante. Eu acho que isso vem dele né? Que tá com 71 anos, ainda hoje levanta às cinco da manhã, pra ir pro Ceasa, sabe? Fazer compras de coisas fresquinhas e gosta de prover a casa dele com coisas boas, então ele é assim uma pessoa, que muito do que a gente é hoje, como filho, assim de batalhador de... de gostar das coisas boas, eu acho que vem dele né? Eu acho que ele tem essa coisa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Já falei um pouco do meu pai antes. - Ele não é mais tão autoritário. - Hoje ele é mais leve. - Ele tá mais triste. - Ele é muito honesto e trabalhador. - Ele gosta de ler e de passear. - Ele é muito franco. - Nós todos somos muito trabalhadores. Aprendemos isso com ele. - Ele tá com 71 anos e ainda trabalha. - Ele gosta de ser o provedor da casa e de fazer as compras para casa. - Ele gosta de comprar coisas boas. - O que a gente é hoje, deve a ele. 	<p>S4 descreve seu pai como uma pessoa que já foi muito autoritário, mas no momento está mais leve, mais triste. Cita suas qualidades, como uma pessoa honesta e trabalhadora. Um provedor do lar, que gosta de comprar coisas boas para a família. Percebe-se que a participante admira seu pai e identificou-se com ele em muitos aspectos. Ela menciona as virtudes do pai, mais do que a s de sua mãe. No momento que comenta as qualidades herdadas, como a de ser trabalhadora, a atribuição é feita ao pai.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
22.	<p>Às vezes, por exemplo, ele ainda tem aqueles rompantes de mesquinaria né? Nessa parte financeira, porque parece que na minha escrita, a coisa de generosidade e proibição ficou meio...esquisito né? Então eu não sei se consegui esclarecer que é uma pessoa generosa, no ponto de vista assim o que é bom é pra ser feito e, o que é confortável pra uma família é pra ser conquistado, mas na parte assim... é material, vamos supor de comida, de gastar energia dentro de casa né? Eu acho que ele continua com isso. Uma coisa pequena, por exemplo, se você tá na casa dele e tem uma Coca-Cola aberta você não pode tomar um guaraná, porque a coca já tá aberta, ele não precisa disso, né? Hoje ele tem uma vida financeira confortável eu acho que ele não tem necessidade, então às vezes ele ainda tem essas mesquinhas dentro da própria casa dele,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - De vez em quando ele é mesquinho. - Mesquinho no dinheiro e não na generosidade. - Ele é generoso no sentido de fazer coisas boas para família. - De dar conforto para família. - Ele é mesquinho quanto a gastar comida. - Ele é mesquinho quanto a gasto de energia. - Ele não gosta de desperdícios. - Ele é mesquinho com os gastos da casa. Não precisa mais fazer isso. Não precisa se preocupar em não gastar. 	<p>S4 indica um ponto negativo do pai, sua avareza, que continua até hoje, mas na casa dele. Uma pessoa avarenta com gastos, mesquinha, como ela se refere, mas generoso, no sentido de não deixar a família passar necessidade, deixar de dar conforto à família.</p>
23.	<p>... às vezes você chega e ele, não sei fica controlando, meu marido adora ir pra lá porque se junta com os meus irmãos e aí bebem, bebem, bebem, fazem churrasco, ficam o tempo todo e chega uma hora que ele começa a controlar esse consumo deles lá e assim isso me parece que é uma coisa que ele ainda tem hoje de um passado ainda né? Bem... bem longo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Meu pai gosta de controlar. - Meu marido adora ir à casa do meu pai e se juntar com meus irmãos. - Ele adora beber e fazer churrasco. Meu pai controla o que eles estão consumindo. - É um hábito antigo do meu pai. 	<p>O pai de S4 continua sendo controlador nos gastos. Uma pessoa que não gosta de cometer excessos. Um hábito antigo que ele não consegue abrir mão. O marido de S4 e os irmãos dela parecem ser diferentes, pois não controlam o que bebe ou comem, ao contrário, excedem e S4 parece relatar isso de forma crítica.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
24.	Olha, quando eu, na questão cinco, quando eu menstruei eu...eu acho que eu sabia o que era menstruação, mas eu não sabia exatamente como era a menstruação e eu me assustei um pouco com a menstruação e pra mim, me parecia que era uma coisa que devia esconder, que não era uma coisa muito... (@@) que era uma coisa chata, feia, é sei lá, mas assim, do que eu me lembre, eu me lembro que me assustei quando fiquei menstruada.	<ul style="list-style-type: none"> - Acho que eu sabia o que era menstruar na teoria, mas não na prática. - Fiquei um pouco assustada quando a menstruação chegou. - Eu achei que devia esconder. - Era uma coisa desagradável. Era uma coisa feia. 	S4 vivencia a sua menstruação como algo assustador, feio e desagradável. Algo que a constrange e acha que tem que esconder.
25.	Eu achei que foi cedo, eu acho que eu tinha 12 anos. É então eu sabia, eu acho, eu sabia que existia menstruação, mas eu não sabia como era a menstruação como funcionava, quantos dias durava, como é que você se cuidava, que isso não era uma coisa que precisava ser escondido de todo mundo, que sabe? Como é que você fazia a sua higiene, como é que você cuidava desta sua limpeza? Então esse detalhamento todo, eu não sabia não, por isso que a menstruação me causou um certo susto, mas eu sabia sim, o que era menstruação quando eu fiquei menstruada, agora eu acho que eu descobri isso na escola. Acho que eu descobri na escola, com as amiguinhas alguém comentava, alguém já tinha menstruado, é leituras né? Porque a gente, eu sempre gostei muito de ler. Não sei exatamente, mas eu sabia, quando eu menstruei eu sabia o que era menstruação. Só não sabia do detalhe, de como é que funcionava essa...essa coisa, como era CUIDAR, quando se está menstruada	<ul style="list-style-type: none"> - Eu menstruei muito cedo, aos 12 anos. - Eu sabia que as meninas menstruavam. - Eu não sabia como funcionava isso. Como lidar com isso. - Eu não sabia como cuidar disso. - Eu não sabia que eu não precisava esconder isso. - Eu não precisava sentir vergonha por menstruar. - Eu não sabia como limpar e fazer minha higiene. - Eu descobri o que era menstruação na escola. - Algumas colegas falavam que já tinham menstruado. - Eu descobri o que era menstruação lendo. 	S4 relata que tinha noção do que era a menstruação, porém quando isso acontece com ela, fica assustada. Acha que foi cedo demais, indicando sua dificuldade em se adaptar a nova situação. Mostra também que não estava nem um pouco preparada, não sabia como lidar na prática. Chama atenção o fato de S4 não ter obtido informações sobre isso direto com sua mãe e sim por colegas, e em livros. Fato que comprova uma relação distante entre mãe e filha. Vive esse momento como algo desagradável, que a deixa constrangida, achando que tem que esconder dos outros.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
26.	<p>Na questão seis, namorar muito cedo, quando na cidade que eu morava, que era uma cidade pequena, existia aqueles bailes de debutantes né? Aos 15 anos as meninas eram apresentadas no salão, dançavam valsas com os seus pais e idealmente eu acho que o que a sociedade e os pais daquela época esperavam era que você comesse a namorar a partir daquele momento. E eu comecei a namorar antes desse momento. Então isso foi considerado muito cedo né? Acho que pelos meus pais, pela família em si, embora tivesse amiguinhas que na minha idade também já tinham os seus namorados, eu acho que prá aqueles padrões era um pouco cedo, talvez tinha que esperar passar a festa dos 15 anos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Namorei muito cedo para a cidade que eu morava. - Eu morava numa cidade pequena. - Existiam os bailes de debutantes. - Quando as meninas completavam 15 anos iam para os bailes. - As meninas dançavam valsa com os pais e eram apresentadas a sociedade. - As meninas deveriam namorar aos 15 anos. - Eu namorei antes dos 15 anos. - Não esperei passar a festa de debutantes. 	<p>S4 descreve uma tradição de sua época de adolescente, quando as meninas ao completarem 15 anos eram apresentadas a sociedade pelos seus pais. Após esse período, começavam a namorar. No entanto, a participante foge aos padrões de sua época e de sua cidade, namorando antes dos 15 anos. Isto é, namorando antes de ser permitido, ou da idade ideal.</p>
27.	<p>E eu namorei por que... eu acho que eu insisti com isso, eu acho que de certa forma, do meu jeito eu insisti com isso, que era uma coisa que eu iria querer e a sensação que eu tenho é que o meu pai, talvez ele pensava assim, acho que proibir é pior. Mas ele controlava muito, por exemplo, eu não podia sair com o namorado eu tinha que... então essa forma de controle era assim, eu tinha que namorar dentro de casa, ali na sala com eles do lado, ou então eu na sala e eles na sala de televisão, ou então eu ficava namorando numa área que a gente tinha fora, assim do lado de dentro da casa, como se fosse uma churrasqueira, que naquela época não tinha isso. É e o meu pai passava toda hora, sabe? Pra olhar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu insisti para namorar. - Eu queria namorar. - Acho que o meu pai pensou que proibir iria ser pior. - Ele decidiu não proibir, mas me controlar. - Eu não podia ficar sozinha com o namorado. - Namorar só dentro de casa. - Meus pais ficavam por perto. - Meu pai ficava vigiando. 	<p>S4 aparenta ter uma personalidade firme e decidia com as coisas que quer. O pai não conseguindo proibir o namoro opta pelo controle, pela vigia. Descreve a forma de namoro que era usada em sua época, em que os namorados raramente podiam ficar a sós. Um comportamento comum adotado pelas famílias pare evitar os problemas de perda da virgindade, gravidez na adolescência, etc.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
28.	<p>Eu me lembro de um episódio, inclusive agora aqui falando desse local que eu namorava que a casa tinha aqueles vidros que quem tá dentro vê e quem tá fora não vê. Então eu me lembro que tava uma vez nessa área namorando e eu me lembro que me levantei e sentei na perna do meu namorado que tava alguma coisa na mesa e ele tava na cadeira e me sentei na perna dele e isso foi uma coisa completamente absurda porque o meu pai surtou. Ele surtou com isso, disse que isso não era jeito de namorar, chegou lá na frente do namorado e falou para os dois escandalosamente que uma moça não senta no colo do namorado, então falando dessa área aí que a gente ficava namorando eu me lembrei disso, foi uma coisa difícil isso, ele sabendo que tava com uma caixa de fósforo na mão e ele acho que ele ficou tão nervoso com isso que ele falando com a gente destruindo a caixa de fósforo (@@), isso foi uma coisa assim que agora me lembrei, uma coisa interessante. Então, enfim ele me controlava eu não podia sair, quando eu saía os meus irmãos tinham que ficar comigo o tempo todo, eu não podia ir ao cinema, não podia ir numa festa sozinha com o namorado, enfim, várias coisas eu não podia fazer.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Meu pai enlouqueceu quando sentei na perna do meu namorado. – Ele fez um escândalo. – Isso era um absurdo para ele. – Para ele uma moça não deve se sentar no colo do namorado. – Meu pai ficou muito nervoso com isso. – Isso foi uma coisa engraçada. – Ele me controlava. – Eu não podia sair sozinha com o namorado. – Meus irmãos ficavam com a gente o tempo todo. – Eu não podia fazer várias coisas. 	<p>S4 relata como o pai exercia um controle rígido no namoro dela. Ela era vigiada pelo pai ou pelos irmãos. Nunca podia estar a sós com o namorado. O cuidado excessivo do evidencia seu receio que a filha tivesse uma relação sexual ou perdesse sua virgindade. O pai exercia sua função patriarcal de manter a honra da família.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
29.	<p>Namorar por exemplo, era só no sábado e no domingo, assim mesmo nessas condições, dentro de casa. Então essa era a forma de controle, talvez por isso é que... apesar do controle eu namorei. Porque eram duas coisa muito, muito conjugadas. E não sei, parece que a sensação que eu tenho, é que o meu pai pensou isso, se ele me proibisse, talvez fosse pior, por que...acho que eu até deixei claro no texto que eu escrevi né? Que eu era danadinha sim, eu não era bobinha não, eu era presa eu era controlada, mas eu era...era danadinha sim, eu não era bobinha não. Então, não sei, talvez ele tenha pensado isso, mas eu também nunca fiz nada assim de, digamos assim pular a janela pra ir namorar escondido. Nada disso. Às vezes, o máximo que eu já fiz foi ir pra uma festinha e chegar lá e encontrar com o namorado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O namoro era permitido só no fim de semana e só dentro de casa. - Apesar de tantas restrições e controle eu namorei. - Eu era danadinha. - Eu era presa e controlada pelo meu pai, mas não era boba. - Meu pai achou melhor me deixar namorar porque eu era danada. - Proibir não ia adiantar. Ia ser pior. - Nunca fugi para namorar escondido. - Eu era danada, mas não aprontava muito. 	<p>Continua relatando as regras para namorar estabelecidas pela família. Do controle rígido sobre o namoro, do cuidado do pai em relação à filha. Do controle da sexualidade. S4 revela que conseguiu namorar devido a sua personalidade forte, de ser “danada”, e que o pai sabia que se não cedesse ela iria namorar do mesmo jeito. Melhor seria ceder e que fosse embaixo dos seus olhos, ou seja, sob o seu controle, do que escondido.</p>
30.	<p>Me lembrei agora também agora com esse negócio de encontrar com o namorado, me lembro de uma vez que eu vindo com o namorado, ou indo embora pra casa, andando na rua assim, devia ser o quê? Não era meia-noite, onze horas da noite sei lá, e. não sei talvez a gente tenha pego na mão, ou ele tenha passado a mão nas minhas costas e a gente não percebeu, mas o meu pai tava em pé, na frente da casa, esperando, e fez um outro, surtou de novo. E chegou a dizer que o namorado tava pegando na minha bunda o que não era verdade né? Talvez ele tenha, sei lá tentado colocar o braço nas minhas costas e. enfim era essa a forma de controle. As poucas vezes que eu conseguia namorar longe dele, ele tava lá, em pé esperando. Acho que é isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Meu pai surtou de novo quando meu namorado. - Ele achou que o meu namorado tinha pegado na minha bunda. - Não foi isso que aconteceu. - Poucas vezes eu conseguia namorar longe do meu pai. - Meu pai ficando esperando eu chegar. 	<p>Fica claro o receio e o cuidado do pai de S4 para que ela não tivesse relação sexual com o namorado.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
31.	<p>Sobre a questão sete. Como eu vejo isso hoje? É hoje, eu vejo que, é a mesma coisa. Poucas pessoas ligam pra mim. É, por exemplo, ontem eu tive até uma discussão com a minha filha caçula, porque ela, ela passa o final de semana todo saindo pra rua, e indo pra uma festinha e ontem (domingo) levantou e enfim saiu de casa tipo umas seis horas e disse que ia pra Igreja, ia pra Missa e deu meia-noite, meia-noite e meia, uma hora, eu comecei a ligar pro telefone, ninguém atendia, então quando ela chegou mais de uma hora da manhã eu discuti com ela, falei que, não era correto isso, que eu tava acordada, que eu tava preocupada, porque ela tava com o celular desligado, que eu tava com medo que tivesse acontecido alguma coisa, então ela, assim a sensação que eu tenho é que não liga pra mim, não tava ligando pra mim, como pouco to me lixando se a minha mãe, ou seja nem lembra que tem mãe né? Que precisa avisar que tá uma hora da manhã na rua, então, né?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Continua tudo igual. - As pessoas continuam não ligando para mim. - Ontem eu discuti com a minha filha. - Ela saiu para rua todo o final de semana. - Ela saiu cedo para Igreja e voltou tarde. - Eu estava preocupada com ela. - Eu fiquei esperando ela chegar. - Eu estava com medo. Podia ter acontecido alguma coisa. - Ela nem ligou ou atendeu o celular. - Ela nem lembra que tem mãe nessas horas. 	<p>Para S4 importar-se com alguém é preocupar-se, querer saber aonde a pessoa está. Queixa-se da atitude da filha que se esquece dela, quando sai nos finais de semana. S4 parece agir de forma semelhante à de seu pai. Controla os horários em que a filha sai e chega em casa, esperando até ela voltar, como o seu pai fazia com ela. Preocupa-se quando ela está na rua e parece não gostar que a filha saia com tanta frequência. Parece pensar: será que o lugar de menina é na rua? Ou seria dentro de casa? Entende-se também que S4 gostaria de ser lembrada pela filha. Ligar para alguém significa importar-se, preocupar-se, controlar.</p>
32.	<p>Hoje eu tenho essa sensação também, na verdade eu me vejo muito só. Muito eu cuidando de mim mesma né? É mas também não sou de pedir pra ninguém cuidar de mim, talvez isso afaste um pouco as pessoas né? Inclusive o meu marido, nas raras vezes em que eu peço, ele sempre cuida, faz alguma coisa. Mas acho que é uma coisa muito minha, de me isolar mesmo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sou muito só. - Eu cuido de mim mesma. - Não gosto de pedir para cuidarem de mim. - Minha atitude afasta as pessoas. - Raramente peço alguma coisa para o meu marido. - Ele sempre cuida. - Ele sempre faz o que eu peço. - Gosto de me isolar. 	<p>S4 ao responder a questão dá-se conta de que é uma pessoa que gosta de cuidar de si mesma. É uma pessoa solitária. Não gosta de pedir ajuda dos outros. Reconhece que seu comportamento contribui para que as pessoas se afastem dela, dando a entender que não se importam com ela, mas na realidade comprova que está errada, pois sempre que solicita algo é correspondida.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
33.	<p>A questão oito, acho que é uma sequência da sete né? Eu acho que eu ainda me sinto muito só hoje, apesar de ter duas filhas, de estar casada. É essa questão de peso, eu não tenho tanto hoje né? O meu peso é muito mais controlado, o meu cabelo continua fei... é, enfim mas eu acho que eu sou, eu mesma é que sou assim meio arredia, eu acho que eu é que me isolo, eu é que fico tristonha, por pouca coisa, não sei eu tenho a sensação de que, as coisas seguiram o mesmo curso, até hoje, embora essa questão de peso não é importante, hoje aos 48 anos eu to lutando com questão de acne, me sentindo horrrosa porque to com o rosto cheio de espinhas, e então parece uma repetição do que já se passou, esta coisa, enfim. Acho que eu continuo repetindo assim alguns comportamentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu ainda sou muito só. - Sinto-me sozinha mesmo tendo uma família. - Hoje não me sinto mais gordinha. - Consigo controlar o meu peso. - O meu cabelo continua feio. - Eu sou arredia. Eu me isolo dos outros. Fico triste por pouco. - O peso não é mais importante hoje. - Hoje eu tenho 48 anos. - Eu tenho problemas de pele. Sinto-me horrível. - Estou cheia de espinhas no rosto. - Tudo está se repetindo. 	<p>S4 sente-se só mesmo tendo uma família. Continua achando-se feia, não aceita seu cabelo e nota-se que se preocupa com a idade, de estrá mais velha. Continua preocupando-se com sua aparência física e não se acha bonita. Reconhece que é uma pessoa triste e que gosta de estar só.</p>
34.	<p>Essa questão nove eu não vejo que tem, não tem nenhum contraditório aqui. Ele era saliente, era assanhado, o meu marido, mas não era comigo (@@), não era assanhado comigo né? Acho que ele era ousado e ele tentava né? Muitas vezes ele fez menção de que queria que a gente transasse e eu acho que não é contraditório dele me deixar insegura, eu acho que as coisas se completam. Eu acho que eu pensava assim: Bom, ele não me deixa segura de que é uma pessoa que vai muito além dessa coisa de transar. Eu acho que é só isso que ele quer depois que transar, ele vai cair fora. Então eu acho que é uma coisa que se completa. Não vejo que há contraditório.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não tem nada de contraditório. - Ele era saliente e assanhado. - Ele não era assanhado comigo. - Ele era ousado comigo. - Ele queria transar comigo. - Ele me deixava insegura. - Eu pensava que ele queria só transar comigo - Para mim ele queria transar e depois ia embora. 	<p>Para S4 o marido querer transar, mostrar interesse sexual por ela, era algo que não lhe garantia que o marido iria ficar com ela, continuar com ela. A atração sexual do marido não lhe deixava mais segura, ou indicava de que ele tinha interesse em ficar com ela. A seu ver, o interesse dele era apenas sexual. Gostar e querer fazer sexo indicam serem duas coisas separadas para a participante.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
35.	Ele era assanhado, queria porque queria que a gente transasse, fazia de tudo, tentava me pegar em tudo quanto é lugar, é. Mas essa insegurança vem exatamente disso, eu acho que eu não acreditava que ele pudesse ter um sentimento muito mais profundo do que, querer simplesmente transar e depois vamo que vamo, né?	<ul style="list-style-type: none"> - Ele era muito assanhado. - Ele insistia para gente transar. - Eu me sentia insegura com isso. - Eu achava que ele não tinha um sentimento mais profundo por mim. - Achava que ele queria apenas transar comigo. 	Repete-se nesse trecho a mesma convicção de que interesse sexual e gostar são duas coisas diferentes.
36.	É essa questão dez, assim como eu me casei virgem, eu pensava assim, bom quando a gente casar, a gente vai transar todo dia, de manhã, de tarde, de noite. É uma fantasia que eu tinha, que eu achava que era assim né? Pensava: Bom já que ele me tentou por quatro anos querendo isso, eu acho que quando a gente casar nós vamos ter um relacionamento sexual muito rico, muito caliente, muito todo dia, muito toda hora e não foi assim que aconteceu, né?	<ul style="list-style-type: none"> - Eu casei virgem - Eu pensei que a gente ia transar todo dia depois de casar. - Pensei que a gente ia transar toda hora. - Ele ficou me provocando por 4 anos. - Achava que a gente ia ter um sexo rico. - Sexo muito quente. - Não foi isso que aconteceu. 	S4 fala da sua desilusão em relação ao relacionamento sexual com o marido. Criou uma ideia que não se confirmou depois do casamento.
37.	Ele... logo que nós casamos era, e.. claro, hoje, hoje que eu tô mais adulta eu sei que ninguém, nada funciona assim. Nenhum casal vai casar e ter sexo todo dia. É, mais isso pareceu que funcionou pra mim como assim, uma conformação, eu acho que a partir desse momento, eu criei um estigma de me conformar com as coisas que viessem dele, e isso vai muito além do relacionamento sexual né?	<ul style="list-style-type: none"> - Hoje eu entendo que as coisas não são assim - Ninguém casa para fazer sexo todo dia. - Conformei-me com a situação. - Criei o hábito de me conformar com as coisas dele. - Conformei-me com muita coisa. 	Dá-se conta de suas expectativas e de sua imaturidade. Relata que aprendeu a se conformar cedo com as coisas que vinham por parte do marido, logo no início do casamento. Dando a entender que não questionava, ou cobrava dele, mas procurava aceitar e se submeter.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
38.	Então, hoje, por exemplo, como que eu posso assim, me conformo por exemplo, de ser, por exemplo, a mantenedora da nossa casa, enquanto ele gasta praticamente tudo que ganha em...nas questões dele, na direção, lá no sítio, que é uma coisa que ele gosta muito de fazer. Então essa coisa de conformismo eu acho que começou aí. Do relacionamento sexual, mas é uma coisa que transcende né? Acho que ela vai muito além.	<ul style="list-style-type: none"> - Aceito em ser a provedora da casa. - Aceito de ele gastar com ele e não com a família. - Comecei a me conformar com o nosso relacionamento sexual. - Mas me conformo com muito mais coisa do que isso. 	Entende-se que S4 relata sua insatisfação com o casamento, com a relação sexual e por ser a provedora da casa. Queixa-se que o marido gasta dinheiro com ele mesmo e não com a família. Uma atitude contrária de seu pai, que procurava proporcionar coisas boas para a família. Isso indica o quanto ela critica o fato dele se permitir, em fazer coisas que gosta e usar o dinheiro para ele mesmo. O que ela parece ser difícil para ela.
39.	É essa questão onze né? É que e ela vem atrás da dez, né? Que quer dizer, por exemplo, assim que hoje eu sou a mantenedora da casa e é difícil pra mim conversar sobre isso com ele, porque ele não aceita, ele não aceita. Todas às vezes que eu digo alguma coisa. Não! Você não participou disso, então você não precisa dar opinião sobre o que eu vou comprar agora, sobre o que eu vou fazer, não é você que tá pagando e ele não aceita isso. Ele não aceita.	<ul style="list-style-type: none"> - Hoje sou eu que mantenho a casa. - É difícil para mim. - É difícil para eu conversar sobre isso com o meu marido. - É difícil porque ele não aceita. - Ele não aceita que eu dê opinião. - Ele não aceita que dê opinião sobre o que comprar. 	S4 mantém a casa e parece ser a principal provedora. Esse assunto é difícil de ser conversado entre o casal. Um problema que não foi trabalhado com diálogo entre eles. Não fica claro se é o marido que não gosta que ela diga como ele deve administrar o seu dinheiro, ou se é ela que não permite que ele dê opinião, no que comprar, uma vez que não é ele quem faz as compras da casa.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
40.	As nossas conversas sobre essa questão de... de financeira são difíceis, porque eu acho que ele tem consciência que não ajuda mas parece que isso é uma coisa muito difícil pra ele, pra conversar sobre isso. Então ele parte pra um lado que assim, que não faz sentido né? É a conversa parte pra um lado que não... aí ele começa a mostrar os meus defeitos, que eu é que sou muito.. né ? Que eu também não preciso exagerar, que enfim. É... tão difíceis as nossas conversas sobre isso, mas quer dizer a gente tem tido uma vida financeira confortável apesar dele não comparecer muito.	<ul style="list-style-type: none"> - A nossa conversa é difícil. - Ele reconhece que não ajuda. - É difícil para ele admitir isso. - É difícil para ele conversar que não ajuda. - Ele começa apontar meus defeitos. - Ele acha que eu exagero. - Temos uma vida financeira tranquila. - Ele não participa muito. 	Evidencia-se nesse momento a queixa de S4 em relação a essa situação. Da sua insatisfação com o marido, o qual não ajuda nas despesas da família.
41.	Então por exemplo, talvez fique claro, ele faz uma viagem por ano ao Pantanal com os amigos pra pescar. Ele gasta um absurdo nessa viagem, e chega em casa não traz sequer um peixe, digamos assim e isso pra ele é normal. Uma coisa normal e eu não devo me queixar disso, e eu por minha vez me sinto no direito de me queixar disso, sim, porque se ele não comparece dentro de casa, não faz sentido, pra mim, não faz sentido que ele faça assim gastanças com ele mesmo, com alguma coisa que não é... não atinge a nós quatro digamos assim	<ul style="list-style-type: none"> - Vou dar um exemplo. - Ele viaja uma vez por ano. - Ele viaja com os amigos para pescar. - Ele gasta muito dinheiro nessa viagem. - Não se lembra de trazer nada para família. - Ele não quer que eu me queixe disso. Eu tenho o direito de me queixar. Não aceito que ele gaste o dinheiro só com ele e não com a família toda. 	A queixa de S4 é mais em relação a ele gastar dinheiro com ele, em usar seu dinheiro para fazer coisas que ele gosta como viajar com os amigos. Para ela, o certo seria ele pensar em todos da família ao gastar o seu dinheiro e não apenas nele. Existe também uma queixa dele não se lembrar da família, como se não se importasse com eles.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
42.	<p>É essa questão doze né? Ela tem a ver com a dez. Esse por ironia é que, eu falei aqui na questão dez, por exemplo, que eu tinha aquela fantasia de que quando a gente casasse a gente, nossa! seria um estrondo, né? Seria uma coisa doida e não foi isso né? Que aconteceu. Então esse por ironia tem a ver com isso né?... Que... assim eu me casei e tinha interesse sim, eu me lembro que quando eu engravidei da nossa primeira filha, aos 25 anos, eu tive ela com 25, é acho que uns cinco meses antes da minha filha mais velha nascer, simplesmente nós paramos de ter qualquer relacionamento sexual porque o meu marido não quis. Ele achou que, ele decidiu que ia me machucar e não... eu não conseguia conversar com ele sobre isso e eu me senti muito rejeitada nessa época né? E assim tinha interesse sexual e tive por muitos anos né, na nossa vida e assim, às vezes é mais do que ele eu sinto e agora ironia por isso. É que agora ele tá lá interessado, como sempre, que nem aquela piada né. Você já deu a sua do mês? Já. Você já deu a sua? Já. Então... não sei como explicar isso. Mas é como assim, ele tem interesse hoje, talvez continue do mesmo jeito de sempre, né? Mas o meu foi pra baixo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu tinha uma fantasia. - Achava que quando a gente casasse seria um estrondo. - Pensei que seria uma coisa doida. - Não foi isso que aconteceu. - Eu tinha interesse em sexo sim. - Cinco meses antes da minha filha nascer paramos de fazer sexo. - Ele não quis mais fazer sexo. - Ele achou que ia me machucar. - Ele decidiu assim - Eu não consegui reclamar com ele. - Eu e senti rejeitada. - Eu tive interesse sexual por muitos anos. - Às vezes eu tinha mais interesse do que ele. - A ironia é porque quando ele tem interesse. - O meu interesse sexual acabou. 	<p>S4 comenta sobre a ironia em sua vida sexual. Pois quando tinha interesse em fazer sexo, o marido não queria. Alegava que poderia machucá-la e o bebê e simplesmente decide parar. Não conversa com a esposa sobre isso. Com a chegada da menopausa, agora é ela quem perde o interesse por sexo.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
43.	<p>O meu praticamente acabou e essa coisa de fazer sexo sem querer é porque eu to casada com ele, sei que ele se relaciona só comigo, eu não tenho interesse nem hoje, nem amanhã, nem daqui a uma semana, nem daqui a 15 dias, nem daqui a um mês. Mas se eu estou vivendo um relacionamento estável, eu acho que chega uma hora que eu tenho que ir. É uma questão que eu acho que acomete todas as mulheres em geral. Se você tá casada chega uma hora que você tem que ir. E isso eu não gosto, eu não gosto. Isso intensifica em mim tudo quanto é tipo de sentimento né? Por exemplo, se me machuca, parece que machuca muito mais, porque eu não to querendo. Se... é enfim eu não gosto do barulho que ele faz, parece que eu não gosto muito mais. Então por isso é que fica assim, eu considero que às vezes é tipo torturante. Uma coisa, tem dia que vai, vai legal assim, nunca é aquele prazer de antes. Mas às vezes eu até trabalho legal esta questão, mas tem dia que é horrível, tem dia que eu fico louca pra terminar logo, pra eu ficar livre, digamos assim.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Faço sexo sem querer. – Faço sexo porque estou casada com ele. – Sei que ele faz sexo só comigo. – Eu não tenho mais interesse em fazer sexo. – Chega uma hora que sou obrigada a fazer sexo. – Isso acontece com todas as mulheres. – Se você é casada tem que fazer sexo. – Eu não gosto disso. – Se me machuca, machuca mais ainda porque faço obrigada. – Não tenho aquele prazer de antes – Tem vezes que é horrível. Não vejo a hora que termine. 	<p>A questão sexual é importante na vida de S4. Agora na menopausa não sente mais prazer em fazer sexo. São poucas as vezes que sente algum prazer. No entanto, acha que deve cumprir sua função e papel de esposa, obrigando-se a fazer sexo sem vontade. O que a deixa irritada.</p>
44.	<p>A questão treze, essa questão da paciência né? É que eu realmente to muito impaciente né? To assim, não to tolerando muita coisa não e eu sempre tive muita paciência, sempre aguentei tudo dos três, né? Uma não quer comer isso, ah! Então vamos negociar vamos comer outra coisa. A outra ficava doente hoje, amanhã ou depois, ah! Então vamos, vou cuidar e tal, hoje eu já não tenho mais paciência, a hora que adoce eu fico brava, que é porque deixou de cuidar de alguma coisa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Eu estou muito impaciente. Não estou tolerando mais nada. – Eu sempre tive muita paciência. – Eu sempre aguentei tudo da família. – Eu sempre aceitei tudo. – Eu não reclamava de nada. – Hoje eu já não tenho mais essa paciência. Eu fico brava. 	<p>S4 descreve-se como uma pessoa paciente, dedicada ao lar, as filhas e ao marido. Procurando atendê-los sem reclamar. No entanto, hoje, percebe que não tem mais essa paciência. Fica brava. Como se não estivesse mais tão disponível para cuidar de tudo e sem reclamar.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
45.	<p>É meu marido né, com essa questão de ir pra chácara, de ficar muito na dele, de cuidar muito das coisas dele e o resto que se dane né? Às vezes, é, então assim eu to muito impaciente, to muito impaciente com eles, to muito impaciente no meu trabalho, to muito impaciente no trânsito, é eu to muito impaciente assim com tudo, eu acho que eu, é como se tivesse chegado na tampa da lata. É e eu sempre tive mesmo, sempre fui assim muito sabe? De cuidar, cuidar, cuidar, cuidar, cuidar dos três é o tempo todo né? E até não só dos três, da minha família, meus irmãos quando tavam lá com algum problema nas suas famílias e me chamavam e eu, pra conversar e eu ouvia calmamente, tentava ajudar e hoje eu não tenho assim muita paciência pra essas coisas não. Há uma, acho que eu to vivendo um processo, um momento que é..., por exemplo, que nem ontem a minha filha, se não chega em casa eu fico impaciente entende? Eu não consigo considerar, é... que sei lá que ficou sem bateria no celular, por isso que não ligou, enfim</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Meu marido fica na chácara. - Ele gosta de ficar na dele. Ele gosta de cuidar das coisas dele. - Às vezes eu estou muito impaciente no meu trabalho, no trânsito. - Estou impaciente com tudo. - Cheguei ao meu limite. - Eu sempre cuidei muito da família o tempo todo. - Eu cuidei dos meus irmãos também - Tentava ajudar todo mundo. - Não tenho mais paciência para essas coisas. - Estou vivendo um processo diferente. - Não consigo relevar mais nada. 	<p>Nota-se claramente que S4 assume seu papel tradicional de esposa e mãe e passa uma vida inteira dedicando-se não só a família dela, como aos irmãos. Preocupada em cuidar de todos, assumindo essa responsabilidade sozinha. No entanto, hoje se vê como uma pessoa impaciente. Em processo de mudança.</p>
46.	<p>E eu sempre tive, eu acho que, não sei o que, que me levava a ter paciência? Não sei essa coisa de aceitar tudo né? E talvez hoje, olhando mais pra mim, me vendo mais crua e nua, olhando mais o que... que tá sobrando de tudo que eu já fui e que eu sou, ahn! Talvez fique mais difícil lidar com essa coisa de suportando tudo de todos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não sei por que eu tinha tanta paciência. - Essa coisa de aceitar tudo. - Hoje olhando para mim mesma. Vendo o que sobrou. Tá difícil continuar suportando tudo de todos. 	<p>Deixa claro que não suporta mais aceitar tudo, sem reclamar. Não tem mais disponibilidade para isso.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
47.	<p>É essa questão catorze sobre escolarização é uma...uma questão... isso que assim até comecei a trabalhar em terapia , num processo psicoterapêutico, interrompido, mas eu nunca tive clareza sobre essas coisas, mas eu sempre fui uma menina, uma boa aluna, uma menina inteligente, sempre fui destaque nas escolas, é... mas, eu assim, não sei, talvez a escolha né, da minha, do meu curso, eu comecei a discutir muito isso no processo psicoterapêutico, que talvez foi uma escolha, uma das poucas escolhas que eu fiz por mim mesma, que foi a minha graduação e que isso talvez tenha ido de encontro, a uma tradição familiar em que todo mundo era administrador, que todo mundo cuida hoje do seu próprio negócio. E assim, nesse processo terapêutico, a gente começou a colocar, eu sempre achei que eu podia, que eu era uma boa aluna que eu tinha essa afinidade de estudar e depois comecei um, tentei um Mestrado aqui na Psicologia na UNB e tive uma experiência muito ruim, que eu me senti péssima, que eu me senti a pior das criaturas, eu já achava que não ia ser páreo, é pra conseguir entra naquilo, que eu não conseguiria dar conta daquele curso, e hoje por exemplo, já tô fazendo um Mestrado na área de economia e que tá indo muito melhor, mais tranquilo, acho que eu até posso dizer que to gostando né?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Comecei a trabalhar em terapia sobre escolarização. - Tive que interromper. - Isso nunca ficou claro para mim. - Eu sempre fui uma menina. - Eu sempre fui uma boa aluna. - Eu sempre fui uma menina inteligente. - Sempre me destaquei nas escolas. - A escolha que eu fiz por mim mesma. - A escolha da minha graduação - Isso estava de acordo com a tradição familiar. - Todo mundo na família é administrador. - Todos tem o seu próprio negócio. - Eu sempre achei que eu podia estudar. - Tentei um Mestrado na Universidade. Na psicologia. - Tive uma péssima experiência. - Fez-me sentir a pior das criaturas. - Achei que não ia dar conta de fazer o Mestrado - Hoje faço Mestrado em Economia. - 	<p>S4 comenta que foi sempre uma menina inteligente, boa aluna, no entanto quando foi tentar Mestrado na Psicologia, não teve sucesso. Frustrou-se, por não conseguir ir adiante e ingressar no Mestrado. É importante esclarecer que S4 fez graduação em Psicologia e em Administração. Todos na família estudaram nessa área. Ela foi a única que optou por algo diferente, em fazer Psicologia, e depois fez Administração. Acha o Mestrado acadêmico, na Psicologia mais difícil e o Mestrado Profissionalizante em Economia, mais tranquilo.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
48.	É do meu tempo de escola, de criança, não me lembro de nada assim. Me lembro de dois episódios ruins, uma vez eu levei uma surra do meu pai de, de cinto e fui pra escola com a perna manchada com esse cinto e os coleguinhos perceberam e eu odiei isso, eu era muito pequena, mas eu odiei,	<ul style="list-style-type: none"> - Do tempo de escola lembro-me de pouca coisa. - Lembro-me de uma surra que levei do meu pai. - Levei uma surra de cinto. - Fui para escola com a perna roxa. - Os colegas perceberam na escola. - Eu odiei eles terem notado isso. 	
49.	...me lembro também da minha formatura de quarto ano, lá no primário, em que minhas tias já moravam com a minha mãe na época e cuidaram do meu cabelo fizeram cachinho ficou aquele cabelo mais bonitinho, mas minha mãe me deixou ir pra lá de chinelo de dedo, quer dizer, eu culpo ela, não sei acho que a culpa é minha também, mas eu olhando pra mim como mãe eu acho que eu jamais permitiria que a minha filha fosse pra uma formatura na escola com chinelo de dedo. É me lembro também de ter perdido uma professora muito bonita que eu gostava muito dela, ela faleceu muito jovem.	<ul style="list-style-type: none"> - Lembro-me da minha formatura no quarto ano. - Minhas tias moravam com a minha mãe. - Elas arrumaram o meu cabelo. - Meu cabelo ficou lindo. - Minha mãe deixou que eu fosse de chinelo de dedo para a minha formatura. - Minha mãe não se importou comigo. - Mas eu nunca conseguiria fazer isso com as minhas filhas. - Perdi uma professora muito bonita. - Eu gostava muito dela. - Ela morreu jovem. 	S4 recorda-se de três momentos marcantes e ruins que passou na escola. Um primeiro em que chama atenção dos outros por ter apanhado. E o segundo por ir mal arrumada para sua formatura. O segundo momento reforça mais uma vez sua queixa de falta de cuidados da mãe para com ela. O terceiro, em que ela perde uma professora bonita e de quem gostava muito.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
50.	É mais assim no geral, sempre fui boa aluna, eu sempre gostei das minhas escolas, nunca fui de fazer muitas amizades na escola, não. Eram poucas, bastante selecionadas, é nunca fui de.. como até hoje eu não sou uma pessoa de muitos amigos né? Eu sou muito mais, eu acho que a minha, o meu jeito de ser, de às vezes ser assim muito seca, acho que isso espanta um pouco né, de amizade.	<ul style="list-style-type: none"> – Sempre fui boa aluna. – Sempre gostei das escolas que estudei. – Não tinha muitas amizades. – Tinha poucas amigas. – Eu escolhia muito as minhas amigas. – Nunca fui uma pessoa de muitos amigos. – Sou muito seca. – Ser seca espanta amizades. 	S4 considerava-se uma boa aluna. Gostava das escolas, porém não fazia muitas amizades. Era muito seletiva. Tinha um jeito seco, que reconhece, afastava as pessoas. Demonstra que é uma pessoa difícil de relacionar.
51.	E eu hoje eu to trabalhando muito essa questão, porque eu to vendo essa experiência que eu tive no ano passado de tentar um ingresso no Mestrado na Psicologia, que foi traumatizante pra mim, né eu fiquei sem ar, e acho que isso agora eu to trabalhando bem agora, no Mestrado em Economia, tá indo mais tranquilo, acho que eu to, é me encontrando um pouco mais numa área que é diferente daquela da minha escolha anos atrás em que eu escolhi fazer Psicologia, me graduei em Psicologia	<ul style="list-style-type: none"> – Foi um trauma para eu tentar ingressar no Mestrado na Psicologia. – Eu fiquei sem ar. – Eu estou lidando melhor com isso agora no Mestrado em Economia. – Tá mais tranquilo. – Estou me encontrando mais na Economia. Uma área diferente da Psicologia. Eu fiz graduação em Psicologia. 	S4 lembra-se do trauma quando tenta ingressar no Mestrado em psicologia. Teve dificuldades, que a marcaram e a surpreenderam, pois sempre se considerou uma boa aluna. O lado positivo é que consegue atingir seu objetivo com a sua segunda graduação, onde está se sentindo mais realizada. Dando prosseguimento a sua tradição familiar.

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
52.	<p>Na Psicologia, no final do meu curso, eu só me licenci em eu nunca fiz estágio em clínica, não parti pra Psicologia mesmo, é... eu senti dificuldade sim no final de fazer isso, era uma época que eu também já tava trabalhando né, trabalhava fora o dia todo. Eu acho que eu me esmoreci um pouco naquela época, eu acho que eu desanimei, fiquei cansada, não quis, é como se tivesse chegado assim no fim do caminho e bom agora acho que eu vou, só isso aqui me basta, então... hoje eu me pergunto será que realmente essa Psicologia foi uma escolha de coração ou foi uma escolha de afronta né, porque a minha família toda tinha um tino comercial administrativo e enfim será que essa coisa do tino administrativo não é uma coisa que tá dentro e que agora tá vindo pra fora, que veja que eu to fazendo um Mestrado em Economia e to indo bem, tá me, to me dando bem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu nunca me licenci em psicologia. - Eu tive dificuldade para terminar o curso de Psicologia. - Não consegui fazer o estágio de Psicologia clínica. - Eu estava trabalhando nessa época - Eu estava cansada e me desanimei nessa época. - Contentei-me com isso. - Será que escolhi psicologia porque gostava? - Será que foi só para fazer uma afronta para a família? - Todos na família tinham um dom para o comércio. - Será que isso não é algo que tá no sangue? - Eu estou indo bem no Mestrado em Economia. 	<p>Continua a falar das suas escolhas. Fez o curso de Psicologia, mas não conseguiu fazer o estágio de Psicologia Clínica. No final, justifica-se, achando que tem um tino, um dom para economia, tanto assim que está indo bem no seu mestrado.</p>
53.	<p>Eu tive um problema quando redigi esse texto minha história de menina, que eu tenho síndrome de túnel do carpo na mão direita, e comecei a ficar muito dormente na escrita e comecei a cansar e até limitar o que eu estava escrevendo, em função disso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu tive um problema quando escrevi esse texto. - Tive um problema quando escrevi a minha história de menina. - Minha mão ficou dormente ao escrever. Tive que limitar o que escrevia. 	<p>S4 revela sua dificuldade para realizar essa tarefa, informando sobre seu problema físico.</p>

Trecho	Transcrição da gravação	Proposição	Comentário
54.	<p>E por último na questão quinze, quando a I {cita o nome da entrevistadora} me ligou que falou que tinha que aprofundar questões eu fiquei até preocupada pensei agora o meu desvio realmente vai ser identificado por uma lado bom e por outro lado ruim né? É... e o que eu to refletindo é que, eu não sei, eu fico pensando assim será que eu falando, clareou? Ou ficou mais confuso ainda? Mais to muito aberta a esse processo de pesquisa, mas eu acho que faz sentido, todas as questões fizeram sentido, eu acho que talvez algumas vezes eu não fui clara ou não detalhei tanto quanto deveria e quero dizer que to a disposição se ainda ficar alguma pendência, alguma questão que não tenha ficado completamente entendido a gente pode fazer uma entrevista cara a cara, não tem problema to completamente à disposição. Espero que tenha ficado mais claras as questões, obrigada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fiquei preocupada quando a I. me chamou para aprofundar as questões. - O meu desvio vai ser visto. - Talvez para um lado bom e outro ruim. - Será que falar ficou mais claro do que escrever? Ou será que ficou mais confuso ainda? - Estou disponível para a pesquisa. - Acho que todas as questões tem sentido. - Acho que às vezes não fui tão clara, ou não detalhei. - A gente pode fazer uma entrevista ao vivo. - Para mim não há problemas. 	<p>S4 informa de como se preocupou quando foi chamada para responder as perguntas dos dados complementares. Entende que devido ao seu desvio, problema para escrever, não tenha ficado claro. Mostrando-se disponível para colaborar. Avalia a participação na pesquisa como algo bom, que tem sentido, colocando-se a disposição para esclarecer dúvidas, até pessoalmente.</p>

Nota. As questões aos dados complementares foram respondidas por S4 em 19/12/2011. Os símbolos @@ significam a sequência de três pontos (...) significam pausa na fala de S4.

Discussão dos dados do sujeito 4 (S4).

A participante S4 tinha 48 anos no momento da narrativa e relatou ter identificado as diferentes categorias de pessoas, as do sexo masculino e feminino, pelas características de sua família de origem, a qual é composta por um número maior de filhos do sexo masculino (4) do que filhos do sexo feminino (2). Essa diferença contribuiu para que os pais adotassem atitudes diferentes em relação às filhas. Atitudes de proteção, com o pai mantendo-as mais presas em casa e, de cuidado, com a mãe costurando pessoalmente os vestidos de suas filhas (ver trechos 2 e 3 da Tabela 14). Além dessas práticas estereotipadas, a própria convivência com os irmãos e as brincadeiras conjuntas contribuíram para que S4 estabelecesse uma diferenciação entre os sexos baseada em parâmetros biológicos.

Em relação à construção de sua identidade e papéis de gênero, S4 tem como modelos um pai, que cumpre seu papel parental tradicional de provedor da família, é atencioso, trabalhador, honesto e batalha para poder suprir as necessidades de sua família. Ele possui, entretanto, atitudes contraditórias, segundo S4, ao agir às vezes com avareza, ao controlar os gastos e desperdícios no lar e também ao proporcionar conforto material para a família, de uma forma generosa (trecho 9 da Tabela 13).

O pai de S4 é percebido como uma pessoa presente na vida da filha, mas uma presença autoritária e controladora (trechos 6 e 7 da Tabela 13). Ele é descrito como uma pessoa que comanda sua família e a vida de seus filhos, determinando tudo na sua casa. Tal fato indica que ele possui uma atitude tipicamente patriarcal, que se enquadra dentro dessa ideologia, a qual, segundo Fávero (2010b), valoriza a figura do pai e lhe confere direitos sobre seus filhos e esposa, colocando-os sob seu domínio e autoridade.

Dessa forma, segundo S4, o pai sente-se no direito de controlar o que ela come, como se veste, o comprimento do seu cabelo e aonde ela vai (trecho 6 da Tabela 13). Pelos relatos, evidencia-se que o pai de S4 só deixa de interferir em sua vida depois que ela se casa, porém, enquanto ela reside com ele, ou seja, enquanto está sob seu domínio, ele determina sua vida exercendo sua autoridade de pai.

Esses traços patriarcais na família de S4 são marcantes e se fazem presentes até mesmo nos nomes dos filhos, pois todos eles levam o primeiro nome do Pai como o seu segundo nome (conforme revelado por S4). Essa autoridade patriarcal parece estender-se à esposa, pois, apesar da mãe de S4 ser descrita como uma pessoa autoritária no lar, governando o espaço doméstico, onde ela é a “dona” (dona do lar), fora desse domínio mostra-se dependente e submissa ao marido, pois nunca aprendeu a dirigir um carro e, toda vez que sai de casa, sai acompanhada do marido (trecho 18 da Tabela 14).

Como podemos ver, a família de origem de S4 indica ser uma família tradicional patriarcal. Um tipo de família que, segundo Osório e Valle (2009), legitima para o homem o domínio do espaço público e para a mulher o domínio do espaço privado, ou seja, a domesticidade.

Ainda em relação à família de origem de S4, percebe-se que os seus membros, pais e filhos, e os irmãos entre si, envolvem-se com frequência uns com os outros, mantêm-se sempre próximos, o que leva muitas vezes à falta de privacidade. É o que S4 queixa-se com frequência quando diz que ainda se sente controlada pelos seus pais, mesmo não morando com eles (trecho 4 da Tabela 14), quando os pais insistem para que passem os domingos com eles, quando viajam todos juntos e também quando a mãe invade a privacidade de S4 ao querer saber sobre seu cotidiano e os seus conflitos familiares (trechos 19 da Tabela 13; 4 a 7 e 12 da Tabela 14).

As características da família de S4 assemelham-se as das famílias “aglutinadas”, termo usado por Minuchin (1982) para descrever famílias em que seus membros desenvolvem uma identidade grupal e conexões fortes, as quais conduzem ao apego à família, à falta de limites e de indiferenciação entre eles ou entre suas famílias. Verifica-se, pela narrativa de S4, que ela teve uma educação rígida e voltada para a preservação da moral e da honra familiar, pois sua adolescência foi muito vigiada pelo seu pai, especialmente quando S4 começou a namorar.

Entretanto, apesar de tanto controle e estratégias de vigilância, S4 indica ser uma pessoa mais ousada, quando começou a namorar antes dos 15 anos, um conduta diferente aos padrões e costumes da época em que viveu, pois as moças só podiam começar a namorar depois do baile de debutantes, ocasião em que eram apresentadas à sociedade pelos seus pais (trecho 25 da Tabela 14). S4 relata que o pai não a proibiu de namorar, no entanto a vigiava e impunha regras, tais como: só podia namorar em casa, perto dos pais, para sair com o namorado teria que ser acompanhada de um dos seus irmãos e não podia se sentar no colo do namorado (trecho 26 a 29 da Tabela 14).

Essa prática familiar de controle indica a preocupação da família em evitar que a filha perdesse sua virgindade, uma virtude feminina muito valorizada na época e que, segundo Fávero (2010b), está relacionada tanto com a honra feminina, da filha, como de sua família. Dessa forma, era função do pai, função patriarcal, manter controle sobre a conduta sexual das filhas, pois isso repercutiria na moral e na honra de todo o grupo familiar. Conclui-se pela narrativa que S4 foi socializada para manter valores tradicionais, principalmente em relação à sexualidade, tanto assim que fez questão de casar-se virgem (trecho 25 da Tabela 13).

Um aspecto importante na narrativa de S4 diz respeito a sua baixa autoestima. Em vários trechos pode-se observar como ela, desde pequena, preocupa-se com a sua imagem corporal, com a sua baixa estatura, seu cabelo e seu peso (trecho 11 e 23 da Tabela 13), sentindo-se inferiorizada. Preocupa-se em mudar o cabelo e controlar o seu peso durante a adolescência e também agora, no início da sua menopausa, incomodando-se com seus cabelos brancos (trechos 13 a 16 da Tabela 14).

No que se refere a essas preocupações de S4, Fávero (2010b), ao abordar a relação entre autoestima e corpo, esclarece que: “as jovens adolescentes que internalizam as ideologias convencionais de feminilidade, referentes à objetificação do corpo, tendem a desenvolver práticas de ‘auto monitoramento’ do corpo” (pp. 233-234); as quais podem ser vistas em adolescentes e também na velhice. Além disso, tendem a apresentar baixa autoestima e humor depressivo.

Quanto a sua identificação com os papéis de gênero, observa-se que S4 adota muitas características semelhantes às de seu pai, controla as finanças em seu lar, é a principal provedora da família. Prioriza as necessidades familiares e não as suas, achando difícil fazer gastos consigo mesma (trecho 10 da Tabela 14), mas ela adota também condutas tradicionais femininas, como cuidar das filhas e do lar, governando o espaço doméstico. Queixa-se, todavia, da ausência do marido, de ter que cuidar de tudo sozinha, porém não consegue solicitar a ajuda dele quando necessita (trechos 33 a 35 da Tabela 13). Um comportamento que se enquadra dentro da ideia do mito do amor materno, na qual a mãe é responsável por tudo no lar, pois é uma função natural da mulher e a qual não favorece o engajamento do homem na criação dos filhos, como já vimos na análise das outras participantes.

S4 parece adotar também a postura feminina tradicional de estar sempre disponível para os outros, de silenciar e não compartilhar seus desejos, posturas que fazem parte da socialização feminina, que prepara a mulher para agradar ao outro (Sánchez & Castillo, 2013). No entanto, com a chegada da menopausa, está perdendo essa disponibilidade, tornando-se uma pessoa mais impaciente, vivendo um processo diferente, de mudanças e de reflexão. Isso significa que está vivendo uma época importante em sua vida que está levando-a rever sua postura, suas crenças e que poderá levá-la a modificar a sua forma de pensar, reconstruindo seus paradigmas pessoais (Fávero, 2010b).

Discussão geral dos dados obtidos na primeira e segunda etapa.

Nessa discussão geral, retomaremos os aspectos comuns que foram evidenciados nessa fase do estudo, tanto nas narrativas como nos esclarecimentos que as participantes elaboraram sobre os aspectos particulares de suas vidas e sobre os quais solicitamos esclarecimentos, como descrito no método (segunda etapa).

Analisando-se primeiramente os dados pessoais e aqueles relativos ao contexto social e familiar das quatro participantes da pesquisa (ver Tabela 6), constata-se que a maioria delas encontra-se numa etapa de vida semelhante, ou seja, na meia-idade. Suas idades, no período em que escreveram suas narrativas, vão dos 37 aos 55 anos, sendo S3 a mais nova e a exceção, nesse caso. Assim sendo, S1, S2 e S4 vivem episódios parecidos, de mudanças relevantes, tais como: mudanças no corpo com a chegada da menopausa, sensação de envelhecimento, mudanças na família com a saída dos filhos de casa e nos relacionamentos, com separações conjugais.

Independente de suas idades, todas relataram ser mães, esse aspecto comum é frequente em suas narrativas, sendo que S3 tem ainda filhos pequenos, e as demais, filhos adolescentes e adultos. Outros aspectos comuns existentes nas narrativas seriam: o fato de todas terem sido criadas em cidades do interior, a maioria na zona rural, como é o caso de S1, S2 e S3, de nascerem em famílias de grande a médio porte e de possuírem uma educação conservadora e religiosa.

Os relatos que obtivemos apontam uma tomada de consciência sobre as diferenças entre os sexos masculino e feminino por meio da vestimenta: para meninas o uso de vestidos e, para meninos, o uso de camisa e calça. Isso nos remete à análise de Fávero (2005), quando trata da mediação semiótica: ela faz referência à moda e à sua veiculação de significados, recorrendo à abordagem semiótica de Barthes (citado em Fávero, 2005). A autora esclarece que os objetos físicos, como vestimentas, e as ações humanas possuem significados socioculturais “os objetos como as ações funcionam, eles próprios, como veículos na mediação destes significados, o que inclui as representações sociais” (Fávero, 2005, p. 21).

Para ilustrar a presença dos significados presentes nos objetos, Fávero (2005) usa o exemplo da moda, colocando que:

Tomemos a moda. . . Ela define uma tendência (mais ou menos sensual; mais ou menos esportiva, etc.) e se utiliza de tipos de tecido, tipos de cortes de roupas, de uma tecnologia enfim para veicular a tal tendência, esta que, em última análise é o conteúdo daquela determinada produção. Mas não se “inventa a roda” a cada tendência da moda: as vozes das cores, dos objetos, dos traçados dos cortes estão lá, para as mais diferentes modulações subjetivas. (p. 21)

Dessa maneira, confirma-se o que é defendido por Fávero (2010b), isto é, que as “ações humanas não são aleatórias” (p. 35), existe um significado, um conteúdo que as sustenta. O ato ou a prática de distinguir roupas adequadas para meninos e meninas serve para manter a divisão entre os sexos, criar um padrão de masculinidade e feminilidade, manter os papéis gendrados e a ideologia da heterossexualidade.

Em relação às famílias, percebe-se claramente pelos relatos, que todas provêm de famílias conservadoras, de tradição religiosa e dentro do modelo patriarcal. Portanto, trata-se de famílias nas quais existe uma estrutura hierarquizada que determina as interações de seus membros, legitimando uma relação de desigualdade de poder entre os gêneros, pois confere aos homens, marido/pai, autoridade e direitos sobre sua esposa e filhos e para as mulheres, mãe/esposa, direitos apenas sobre o espaço doméstico (Osório & Valle, 2009).

Esse modelo familiar gera um contexto patriarcal com consequências, principalmente, no que diz respeito à construção da identidade feminina, pois, como já afirmava Fávero desde a década de 1990, essa identidade é construída num meio onde prevalece o “predomínio masculino”

(1997, p. 24) nas interações entre homens e mulheres. Esse contexto cria modelos e padrões de conduta que provavelmente irão conferir autoridade e poder aos homens e obediência e submissão às mulheres.

É o que se verifica nas narrativas quando as participantes percebem suas mães como pessoas muito submissas à autoridade dos maridos. Pessoas que adotam uma postura de silêncio, não tomam as decisões na casa ou dependem de seus maridos para decidir a própria vida, como vimos nas análises anteriores. Já os homens, em suas famílias, são descritos como pessoas autoritárias, ativas e líderes, ou seja, como pessoas que detêm o comando e poder de suas famílias.

Outra consequência que uma família no modelo patriarcal proporciona, segundo Osório e Valle (2009), é uma organização familiar rígida, na qual as tarefas domésticas são bem demarcadas e distribuídas conforme o sexo. Isso leva a uma divisão rígida dos papéis de gênero, delegando aos homens a proteção do patrimônio, a função de provedor, como podemos constatar nas narrativas, principalmente de S1, e, às mulheres, é delegado o cuidado da casa, da criação e educação dos filhos. Uma divisão que as manterá confinadas no lar, conforme já mencionado por Badinter (1985), ocupadas com as atividades domésticas e, ao mesmo tempo, subordinadas aos homens.

Fávero (1997), ao citar a análise de Del Priore sobre a família patriarcal no Brasil colônia, salienta como ao longo do tempo foi “negado à mulher uma voz ativa fora das paredes de sua casa” (p. 24), tudo isso com a intenção de manter a ideologia do patriarcado. A autoridade feminina restringia-se ao lar e aos filhos, porém, segundo Badinter (1985), esse poder lhe foi concedido pelo esposo, pessoa a quem ela permanecia submetida, pois o homem possuía uma dupla autoridade, paternal e marital.

Dessa forma, as narrativas indicam que as participantes desenvolveram-se e construíram seus papéis sociais femininos dentro da ideologia e de valores patriarcais, os quais contribuíram para que elas se identificassem fortemente com o seu papel feminino tradicional de esposas e mães e o priorizasse em detrimento de outros papéis, como os de pessoa, mulher e profissionais.

Percebe-se, pelos relatos, que elas desempenham seus papéis maternos de maneira idealizada e naturalizada, ou seja, dentro da ideologia da naturalização e do mito do amor materno. Um amor incondicional e ilimitado pelos filhos, que as responsabiliza naturalmente pelo sua criação. Nesse mito, a criação e educação dos filhos são consideradas como algo da natureza própria da mulher e ela seria a pessoa mais indicada para assumir esses encargos conforme é esclarecido por Badinter (1985). Não havendo espaço, portanto, para que o homem possa ter um envolvimento e um papel mais ativo junto aos seus filhos.

A crença de que o amor materno é algo natural, inato, não permite que as participantes deleguem, ou que se permitam pedir ajuda aos maridos, na criação e educação de seus filhos. E até mesmo quando são as principais provedoras, como no caso de S4, quem ainda se volta para os prazeres externos ao lar é o homem e não a mulher (referindo-se ao marido que sai para pescar).

Cumprem com suas funções maternas, relatam estarem sobrecarregadas, que gostariam de contar com o apoio masculino, mas, no entanto, não solicitam esse apoio. Parecem preferir assumir sozinhas, esse “fardo” e se queixarem da ausência e falta de apoio do pai de seus filhos.

Esse aspecto da referência ao abandono ou da ausência do apoio masculino, tanto do próprio pai como do pai dos seus filhos, é um relato frequente em suas narrativas. Isso nos leva a pensar que o foco na ausência relaciona-se com práticas socioculturais que enaltecem a figura masculina, colocando o homem, pai e marido em destaque, como na ideologia patriarcal, enquanto a mulher é colocada em um segundo plano e torna-se dependente do homem. Isso fica mais claro ao retomarmos Badinter (1985), quando ela entende que a mãe, aquela casada e com filhos legítimos é:

Uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada tem a ver com as do esposo ou com os desejos do filho. (p. 25)

Nesse sentido, entende-se que a mulher (esposa e mãe) justifica sua existência em relação ao outro. Na falta do pai ou do filho, perde sua razão de ser e de existir. A finalidade e funções da mulher são relativas ao homem. Ela foi feita, segundo relata Badinter (1985), para agradar ao homem, ser agradável, para ceder e suportar e, quando se tornar mãe, “para viver pelo e para o filho” (p. 242).

Segundo comenta Beauvoir (citada em Fávero, 1997), a mulher seria “o não essencial em relação ao essencial. . . . o homem é o sujeito, o absoluto” (p. 24). Portanto, o foco na ausência do pai explica-se pelo valor conferido aos homens, como citamos anteriormente, e que nos levará ao encontro da ideologia patriarcal.

Outro aspecto importante nas narrativas é que apesar das dificuldades iniciais para estudarem, para adquirirem sua estabilidade profissional e financeira, todas as participantes relataram que são provedoras do lar, pessoas responsáveis pelo cuidado da família. No entanto, esse aspecto não parece ser valorizado em suas vidas.

Ao centrarem-se no abandono e na ausência do pai e do pai dos seus filhos, as participantes parecem não visualizar seus aspectos positivos. Minimizam até mesmo o apoio feminino que receberam da família para desenvolverem-se como pessoas bem sucedidas, pois permanecem centradas na ausência do outro, do apoio masculino.

São independentes, mas, segundo relatam, sua felicidade depende do outro: de encontrar um verdadeiro amor para S2; de ter o marido ao seu lado junto às filhas para S1; de poder contar com a presença do pai de seus filhos ou de encontrar o pai que nunca teve, por meio do marido, um pai tanto para si como para seus filhos, como no caso de S3; ou para compartilhar

responsabilidades e funções parentais, como no caso de S4. Esses dados sustentam a definição da mulher como uma pessoa relativa e tridimensional, conforme citado anteriormente, pois sua felicidade é construída em relação ao outro.

A socialização feminina reforça essa dependência e as meninas não são educadas para viverem sós, são preparadas para seu destino único e biológico, de serem esposas e mães, como vimos na revisão da literatura. Isso nos remete ao modelo de mãe criado pelo filósofo Rousseau, no século XVIII que preconizava que:

Caberia às mães adestrarem as suas filhas desde pequenas, ensinando-as que a dependência “é um estado natural às mulheres, o que resultará em docilidade de que a mulheres têm necessidade durante toda sua vida, pois não deixam jamais de estarem sujeitas aos homens”. (citado em Badinter, 1985, p. 245)

Dessa maneira, percebe-se que esses modelos femininos, criados há três séculos, ainda se fazem presentes nas práticas sociais atuais.

Em relação à mulher ser tridimensional, um ser com seus desejos próprios, como citado por Badinter (1985), percebe-se pelos relatos o quanto é difícil para elas dedicarem-se aos seus projetos pessoais e profissionais de vida, ser independentes e poderem tomar suas próprias decisões, ou seja, poderem transgredir os códigos patriarcais, romper padrões de feminilidade que as colocam “como o outro” em relação aos homens, ao marido e aos filhos.

Em relação a isso, Fávero (1997), ao mencionar a luta das mulheres para derrubar o mito da feminilidade, nos diz que: “não é sem dificuldades que elas conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Criadas por mulheres no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que as subordina ainda ao homem” (1997, p. 23).

Portanto, observa-se pelas narrativas que as participantes, apesar de suas conquistas, ainda conservam princípios e valores que as colocam em uma posição de submissão, como, por exemplo, ao valorizarem sua família, marido e filhos mais do que a si mesmas. Ser uma pessoa independente, abrir mão de seu papel de esposa e mãe, para ocupar-se de seus desejos e projetos torna-se algo doloroso e que muitas vezes é acompanhado de culpa.

Esses sentimentos, de responsabilidade e de culpa, são os empecilhos mais comuns para que as mulheres, muitas vezes, possam trabalhar ou seguir progredindo em suas carreiras profissionais. Tudo isso se deve a uma forte condenação moral que obriga a mulher a exercer o seu papel. Como esclarece Badinter (1985), qualquer problema em relação às crianças é à mãe que “se pede contas” (p. 238). Desse modo, percebe-se pela análise dos dados, que os valores e princípios que fazem parte do mito do amor materno parecem que foram internalizados e são praticados no cotidiano das participantes da nossa pesquisa.

Os Dados Obtidos na Terceira Etapa

A seguir é apresentada a análise dos dados obtidos nas três sessões de grupo focal, que estão organizados sob a forma de extratos da transcrição dos atos da fala. Os trechos escolhidos para transcrição são os que geraram conteúdo para as discussões. A transcrição na íntegra de todos os atos da fala está disponível nos anexos (4, 5 e 6). Os dados foram organizados em forma de tabelas, uma para cada sessão, conforme descrito no item: procedimento de análise dos dados. Após cada tabela segue a discussão respectiva aos dados.

O grupo focal: primeira sessão.

Tabela 15

Extratos de Transcrição dos Atos da Fala da Primeira Sessão do Grupo Focal

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
1.	E: {A pesquisadora passa a ler os slides do Power point para as participantes}. “Minha história de Vida: de menina até hoje, discussão em grupo focal dos principais dados colhidos nas narrativas. Vocês estiveram lidando com as narrativas das suas vidas aqui em duas ocasiões: na primeira escreveram um texto e na segunda responderam as questões suscitadas no texto” {quando vocês gravaram né?} “Hoje convidamos vocês a discutirem juntas: 1) O que estes dois momentos focados nas suas vidas levaram vocês a pensar, refletir e sentir?”.	Contratual Acional	Estabelecer contrato Propor
2.	S1: Eu acho que quando a gente para pra falar da gente é um momento assim de... um conhecimento mais profundo que o dia a dia da gente é tão corrido, filho, família, casa, trabalho e a gente não para pra pensar um pouco. Então pra mim foi um momento assim de REFLEXÃO: pra onde eu vou de onde eu vim o que, que eu quero? É uma chacoalhada na minha vida.	Avaliação	Avaliar
3.	<S2: A gente vê, assim, coisas que a gente nunca imaginou, assim, coisas que já passou da infância, da adolescência, a gente fala: Nossa! Eu com a cabeça de hoje faria tão diferente do que naquela época, né? A gente pensa assim, e como ela falou a gente reflete muito sobre a vida mesmo de coisas que já passou, o que vem pra frente também diante do que a gente vai revendo, é muito bom>	Avaliação	Avaliar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
4.	S3: Não. É como ela falou. O autoconhecimento né? Porque a gente, para a gente vai vivendo, vai vivendo e vai levando a vida e você não para assim pra pensar, exatamente o que ela colocou. O que? Que eu quero? QUEM SOU EU DE VERDADE? As pessoas tem uma imagem de você e às vezes você se olha por aquela IMAGEM que as pessoa TEM E NÃO POR AQUILO QUE VOCÊ MESMO TEM QUE VOCÊ SE VÊ NO ESPELHO E O QUE VOCÊ SENTE NÉ? Você vive mais pelo reflexo, mas é o reflexo dos outros, mas ah! Muda o cabelo... Ah, faz isso, você vai mudando né? É uma opinião daqui, uma opinião do outro lado e que você às vezes nem se pergunta, mas é isso mesmo que eu quero?...eu quero mudar o meu cabelo? Muitas vezes a gente nem QUER, A GENTE SÓ FAZ AQUILO QUE OS OUTROS ESTÃO QUERENDO QUE VOCÊ FAÇA.	Avaliação Informação	Avaliar Exemplificar
5.	S1: Bom vamo COLOCAR NO PAPEL? O que, que eu fiz, eu nunca fiz esse trabalho, esse exercício de reflexão, pra onde eu quero ir né? ÀS VEZES É O MOMENTO DA GENTE DAR UM TEMPO PRA GENTE RESOLVER... A nossa vida, porque a gente não sei se é cultural? Pra mim eu vejo isso. É você tá mais em função DOS OUTROS DO QUE DE VOCÊ MESMO. Então você tem que ter um tempo pra você, eu tô aprendendo muito agora, TÔ ME COBRANDO MAIS. Resolva a sua vida, cuide da sua vida, faça você, FAÇA... O SEU MUNDO porque as coisas fluem, né?	Avaliação Informação	Avaliar Exemplificar
6.	S2: Agora isso eu vejo que a gente com terapia, a terapia ajuda muito a gente a ver isso. O que você precisa, é ver O SEU EU e ver o EU TE FAZ BEM, e não o que você tem. Muitas vezes, eu passei muitos anos da minha vida preocupada em agradar as pessoas, ah, como é que tá achando isso, ai! Fulano tá pensando aquilo e aquele outro, depois que você começa a amadurecer e a fazer terapia a sofrer na vida e a levar bordoadada, aí você começa a pensar: eu tenho que ir, no fundo eu tenho que ser um pouco egoísta, e fazer aquilo QUE ME DÁ PRAZER. Não adianta fazer uma coisa pra agradar os outros e que eu tô insatisfeita, então já tem muitos anos na minha vida que eu faço O QUE ME DÁ PRAZER.	Avaliação Interação Informação	Tomar Posição Complementar Retificar
7.	S1: Que bom que você...	Avaliação	Validar
8.	<S1 & S4: VOCÊ CONSEGUE ISSO? (@)>	Interação	Contestar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
9.	S2: Eu consigo, Graças a Deus! Eu consigo a dizer não, a ser sincera, a falar o que eu acho.	Avaliação	Tomar Posição
10.	S1: Eu tô engatinhando nisso, mas você falou um ponto que eu fui de uma geração que a minha mãe só falava assim: OLHA O QUE OS OUTROS VÃO PENSAR! Olha o que, que os outros vão pensar. Tá tão embutido isso em mim, tá tão enraizado isso comigo, QUE PRÁ DESMAMAR, É DIFÍCIL.	Interação Informação	Complementar Informar
11.	S4: É porque é muito tempo né? Você convivendo com isso, você aprendendo isso e eu acho que essa experiência eu, por exemplo, fiquei muito surpresa DE COMO É POSSÍVEL A GENTE LEMBRAR TÃO RICAMENTE, MAS TANTO DETALHE NUMA NARRATIVA ASSIM? ... e que depois no segundo momento em que a gente foi gravar né? As questões é... e aí fazendo assim uma releitura RÁPIDA né? Do que eu tinha escrito, COMO A GENTE CONSEGUE? Né lembrar? A gente consegue porque foram coisas muito importantes pra gente, foram muito pontuais, assim... O que eu senti assim é que, por exemplo, O QUE EU SOU HOJE É RESULTADO DE TUDO AQUILO, NÉ? Na realidade o que eu senti muito ao fazer esse... é ter esses dois momentos foi isso né? EU ME SENTI PRODUTO DE TUDO ISSO. Só que assim ao contrário até ao invés de me sentir mais liberta, eu fiquei mais preocupada que eu pensei assim: Gente! Então eu preciso ter muito cuidado porque as minhas filhas também vão ser produto do que elas estão vivendo isso em termos de experiência comigo HOJE, por exemplo.	Avaliação Informação Interação	Justificar Exemplificar Complementar
12.	S4: Outro dia eu vi um comentário assim que a gente tá falando de filho é que: OS PAIS É QUE ESTRAGAM OS FILHOS. Num primeiro momento EU ACHEI TÃO MALVADO, UM COMENTÁRIO TÃO MALVADO NÉ? Mas assim... acho que não é assim nesse sentido de estragar, porque a gente na verdade a gente já vem com essa carga, por exemplo, tudo aquilo que eu escrevi, eu sei que cada coisa daquela que eu escrevi TEM ALGO EM MIM HOJE QUE É POR CAUSA DAQUILO...	Informação Avaliação	Informar Criticar
13.	<S2: Claro>.	Interação	Conformar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
14.	S1: Mas é porque também a gente aprende com o tempo também e como aprende né? Eu acho que um dia assim eu conversando com a minha irmã é... DÓI PRÁ GENTE VER OS NOSSOS ERROS NOS NOSSOS FILHOS! @. Então, poxa porque as minhas filhas falam, tá com isso? Puxou a quem? A mim.	Avaliação	Avaliar
15.	E: É esgotou o tempo dessa pergunta, tem mais alguma coisa que vocês queriam colocar? Que não falaram?... {silêncio}. Tem um ponto interessante agora também. Bom! {a experimentadora passa a ler os slides de Power point} “Nas suas narrativas encontramos pontos comuns”, {basicamente das quatro, né?} “1) A referência à ausência do pai e a referência à ausência do pai dos seus filhos..	Contratual Acional	Estabelecer tempo de atividade Propor
16.	<S2: Hum>	Avaliação	Avaliar
17.	S4: Que bom né? @@	Avaliação	Validar
18.	S1: Não é? @	Interação	Conformar
19.	S4: Que bom que esse mal não é só o meu? @@@@	Interação	Reconhecer
20.	S1 & S2: É (@)	Interação	Conformar
21.	S4: Não é? @@	Acional	Engajar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
22.	S2: É acontece em todas as famílias e a gente pensa que é só na nossa. Esses dias eu estava conversando com uma amiga minha sobre essa questão, muito preocupada porque o filho tava dando, tá com alguns problemas, aí! Eu fico com vergonha, eu disse: menina! Todo mundo tem problema na família. Uns abrem mais, outros bota uma peneira que ninguém pode falar desses assuntos e aí é tudo maravilhoso até tirar a peneira como fala a Denise Bomforte. Outros são mais abertos, mas todos têm problemas, diversos, diversas formas né? Situações é então tudo tem eu estou numa fase assim que eu falo assim: EU NÃO SOU A DONA DOS ATOS DE UMA PESSOA DE 20 ANOS. Eu sou MÃE da pessoa de 20 anos né? Eu orientei, eu fiz o que pude. Nhenhém! Agora, se a pessoa vai, esse que tá com 20, 23 anos, o meu mais novo tá com 23 anos, OS ATOS SÃO DELE! EU FALO: EI! Eu não ensinei aquilo... eu... Aí o pessoal, o povo... Eu já não sofro muito igual eu sofri no começo não... hoje em dia eu já sofro bem menos...	Informação Informação Informação	Informar Confirmar Exemplificar
23.	<S1: NÃO, MAS VOCÊ TEM QUE SER MÃE, MÃE DO FILHO DE 50... mas tá orientado né?>	Informação Interação	Confirmar Complementar
24.	S2: É aí eu falo, mas é porque eu sou mãe e isso e aquilo, mas tem tanta coisinha assim que você vai ficando mais fortalecida, aí eu falo aquilo que eu falei pra você é a gota d'água já, as coisas são assim, mas você quer assim, você quer que eu ajude eu tô aqui pra te ajudar, quer? Paciência, se não você morre junto.	Informação	Explicitar
25.	S1: Mas você não pode viver por ele né?	Avaliação	Criticar
26.	S2: Não.	Informação	Confirmar
27.	S1: Agora essa questão do pai, eu agora estou é... me tocando mais com essa ausência do pai. Eu perdi o meu pai com nove anos. É um acidente e eu estava com ele. Então eu não pensei, nunca pensei... QUE ISSO FOSSE ME FAZER TANTA FALTA, TANTA FALTA, COMO AGORA EU ESTOU PASSANDO COM AS MINHAS FILHAS. PORQUE EU VIVI ISSO A AUSÊNCIA DE UM PAI... E TALVEZ EU FIZ COM QUE AS MINHAS {filhas}TAMBÉM, TAMBÉM FICASSEM... DESSA FORMA. Que eu abracei de uma forma... na educação QUE O MEU MARIDO FICOU... LÁ FORA...	Avaliação Informação	Avaliar Informar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
28.	<S4: Não havia nem espaço pra ele>	Interação	Complementar
29.	S2: Só que a ausência do seu pai foi uma ausência MUITO diferente que eu imagino que o sistema que você tá colocando porque o pai faleceu, faleceu não tem jeito. Agora eu acho mais duro ainda...	Avaliação	Avaliar
30.	<S4: A ausência camuflada>	Interação	Complementar
31.	S2: ... QUANDO O INDIVÍDUO TÁ PRESENTE E É AUSENTE.	Interação	Complementar
32.	E: como?	Acional	Incitar
33.	S2: Quando o indivíduo está presente e se torna um pai ausente alheio.	Informação	Explicitar
34.	S1: Mas eu cobri, eu acho, sabe? QUIS DOMINAR, QUIS RESOLVER, QUIS FAZER... uma hora que ele poderia tá ali.	Avaliação Interação	Avaliar Reconhecer
35.	S3: Num momento que ele poderia tá ali... que nem criança a gente percebe...que eu nunca tive PAI. Então assim ESSE VAZIO DO PAI ELE CONTINUA. Eu tenho um vazio que hoje eu identifico ESSE VAZIO COMO O VAZIO DO PAI. A falta de um pai na minha vida. Então assim, minha mãe me criou a mim e aos meus três irmãos sozinha. Eu tive os meus filhos sozinha. Meu filho caçula, durante um período o pai tava lá, mas eu também cuidava de tudo igual a vocês, sempre cuidei de tudo, o pai não tinha...	Informação Informação Interação	Explicitar Informar Conformar
36.	<S1: Superpoderoso>	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
37.	S3: ...Depois separamos e o pai começou a assumir umas responsabilidades, infelizmente assim eu me decepcionei e acabou culminando numa situação aí que AGORA É QUE A CRIANÇA VAI FICAR SEM PAI MESMO. Então tipo assim A GENTE TÁ TÃO HABITUADO A VER A MÃE CUIDAR E A GENTE ASSUME ESSA RESPONSABILIDADE que os meus filhos mais velhos estão tentando me ajudar a educar o mais novo. Pensa como é difícil admit...	Informação Avaliação	Informar Avaliar
38.	<S2: É que a gente vira PÃE, a gente é pai e mãe>	Avaliação Interação	Avaliar Complementar
39.	S3: ... Que o meu filho de 17 anos tome certas atitudes, eles assumiram o papel do homem da casa e tu acha que eu deixo assim uma oportunidade?	Informação Avaliação	Informar Avaliar
40.	S2: Não.	Interação	Complementar
41.	S3: Que sentimento eu vou ter? Mãe isso aqui não é o fim do... A Senhora pode até não concordar de eu ter colocado o D.,de castigo, mas a Senhora não pode me desautorizar na frente dele. ISSO EU ENSINEI A ELE E AGORA ELE TÁ ME ENSINANDO @. E a mim e as minhas duas primas que estão morando comigo, uma tem filho também né? E a outra não, a outra só nos ajuda, e tenta nos ajudar a cuidar dessas crianças que a gente tem. E ele tem que ficar... DEBATENDO COM ESSAS TRÊS MULHERES. AI! MEU DEUS!	Informação Avaliação	Informar Criticar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
42.	S4: Ah! Eu achei interessante essa percepção que ele fez da falta do pai e aí você REPETIR essa história né? ATUAR talvez inconscientemente pra que a história se repita né? Eu acho que no meu caso, assim eu não sei, eu acho que é um pouco diferente né? Porque eu tive muito ausência de MÃE. Então eu cresci muito com A MINHA MÃE CUIDANDO DOS FILHOS DOS OUTROS. Então assim era aquela casa que SEMPRE tinha filho dos outros, estudando, filho dos outros que vieram, que o pai que mora em roça que vinham pra ficar. ISSO! Aconteceu na minha VIDA INTEIRA até os meus 18 anos eu me lembro da minha mãe fazendo esse movimento de cuidar dos filhos dos outros. E... Até a narrativa que eu fiz foi interessante pra eu perceber isso né? Que eu acho que assim...NÃO É QUE ELA NÃO CUIDAVA DE MIM É QUE EU QUERIA QUE ELA CUIDASSE MAIS! Porque eu queria que ela cuidasse...	Avaliação Informação	Avaliar Informar
43.	<S2: Diferente>	Interação	Complementar
44.	S4: De mim igual aos outros, eu queria que ela cuidasse de mim por mim por que eu era a filha dela. Então eu acho que eu hoje, mulher adulta, o movimento que eu fiz foi exatamente o contrário. É né? Essa coisa que me deixa CANSADA hoje aos 25 anos de casada com filha de 23 e 19 anos? É que eu acho QUE EU ME EXTENUEI PRÁ NÃO SER ESSA MÃE, entendeu? Eu acho que eu me ESFORCEI DEMAIS ATÉ A EXAUSTÃO pra não ser como minha mãe foi comigo. Então assim EU JAMAIS ACEITEI qualquer pessoa dentro da minha casa pra morar OU PRÁ O QUE QUER QUE SEJA e sempre procurei ser uma mãe assim MUITO PRESENTE ATÉ DEMAIS...	Informação Avaliação Avaliação	Retificar Avaliar Justificar
45.	S4: E você vê que é um movimento contrário né? Claro que meu pai... Se eu for comparar meu pai e minha mãe, eu acho que o meu o meu pai ele era mais PRESENTE PORQUE ELE ERA MUITO CONTROLADOR NÉ?, uma pessoa que controlava até o tamanho do meu cabelo, que jeito que tinha quer ser o corte, o comprimento do meu vestido, isso é coisa de mãe, né? Mas, então eu acho que assim... Interessante essa tua reflexão que mostra que a gente se movimenta dessa forma mesmo...	Avaliação Informação	Avaliar Informar
46.	<S1: Inconscientemente>	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
47.	S4: Inconscientemente, então HOJE ASSIM EU SOU UMA MÃE CANSADÍSSIMA porque esses anos todos EXERCENDO...	Informação Interação	Confirmar Complementar
48.	<S1: Tem que largar...>	Acional	Exortar
49.	S4:... EXERCENDO talvez um pouco mais que um papel de mãe... Exercendo... É construindo uma história pra sufocar essa coisa de ausência de mãe, né? Que é aquilo que você falou: uma mãe que todos os dias que abria porta, a minha mãe tava lá, minha mãe nunca trabalhou fora. Podia chegar lá em casa a hora que fosse ela estava lá. MAS ERA UM PRESENTE AUSENTE, NÉ? Uma pessoa que tava sempre cuidando de tudo... Tudo... Tudo e eu... NÃO QUE ELA NÃO CUIDASSE, hoje a narrativa me ajudou a entender isso, EU É QUE NÃO ME SENTI CUIDADA NÉ?	Informação Avaliação	Explicitar Validar
50.	<S1: Porque a nossa geração também... NÓS CRIANÇA E OS NOSSOS FILHOS MUDOU DEMAIS>	Avaliação	Avaliar
51.	S2: Muito.	Avaliação	Validar
52.	S1: Porque antigamente o pai era o principal...	Informação	Informar
53.	<S4: Provedor>	Interação	Complementar
54.	S2: Patriarca	Interação	Complementar
55.	S1:... INDIVÍDUO da casa, a mãe e depois os filhos. Hoje não. TEM OS FILHOS, O PAI E A MÃE EM TERCEIRO LUGAR. Então é... E a gente com essa situação é às vezes pra entender isso foi muito difícil.	Informação Informação	Explicitar Informar
56.	S2: Mas pera, deixa entender, o pai em primeiro lugar, você falou?	Interação	Contestar
57.	S1: ANTIGAMENTE ERA O PAI... Por que...	Informação	Informar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
58.	<S2: Ah! Porque agora trocou>	Interação	Infirmar
59.	S1: Porque AGORA É O FILHO, O FILHO em primeiro lugar, o que domina... Uma casa	Informação	Explicitar
60.	<S4: Porque a vida gira em torno dele @>	Informação Avaliação	Explicitar Validar
61.	S1: É. Aí vem o pai e depois a mãe que fica em terceiro ainda. Porque a mãe cede tudo, né?	Avaliação	Avaliar
62.	S2: Lá em casa é diferente @. Lá em casa eu tô em primeiro lugar. Atualmente né? Já foi mais assim né... A terapia que me ajudou.	Avaliação Informação	Invalidar Explicitar
63..	S1: Ai! Que bom	Interação	Acentuar
64.	S2: Ah! Eu tô em primeiro lugar lá em casa.	Avaliação	Avaliar
65.	S4: Aonde você fez terapia? Eu quero ir nessa terapia sua @@	Interação	Atenuar
66.	S2: Eu atualmente lá em casa tô em primeiro lugar.	Avaliação	Tomar Posição
67.	<S1: E você é tratada como tal e respeitada?>	Interação	Contestar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
68.	S2: Respeitada. Que eu não tenho marido né? Sou eu e eu só tô com dois né? Um já casou e tem dois comigo, então assim eu me coloco em primeiro lugar em tudo. Inclusive eu to botando na cabeça deles que eu quero QUE ELES SAIAM DE CASA. QUE ELES VÃO MORAR SÓ. Eu ajudo a pagar o aluguel de uma quitinete. O que eu quero, EU QUERO TER A MINHA VIDA. Só que eu quero assim:... tá começando a clarear na cabeça dos dois, eu não quero que eles saiam, deixa o corpo pra fora, há uma diferença muito grande. E eu vou sair e tal que você não me quer mais, não é isso. Eu quero que você saia pra você crescer como ser humano, que você saia numa boa, arrumar o seu cantinho, você faz o não sei o que, entendeu?	Avaliação Informação	Tomar posição Explicitar
69.	<S4: A gente quase não falou da ausência do pai, dos pais dos nossos filhos né?>	Interação	Complementar
70.	S3: Hoje em dia é dividir a responsabilidade né?... SERIA MUITO BOM. NEM SEMPRE A GENTE PODE CONTAR COM OS PAIS. FAZ MUITA FALTA. É muito difícil ser CHEFE DA FAMÍLIA, SER A MÃE DA FAMÍLIA, SER O PAI DA FAMÍLIA, SER A ORIENTADORA DA FAMÍLIA, ser a que tem que dizer não, ser a que está observando todo o andamento da casa né? Se os filhos fizeram o dever de escovar os dentes, se tem alimento, que vai pagar as contas...	Avaliação	Avaliar
71.	<S4: A empregada>	Interação	Complementar
72.	S1: É ESSE FARDO... É DA MULHER. CONTINUA.	Avaliação Avaliação	Avaliar Validar
73.	<S3: Porque agora tem casos que tem esses pais, ASSIM TEM ESSE PAI, MAS A MULHER NÃO PODE CONTAR COM ESSE PAI PARA ESTAS FUNÇÕES.>	Informação	Exemplificar
74.	S2: É, MAS É AQUELE PAI QUE É PRESENTE, MAS É AUSENTE.	Informação	Informar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
75.	S4: Na minha família acontece uma coisa interessante. São seis filhos, nós somos duas mulheres e quatro homens. É... ENGRAÇADO, OS MEUS IRMÃOS HOMENS NÃO SÃO ASSIM NÃO, COMO O MEU MARI-DO. Que age assim como SE TUDO QUE ACONTECESSE EM CASA EU QUE TENHO QUE CUIDAR POR QUE...	Avaliação Informação	Avaliar Exemplificar
76.	<S2: Ainda fala assim, olha tem que dar atenção...>	Interação	Complementar
77.	S4: EU AINDA OUÇO UM DISCURSO FAJUTO PORQUE EU SOU TÃO COMPETENTE PORQUE QUE ELE VAI FAZER ALGUM COISA SE EU SOU TÃO COMPETENTE ? E interessante que os meus quatro IRMÃOS... NÃO SÃO ASSIM. Meus quatro irmãos eles são daquelas pessoas que LAVAM A BUNDA DE MENINO, FAZ SOPINHA, BOTA NA BOCA, LIMPA A CASA, COZINHAM. E eu acho isso interessante.	Informação Avaliação	Exemplificar Avaliar
78.	S1: Eu acho então que isso daí... É...	Avaliação	Avaliar
79.	<S4: É DA GENTE>	Interação	Reconhecer
80.	S2: Também né?	Interação	Conformar
81.	S1: DE QUERER DOMINAR, DE QUERER INVADIR O ESPAÇO DO OUTRO, QUERER ATUAR e aí o retorno... É isso.	Avaliação	Avaliar
82.	S4: Essa sobrecarga né?	Interação	Complementar
83.	S1: Porque ou a gente não confia, que conflito não? A gente não...	Avaliação	Avaliar
84.	S3: Não tem paciência.	Interação	Complementar
85.	S1: Não tem paciência...	Informação	Confirmar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
86.	S3: Pra esperar.	Interação	Complementar
87.	S2: Toma a frente e faz.	Interação	Complementar
88.	S1: Isso.	Informação	Confirmar
89.	S2: Aí o outro fica acomodado, porque sabe que você faz mesmo.	Interação	Complementar
90.	S4: Ah! Mas isso não é a mesma coisa que eu falei que o meu marido às vezes diz: PORQUE QUE EU VOU FAZER, VOCÊ É TÃO COMPETENTE, PORQUE EU VOU ADMINISTRAR OS NOSSOS NEGÓCIOS? VOCÊ FAZ ISSO COM TANTA COMPETÊNCIA!	Informação Informação	Confirmar Exemplificar
91.	S2: Ah! Mas não advinha que eu já tô cansada né?	Informação	Explicitar
92.	S1: EU ACHO QUE A GENTE TRATA O MARIDO COMO UM FILHO.	Avaliação Avaliação	Avaliar Tomar Posição
93.	S2: Também.	Avaliação	Validar
94.	S4: Você acaba cuidando de tudo mesmo né?	Informação	Explicitar
95.	S3: É o lado maternal. A MULHER TEM MUITA INICIATIVA	Avaliação Avaliação	Validar Justificar
96.	E: Olha só, outro ponto em comum nas narrativas, tá? “ É vocês assumem efetivamente o papel de provedoras e de pessoas responsáveis socialmente, do ponto de vista do cuidado com a família e, no entanto se queixam disso. Convidamos vocês a discutirem isso”.	Contratual	Estabelecer contrato

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
97.	S1: É, é isso é triste né?	Interação	Reconhecer
98.	S3: Olha! Eu reclamo muito. Eu acho assim que de certa maneira assim... Eu sou a pessoa mais contraditória que eu conheço... Você tá sempre assim, tentando se equilibrar. Minha paciência tem como se equilibrar. Eu reclamo das responsabilidades, eu queria ter com quem dividir, mas eu queria ter certeza que a pessoa ia assumir aquilo ali... @@	Informação	Confirmar Explicitar Informar
99.	S1, S4 & S2: (@)	Interação	Reconhecer
100.	S3:... Mas que eu pudesse deitar e ficar deitadinha ali, sossegada um pouco pensando, não tá tudo ok, tá tudo bem @@..	Informação	Informar
101.	S1: Que engraçado agora que lá em casa eu tô assim deixando mais o outro respirar, minhas filhas, EU TÔ DEIXANDO MAIS AS MINHAS FILHAS RESPIRAR E TÔ VENDENDO QUE TÁ SENDO MELHOR.	Avaliação	Avaliar
102.	S1: Com certeza... E agora tô percebendo se eu deixar tomar atitudes, fazer, eu vivo melhor, eu tô mais tranquila. E não é aquele bixo de sete cabeças que eu tava pensando. ISSO EM RELAÇÃO A TUDO A MINHA VOLTA.	Avaliação Avaliação	Validar Justificar
103.	S2: Porque vai mudando...	Interação	Complementar
104.	S1: ISSO É SER DOMINADORA ENTENDEU? E ainda vinha gente dizer assim: Nossa, mas você é demais, hein? Tinha vezes que dizia: Nossa! Mas você consegue fazer isso e aquilo, então aquilo me... Quanto mais falava, mais eu fazia. Minha sogra falava: Nossa! O V. casou com a pessoa certa. E aí quanto mais falava, mais eu fazia. Gente! Pra que?	Interação Avaliação	Acentuar Criticar
105.	S3: Pra se matar @@@.	Interação	Complementar
106.	S1: PRA SE ACABAR @@@.	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
107.	S3: Se matar de trabalhar.	Interação	Complementar
108.	S1: Gente! Chega um ponto que você não aguenta mais.	Avaliação	Avaliar
109.	S4: Mas sabe o que eu acho? Essa queixa é uma coisa que tem muito mais a ver com a idade que a gente tá. Vocês não acham isso não?	Avaliação Acional	Justificar Engajar
110.	S2: Hamham.	Interação	Conformar
111.	S4: Assim porque você falar sobre e tá cuidando de seus filhos, Primeiro você tá cheia de gás né? Segundo você tá vivendo uma outra época. Agora tá nessa idade que a gente tá e talvez isso acometa nós quatro de uma forma muito parecida...	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar
112.	S1: É A MENOPAUSA.	Interação	Complementar
113.	S2: É a tal @@.	Interação	Conformar
114.	S4: É VEM A MENOPAUSA E O TEU CORPO JÁ NÃO É MAIS O MESMO, não responde como você quer, NADA EM VOCÊ FUNCIONA COMO DANTES, então acho que você começa, é uma coisa que eu penso sempre comigo, não sei se vocês passam por isso, então você, de repente VOCÊ COMEÇOU A OLHAR PRÁ VOCÊ E O QUE VOCÊ VÊ NÃO É AQUILO QUE VOCÊ TINHA LÁ ATRÁS E AÍ VOCÊ COMEÇA A SE QUEIXAR PORQUE EU ACHO QUE VOCÊ PENSA ASSIM: GENTE QUANDO EU TAVA LÁ COM A MINHA CARNE TODA DURA NÉ? : COM A MINHA LIBIDO LÁ NAS ALTURAS NÉ? E EU FIQUEI CUIDANDO DE FILHOS, FAZENDO COMPRA, INDO NO MERCADO E...	Interação Avaliação Informação	Conformar Avaliar Informar
115.	<S2: E com todo aquele pique né? Hoje em dia não é tanto>	Informação Informação	Confirmar Informar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
116.	S4: É então eu acho assim que ESSE TOM DE QUEIXA assim, não sei assim no meu caso acho que ele vem muito assim COM ESSE CONTEÚDO. PUXA VIDA! AGORA NÉ? QUE OS MEUS FILHOS ESTÃO GRANDES, A MINHA LIBIDO FOI PRO RALO ABAIXO...	Avaliação	Avaliar
117.	S2: Mas tem como você ter de volta. Agora essa coisa física assim que você tá colocando eu senti isso também porque um ano atrás eu tinha um pique totalmente diferente e você não sabe o quanto eu escuto atualmente: Nossa! Você não é mais a mesma! Eu tinha 50 anos, agora tenho 55, tô na menopausa, agora EU RESOLVI FAZER REPOSIÇÃO HORMONAL PORQUE EU NÃO ESTAVA SUPORTANDO, eu tô fazendo, porque não dá pra você ficar com a libido lá embaixo, arretada, com o coração batendo na goela...	Informação Informação	Informar Explicitar
118.	S3: Eu estou aqui pensando daqui a pouco eu chego lá @@. E aí tá eu tô no auge, com a libido e tudo mais em alta, mas assim continuo sozinha. E aí? Quando eu chegar lá, poxa vou arrumar alguém e pronto	Avaliação	Avaliar
119.	S2: Mas acontece que essa libido a gente repõe com o hormônio. A gente volta a ter tudo. Eu não quero ficar mais sem hormônio mais não.	Informação	Informar
120.	S3: Eu atualmente a minha libido eu sufoquei ela.	Informação	Informar
121.	S4: Você prendeu ela numa caixinha.	Interação	Complementar
122.	E: Vamos passar adiante?... Essa aqui agora. Outro ponto em comum: { A Experimentadora faz a leitura do slide em power point} “apesar de relatarem dificuldades iniciais, na infância né? Vocês relatam ter estudado, relatam uma estabilidade profissional e financeira. Convidamos vocês a discutirem: 4) Porque minimizam o apoio que receberam pra isso se concretizar?” Vamos ficar nesse ponto no quarto né? O quinto seria: “Porque minimizam o que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais para se focarem na queixa ao abandono?”	Contratual	Estabelecer contrato

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
123.	S2: Olha, porque assim na verdade, essa questão de... focar na dificuldade, na verdade eu até coloquei na minha história que eu fui meio que jogada no mundo. Eu bati cabeça. Porque assim: meus pais, minha mãe era dona de casa, da chinela pra dentro. Meus pais não foram de se preocupar assim, de direcionar, ó! Você vai fazer isso você vai fazer aquilo. Eu sai de casa com 19, 18 anos então eu já vim a estudar depois de velha porque eu casei, não tinha como fazer, como estudar, tive filho logo, então meio que assim as coisas que eu tenho eu consegui por minha conta. Claro que minha mãe ficava querendo e falando: ei agora vai fazer isso que a gente falou, agora a gente vai estudar de pequeno né? Tudo, agora papai quando era as filhas dele, coronelzão, papai criou filho, as filhas pra... Costurar que ele comprou uma máquina, de pequena eu já tinha uma máquina.	Avaliação Informação Informação	Criticar Informar Exemplificar
124.	S1: Não, e quando a gente casava os meus irmãos A HERANÇA DAS MULHERES ERA UMA MÁQUINA DE COSTURA.....	Informação Informação	Confirmar Exemplificar
125.	<S2: Pois é... A cultura>	Avaliação	Avaliar
126.	S1:... E dos homens eram terra. ENTÃO AS MULHERES GANHAVAM UMA MÁQUINA DE COSTURA E OS HOMENS TERRA. Então a gente foi preparada para o casamento. Agora hoje eu vejo que se eu tivesse a cabeça lá atrás que eu tenho hoje? Eu iria continuar os meus estudos naquela época. Eu ia terminar... Fazer o mestrado e o doutorado. Não, ai eu disse não, vou cuidar de filhos... Depois agora a dificuldade pra começar, recomeçar é muito difícil. Fiz até especialização e quase morri! Mestrado agora não tem porque tantos problemas do mestrado né? Nem fui fazer a prova porque tantos problemas lá em casa de adolescentes não sei o que, falei: Meu Deus! Ainda to fazendo... Não tô com cabeça pra poder estudar mais. Naquela época, porque agora to me preparando pra estudar. AGORA FOI CORRETO? TER DEIXADO O ESTUDO PRÁ CUIDAR DE FILHOS?	Informação Informação Informação Avaliação	Informar Confirmar Explicitar Avaliar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
127.	S2: Porque quando eu ainda fiz o vestibular eu já tinha o meu filho mais velho e o meu ex falava assim: mas você foi estudar... Eu fui estudar eu tinha dois, é um ano e quatro meses e nasceu outro então tudo muito pertinho. Ah! Então você não quer estudar, então deixa estudar e você cuida dele de noite pra mim. Você sabe tirar a febre? Não. Aí eu já não estudei, eu realmente não tive como. Aí você vai acomodando também, a verdade é essa. Depois eu prestei, mas não busquei, mas aí agora depois de velha que eu conseguir estudar.	Informação Avaliação	Explicitar Justificar
128.	S2: Eu não, não me arrependo na época...	Avaliação Informação	Tomar Posição Informar
129.	<S1: Porque eu ia fazer mais uma coisa, tudo junto?>	Avaliação Interação	Justificar Confirmar
130.	S3: É eu tenho queixas em relação a isso porque eu acho assim é... Eu me acho uma pessoa assim: sempre tive muito potencial, só que esse potencial não foi apoiado, teve pouco apoio, não foi direcionado que nem você falou, que é uma coisa de canalizar pra uma certa direção de dar uma orientação, mas assim é atualmente eu percebi uma coisa independente de qualquer coisa que tenha acontecido de orientação ou não orientação EU CONTINUO COM ESSE POTENCIAL. Só assim eu lembro de mim garotinha quando eu chegasse aos 30, 40 anos de idade a minha vida estaria organizada, MAS NÃO ORGANIZADA COMO TÁ HOJE. MORANDO DE ALUGUEL, ESTARIA ORGANIZADA MESMO! Pra viajar, pra passear, pra fazer o que eu bem quisesse. Porém tá? Não tá. Então tá. Agora eu tenho que correr atrás. Eu tenho que continuar correndo atrás. Porque se eu não conseguir alcançar isso se eu chegar aos 80 e eu tiver concretizado isso, puder é simplesmente, ai meu deus os meus filhos tão criados eu tenho condições de passar um mês na Europa, de passar um mês no pantanal se for da minha vontade e sem me preocupar que vai faltar dinheiro pra pagar as contas, pra pagar isso pra pagar aquilo eu acho que ainda vai ser válido.	Informação Informação Avaliação	Confirmar Informar Avaliar
131.	S1: Mas agora você tá consciente de que você precisa disso, você tá correndo atrás e você tá concretizando.	Avaliação	Justificar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
132.	S2: Mas eu to aprendendo aí com essa história aí, eu to lembrando de mim, eu to com 55 anos pra me aposentar e eu não tenho planos pra morar. Agora só porque eu não quis comprar? Não, foi porque eu não tinha dinheiro, tinha uma penca de filhos tárara. Então eu não me revolto quanto a isso? Tenho onde morar sim. Eu saio da UnB e arrumo um canto para morar em qualquer canto por aí. Vai ser mais difícil? Vai ser mais difícil. O correto era o que? Eu ter o meu cantinho já prontinho...	Avaliação Avaliação	Validar Criticar
133.	S3: É, mas pra mim tá muito presente pra eu não me esquecer. EU PRECISO CORRER ATRÁS DOS MEUS PROJETOS. } Quando eu fazia terapia né? eu trabalhava com produtos de beleza. Eu continuo cadastrada lá só que assim eu cheguei à conclusão de que: é eu tinha projetos de fazer faculdade, de ser funcionária pública e tudo isso eu tinha deixado de lado achando que não tinha mais importância, porque não tava lá martelando. Eu pensei comigo: Não! Essa empresa de produtos cosméticos, me tornar uma empresária (rindo) na área de beleza, de estética, uma coisa que eu gosto muito, era um sonho novo que não consegui espaço naqueles sonhos. Então eu ainda tento concretizar primeiro aqueles sonhos mais antigos para eu poder chegar nesse sonho mais novo.	Avaliação Informação	Tomar posição Exemplificar
134.	<S1: Você de repente vai ser uma empresária do ramo cosmético então?>	Interação	Conformar
135.	S3: Pois é, aí eu olhei bem pra dentro de mim, sabe? Dá pra deixar isso? Não dá ele tá, tem que tá lá martelando.	Avaliação	Avaliar
136.	E: É vou repetir a quatro, vou pedir pra vocês ficarem mais atentas a quatro, a gente pode na segunda sessão partir do ponto cinco. Mas eu vou repetir só pra vocês pensarem mais uma vez, se surge alguma ideia. “Porque vocês minimizam”, diminuem né? O apoio que receberam pra isso se concretizar?” Porque vocês diminuem, minimizam o apoio que vocês todas receberam pra serem as profissionais que são... Hoje? Todas receberam apoio para estarem aonde estão. A questão é: “Porque vocês não dão valor, ou minimizam esse valor que receberam pra chegarem aonde estão?”	Contratual	Estabelecer contrato
137.	S2: É eu entendi, é isso que eu coloquei que o apoio que eu tive foi muito pouco. Assim eu fui conquistando e tive que meter a cara e fazer.	Informação	Informar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
138.	S4: Eu acho porque quando você considera a palavra apoio eu acho que de repente você pensa, PRIMEIRA COISA QUE VEM : PAI E MÃE.	Interação	Acentuar
139.	S2: É.	Avaliação	Validar
140.	S4: Primeira coisa que vem e não necessariamente precisa ser. MAS É A PRIMEIRA COISA QUE VEM. Porque você começou a sua fala falando que os seus pais moravam na roça, então acho que a primeira coisa que vem é essa questão de apoio. Segundo: Que quando você pensa em apoio você pensa numa pessoa te carregando, te empurrando, te orientando, te falando, te colocando nos lugares, te tirando daqueles lugares e colocando em outros é e talvez essa pergunta mexeu comigo DE UMA OUTRA FORMA, NÉ? Eu por exemplo da minha família EU SOU A ÚNICA REBELDE. Meu pai é empresário aqui em Brasília, nós somos seis filhos, dos seis filhos, cinco trabalham com ele. E EU SOU A REBELDE. E eu me rebelei por causa da história que eu tive com ele e isso talvez a gente deva considerar QUE FOI UM APOIO, essa coisa, essa história da minha vida, o fato de eu ter me rebelado e ter dito: Não eu não quero trabalhar numa empresa familiar eu quero ser funcionária pública e nem que eu compre uma guerra, eu vou. E ainda sorte que não teve guerra né? Não teve guerra alguma, EU SIMPLEMENTE DESATEI UM NÓ, SAÍ PRO MUNDO. DEIXEI MEUS CINCO IRMÃOS LÁ NAQUELA EMPRESA TOMANDO DE CONTA E FUI CUIDAR DA MINHA VIDA. Então talvez essa coisa da gente, que eu acho que é muito da gente mulher, que a gente é muito sensível, né? Você ter que ter aquele apoio das pessoas te empurrando e de repente a forma com o meu pai, por exemplo, me conduziu pela vida inteira, ele construiu a pessoa que eu sou hoje, né? Uma pessoa que diz: eu vou largar isso aqui e vou fazer aquilo lá e vou fazer bem feito e vou conseguir como eu consigo até hoje.	Avaliação Avaliação Informação Informação Informação	Criticar Tomar Posição Informar Explicitar Exemplificar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
141.	S2: É que no fundo, quando eu coloco uma coisa, claro que eu tive apoio da minha mãe, mas quem nos conduziu nós irmãos menores pra vida... Foi a minha irmã mais velha. Ela que trouxe a gente pra Brasília. Tive mais apoio da minha irmã mais velha. Ela que me trouxe pra Brasília. Eu não queria vir na época, ela insistiu, insistiu. Mãe, tadinha! Papai, não resolvia muito. Mamãe falava assim: se você quiser voltar eu te dou dinheiro você pega o ônibus e volta. Mamãe, coitada! Ela não tinha muita noção das coisas. E eu não tenho mágoa nenhuma deles por isso. DEPOIS DE MAIS VELHA EU FUI CRIAR ELE, PORQUE ELES NÃO TINHAM CONDIÇÕES E ELES MORAVAM COMIGO. Tá me entendendo? Eles moravam comigo, eu cuidei dos dois muito tempo até morrer.	Informação Informação	Confirmar Explicitar
142.	E: recebeu apoio da irmã mais velha.	Acional	Incitar
143.	S2: É da irmã mais velha.	Informação	Informar
144.	<S3: Eu tinha uma tia>	Informação	Informar
145.	S1: Eu não sei se essa coisa de minimizar, de diminuir, se eu to entendendo é até em relação a nossa profissão. Porque, porque que a gente não pode ter assumido um cargo dentro da Universidade?... Aí é que tá, tá sempre pensando o que os outros vão pensar? Falta esse apoio? O MARIDO APOIOU PRÁ ISSO? NUNCA IMAGINA. Ter um cargo...	Informação Interação	Informar Complementar
146.	<S4: chegar em casa às 10horas>	Interação	Complementar
147.	S1:... É responsabilidade, é muito mais responsabilidade e responsabilidade toma seu tempo, toma a sua... Energia, então você não teve essa estrutura. Aí vem... O que aconteceu com a Universidade? Tá certo os filhos desestruturou também? Claro que sim. Eu trabalhava numa área que era de projetos e aí foi nessa confusão toda dentro da Universidade. Os projetos foram pra um lado eu fui junto depois acabou, muita gente foi mandada embora. Então você teve um apoio? A GENTE TAMBÉM TEM QUE TER UM APOIO. Um apoio...	Informação	Informar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
148.	S1: Institucional, um apoio interno, familiar. Tem que ter um apoio pra você também crescer. Um apoiando o outro, e eu nunca tive isso. Nem no trabalho, nem em casa.	Informação	Confirmar
149.	E: É outro ponto em comum da narrativa de vocês? Então assim uma conclusão. Apesar de vocês relatarem dificuldades iniciais, vocês relatam ter estudado, relatam uma estabilidade profissional e financeira. Como é que vocês chegaram a isso?	Informação Acional	Informar Propor
150.	S3: Eu tive assim, a minha tia sempre me deu um empurrãozinho, ela era uma segunda mãe pra mim. Eu voltei aos 21 anos de idade e eu tinha deixado um filho pequeno de idade e ela assim tá você vai continuar a trabalhar em casa de família porque não tem estudo pra conseguir vaga em outro lugar, MAS VOCÊ VAI VOLTAR PRÁ ESCOLA. E foi bem séria e eu aí! Meu Deus, idade, terminar o primeiro grau, como vai ser isso? O que eu vou encontrar lá? Tá, aí fui. Às vezes eu vou meio travada, meio com medo, mas eu vou. Fui né? E assim ah! Três meses eu já tava lá toda enturmada e...	Informação Informação Informação	Informar Exemplificar Explicitar
151.	<S2: Adorando>	Interação	Complementar
152.	S3: Tá eu não fiz vestibular pra UNB não fiz vestibular pra nenhuma faculdade até hoje. Terminei o segundo grau. Fiz curso de informática, até criava programas, hoje em dia não sei por que quando eu vim pra cá era pra eu mexer com isso e acabou que eu não mexi. Por final em vão. Eu continuo querendo estudar e ela tudo que eu quero tudo que eu posso e vou fazer... Ela: vai lá que você vai conseguir, precisar de mim eu to aqui.	Informação	Informar
153.	S4: É eu vou ficar mais nessa coisa de que a gente fica com essa questão de apoio, que ele deve vir só de pai e mãe e que a gente... Talvez essa questão, talvez sirva até pra gente clarear que nem sempre né? É pai e mãe... E também tem essa coisa, eu, por exemplo, sempre fui rebelde né? Rebelde por boa causa né?	Informação	Explicitar
154.	S1: Rebelde, mas você tinha que trabalhar, tinha que estudar.	Interação Avaliação	Atenuar Justificar

Trecho	Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
155.	S4: Pois é, mas ser rebelde que veio da minha família e que veio da forma como o meu pai me criou e da própria ausência da minha mãe, ao invés de me jogar no buraco, me jogou pra cima, até hoje. Levou tudo contra, eu to fazendo mestrado e a minha mãe: VOCÊ É LOUCA! VAI FICAR MORRENDO DE CANSADA, VOCÊ NÃO DÁ CONTA! DOU E VOU, entende? Então essa coisa assim, eu achei boa a questão porque faz a gente pensar nisso. Primeiro que apoio nunca vem só de pai e mãe e segundo de que o fato como eles te colocam no mundo, e te constituem pode te impulsionar, como no meu caso.	Informação Informação	Explicitar Informar
156.	S1: É porque esse negócio do apoio o meu apoio foi minha irmã que nos trouxe pra Brasília. Foi o apoio mais forte. Minha irmã trouxe as três mais acima de mim e eu vim à última.	Informação	Exemplificar
157.	S4: Interessante que isso faz a gente refletir né? Agora mesmo eu to aqui pensando, por exemplo, com essa empreitada do meu mestrado, A PESSOA QUE MAIS TÁ ME APOIANDO É O AUSENTE DO MEU MARIDO!	Avaliação Interação	Avaliar Reconhecer
158.	S2: É né? Tá vendo?	Interação	Reconhecer
159.	S4: É ele. O dia que eu tenho aula aqui eu chego em casa ele não me deixa CHEGAR NA PIA ! NÃO ME DEIXA FAZER NADA! E aí quando eu vou lá e como alguma coisa na cozinha e vou arrumar ele: Não! Pode ir tomar banho que eu vou arrumar.	Informação	Explicitar
160.	<S1: Tá vendo>	Interação	Acentuar

Nota. Os símbolos: @ significa riso, {} indica comentários do transcritor, letras maiúsculas significam fala com tom enfático, < > indica que a fala foi tomada e... Significa pausa.

Discussão da primeira sessão do grupo focal.

A análise dos extratos dos atos da fala aponta para uma predominância de interlocuções nas esferas de informação, avaliação e interação e pouca utilização da esfera acional pelas quatro participantes da pesquisa. Isso indica que as participantes “compactuaram” entre si em relação às questões colocadas como foco de discussão. Esclarecemos que a esfera contratual não foi utilizada pelas participantes, apenas pela experimentadora que, em alguns momentos, também se utilizou da esfera acional, nas categorias incitar, exortar e propor, com o intuito de motivar a participação dos sujeitos da pesquisa. Em relação às esferas mais utilizadas, chama atenção, em primeiro lugar, o predomínio das categorias: informar, explicitar e confirmar na esfera da informação; de avaliar e validar na esfera da avaliação e de complementar e conformar na esfera da interação nos atos da fala das participantes.

Esses dados indicam que as participantes defenderam pontos de vista muito semelhantes, como já afirmamos anteriormente e de tal modo que este acordo se reflete nos seus atos da fala de conformidade, ao aprovarem as opiniões uma das outras; de complementariedade, ao adicionarem elementos que apoiam as suas falas; de acentuar, ao darem ênfase ao que foi discutido ou, ainda, nos atos de avaliar e de validar, ao legitimarem o que foi discutido, ao mesmo tempo em que se identificam com o que foi proposto pelo grupo.

Em menor uso estão os atos da fala que visam retificar, contestar, infirmar e invalidar. Essas categorias se caracterizam pela contradição e contestação, as quais não predominam em relação aos atos da fala que expressam um acordo entre elas, tais como: confirmar, complementar e validar, mencionadas anteriormente.

Esse resultado indica, mais uma vez, que prevalece um ambiente de conformidade e de apoio mútuo entre as participantes, o qual confirma a adoção de comportamentos típicos femininos, como a identificação grupal, a necessidade de filiação e de busca de apoio em seus grupos de pares, conforme foi apresentado na Tabela 3 pelos autores Câmara e Carlotto (2007), Mehta e Strough (2010), e Rosistolato (2009).

Nessa primeira sessão do grupo focal, foram apresentados temas para as participantes discutirem em grupo, evidenciados pela análise de suas narrativas e das suas respostas aos dados complementares descritos como primeira e segunda etapa da coleta de dados. O primeiro tema convidava as participantes a discutirem o que esses dois momentos (narrativa e dados complementares) focados em suas vidas as levaram a refletir, pensar e sentir.

O primeiro aspecto que chama atenção é como esses momentos proporcionaram às participantes uma tomada de consciência de aspectos e questões importantes de suas vidas. Elas chegaram à conclusão, por exemplo, de que as pessoas constroem aquilo que elas são ao longo de suas vidas (trecho 11), de que puderam parar e pensar em si mesmas e não nos outros por um

momento (marido e filhos). Elas reconheceram que vivem a maior parte do tempo em função dos outros ou “fazendo o que os outros querem que você faça”, como aparece nas trocas verbais entre S1 e S3:

S1: Eu acho que quando a gente para pra falar da gente é um momento assim de... um conhecimento mais profundo que o dia a dia da gente é tão corrido, filho, família, casa, trabalho e a gente não para pra pensar um pouco. Então pra mim foi um momento assim de reflexão: pra onde eu vou? De onde eu vim o que, que eu quero? É uma chacoalhada na minha vida (trecho2).

S3: Não. É como ela falou. O autoconhecimento né? Porque a gente, para a gente vai vivendo, vai vivendo e vai levando a vida e você não para assim pra pensar, exatamente, o que que eu quero? Quem sou eu de verdade?... A gente só faz aquilo que os outros estão querendo que você faça (trecho 4).

S1: Bom, vamo colocar no papel? O que, que eu fiz, eu nunca fiz esse trabalho, esse exercício de reflexão, pra onde eu quero ir né? Às vezes é o momento dá gente dar um tempo pra gente resolver. . . A nossa vida, porque a gente não sei se é cultural? Pra mim eu vejo isso. . . É você tá mais em função dos outros do que de você mesmo. Então você tem que ter um tempo pra você, eu tô aprendendo muito agora, tô me cobrando mais (trecho 5).

As falas das participantes nos trechos 2, 4 e 5 indicam que elas refletem e questionam sua função e seus papéis sociais. Esses questionamentos nos remetem a Badinter (1985), quando ela define a mulher e mãe como um ser “relativo”, que só se concebe em relação ao o pai e ao filho e que, portanto, vive em função do outro.

Essa reflexão no grupo suscita um dos poucos momentos de contestação entre as participantes, evidenciado pelas falas de S2, no trecho 2, ao fazer uso das categorias: criticar e tomar posição como uma forma de marcar sua posição contrária ao que foi anteriormente dito pelas demais participantes. É interessante observar que quando S2 expõe sua ideia contrária e de forma direta, as demais participantes, S1 e S4, reagem com atos da fala que avaliam e contestam ironicamente (ver trechos 7 e 8), colocam em dúvida o que foi falado por S2 no trecho 6:

S2: O que você precisa, é ver o seu eu e ver o eu te faz bem, e não o que você tem. Muitas vezes, eu passei muitos anos da minha vida preocupada em agradar as pessoas . . . depois que você começa a amadurecer e a fazer terapia a sofrer na vida e a levar bordoadas, aí você começa a pensar: eu tenho que ir, no fundo eu tenho que ser um pouco egoísta, e fazer aquilo que me dá prazer. Não adianta fazer uma coisa pra agradar os outros e que eu tô insatisfeita, então já tem muitos anos na minha vida que eu faço o que me dá prazer (trecho 6).

S1: Que bom que você... (trecho 7).

S1 & S4: você consegue isso? (@) (trecho 8)

S2: Eu consigo, Graças a Deus! Eu consigo a dizer não, a ser sincera, a falar o que eu acho (trecho 9).

É importante ressaltar que as falas de S2 instigam uma reação no grupo, pois são falas que além de contestar, desafiam o padrão de conduta de concordância entre as participantes ao propor uma atitude feminina diferente da culturalmente esperada, em que a mulher não seja mais complacente e que, ao invés disso, seja mais egoísta e pense em si mesma, fazendo o que lhe dá prazer.

Diante da fala assertiva de S2, observa-se que, aos poucos, as participantes começam a entrar em acordo, justificando-se por não conseguirem agir de uma forma diferente e criando novamente um ambiente de concordância entre elas (ver trecho 10).

É também a partir desse momento que ocorre uma mudança de foco em suas falas, elas deixam de falar de si mesmas para falarem dos filhos, das suas preocupações com o futuro deles e de suas responsabilidades maternas. Essa atitude indica que, em primeiro lugar, as participantes procuram um ponto em comum - o seu papel de mães - para reestabelecerem uma interação no grupo e um ambiente de complementariedade.

Em segundo lugar, visto que a discussão se estende por um bom tempo em suas falas, esse fato indica como é difícil para as participantes “darem voz” ao seu lado pessoal (Gilligan, 1982), ou seja, de poderem abrir mão de sua função e papel de mães e usar esse espaço de fala para centrarem em si mesmas, como pessoas e mulheres. Esse desvio do foco fez com que a experimentadora reestabelecesse o contrato, convidando as participantes a refletirem sobre o segundo ponto em comum.

Em relação ao segundo tema colocado como foco para discussão: a referência à ausência do pai e do pai de seus filhos. Nesse ponto, pode-se observar que as participantes ficaram um pouco perplexas pela exposição em grupo de um aspecto de sua vida que é comum a todas elas.

A princípio, S4 parece encarar a questão proposta para discussão como um problema, o qual ela reconhece e parece sentir-se aliviada pelo fato de não ser a única, como se pode ver nas suas falas nos trechos 17, 19 e 21. As falas de S4 parecem propor um engajamento do grupo quanto a esse reconhecimento.

Verifica-se também que as participantes começam a refletir sobre a ausência da figura masculina, tanto do pai delas, como do pai de seus filhos, porém, não de forma direta. Tanto é assim que S1 e S2 discutem ainda o seu papel de mães, avaliando até onde vai a sua responsabilidade pelos atos dos filhos ou até quando devem continuar orientando e educando os filhos. Interagem por meio de falas que tratam ainda da crença do mito do amor materno, dando indícios de tomada de consciência de que não podem se responsabilizar eternamente por tudo que os filhos fazem, pelas suas escolhas de vida e muito menos como diz S1: “morrer por eles”, como se vê nos trechos 22 a 26.

O tema de discussão proposto parece ser abordado diretamente só a partir do trecho 27, quando S1 reflete sobre a perda de seu pai e sobre a ausência do pai de suas filhas. As falas de S1

indicam que está se dando conta do quanto ela viveu uma ausência de pai e, ao mesmo tempo, do quanto ela contribuiu para que isso se repetisse com suas filhas. Ela chega a essa constatação porque percebe que sua atitude de mãe, de “abraçar tudo” na criação das filhas – atitude que se enquadra dentro da ideia do mito do amor materno –, acabou causando a ausência, ou seja, o não engajamento do marido na criação das filhas.

A avaliação e reflexão de S1 incentivam as demais participantes a abordarem o assunto em suas falas. Dessa maneira, S2 traz para o grupo outro tipo de ausência, quando o indivíduo está presente, ou seja, vivo, mas é ausente, “uma ausência camuflada”, como é complementado na fala de S4.

S3 revela para o grupo o fato de nunca ter tido um pai e dá-se conta de que possui “um vazio de pai” que continua até hoje (ver trecho 35). Parece perceber que a ausência de um pai em sua vida se repete, pois, assim como a mãe, criou os filhos sozinha, na maioria das vezes, sem a presença de um pai.

Chama atenção a fala de S1, que é a única até o momento que associa suas atitudes de mãe com o afastamento do pai de suas filhas, indicando uma tomada de consciência de sua parte: “Mas eu cobri, eu acho, sabe? quis dominar, quis resolver, quis fazer... uma hora que ele poderia tá ali” (trecho 34).

Percebe-se que a fala de S1 e sua reflexão fazem com que S3 também avalie e se dê conta do quanto a mulher está acostumada a exercer seu papel de mãe e, ao mesmo tempo, de como é difícil abrir mão dessa função de cuidar dos filhos e poder partilhar com outros, o que favorece a ausência masculina na criação dos filhos, como foi dito anteriormente. S3 fala que: “a gente tá tão habituado a ver a mãe cuidar e a gente assume essa responsabilidade que os meus filhos mais velhos estão tentando me ajudar a educar o mais novo. Pensa como é difícil admitir” (trecho 37).

Essas reflexões nos remetem, em primeiro lugar, aos estudos da Tabela 4, em que autores como Pilla (2008) analisam o modelo feminino criado no início do século XX, baseado no instinto do amor materno, da “rainha do lar”. Um modelo que valoriza uma conduta controladora da dona de casa, em que ela deveria governar a si, seu lar e sua família. E em segundo, sinalizam como é difícil para elas dividirem o seu principal território de domínio e seus papéis, os quais lhe conferem poder e são sentidos por elas como algo ameaçador, podendo torná-las desnecessárias.

Dessa maneira, verifica-se que a discussão sobre a ausência do pai levou as participantes a repensarem suas condutas, a avaliarem o quanto elas contribuem para essa ausência quando desempenham seus papéis dentro da ideia do mito do amor materno, “dominando e administrando tudo de forma tão competente”, como fala S4. Assim, elas chegam à conclusão que não sobra espaço para o marido e reconhecem, como S1, que “tratam o marido como se fossem filhos” (ver trecho 92).

Outro aspecto importante é a discussão que o tema gera entre as participantes a respeito do modelo patriarcal de famílias. Segundo elas, o pai ocupava o primeiro lugar e, na opinião de S1, foi sendo substituído pelos filhos, os quais se tornaram o centro das atenções nas famílias atuais, conforme se vê nos trechos:

S1: Indivíduo da casa, a mãe e depois os filhos. hoje não. tem os filhos, o pai e a mãe em terceiro lugar. então é. . . e a gente com essa situação é às vezes pra entender isso foi muito difícil (trechos 52 e 55).

S1: porque agora é o filho, o filho em primeiro lugar, o que domina... uma casa (trecho 59).

S4: Porque a vida gira em torno dele @> (trecho 60)

S1: É. Aí vem o pai e depois a mãe que fica em terceiro ainda. Porque a mãe cede tudo, né? (trecho 61)

Nesse momento, constata-se uma divergência entre as participantes, quando S2 manifesta-se e invalida as falas de S1 e S4 que coloca a mulher e mãe por último, segundo S2: “Lá em casa é diferente @. Lá em casa eu tô em primeiro lugar. Atualmente né? Já foi mais assim né... A terapia que me ajudou” (trecho 62).

Uma fala que provoca uma reação das outras participantes, as quais questionam a veracidade novamente de forma irônica, como se pode ver nos trechos 65 a 68.

S4: Aonde você fez terapia? Eu quero ir nessa terapia sua @@

S2: Eu atualmente lá em casa tô em primeiro lugar

S1: E você é tratada como tal e respeitada?>

S2: Respeitada. Que eu não tenho marido né? Sou eu e eu só tô com dois né? . . . eu me coloco em primeiro lugar em tudo. Inclusive eu to botando na cabeça deles *que* eu quero que eles saiam de casa. Que eles vão morar só. . . o que eu quero, eu quero ter a minha vida.

S2 retoma a sua posição defendendo que a mulher e a pessoa devem vir em primeiro lugar e não os filhos ou marido, o que novamente está fora do padrão estabelecido. Uma fala sucinta e objetiva (quase masculina) em que ela desafia as demais participantes, fazendo com que elas se utilizem de atos de falas que invalidam e atenuam o que foi exposto, indicando ser uma forma de resistir à mudança.

As participantes começam a focar suas falas nos filhos novamente e a experimentadora sinaliza esse desvio, porém, como não surgem elementos novos, passa para o terceiro tema de discussão. Nesse tema, elas, apesar de assumirem o papel de provedoras e de pessoas responsáveis socialmente, do ponto de vista do cuidado com a família, queixam-se disso.

As respostas que surgem evidenciam que as participantes centram-se no aspecto da queixa mais do que no aspecto positivo da sua capacidade de cuidar de sua família de forma responsável. As falas delas confirmam e reconhecem que costumam se queixar por arcarem com o cuidado da

família sozinhas e, ao mesmo tempo, admitem que elas não consigam delegar as funções tidas como naturalmente femininas para os outros, como no caso de S3, no trecho 98.

Isso leva S1 a reafirmar o desejo implícito da mulher de querer dominar a família ao se responsabilizar por tudo e por todos. S1 dá-se conta de que as atitudes femininas de viver em função dos filhos e família é uma atitude reforçada socialmente, principalmente no contexto familiar, como se pode ver a seguir:

S1: Isso é ser dominadora entendeu? E ainda vinha gente dizer assim: Nossa, mas você é demais, hein? Tinha vezes que dizia: Nossa! Mas você consegue fazer isso e aquilo, então aquilo me... Quanto mais falava, mais eu fazia. Minha sogra falava: Nossa! O V. casou com a pessoa certa. E aí quanto mais falava, mais eu fazia. Gente! Pra que?(trecho 104).

S4 avalia a questão da queixa relacionando-a com a menopausa, reavaliando sua vida, dando-se conta de que quando era mais nova e cheia de energia viveu em função dos filhos e da casa. Ela indica que se esqueceu do seu lado mulher e passou a viver apenas seu papel de cuidadora e provedora, como se vê nos trechos 114 e 116.

S4: É, vem a menopausa e o teu corpo já não é mais o mesmo, não responde como você quer, nada em você funciona como antes. . . . e aí você começa a se queixar porque eu acho que você pensa assim: gente quando eu tava lá com a minha carne toda dura né. Com a minha libido lá nas alturas né? E eu fiquei cuidando de filhos, fazendo compra, indo no mercado (trecho 114).

S4: É então eu acho assim que esse tom de queixa, assim, não sei assim no meu caso acho que ele vem muito assim com esse conteúdo. Puxa vida! Agora né? Que os meus filhos estão grandes, a minha libido foi pro ralo abaixo (trecho 116).

Essa tomada de consciência de S4 nos remete novamente a Badinter (1985) quando ela lembra que “a mãe é também uma mulher” (p. 25), com aspirações e desejos próprios. Assim, as participantes começam a avaliar como deixaram de lado o seu lado mulher, seus desejos e sua sexualidade em segundo plano, priorizando as necessidades da família.

S3, que é a mais nova do grupo, percebe que está passando por isso, pois vive em função da família, reprimindo sua sexualidade, como se vê nas suas falas nos trechos 118 e 120, como nos diz Fávero (2010), mantendo “sua sexualidade fora de sua existência” (p. 259).

O quarto e quinto temas para discussão são apresentados simultaneamente pela experimentadora ao grupo. O conteúdo tinha a intenção de questionar por que as participantes minimizam o apoio que receberam para estudarem e adquirirem uma situação estável, profissional e financeira, para se focarem na queixa em relação ao abandono.

Mais uma vez, a reação inicial das participantes indica que elas se detêm mais no aspecto da queixa e do abandono do que no apoio que receberam. Tanto assim que S2, em suas falas,

ênfatiza a falta de apoio de sua família para os estudos e ênfatiza o como “foi meio que jogada no mundo” (trecho 123). Informa a falta de orientação dos pais que não a incentivavam para estudar que, ao invés disso, deram-lhe de presente uma máquina de costura.

A situação que S2 relata é também vivida de forma semelhante por S1, pois ambas vieram de famílias da zona rural, onde existe, ainda nos dias de hoje, conforme estudos de Spanevello e Lago (2010), uma tradição de transmissão de patrimônio familiar de forma desigual entre filhos e filhas, em que, segundo S1, as mulheres ganhavam uma máquina de costura e os homens a terra (trecho 124). Dessa maneira, as mulheres eram incentivadas a se prepararem para o casamento e para aprender os afazeres domésticos, como costurar e fazer seu enxoval, ou seja, para se tornarem donas de casa; enquanto os homens eram preparados para serem os sucessores no patrimônio familiar e ocuparem posições de comando (Spanevello & Lago, 2010).

Observa-se também que as participantes começam a se questionar sobre seus papéis de mãe, pessoa e profissional, pois avaliam a situação de conflito entre priorizar os estudos e criar os filhos, como se vê a seguir por S1:

S1: Agora hoje eu vejo que se eu tivesse a cabeça lá atrás que eu tenho hoje? Eu iria continuar os meus estudos naquela época. Eu ia terminar... Fazer o mestrado e o doutorado. Não, aí eu disse não, vou cuidar de filhos. . . ! Mestrado agora não tem porque tantos problemas do mestrado né? Nem fui fazer a prova porque tantos problemas lá em casa de adolescentes não sei o que, falei: Meu Deus! Ainda tô fazendo... Não tô com cabeça pra poder estudar mais. Naquela época, porque agora tô me preparando pra estudar. Agora foi correto? Ter deixado o estudo prá cuidar de filhos? (trecho 126).

Como se pode ver, S1 tem um insight significativo, dando-se conta de como priorizou o seu papel de mãe, deixando de investir no lado profissional. Esse ato da fala faz com que as demais reforcem a prioridade aos filhos ou justifiquem-se, como se podem ver a seguir: S2: “Eu não, não me arrependo na época” (trecho 128). . . . e S1: “Porque eu ia fazer mais uma coisa, tudo junto?”(129).

Percebe-se também a volta da queixa, da referência frequente a falta de apoio para estudarem, quando S2 fala, por exemplo, do marido que não se mostrava disponível para ficar com os filhos para ela poder ir à escola à noite, conforme se vê no trecho 127. S3 informa que também não recebeu apoio para estudar e priorizou o cuidado dos filhos, abandonando seus projetos de se tornar uma grande empresária (trecho 133).

Ao perceber que as participantes centram-se na queixa ao abandono e à falta de apoio, a experimentadora retoma o contrato e propõe o retorno ao tema referente ao apoio não valorizado. Diante dessa interlocução, percebe-se que as participantes começam a focar-se mais no termo apoio, colocando suas reflexões, tal como o faz S4, ao ênfatizar a tendência, principalmente da

mulher, de esperar que o apoio venha dos pais em função do apego feminino, esperando que os pais orientem e mostrem a direção para os filhos.

Percebe-se que a fala de S4 contribui para que as demais participantes comecem a reconhecer outras fontes importantes de apoio em suas vidas, como irmãs mais velhas e tias, que até então não tinham sido lembradas, pois estavam focadas mais no aspecto negativo: queixa ao abandono e falta de apoio, do que no aspecto positivo: o apoio recebido. Vale ressaltar ainda que S4 parece dar-se conta, durante essa discussão, de que quem mais lhe dava apoio nos estudos no momento da pesquisa, não são seus pais, e sim “o ausente do seu marido”, como se vê a seguir nos trechos 157 e 159:

S4: Interessante que isso faz a gente refletir né? Agora mesmo eu to aqui pensando, por exemplo, com essa empreitada do meu mestrado, a pessoa que mais tá me apoiando é o ausente do meu marido! (trecho 157)

S4: é ele. O dia que eu tenho aula aqui eu chego em casa ele não me deixa chegar na pia! Não me deixa fazer nada! E aí quando eu vou lá e como alguma coisa na cozinha e vou arrumar ele: não! Pode ir tomar banho que eu vou arrumar (trecho 159).

Esses atos da fala de S4 nos remetem ao que já comentamos anteriormente, ou seja, quando a mulher assume seu papel de mãe ou de dona do lar de forma tradicional, dentro da ideologia da naturalização ou do mito do amor materno, fica realmente difícil para que o homem, o pai dos filhos, possa se engajar nas tarefas domésticas ou parentais.

Desse modo, pode-se concluir inferindo que quando a mulher muda a sua atitude, abrindo um espaço para uma maior participação masculina, as tarefas e responsabilidades domésticas passam a ser compartilhadas de forma mais igualitária entre os casais.

O grupo focal: segunda sessão.

Tabela 16

Extratos da Transcrição dos Atos da Fala da Segunda Sessão do Grupo Focal

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
1.	E: A gente viu esse primeiro slide sobre o que vocês refletiram, pensaram e sentiram ao narrar a história da vida de vocês, em dois momentos. Depois vimos pontos em comum, a referência à ausência do pai e a referência à ausência do pai dos seus filhos. O fato de vocês assumirem o papel de provedoras e de serem pessoas responsáveis socialmente, do ponto de vista, do cuidado da família e, no entanto de se queixarem disso. Outro ponto em comum: apesar de relatarem as dificuldades iniciais, todo mundo relata ter estudado, ter uma estabilidade profissional e financeira, e nós paramos no quarto ponto: porque minimizam o apoio que receberam para isto se concretizar. A gente começou a falar sobre esse ponto e acho que hoje a gente parte aqui, do quinto ponto. Esse quinto ponto queria que vocês prestassem bem atenção, que é um ponto chave, e importante, para vocês refletirem. {a experimentadora passa a ler o slide em Power point} “Porque minimizam, ou seja, dão menos importância... O que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais para se focarem na queixa ao abandono”.	Contratual Informação	Estabelecer atividade Informar
2.	S1: Eu acho que a presença da orientação na nossa vida desde criança, ELA NUNCA FOI FORTE, COMO PAI, COMO MÃE, que a gente foi colocado assim no mundo, e eu pessoalmente perdi o meu pai muito cedo e minha mãe não era uma pessoa tão ativa, então... Foi uma situação que me deixou também é... meio que...	Informação Avaliação	Informar Justificar
3.	<S2: Desprotegida>	Interação	Complementar
4.	S1: DESPROTEGIDA DO MUNDO e aí minhas irmãs que levaram a gente para lá e para cá e vai estudar aqui e vai para lá. Então... é assim... Essa ausência de um pai e de uma mãe forte na minha vida, fez com que eu me tornasse uma pessoa DEPENDENTE, e eu sou até hoje, em quase todas as minhas ações. MUITO DEPENDENTE, que eu tenho que tá sempre com o apoio de alguém do meu lado. E hoje um apoio...	Informação	Confirmar
5.	<S2: Insegura, né?>	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
6.	S1: Insegura. E eu acho que... e aí eu fico me policiando, mas ao mesmo tempo é... reclamando dessa situação, que eu não CONSIGO, EU NÃO TENHO AUTONOMIA, AUTORIDADE, TALVEZ COMO MÃE, COMO MULHER, como profissional até... médio. Eu acho que eu me desenvolvo mais lá fora do que dentro de casa, vamos dizer assim... entendeu? Do meu trabalho, que eu parei um tempo, mas eu sou muito mais capaz e competente. Eu... parece até que eu sou outra pessoa. : O ABANDONO É DESDE CRIANÇA. E a gente fica focada nisso e é o tempo todo, é uma... RODA, UM GIRO EM TORNO DISSO E EU NÃO CONSIGO ME DESVEN-CILHAR. É eu fico nisso.	Informação Avaliação Informação Interação	Confirmar Validar Exemplificar Reconhecer
7.	S4: É eu também fui para casa pensando nesta questão né? E fui pensar exatamente nessa sua linha, EXATAMENTE NESSA MESMA LINHA, que eu acho QUE A PERSISTÊNCIA DA QUEIXA AO ABANDONO VEM DE UMA HISTÓRIA DE ABANDONO.	Interação Avaliação	Conformar Avaliar
8.	S2 & S3: Aham.	Interação	Conformar
9.	S4: Né? Por exemplo, como eu relatei aqui, EU ME SENTI MUITO ABANDONADA PELA MINHA MÃE, NÉ? E não cheguei a relatar, mas eu também sofri uma HISTÓRIA MUITO GRANDE DE ABANDONO COM O MEU MARIDO. Abandono do ponto de vista DELE ME DEIXAR SÓZINHA EM SITUAÇÕES COMPLICADAS. Como foi a história da minha FILHA CAÇULA, que teve muitos problemas e eu fui correr atrás de tudo isso e foi assim MUITO EXTENUANTE, uma jornada de cinco anos de pura extenuação. E O MEU MARIDO SIMPLEMENTE ... FICOU NA DELE. E ainda às vezes aceita tudo isso, isso é desígnio de Deus, EU... NÃO. Eu vou querer saber o que é isso. Então eu saí daqui pensando nisso que essa persistência na gente hoje, apesar da gente tá madura, bem formada, o lado profissional, digamos assim, mais ou menos delineado, PARECE QUE É UMA COISA QUE TÁ INTERNLIZADA.	Avaliação Informação Informação Informação	Avaliar Informar Exemplificar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
10.	S1: É eu não sei se, você falou dessa situação do seu marido com problemas, eu também tive EXATAMENTE isso, passei muitas poucas e boas e terríveis situações E EU COM MEDO, porque ele também inseguro, incapaz, o pai nunca foi presente, é... EU COM MEDO DA ATITUDE DELE, EU ESCONDIA. Não sei se aconteceu isso com você? EU ESCONDIA A SITUAÇÃO PRÁ NÃO TER MAIS PROBLEMA. O QUE FOI PIOR porque se eu soubesse, se eu tivesse MAIS AUTORIDADE PRÁ DIVIDIR, pra vamos fazer isso ou aquilo, eu não sei se você escondia do seu marido, assim?	Avaliação Informação Informação	Validar Informar Exemplificar
11.	S4: Não eu não cheguei a esconder não, mas eu mantive UMA POSTURA DE SILENCIAMENTO, NÉ? Ah! Já que você não quer, vou eu partir pra luta sozinha, que eu tenho duas pernas, dois olhos, dois braços, lá vou eu, e assim, muito... mais uma atitude de...	Avaliação Informação	Invalidar Explicitar
12.	<S1: Indiferente?>	Interação	Contestar
13.	S4: Não, mais de silenciamento.	Informação Informação	Retificar Explicitar
14.	S3: Eu, por exemplo, essa questão de ter UM EMPURRÃO DIRECIONADO, que às vezes NÃO UM EMPURRÃO SÓ, MAS UM EMPURRÃO DIRECIONADO é eu sempre fui muito atrás, EU ME COBRO MUITO, porque eu nunca tive quem ficasse me cobrando, EU ME COBRO DEMAIS! Não! Eu tenho obrigação com isso eu tenho obrigação com aquilo, eu preciso isso eu preciso aquilo. MAS EU CONTINUO SENTINDO FALTA DESSE APOIO, eu não me sinto assim, eu sinto falta o tempo todo, como se tivesse faltando um PEDACINHO, como se tivesse faltando alguém em quem você possa de vez em quando SE ENCOSTAR?	Avaliação Informação Informação	Avaliar Informar Exemplificar
15.	S1: Aham	Interação	Conformar
16.	S4: Ou pedir um colinho.	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
17.	S3: Ou pegar AQUELE FARDO TODINHO e dizer assim... Óh! Pessoa pega esse fardo aqui e assume por uma semana que eu vou esquecer que o mundo existe na próxima semana eu volto e reassumo tudo, você não precisa se preocupar.	Interação Informação	Complementar Exemplificar
18.	S1: OU NÃO FALAR NADA, mas tá aí do lado. ... ou um aperto de mão. É uma dependência.	Interação Interação Avaliação Avaliação	Complementar Conformar Validar Avaliar
19.	S2: É eu até hoje, eu falo muito isso lá em casa. Falo: gente me sinto só pra tudo. Pra decisões. Que eu tenho... que eu não tenho marido, né? Que eu sou divorciada já há muitos anos e atualmente não tô com namorado e aí tem os dois que moram comigo, MAS TUDO QUE EU TENHO QUE DECIDIR, ATÉ DE PINTAR UMA PORTA, EU DECIDO SÓ. E aí falo gente vê aí pra mim uma net pra por, procura um negócio mais barato, não sei o que, ninguém se movimenta..	Interação Informação Informação	Conformar Informar Exemplificar
20.	S3: ah!	Avaliação	Validar
21.	S2: você tá me entendendo? Então eu sempre falo o seguinte, eu costume dizer assim: EU DECIDO AS MINHAS COISAS EU E O MEU UMBIGO. Então, essa coisa a gente sente falta mesmo. Eu sinto falta, então em relação a pai e a mãe, por exemplo, como eu sempre falei, a minha mãe dona de casa, minha mãe tadinha, não tinha decisão pra nada, não tinha dinheiro pra nada, tudo ela dependia do meu pai. Meu pai coronelzão. Então quem resolveu e quem ajudou nós filhos foi essa minha irmã mais velha, que até já faleceu. Faleceu tem trinta anos atrás. Foi quem encaminhou a gente pra vir pra Brasília. Pra estudar, pra essa coisa toda. AGORA NA VIDA E NO MUNDO, EU APRENDI BATENDO A CABEÇA E APRENDENDO.	Informação Informação	Informar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
22.	S3: É outro dia em casa o telefone ficou com problema. Eu falei gente liga na GVT. E eu lá correndo preparando o jantar e o meu filho pegou o telefone e tátátá e eu tô lá feliz, ai! Ele vai resolver. Aí quando começa lá a dar as opções, ele: mamãe! Resolve aqui! EU PEGUEI ESSE CELULAR JOGUEI LÉ EMCIMA DO ARMÁRIO E FALEI O DIA QUE EU ESTIVER COM TEMPO E DISPOSIÇÃO EU VOU RESOLVER. FICOU 15 DIAS SEM TELEFONE. Cheio de gente um de 17, uma mulher de 23, outra de 21. É só ir digitando as opções não precisa responsável.	Avaliação Interação Informação	Validar Complementar Exemplificar
23.	S4: Mas eu pensei uma outra coisa que me parece que a gente quando chega NESSA IDADE DE MULHER MAIS MADURA, ALGUMA COISA MUDA, mas pra mim assim a razão não tá clara. Eu não sei se acontece com vocês? Mas eu acho que a gente fica nessa queixa de abandono, ah! Ninguém faz nada, ninguém vai atrás do resolver o telefone, ninguém vai contratar a net, mas, por exemplo, NO MEU CASO, EU TENHO DIFICULDADE DE PEDIR... SABE? QUANDO EU VEJO, É ASSIM, EU NÃO PEDI. A minha filha caçula, ELA APONTA MUITO ISSO PRÁ MIM, ela fala: MÃE PORQUE VOCÊ NÃO PEDIU? SE VOCÊ TIVESSE PEDIDO, EU TERIA FEITO. E tenho vivenciado muito isso com o meu marido. Depois que eu comecei o Mestrado eu tô muito sem tempo, ÓBVIO, né? Então já umas duas situações que eu chego pra ele...: olha! Tá aqui a situação assim, assim e assim. Tal problema assim, VOCÊ PODE RESOLVER? EU GOSTARIA DE ENTREGAR PRÁ VOCÊ E ME DESVENCILHAR DISSO. E ELE LEVOU...	Avaliação Informação Informação	Avaliar Informar Exemplificar
24.	<S2: tá vendo?>	Interação	Acentuar
25.	S4: LEVOU A FRENTE DEPOIS DE 25 ANOS DE CASAMENTO, EU RESOLVENDO TUDO. Então, por isso é que eu tô me permitindo agora, colocar isso, que eu acho que é uma coisa pra gente pensar. Mas eu sempre tive dificuldade de pedir, pra filho, pra marido.	Informação Avaliação Interação	Informar Avaliar Reconhecer
26.	<S3: ... mas eu tenho essa dificuldade>	Interação	Conformar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
27.	S1: ... isso, exato. Eu peço, MAS É A MANEIRA DE PEDIR QUE EU TENHO QUE MUDAR. Eu vejo claramente isso, que as meninas, ai! Mãe, elas já começam a reclamar, porque a maneira de eu pedir já é uma AUTORITÁRIA, sabe de pedir, resolve isso pra mim, sabe?	Avaliação Avaliação Informação	Validar Avaliar Informar
28.	S2: Você tem QUE IR MUDANDO PARA QUE ELES MUDEM. E eu acho que tá assim BOM lá em casa, PORQUE EU ESTOU MUDANDO E ELES TÃO MUDANDO TAMBÉM.	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar
29.	E: Em relação a esse assunto assim tem mais alguma coisa? Que queriam colocar sobre esse ponto aqui?	Contratual	Tomada da palavra
30.	S4: ACHO QUE MAXIMIZAMOS O MINIMIZAR.	Avaliação	Avaliar
31.	S2 E S4: É @@	Interação Interação	Conformar Reconhecer
32.	S4: Eu acho também que a gente mulher tá vivendo uma era em que assim a mulher não pode se fragilizar né? A gente tá vivendo um tempo que a mulher TEM QUE SER FORTE, NÉ? Então a gente não pode se mostrar frágil e isso vai criando essa couraça na gente mesmo eu acho... vai criando essa coisa de não ser humilde, ser autoritária...	Avaliação Interação	Avaliar Contestar
35.	E: Então vamos passar para o outro tem mais um ponto pra gente refletir.	Acional Contratual	Propor Estabelecer atividade
36.	S1: Lá vem bomba! @@	Interação Avaliação	Acentuar Criticar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
37.	E: “Reflexões: outro ponto comum, evidências nas suas narrativas de dois movimentos: minimizam ou dão menos importância, nesse sentido, o que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais né? E o segundo... minimizam o apoio feminino recebido pela família... e ao mesmo tempo, centram-se na ausência do apoio masculino”..... vocês minimizam o apoio feminino recebido pela família... pelas irmãs...	Contratual Informação Informação	Estabelecer atividade Informar Explicitar
38.	<S2: Aham!>	Interação	Conformar
39.	E: Pelas tias...	Informação	Exemplificar
40.	S4: Pela mãe.	Interação	Complementar
42.	S2: Mas é por que faz fal... ASSIM É MUITO IMPORTANTE ESSE APOIO MASCULINO. Tanto que a gente coloca aqui que na ausência de pai, tem realmente, você vê numa família aonde tem a mãe e o pai envolvido onde cresce os filhos naquela, os dois envolvido ali, crescem é... pessoas é... centradas. Desenvolve, estuda.	Avaliação Avaliação	Avaliar Justificar
43.	<S3: ... Sabe se impor>	Interação	Complementar
44.	S2: Eu vejo muito a minha vizinha com o marido dela... ela tem dois filhos, e são aqueles meninos que já tão num emprego bom, já tem esposa, já tem filhinho, você vê que eles são centrados naquilo ali, entendeu? PORQUE TEVE O APOIO JUNTO, A COISA JUNTA, agora igual à gente lá em casa, MAMÃE FAZIA TUDO coitada pra dar conta da gente e papai meio que achava assim que tinha que botar um saco de feijão, um saco de arroz, uma banda de carne, lá tinha fazenda... comida a vontade, mas ele não tinha aquele lado de preocupar com esse outro lado... pessoal de dar aquela atenção entendeu? Mamãe ficava desesperada para conseguir criar os filhos... né? E aí você sente falta realmente desse apoio masculino. Eu sinto!... e aí eu tive três filhos homens né?	Informação Avaliação Informação	Exemplificar Justificar Explicitar
45.	<S1: Esse minimizar que consegue desenvolver como pessoas e profissionais, eu acho que aqui em Brasília, CULTURALMENTE pelo ou menos eu vejo isso, é a gente tem uma cultura dentro da universidade que somos executivos>	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
46.	S4: Hummm.	Interação	Conformar
47.	S1: e principalmente na UNB o salário é PÉSSIMO! E aqui em Brasília HÁ JUDICIÁRIO, EXECUTIVO acho que aqui é muito mais,... então parece-me que nós não damos esse valor que a gente tem ! Tem momento que eu falo, poxa! Filhas tudo que a gente conseguiu foi do nosso esforço, do nosso trabalho. Mas, aí elas falam: devia tá no Judiciário, você devia...	Informação Avaliação Informação	Explicitar Avaliar Exemplificar
48.	<S2: isso... Isso.>	Avaliação	Validar
49.	S1: tá ganhando muito mais. Você devia ter um salário muito melhor sabe? VEM DELAS... PORQUE A GENTE JÁ PASSA ISSO TAMBÉM, MAS SE ELAS FALAM ISSO É PORQUE EU TAMBÉM... EU JÁ PASSEI ISSO. Por quê? Primo, tio tá tudo ótimo tá num salário, tá no Judiciário... entendeu? É outra coisa. A DIFERENÇA de... DOS PODERES DE SALARIAL eu acho muito grande no geral, principalmente salários de UNB.	Informação Interação	Explicitar Reconhecer
50.	S1: ...já é culturalmente aqui dentro, enraizado. Os meus colegas falam assim. Poxa! Antigamente fui chamado pra trabalhar no TCU, No PRODASEN, no Senado o meu irmão tá lá ganhando rios de dinheiro... ..., então... a gente já cria essa cultura de ...de MENOSPRESAR ? O NOSSO LADO? Talvez seja por aí.	Informação Avaliação Avaliação	Exemplificar Avaliar Justificar
51.	S2: Eu meio que me acomodei na UNB e hoje eu me arrependo, não fiz concurso, fiquei aqui a vida toda e hoje em dia eu falo nossa! Podia ter feito um tribunal, eu podia ter feito um Ministério Público... acomodou.	Avaliação Interação	Avaliar Conformar
52.	S1: Continua a mesma coisa né? A gente fica dando valo... dando mais importância... do que não ter feito do que...	Avaliação	Avaliar
53.	S3: Aquilo que não tem...	Interação	Complementar
54.	S1: ... do que aquilo que tá fazendo.	Interação	Conformar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
55.	S3: ...MAIS IMPORTÂNCIA AO QUE NÃO TEM DO AO QUE TEM.	Interação	Complementar
56.	E:...mas e voltando aqui ao... é...	Contratual	Estabelecer atividade
57.	<S1: ... do apoio feminino>	Interação	Complementar
58.	E: do apoio feminino e tudo mais o que...	Informação	Confirmar
59.	<S2: Não, mas eu consigo valorizar o apoio feminino que eu tive assim, eu posso não expressar né? Mas... o tanto que a minha mãe lutou.... Agora papai tinha dinheiro,... mas ele não era de soltar o dinheiro pra casa, tá me entendendo? Então da minha irmã, MINHA IRMÃ FOI QUEM FEZ TUDO PARA OS IRMÃOS, ela pedia as coisas ao papai e intermediava,... ela queria ver todo mundo encaminhado entendeu? E ela bem que conseguiu encaminhar a gente	Informação Informação Informação	Explicitar Exemplificar Informar
60.	S1: É eu vejo por esse lado também S2 pela minha vida, eu fui estudar fiz Faculdade na casa de uma IRMÃ, fora da minha cidade... ELA QUE ME DEU APOIO, NA CASA DA MINHA IRMÃ. Vim pra Brasília depois que eu terminei a faculdade.... Eram três irmãs. Tanto é que esse apoio é tão importante pra gente que a gente ficou sem pai, a mamãe com 11 filhos,... eu tinha nove anos... TODOS NÓS SOMOS MUITO CHEGADOS, MUITO AMIGOS ENTENDEU? PRINCIPALMENTE AS MULHERES. E a gente assim... não sei se esse APOIO que a gente fala sabe? MAS A GENTE ASSIM É SUPERLIGADO, uma ajudando a outra sabe? A gente aqui em Brasília se fala todos os dias, MAS... A AUSÊNCIA DO APOIO MASCULINO... É... É ASSIM... GRITANTE NA MINHA VIDA. É GRITANTE!.	Avaliação Interação Informação	Validar Conformar Exemplificar
61.	E: Então vocês mais ou menos concordam de que existe uma coisa assim de se centrar mais na ausência do apoio masculino do que dar valor ao que vocês...	Contratual	Tomar a palavra
62.	<S2: A gente talvez não soube expressar né? Pelo ou menos eu dou esse valor >	Informação	Confirmar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
63.	S1: É verdade... Tá embutido. Lá dentro	Avaliação Avaliação	Validar Avaliar
64.	S3: É verdade.	Interação	Conformar
65.	S1: A gente chama mais atenção da ausência...	Informação	Explicitar
66.	S2: mas a gente chama mais atenção mesmo ao que faltou, ao que a gente tem a gente costuma, é...	Informação Informação	Confirmar Explicitar
67.	<S4: Guardar com a gente>	Interação	Complementar
68.	S2:...não falar mesmo, já tem mesmo, entendeu?	Informação	Explicitar
69.	S3: É	Informação	Confirmar
70.	S2: A gente reclama mais é do que não tem. Do que não teve.	Interação	Complementar
71.	S1: Infelizmente né? PORQUE TEM PESSOAS QUE VANGLORIA, QUE DÁ TANTA IMPORTÂNCIA NAS MÍNIMAS COISAS DO QUE TEM QUE PARECE QUE SÃO MAIS FELIZES, E PARECE QUE VIVEM MELHOR. E são tão pessoas que chama tanto a atenção QUE É MUITO MELHOR VOCÊ CONVIVER COM ESTAS PESSOAS DO QUE COM UMA PESSOA QUE FIQUE SÓ RECLAMANDO...	Avaliação Interação	Avaliar Acentuar
72.	S3: É eu cheguei à conclusão de que assim eu nunca... NUNCA PERDOEI A MINHA MÃE, por exemplo, ela veio pra cá pra Brasília,... e quando eu tinha cinco anos minha mãe migrou daqui pra lá. Minha mãe voltou né... Pro Piauí. Pra roça e assim, NADA DAS POSSIBILIDADES QUE EU TINHA AQUI EU TIVE LÁ. ENTÃO TUDO QUE EU CONQUISTEI FOI NA RAÇA. NA RAÇA MESMO! Eu tenho assim, ah! Se eu tivesse continuado aqui, minha vida teria sido diferente. Eu nunca consegui perdoar minha mãe por isso.	Informação Avaliação Interação	Informar Avaliar Contestar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
73.	<p>S4: Pra mim também, essa coisa do apoio feminino, eu concordo com isso aí, EU ACHO QUE, DE CERTA FORMA EU MINIMIZO MUITO A FIGURA DA MINHA MÃE. Eu provavelmente não seria também o que eu sou hoje, se não fosse também a presença dela na minha vida. No meu caso, o meu PAI SEMPRE FOI UMA FIGURA MUITO AUTORITÁRIA, MUITO CONTROLADORA e eu acho que ele SUFOCAVA UM POUCO, A MINHA MÃE, COM TANTO AUTORITARISMO. E por conta disso eu senti essa coisa do abandono dela e também por que ela se ocupou muito de cuidar de filhos dos outros... É EU ACHO QUE EU MINIMIZO ISSO SIM! Né? Por exemplo, às vezes minha mãe conta histórias assim de que ELA APESAR DE NUNCA TER TRABALHADO FORA, NUNCA TER TIDO O PRÓPRIO SALÁRIO... A VIDA INTEIRA ELA QUE FEZ TODAS AS ROUPINHAS DA GENTE E LÁ NA PEQUENEZ DELA, NO SUFOCAMENTO DELA NÉ? Com a figura masculina tão AUTORITÁRIA dentro de casa, assim ela exercia o papel dela de mãe de PROVIDORA NÉ? NO ENTANTO ATÉ HOJE EU TENHO MUITA DIFICULDADE DE ACEITAR A MINHA MÃE, ASSIM COMO ELA É SABE? EU ME VEJO MUITO MAIS QUESTIONANDO ELA E MUITO MAIS PERDOANDO AS LOUCURAS E AS DOIDEIRAS DO MEU PAI DO QUE É...SIMPLIFICANDO AS COISAS QUE VEM DELA.. mas pra mim é CLARO eu concordo com isso e no meu caso, eu acho que é uma coisa que precisa ser muito trabalhada, tá muito arraigada ainda.</p>	<p>Avaliação Informação Informação Informação Interação</p>	<p>Validar Informar Exemplificar Explicitar Conformar</p>
74.	<p>S1: É porque também a mulher ela sempre foi muito SUBMISSA antigamente né? Ela tinha que respeitar e atender o pai, lá em casa, O MEU PAI ERA AQUELA PESSOA, SUPER SOCIÁVEL, ele tinha os amigos, ele tinha na roça né? e no final de semana ele era o barbeiro, então ele cortava o cabelo dos amigos depois disso, no sábado à noite eles faziam... jogavam baralho e a mamãe fazia os.. quitutes lá, os comes e bebes, então o meu pai sempre foi assim O SOCIAL, na Igreja ele que comandava ele tinha um grupo de pessoas pra resolver tudo na Igreja E A MAMÃE AÍ...</p>	<p>Avaliação Informação Avaliação</p>	<p>Avaliar Exemplificar Justificar</p>
75.	<p><S3: Apoiando>.</p>	<p>Interação</p>	<p>Complementar</p>
76.	<p>S4: Na sombra dele.</p>	<p>Interação</p>	<p>Complementar</p>

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
77.	S1: Apoiando, AÍ MEU PAI MORRE!... num acidente. Imagina a mamãe com onze filhos solteiros! Então ela ficou assim aí que ela ficou ela se fechou muito mais. E os filhos cada um foi tentando crescer com as minhas irmãs... mais velhas.	Informação Informação	Explicitar Informar
78.	S2: Olha! Papai viajava tanto que nasceu depois de mim, veio uma meninazinha... ELA NASCEU, MORREU E ELE NÃO CHEGOU A CONHECER. De tanto que a minha mãe teve que enterrar a bebezinha, enterrou. Papai chegou, já tava... E aí a mamãe sofria, NÃO PORQUE ELE ERA MUITO DESLIGADO. ABRAÇAR PAPAI, a gente não tinha essa coisa de abraçar. EU VIM ABRAÇAR PAPAI DEPOIS DE VELHA. DEPOIS DE CASA-DA... Eu tava pensando aqui agora eu tive muita sorte na minha vida assim, que eu encontrei muitas pessoas boas. Assim a minha primeira chefe eu sou amiga dela ATÉ HOJE. ME AJUDOU MUITO!! E um dia eu era muito tímida gente, ... aí ela falou pra mim: olha! Você vai por uma coisa na sua cabeça a partir de hoje! TODO SER HUMANO É IGUAL A VOCÊ. Se é um chefe por acaso naquele momento ele tá ali em cima, mas ele é igual a você, E APRENDA A FALAR COM AS PESSOAS COM A CABEÇA ERGUIDA OLHANDO NO OLHO! Menina, mas foi uma lição de vida isso pra mim. Eu pus em prática e acabou. Até hoje eu não tenho medo de falar com ninguém	Informação Informação Informação	Informar Explicitar Exemplificar
79.	S1: Você tinha que idade?	Informação	Explicitar
80.	S2: 19, 20 anos. Ela me ajudou muito. Foi feminino também.	Informação	Informar
81.	S4: Interessante que a gente esquece né?	Avaliação	Avaliar
82.	E: E tá se lembrando agora?	Acional	Incitar
83.	S2: É E MARCOU MUITO A MINHA VIDA ISSO AÍ.	Informação	Confirmar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
84.	S4: É a gente simplesmente esquece. : Nessa parte do crescimento pessoal... né? Eu ME LEMBREI DA MINHA AVÓ, A MÃE DO MEU PAI, NÉ? Ela ME ACOLHIA na casa dela QUE ATÉ HOJE, GENTE, SE EU FECHAR O OLHO EU SINTO O CHEIRO DE MANGA ROSA DA CASA DA MINHA AVÓ. Então ela era assim MUITO CARINHOSA comigo, então aquilo que eu não recebia lá em casa muitas vezes de uma atenção particularizada pra mim, às vezes eu chegava na casa da minha avó, a primeira coisa que ela falava: que você quer comer minha filha? E ELA SENTAVA, CONVERSAVA COMIGO E FALAVA: VAMO! QUER QUE A VOVÓ ENSINA VOCÊ A BORDAR?	Informação Interação Informação	Informar Reconhecer Exemplificar
85.	S2: @@@.	Interação	Acentuar
86.	S4: Então assim... ERA UMA FIGURA FEMININA NÉ? Ela não, pra essa questão assim de, de profissionalmente e tal, mas assim A MINHA FORMAÇÃO PESSOAL eu acho que a MINHA AVÓ FOI UMA FIGURA MUITO IMPORTANTE... a mãe do meu pai	Interação Informação	Conformar Informar
87.	S1: Engraçado né? Me lembrei de uma coisinha agora, minha irmã... eu era MUITO APEGADÍSSIMA a essa, aliás, A GENTE É MUITO LIGADA tanto é que EU FUI FAZER FACULDADE NA CASA DELA, MAS EU SÓ IA PRÁ ESCOLA SE ELA ME LEVASSE. Um grupo escolar né? MAS EU NÃO IA, SE ELA NÃO ME LEVASSE, Tinha que ser ELA me levando.	Informação Informação Interação	Informar Explicitar Conformar
88.	S2: Você não ia sozinha.	Avaliação	Criticar
89.	S1: Ela que me colocava pra dormir. Eu tinha o que uns sete anos,. MAS EU SEMPRE FUI MUITO APEGADA A ELA, tanto é que eu fui estudar na casa dela, lá em C. DO I { Cita o nome da cidade}, minhas outras irmãs vieram pra Brasília, depois quando eu estava... Me formei e tinha um namorado desde criança. Aí ele pra conversar comigo pra terminar, nossa! Os meus irmãos queriam que ele fosse lá em casa pra explicar o porquê. Mas eu me lembro que na época eu falei pra ele assim: poxa vida ! EU TINHA O MEU PAI E PERDI. AGORA TIVE VOCÊ E PERDI.	Informação Informação	Exemplificar Informar
90.	S2: Aí, Ó!	Interação	Acentuar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
91.	S1: Ah! Meu Deus! ME LEMBREI DISSO AGORA. Me chocou tanto, eu chorei tanto, nunca falei com ele..	Interação	Reconhecer
92.	S3: Eu tive um avô por parte da minha mãe que foi assim, meu avô o tempo que convivi com ele até os 11 anos e meio mais ou menos, é... era assim EU ERA GRUDADA. Então assim eu parecia mais um indiozinho perdido nas matas junto com o meu avó do que uma menina @@ né? Então tudo que É ASSIM DE FIGURA MASCULINA QUE EU TIVE ALGUM CARINHO, QUE EU TIVE ALGUM... FOI DO MEU AVÔ, pai da minha mãe, SÓ !	Informação Informação	Confirmar Exemplificar
93.	S1: Talvez isso tudo explica tanto essa CARÊNCIA MASCULINA NÉ? Que a gente tem... eu acredito que é por aí. TÁ ENRAIZADO.	Avaliação	Avaliar
94.	S3: É muita carência, credo! Isto dificulta os relacionamentos da gente, com os homens. Porque eu não sei como lidar com eles, fico esperando alguma coisa que eles não tão nem imaginando que eu tô esperando...	Avaliação Avaliação Interação	Validar Acentuar Conformar
95.	S4: Humhum.	Avaliação	Validar
96.	S3: Eu não sei dizer, aquilo que eu quero. eu tenho essa dificuldade até com os meus próprios filhos, o mais velho por exemplo. Ele fica dizendo assim: ai! Mamãe você podia dividir mais as coisas comigo, os assuntos pra eu te ajudar a resolver.	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar
97.	E: Tem mais algum ponto porque a gente tem mais um assunto?... Agora é o ultimo. Outro ponto em comum: as suas narrativas evidenciam o papel da mãe dentro da ideia do mito do amor materno, isto é: um amor incondicional, responsável por todos os atos dos filhos (independente das suas idades) de modo que vocês se centram muito mais no papel de mãe, do que de pessoa, mulher e profissional	Contratual	Estabelecer atividade
98.	S2: É, mas é isso mesmo @@@	Informação Interação	Confirmar Reconhecer

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
99.	S4: Pra mim isso já é bem mais claro.	Informação Avaliação	Confirmar Avaliar
100.	S2: Não, que a gente centra mais no papel de mãe? É porque no meu caso eu fui muito mãe e pai, eu criei os meus meninos muito sozinha, entendeu? Então é realmente a gente foca muito nisso daí. É JUSTAMENTE A AUSÊNCIA MASCULINA NA CRIAÇÃO DOS FILHOS FAZ FALTA TAMBÉM, então não tem como a gente não valorizar essa coisa, porque tá aí implícito que... a ausência faz falta MESMO da figura masculina, e a gente valoriza, a gente fica assim supermãe, agora só que atualmente eu já não me puno, não sofro com as coisas que deram erradas, porque eu sei que eu tentei fazer com que desse certo. Eu acho que EU JÁ FIZ ATÉ DEMAIS! PORQUE NINGUÉM DÁ CONTA DE FAZER TUDO. Você não pode você não é perfeita em tudo né? Você tem os seus defeitos e tudo. EU JÁ ACEITO! Eu considero que é uma COISA NATURAL DA VIDA.	Avaliação Avaliação Informação	Justificar Validar Informar
101.	S1: Nossa, mas isso aí me dói tanto, lê um negócio desses, ME DÓI DEMAIS! Por que... que eu apanhei demais. Eu achei que tava fazendo a coisa certa, RESPIRANDO PELAS FILHAS...	Avaliação Informação	Validar Exemplificar
102.	S2: Humhum	Interação	Conformar
103.	S1: Ai! A minha filha não podia, eu sempre via um empecilho, se ela pudesse pegar ônibus pra ir pra tal lugar, NOSSA! EU QUASE MORRIA... dos meus horários de trabalho pra ela não ter que pegar um ônibus. Hoje eu quero que essas filhas peguem um ônibus e elas não, ... A MAIS VELHA ELA VAI DE TAXI. Hoje eu tenho uma dificuldade e o V sempre falava: Você tem que deixar essas meninas! E eu colocava ele, Vai pra tal lugar, pega a G que não sei o que, nossa! Ai! Então isso aí, essa situação que eu quero respirar pelas filhas, e hoje a minha mais nova fala: MÃE! QUE MUNDO VOCÊ VIVE? Eu resolvo mãe, DEIXA QUE EU FAÇO! Sabe?	Informação Avaliação Interação	Exemplificar Avaliar Reconhecer
104.	E: É vocês entenderam bem aquela ideia do mito do amor materno, o que é esse mito?	Contratual	Tomar a palavra

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
105.	S4: Não é que você tem que amar, amar, amar, amar, amar até morrer? @@@	Interação Interação	Reconhecer Acentuar
106.	E: O amor incondicional é um amor que a mãe se responsabiliza por todos os atos dos filhos independente da idade deles. Tudo que acontece com os filhos a responsável...	Informação	Informar
107.	S3: É a mãe.	Interação	Complementar
108.	S1: E a culpa!	Interação	Complementar
109.	S3: Hoje, eu já não tenho mais não! Essas coisas, às vezes eu tomava certas atitudes em relação aos meus filhos e eu me sentia EXTREMAMENTE CULPADA, ME SENTINDO MAL, ME SENTINDO MAL, MAL. HOJE NÃO! Até o pequenininho se faz alguma coisa que eu não gosto eu viro as costas e deixo ele lá dando birra, depois ele vai atrás. Aí eu vou e converso. Ah! Isso assim, assim. MAS ANTES? Eu não conseguia virar as costas não! EU ERA CAPAZ DE SENTAR LÁ E CHORAR JUNTO COM ELE@@@...	Informação Informação Avaliação	Informar Exemplificar Avaliar
110.	<S2: Mas a gente sofre muito até entender.>	Interação	Complementar
111.	S1: Eu ainda sofro, eu me sinto muito culpada... dessa situação toda sabe? SOFRO DEMAIS! Ai meu Deus eu queria que a minha filha fosse desse jeito e ela não consegue, EU SOFRO PORQUE ELA NÃO CONSEGUE!	Informação	Confirmar
112.	S4: Mas por quê? Você se culpa?	Avaliação	Criticar
113.	S1: EU ME CULPO.	Informação	Confirmar
114.	S2: Ela se culpa porque ela fez isso, ela superprotegeu, mas a gente bem que faz, eu também fiz muito assim s, eu falava: MEU DEUS! EU NÃO DOU CONTA DESSES TRÊS MENINOS SOZINHA. Aí Meu Deus, tá dando tudo errado e eu achei que tava tudo certo. MAS QUEM ME AJUDOU? TERAPIA E A RELIGIÃO TAMBÉM, a religião ajuda muito.	Interação Informação	Complementar Informar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
115.	S3: A religião é um apoio extremamente importante. Aquela coisa de você ter força, de pedir a Deus, de você participar de grupos na Igreja, de seminário, NOS AJUDA MUITO A GENTE A CRESCER. Hoje atualmente EU NÃO ME CULPO DE NADA! Sabe?	Avaliação Informação	Tomar posição Explicitar
116.	S2: <Sabe como é que eu me sinto hoje? Graças a Deus! Eu me sinto assim que EU FIZ ALÉM DO QUE EU PODIA! Eu tiro o chapéu pra mim mesma, falo: Nossa! Que bom que eu conseguir FAZER. Tá tudo criado, tá tudo grande, se não seguiu correto?. Agora a gente sofre também, tem fases que a gente sofre. Mas tudo é o caminhar, é o amadurecer, depois você vai entendendo tanta coisa.>	Informação Avaliação	Explicitar Avaliar
117.	S1: Eu sou católica, mas eu tô conhecendo um lado cristão que eu tô gostando DEMAIS. É UM ACOLHIMENTO, É UMA ESTRUTURA QUE EU TÔ ASSIM IMPRESSIONADA.	Interação Informação	Conformar Explicitar
118.	E: Mas voltando ao nosso tema.	Contratual	Estabelecer atividade
119.	S4: @@ Eu fico me perguntando SE É MITO MESMO, EU ACHO ISSO, É UMA VERDADE! Né? porque é difícil você encontrar uma mulher que não seja assim, UMA MULHER QUE TENHA FILHO, QUE SEJA MÃE, E QUE NÃO SE SINTA RESPONSÁVEL POR SEUS FILHOS, por aquilo que eles fazem pela forma como eles agem.... é então eu acho que ISSO É UMA REGRA! Né? E acho que ISSO QUE DEIXA NÓS MULHERES muito cansadas, né? Porque você, realmente ser responsável pelos atos dos seus filhos independente da idade deles?	Avaliação Interação Avaliação	Avaliar Contestar Justificar
120.	S2: Já são adultos né?	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
121.	S4: É. Eu tenho uma filha que tem 23 anos dentro de casa, né? Quer dizer ELA JÁ NÃO É MAIS UMA ADOLESCENTE, JÁ É UMA MULHER. TEM O SEU EMPREGO, O SEU CARRO, SUA VIDA né? Ela não é independente, porque mora comigo. Mas quando eu descobri que a A {cita o nome da filha} tinha tido relação sexual com o namorado, EU QUASE MORRI! EU QUASE MORRI. E depois que o tempo passou um pouco eu fiquei me perguntando, PORQUE QUE EU QUASE MORRI? Ela tinha lá já seus 18 anos né? ENTÃO EU ACHO QUE EU QUASE MORRI POR ISSO, POR ME SENTIR RESPONSÁVEL POR ELA, NÉ? Por me sentir assim um pouco, bom SE ELA AGIU ASSIM ALGUMA SEMENTE EU PLANTEI NELA PRÁ ELA AGIR ASSIM. Então assim eu acho que, NÃO SEI ESSA COISA, ACHO QUE TODA MULHER TEM ISSO.	Informação Informação Avaliação	Informar Exemplificar Tomar Posição
122.	S1: É superproteção, SOBRA MAIS PRÁ MULHER ISSO, o homem é mais desligado eu acho.	Avaliação Interação	Avaliar Conformar
123.	S4: É eu acho que o homem pensa assim, ah! Já que aconteceu né? Tipo o meu marido, ah! Já que aconteceu né? @@ vamo lá! Mas assim eu acho que A GENTE MULHER, NÉ, UMA VEZ QUE VOCÊ É MÃE ? Não sei por isso que eu comecei falando, será que é um mito ou uma verdade? ACHO QUE É ALGO ATÉ HORMONAL.	Avaliação Interação Avaliação	Avaliar Contestar Tomar Posição
124.	E: Algo?	Acional	Incitar
125.	S4: HORMONAL, QUE É UMA COISA QUE TÁ NO SANGUE DA GENTE NÉ? QUANDO VOCÊ VIRA MÃE, EU ACHO QUE ALGUMA COISA ACONTECE COM VOCÊ.	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar
126.	S3: É um dispositivozinho lá QUE FAZ VOCÊ MUDAR.	Avaliação Informação	Validar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
127.	<S1: A entrega é muito grande né? A entrega, você, ÀS VEZES VOCÊ SE ANULA>. E até que ponto isso é bom?	Avaliação Interação	Validar Complementar
128.	S4: E aí tá... você vai colocando eles em primeiro lugar sempre.	Interação	Complementar
129.	S1: Mas é AUTOMÁTICO! É, É AUTOMÁTICO, NÉ? @@ a gente se entrega tanto, se anula que é tão automático na vida de uma mãe...	Avaliação Avaliação	Justificar Tomar Posição
130.	<S3: É tão automático que quando eu passo na rua @@) e... um homem mexe comigo, eu fico pensando esse cara tá doido tá mexendo com quem? Depois eu, pera aí S3 você é mulher! @@@. Eu ME ESQUEÇO, EU SÓ LEMBRO QUE EU SOU MÃE, DONA DE CASA E PROVIDORA DA CASA. Assim EU SOU O PAI DA FAMÍLIA, EU tenho que dar conta daquela família,. E aí depois eu paro e assim aí eu me lembro, AH! EU SOU MULHER!> Eu não tô assim jogada as traças, ainda tem alguém que vê alguma coisa interessante em mim, que às vezes nem eu me vejo @@. De tanto assim, ai! Tenho que correr pro o trabalho,... E AÍ MESMO SOBRA TEMPO PRÁ EU OLHAR NO ESPELHO E DIZER AI! QUE LINDA MULHER QUE EU SOU?	Interação Interação Informação	Conformar Complementar Exemplificar
131.	E: Então concorda com essa parte aqui de que vocês se centram muito mais no papel de mãe do que de pessoa, mulher e profissional?	Acional	Incitar
132.	S3: Sim.	Avaliação	Validar
133.	S4: Eu pra dizer pra vocês, SE EU FOSSE CONTAR PRÁ VOCÊS AS INÚMERAS VEZES DA MINHA VIDA, em que eu deixei de sair com uma amiga, de ir num cinema, DE FAZER ALGUMA COISA, PRÁ MIM, por conta de uma BESTEIRINHA DAS MINHAS FILHAS? Nós vamos ficar três dias aqui.	Interação Informação	Conformar Exemplificar
134.	S3: Ai. Minha colega me convidou hoje pra sair, não! Eu tenho que voltar correndo pras minhas crias.	Informação Informação	Confirmar Exemplificar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
135.	S2: Eu atualmente já não, EU ME AMO INCONDICIONAL, eu adoro, eu amo os meus filhos tudinho, mas eu já tô mais assim, É PRIORIZANDO A MINHA PESSOA. Já a mais de um ano que eu já tô fazendo isso. A PRIORIDADE LÁ EM CASA É MINHA! Já parei de fazer almoço, não faço, que já tão tudo criado, EU ME MATAVA FAZENDO COMIDA...	Avaliação Avaliação Informação	Invalidar Tomar Posição Exemplificar
136.	<S3: Eu ainda tenho um fardo>	Avaliação	Justificar
137.	S2: Não faço mais! Não faço comida, fechei o fogão já tem uns dois anos. Faço assim café, lanche, agora almoço, come na rua, eu como na rua.	Informação Informação	Explicitar Exemplificar
138.	S1: E você é mais feliz assim!	Avaliação Avaliação	Avaliar Criticar
139.	S2: MUITO!	Informação	Confirmar
140.	S1: Pois é eu não consigo.	Avaliação	Justificar
141.	S3: EU TÕ ME PROGRAMANDO PRÁ ISSO.	Interação	Conformar
142.	S2: É porque os seus filhos ainda são muito pequenos.	Interação	Atenuar
143.	S3: É eu tenho um de quatro anos ainda.	Informação	Informar
144.	S2: É o meu mais novo tem 23.	Informação	Informar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
145.	S3: Então quando eu fiquei grávida desse pequeno eu estava no segundo emprego de novo, ia fazer um curso de estética no SENAC de Técnico de estética, aí... ASSIM NO DIA DA ENTREVISTA, dois dias depois que eu ia fazer a matrícula no curso, EU ME DESCOBRI GRÁVIDA. E eu falei: e eu vou dar conta de tudo isso? Não vou nem assumir tudo isso e vou ficar só aonde eu já estou mesmo.	Informação Informação	Informar Exemplificar
146.	S4: Só com esse embrião aqui, que eu sou eternamente responsável por ele @@ agora.	Interação	Complementar
147.	S3: É @@ e ele tá lá, lindo e maravilhoso, É UMA GRAÇA, MAS DÁ UMA CANSEIRA. E agora esse negócio de mexer com justiça...	Informação	Informar
148.	S2: Mas por quê?	Acional	Incitar
149.	S3: É uma investigação de abuso. Eu chorei por que... E A CULPA QUE EU SENTI quando eu comecei a perceber que isto estava acontecendo. Porque COMO EU PASSEI POR ISSO NA MINHA INFÂNCIA eu na minha cabeça, naquele momento EU TINHA OBRIGAÇÃO DE RECONHECER UM PEDÓFILO. COMO QUE EU QUE PASSEI POR ISSO E NÃO RECONHECI NESSE HOMEM COM QUEM EU MOREI JUNTO?	Informação Informação	Informar Explicitar
150.	S1: Você se culpou por isso.	Interação	Complementar
151.	S3: Sim. Eu não reconheci nele essa pessoa. Comecei... Ontem quando EU COMECEI A CHORAR, CHORAR,... E AÍ EU ME DEI CONTA QUE EU TAVA CHORANDO... PELO O QUE TÁ ACONTECENDO COM ELE E CHORANDO POR MIM,... Eu. QUANDO CHEGAR NO FINAL DESSA HISTÓRIA EU VOU TÁ RESOLVENDO O MEU PROBLEMA QUE NUNCA FOI RESOLVIDO... eu descobri que eu TÔ QUERENDO PUNIR AQUELAS PESSOAS QUE ABUSARAM DE MIM TAMBÉM.	Informação Avaliação Interação	Informar Avaliar Reconhecer
152.	E: Mais alguma coisa em relação a esse ponto de reflexão? Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?	Contratual	Tomar a palavra

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
153.	S4: Acho que se a gente fosse falar sobre isso era o dia inteiro. Contar histórias como ela tá contando né? É eu acho que renderia, mas eu acho que o principal É QUE ISSO É VERDADE, QUE A GENTE AGE EXATAMENTE ASSIM.	Avaliação Informação	Avaliar Confirmar
154.	S3: E A GENTE COBRA DAS NOSSAS MÃES POR ISSO AÍ.	Interação	Complementar
155.	S4: E você muitas vezes você não... Não submete o seu papel de profissional em detrimento do seu papel de mãe, EXATAMENTE PORQUE VOCÊ É MÃE! QUE VOCÊ TEM QUE PROVER. Como ela tá dizendo aqui. Então muitas vezes, por exemplo, o filho vai pedir pra ela, Ah! Eu quero que você fique em casa comigo, não! Mais eu tenho que trabalhar. ENTÃO VOCÊ NÃO TÁ, A GENTE COMO MULHER NÃO TÁ VALORIZANDO O NOSSO LADO PROFISSIONAL, A GENTE TÁ VALORIZANDO, O NOSSO LADO DE MÃE... Responsável por prover, por dar o de melhor. Então..., por isso é que eu acho que surge essa coisa, primeiro mãe, segundo mãe, terceiro ser mãe, quarto ser mãe, depois... ser mulher né? Ser profissional.	Avaliação Avaliação	Avaliar Justificar
156.	S3: E aí vem O PROFISSIONAL, você tem que ser o profissional pra dar o bom exemplo, pra...	Interação	Conformar
157.	S4: Pra o seu filho o dia que tiver um emprego mandar bem também, né?	Interação	Complementar
158.	S3: É para poder cuidar, ter a grana E ASSIM DEPOIS VEM A MULHER, porque eu pra mim a mulher tá em ultimo lá, entendeu? A COITADA DA MULHER AQUI, tá jogada lá.	Avaliação Informação	Validar Exemplificar
159.	E: E vocês duas o que pensam em relação à mulher ficar por ultimo como a S3 falou?	Acional	Incitar
160.	S2: Atualmente, eu já não acho que não pode ficar por ultimo não. O meu caso é bem diferente ela tem criança de 4anos, o meu filho mais novo tem 23 anos, então agora eu já sou prioridade, eu já me sinto assim, entendeu? Já não me culpo de coisas, eu já não esquento muito a minha cabeça. Nessa parte profissional às vezes eu fico pensando que eu tô naquela fase, aposenta ou não aposenta, mas eu gosto de fazer alguma, de desenvolver alguma coisa gostosa na área do trabalho e eu tô num local que eu não tô fazendo nada que eu gosto.	Avaliação Interação Informação Avaliação	Invalidar Contestar Explicitar Justificar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
161.	E: E S1 falou pouco.	Acional	Incitar
162.	S1: Falei pouco né, porque MACHUCA TANTO @@	Informação Informação	Confirmar Explicitar
163.	S2 & S4: (@)	Interação Interação	Acentuar Conformar
164.	S1: É mas EU TÔ PRIMEIRO É: A MÃE, SEGUNDO: A MÃE, TERCEIRO: A MÃE E DEPOIS A MULHER TÁ LÁ NO FINAL, ESQUECENDO ATÉ DE MIM. Ontem minha filha falou assim: Mãe, porque que você não vai... mãe? {falando de ir para praia} AH! VOCÊS DEPENDENDO DE MIM O TEMPO TODO, COMO EU VOU FILHA? Sabe? Então eu já fico assim, ENTÃO EU NÃO TÔ VIVENDO O MEU EU. EU NÃO TÔ VIVENDO O MEU EU EM FUNÇÃO DE FILHOS. Não tô vivendo o meu eu...	Informação Informação Avaliação	Confirmar Explicitar Avaliar
165.	S2: Mas as suas filhas não precisam mais de, elas já tão adultas né?	Avaliação	Avaliar
166.	S1: 17 e 19. ... EU TÔ SEMPRE LÁ EM QUARTO OU QUINTO LUGAR. Isso... E EU ME SINTO BEM COM ISSO?	Informação Avaliação	Informar Avaliar
167.	S2 & S3: Não.	Interação	Conformar
168.	S1: Não. Mas eu também NÃO TENHO ESTRUTURA PRA MUDAR, POR ENQUANTO. ESTOU buscando...	Informação Interação	Confirmar Reconhecer
169.	S3: É eu tô na mesma situação.	Interação	Conformar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esfera dos atos da fala	Categoria dos atos da fala
170.	S1: EU ESTOU BUSCANDO, ESTOU BUSCANDO, ENTENDEU? Eu não tinha estrutura pra fazer um MES-TRADO, A MINHA FAMÍLIA ESTAVA TÃO DESESTRUTURADA.	Informação	Explicitar
171.	S2: vai fazer terapia, ajuda muito.		
172.	S1: É engraçado que A GENTE QUER DO OUTRO, QUER QUE O OUTRO SEJA TAL, TANTO QUE ELE DEVE PREENCHER A LACUNA QUE FALTA NA GENTE. Hoje eu vi uma frase, mais ou menos isso, ENTÃO A GENTE BUSCA NO OUTRO... COBRA DO OUTRO A LACUNA QUE NOS FALTA. É muito sério isso, ao invés de você... levantar o que o outro tem vangloriar o que o outro tem, valorizar o que o outro tem você quer que ele seja....	Avaliação	Avaliar
173.	S2: Igual a você.	Interação	Complementar
174.	S1: QUE ELE CUBRA O QUE FALTA EM VOCÊ. Então eu acho que eu fui me cobrando tanto hoje em dia no trabalho que eu poderia ter me desligado mais de trabalho E TER DADO MAIS AINDA ATENÇÃO A FILHO, sei lá! TÔ ME QUESTIONANDO TANTO COM ESSAS COISAS SABE? @@	Informação Avaliação	Explicitar Avaliar
175.	E: Então gente, acho que a gente já chegou agora, tem mais alguma coisa que gostariam de deixar registrado? Não?	Contratual	Gestão de contrato
176.	S2: Vai sair um livro@@@	Interação	Complementar

Nota. Os símbolos: @ significa riso, {} indica comentários do transcritor, letras maiúsculas significam fala com tom enfático, < > indica que a fala foi tomada e... Significa pausa.

Discussão da segunda sessão do grupo focal.

A análise dos extratos dos atos da fala indica que, de modo semelhante à primeira sessão, as participantes continuaram usando, com alta frequência, as esferas de informação, avaliação e interação, nas suas trocas verbais. Isso indica que continuou a prevalecer uma convergência entre elas sobre os temas propostos e discutidos em grupo.

Quanto às demais esferas, registrou-se o uso da esfera acional, apenas uma vez por uma das participantes, no trecho 148, na categoria incitar, indicando que seu uso visava a encorajar a fala da outra participante. A esfera contratual foi usada apenas pela experimentadora que, diferentemente do primeiro encontro, fez uso das categorias, estabelecer atividade e tomar a palavra, no intuito de fazer as participantes voltarem ao foco da discussão. A experimentadora também usou com maior frequência: a esfera da informação, nas categorias informar e explicitar, a fim de elucidar os pontos de discussão propostos; e a esfera acional, na categoria incitar, para motivar a fala de todas as participantes.

Nesse encontro, repete-se o uso frequente das categorias: informar e explicitar, na esfera da informação; de avaliar e validar, na esfera da avaliação e de complementar e conformar, na esfera da interação. O que reforça a permanência de um acordo entre as participantes.

No entanto, vale destacar que, diferentemente do primeiro encontro, as participantes usam com frequência, as categorias: exemplificar, na esfera da informação; justificar na esfera da avaliação; e reconhecer, na esfera da interação. O que indica que as participantes, por exemplo, ao narrarem eventos de suas vidas com o grupo, ou ao defenderem seus pontos de vista sobre os temas discutidos, procuraram descrevê-los, explicitá-los e exemplificá-los. Ao que as outras participantes, na maior parte das vezes, complementavam, validavam ou reconheciam em si, o que era dito pelo interlocutor.

Algumas vezes, tomavam posição, contestavam ou faziam críticas e raramente retificavam, invalidavam ou atenuavam as falas umas das outras. O uso dessas categorias demonstrou, mais uma vez, que houve poucos momentos de discordância entre as participantes em relação aos temas discutidos, como já dito anteriormente.

Iniciou-se a segunda sessão com uma breve revisão dos temas discutidos na primeira sessão do grupo focal e apresentou-se o quinto tema, o qual procurava indagar, junto às participantes, porque elas davam menos importância ao que conseguiram desenvolver como pessoas e profissionais, para focarem-se na queixa ao abandono. Observou-se nas interlocuções que o foco da discussão girou em torno da questão do abandono. Poucas são as vezes em que refletem sobre a primeira parte do tema, que trata sobre a valorização de seus papéis profissionais.

Em relação ao abandono, verifica-se que as participantes compartilham a ideia, apresentada por S4, de que a persistência da queixa ao abandono vem de uma história de abandono (ver

trecho7). Dessa maneira, as participantes narram suas histórias de abandono para o grupo, refletindo e justificando suas queixas.

S1 relata a perda do pai na infância e a falta de uma orientação ativa da mãe, concluindo que a ausência dos pais contribuiu para que ela se tornasse uma pessoa dependente e focada nesse abandono até hoje (ver trechos 2, 4 e 6). S2 relata que não teve apoio dos pais e sim de uma irmã mais velha, e que atualmente sente-se só e decide tudo na família, como ela mesma diz: “Eu decido as minhas coisas eu e o meu umbigo” (trecho 21). S3 relata que apesar de cumprir com suas obrigações familiares, sente falta do apoio de alguém em sua vida (ver trecho 14) e S4 relata o abandono sofrido pela mãe, a qual dava mais atenção aos filhos dos outros, e do marido, ao deixá-la cuidando sozinha das filhas em situações difíceis (ver trecho 9).

Importante ressaltar a fala de S4 quando ela coloca que: “Então eu saí daqui pensando nisso que essa persistência na gente hoje, apesar da gente tá madura, bem formada, o lado profissional, digamos assim, mais ou menos delineado, parece que é uma coisa que tá internalizada” (trecho 9).

Essa fala avaliativa de S4 aponta para um questionamento e indício de tomada de consciência em relação às atitudes de queixa adotadas por elas. A partir desse momento, observa-se que as demais participantes refletem sobre outras atitudes femininas, tais como: de esconder problemas familiares para o marido e de silenciar, não manifestando suas opiniões e críticas conforme se pode verificar nos trechos 10 e 11.

Essas reflexões, presentes em suas trocas verbais, as fazem perceber o quanto lhes é difícil pedir ajuda ao marido e aos filhos na execução de tarefas familiares, uma dificuldade que, por sua vez, ajuda a manter suas condutas de queixa (ver trecho 25).

Essas condutas são analisadas nos estudos de Sánchez e Castillo (2013) em seu livro: *Mujeres en Transición: reflexiones teórico – empíricas em torno a la sexualidade, la pareja y el género*, as quais investigaram como vivem as mulheres atualmente em seus contextos familiares e profissionais. As autoras defendem que a socialização feminina incentiva ainda condutas de dependência, de falta de assertividade e de subordinação nas mulheres, fazendo com que sacrifiquem suas próprias necessidades e desejos em função do bem estar dos outros. As autoras concluem que as mulheres, ao silenciarem seus desejos e pesares ou ao negarem seus temores, não constroem relações conjugais saudáveis e construtivas.

Esse aspecto do silenciamento tem sido estudado por diversos autores que realizaram estudos com adolescentes femininas. É descrito como “silenciamento do self” por Jack (1991), “perda da voz”, por Gilligan (1982), “falso self” por Harter, (1997) ou como “padrão de silêncio” por Fávero (2010b). Há um consenso entre os autores de que essa conduta adotada por adolescentes e mulheres, em nossa cultura, trata-se de um aspecto da ideologia da feminilidade internalizada por elas e que visa à manutenção de seus relacionamentos.

Em relação à valorização de seus papéis profissionais, S1 aborda um aspecto interessante, ao relatar que: “Essa ausência de um pai e de uma mãe forte na minha vida, fez com que eu me tornasse uma pessoa dependente, e eu sou até hoje, em quase todas as minhas ações” (trecho 4). Continua dizendo que:

S1: Eu não consigo, eu não tenho autonomia, autoridade, talvez como mãe, como mulher, como profissional até... médio. Eu acho que eu me desenvolvo mais lá fora do que dentro de casa, vamos dizer assim... entendeu? . . . Eu sou muito mais capaz e competente. Eu... parece até que eu sou outra pessoa. : o abandono é desde criança. E a gente fica focada nisso e é o tempo todo, é uma... roda, um giro em torno disso e eu não consigo me desvencilhar. É eu fico nisso. (trecho 6)

Suas falas indicam uma ambiguidade, quando se reconhece como uma pessoa competente como profissional, mas dependente, nos seus papéis de mãe e de esposa. Isso sugere que junto à família, S1 mantém ainda uma relação mais tradicional, de acordo com a ideologia da feminilidade, o que se evidencia ao referir-se a si mesma como uma pessoa sem autoridade e sem autonomia em seu lar.

O sexto tema propôs uma reflexão sobre o fato de minimizarem o apoio feminino recebido pela família para desenvolverem-se como pessoas e profissionais, para centrarem-se na ausência do apoio masculino. As participantes em geral confirmam que dão mais atenção à falta de apoio masculino do que ao apoio feminino recebido. Dessa maneira, S2 justifica-se dizendo que o apoio masculino é muito importante, pois acredita que a presença do casal possibilita uma melhor criação dos filhos (ver trecho 42).

S1 aborda essa questão trazendo as diferenças de salários de homens e mulheres e concluindo que culturalmente as mulheres desenvolvem uma conduta de menosprezar a si mesmas, não valorizando o que fazem ou o que conseguiram e sempre se comparam com os outros, principalmente os homens, que ganham mais. (ver trechos 49 e 50). Compartilham a ideia de que tendem a dar mais importância àquilo que lhes falta ou à ausência, do que àquilo que possuem ou fazem, como se pode ver nas falas entre S1 e S3, nos trechos 52 a 55:

S1: Continua a mesma coisa né? A gente fica dando valor... dando mais importância... do que não ter feito do que...

S3: Aquilo que não tem...

S1: ... do que aquilo que tá fazendo.

S3: Mais importância ao que não tem do ao que tem.

Em relação ao apoio feminino, as participantes reconhecem o apoio que receberam, porém, destacam que a ausência do apoio masculino é algo marcante e chama mais atenção, chegando mesmo a esquecer da ajuda que receberam de figuras femininas em suas vidas (ver trechos 60, 65, 81).

Quando a experimentadora incita à reflexão sobre o apoio feminino, as participantes começam a lembrar de pessoas marcantes em suas vidas, tais como: irmãs mais velhas, tias, avós e chefes. Nesse aspecto, é importante ressaltar o ato da fala de S4 ao dar-se conta e reconhecer o quanto minimizou o apoio que recebeu de sua mãe, por centrar-se mais na figura autoritária de seu pai. Segundo ela:

Eu concordo com isso aí, eu acho que, de certa forma eu minimizo muito a figura da minha mãe. Eu provavelmente não seria também o que eu sou hoje, se não fosse também à presença dela na minha vida. No meu caso, o meu pai sempre foi uma figura muito autoritária, muito controladora e eu acho que ele sufocava um pouco, a minha mãe, com tanto autoritarismo. . . . E lá na pequenez dela, no sufocamento dela né? Com a figura masculina tão autoritária dentro de casa, assim ela exercia o papel dela de mãe de provedora né? (trecho 73).

Esse ato da fala sugere que apesar de reconhecer o apoio feminino, a figura masculina, paterna, é mais valorizada, ou mais visível, devido à própria posição ocupada pela mulher dentro da ideologia patriarcal. Uma posição submissa e como alguém que fica “mais à sombra do marido”, como é complementado por S4 em relação à fala de S2 nos trechos 73 a 76.

O sétimo tema apresentou a evidência, nas narrativas, de que as participantes exerciam seus papéis de mãe dentro da ideia do mito do amor materno, isto é, um amor incondicional, responsável por todos os atos dos filhos (independente das suas idades) de modo que elas se centram muito mais no papel de mães, do que de pessoas, mulheres e profissionais.

Com relação a esse tema, as participantes concordaram plenamente que agem ou já agiram dessa maneira com os seus filhos. Interagem e discutem o tema confirmando, validando e reconhecendo as falas umas das outras com frequência. S2 admite que se tornou uma supermãe, pois criou os filhos sozinha. S1 relata o quanto ainda sofre por querer fazer tudo pelas filhas, como ela diz: “Nossa, mas isso aí me dói tanto, lê um negócio desses, ME dói demais! por que... que eu apanhei demais. Eu achei que tava fazendo a coisa certa, respirando pelas filhas” (trecho 101).

S3 relata o quanto se sentia culpada com certas atitudes que tomava com os filhos, e S4 chega à conclusão de que o mito do amor materno é uma verdade e até mesmo uma regra, pois toda mulher que é mãe é naturalmente responsável pelos filhos. Segundo ela mesma diz:

S4: @@ Eu fico me perguntando se é mito mesmo, eu acho isso, é uma verdade! né? porque é difícil você encontrar uma mulher que não seja assim, uma mulher que tenha filho, que seja mãe, e que não se sinta responsável por seus filhos, por aquilo que eles fazem pela forma como eles agem... É então eu acho que isso é uma regra! né? E acho que isso que deixa nós mulheres muito cansadas, né? Porque você, realmente ser responsável pelos atos dos seus filhos independente da idade deles? (trecho 119)

S4 entende também que o fato de se responsabilizar pelos atos dos filhos, ou de quase “morrer” por tudo que acontece com eles, em sua opinião é algo “até hormonal” explicitando que:

Mas assim eu acho que a gente mulher, né? Uma vez que você é mãe? Não sei por isso que eu comecei falando, será que é um mito ou uma verdade? Acho que é algo até hormonal. . . Que é uma coisa que tá no sangue da gente né? Quando você vira mãe, eu acho que alguma coisa acontece com você. (trechos 124 e 125)

Esse ato da fala evidencia a internalização da crença em torno da ideologia da naturalização, a qual entende que os atos de se responsabilizar, amar incondicionalmente seus filhos tem uma origem biológica e, portanto, são tidos como próprios da natureza da mulher. É como se esses deveres e atribuições lhes fossem conferidos pela própria natureza feminina, como nos lembra Badinter (1985).

Observa-se que as demais participantes compartilham essa ideologia ao validarem e complementarem a fala de S4 colocando, por exemplo, que:

S3: É um dispositivozinho lá que faz você mudar (trecho 126).

S1: A entrega é muito grande né? A entrega, você, às vezes você se anula. E até que ponto isso é bom? (trecho 127).

S4: E aí tá... Você vai colocando eles em primeiro lugar sempre. (trecho 128)

S1: Mas é automático! é, é automático, né? @@ a gente se entrega tanto, se anula que é tão automático na vida de uma mãe (trecho 129).

Outro aspecto importante é que esses reconhecimentos da entrega aos seus papéis de mães as anulam, principalmente como mulheres como se evidencia na fala de S3, ao comentar que:

S3: É tão automático que quando eu passo na rua @@@ e . . . Um homem mexe comigo, eu fico pensando esse cara tá doido tá mexendo com quem? Depois eu, pera aí S3 você é mulher! @@@. Eu me esqueço, eu só lembro que eu sou mãe, dona de casa e provedora da casa. Assim eu sou o pai da família, eu tenho que dar conta daquela família. . . . E aí mesmo sobra tempo prá eu olhar no espelho e dizer ai! que linda mulher que eu sou?. (trecho 130)

A partir desse ato da fala, a maioria das participantes compartilha como ainda carregam o fardo de cuidarem dos filhos e da casa, de exercerem prioritariamente os seus papéis de mãe, deixando de lado seus desejos, planos de estudos, não investindo em suas profissões. Afirmam que a mulher viria em último lugar, que primeiro seria o papel de mãe, depois de profissional, para servirem de exemplo aos filhos e poderem prover suas famílias.

Nesse ponto, observa-se que S2 contesta o fato da mulher ficar por último, pois vive uma situação diferente das demais, com os filhos já adultos e criados. S2 coloca que atualmente dá

prioridade a ela na família e não se culpa pelas coisas que não deram certo com os filhos (ver trecho 160).

É importante destacar a fala de S1 quando concorda que o papel de mãe se sobrepõe ao de mulher, e de como parece se anular em função das filhas. Como ela mesma diz:

S1: É mais eu tô primeiro é: a mãe, segundo: a mãe, terceiro: a mãe e depois a mulher tá lá no final, esquecendo até de mim. Ontem minha filha falou assim: Mãe, porque que você não vai. . . mãe? {falando de ir para praia} ah! Vocês dependendo de mim o tempo todo, como eu vou filha? Sabe? Então eu já fico assim, então eu não tô vivendo o meu eu. Eu não tô vivendo o meu eu em função de filhos. Não tô vivendo o meu eu. (trecho 164)

O fato de não estar vivendo o seu “eu” nos faz retomar, a conduta de silenciamento adotada pelas mulheres, assunto que é estudado por alguns autores com o nome de “falso eu” (Harter, 1997), como nos referimos no início dessa discussão, em que a mulher silencia ou subordina suas próprias necessidades e desejos pelos dos outros. Podendo criar, muitas vezes, uma dependência, segundo afirmam Sánchez e Castillo (2013), ao pensar que os outros não vivem sem ela e de que precisam da sua ajuda para resolver os seus problemas.

O grupo focal: terceira sessão.

Tabela 17

Extratos da Transcrição dos Atos da Fala da Terceira Sessão do grupo focal

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
1.	E: Eu tô colocando aqui o último slide onde a gente parou, quando vocês refletiram sobre a evidência nas narrativas do papel dentro da ideia do mito do amor materno... Hoje no caso seria a terceira sessão. Então a primeira coisa... {a entrevistadora passa a ler o slide de Power point projetado em tela} “ouvindo-se as suas narrativas percebe-se o tanto que vocês são cobradoras”. Fazem cobranças da mãe, do marido, dos filhos. O que vocês pensam sobre isso?	Contratual Informação Acional	Estabelecer atividade Informar Propor
2.	S2: Penso que a gente cobra mesmo. Naturalmente a gente vive cobrando. Até da gente mesmo, a gente se cobra muito.	Avaliação Interação	Validar Complementar
3.	S3: A gente cobra mais da gente do que dos outros. Aí assim já estende para os outros, né? Eu faço, faço e to sempre me cobrando, porque eu sou a mãe, eu sou a dona da casa, eu tenho que botar tudo em ordem e eu quero transformar a pobre da minha prima na mãe igual eu sou. A coitada não vai dar conta!@@@	Avaliação Interação Informação	Criticar Complementar Exemplificar
4.	S1: @@ Mas S3 Isso gera tudo uma ansiedade né? E o que é uma ansiedade pra mim? Ansiedade é tudo aquilo que te deixa estressada por uma coisa que você não tem, mas gostaria de ter. Uma coisa que você não é, mas gostaria de ser. Então essa cobrança vai assim... é uma roda roda que gira! A gente só fica nisso!	Avaliação Informação	Validar Explicitar
5.	S4: É, mas você tá falando de uma cobrança de você. Você se cobrando?	Interação	Contestar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
6.	S1: É cobrando na sua postura como mãe. Ai você cobra do marido, aí você cobra do filho.... Você tá cobrando do seu marido uma situação que você não tem e que você gostaria que ele fosse pra você, entendeu? Isso te gera ansiedade e a cobrança. Eu quero o meu marido assim, então eu vou cobrar pra ele daquela forma porque eu acho que aquele é o certo. Isso? 24 horas na minha cabeça. Minhas filhas: Mãe! Para pelo amor de Deus! Para! E hoje eu estou parando mais porque eu estou percebendo que eu quero que, ela seja DO JEITO QUE EU IMAGINO que ela tem que ser e não se eu fosse ACEITÁ-LA, que as coisas fossem acontecendo normalmente, que seria muito mais prazerosa... (...) Essa dominação que a gente tem.	Interação Informação Informação	Conformar Explicitar Exemplificar
7.	S2: Das pessoas... que convive.	Interação	Complementar
8.	E: S2 tu começou a falar?	Contratual Acional	Tomar a palavra Incitar
9.	S2: Não, é que a gente tem mania de ser supermulher, de dar conta de tudo. Então a gente se cobra, de ser perfeccionista. Então isso aí vai gerando essa cobrança em cima da gente mesmo e das pessoas que convivem com a gente. Essa história que você tá colocando que a gente tem mania que os outros sejam do jeito que a gente quer? O que tá errado né? Que hoje em dia eu já percebo que não adianta. Filho principalmente eles tem que ser do jeito que eles sabem. A gente orienta, mas se estressar para querer que seja? A gente sofre muito. Tem que deixar eles caminharem com as pernas dele e conversar e não ficar dizendo você tem que ser assim... Se você vai na imposição, aí você não consegue nada não.	Avaliação Interação Informação Informação	Validar Reconhecer Explicitar Exemplificar
10.	S1: E a gente fez e faz muito isso né? E hoje eu me cobro mais. E é difícil você MUDAR de uma hora pra outra.	Interação Avaliação	Reconhecer Validar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
11.	S2: Muito. Você quer ver uma coisa, com essa história dos meus filhos de eu me aposentar, têm uns dois anos que eu venho falando pra eles: Olha! Cuida da vida porque eu vou aposentar, ? E aí agora minha filha, quando é esse ano, os dois resolveram que vão sair de casa. Eu tomei um susto! Porque eu não imaginava que fosse tão rápido, mas agora eu já to assim que bom que vão sair né?	Interação Informação	Conformar Exemplificar
12.	S4: @@@ Chega a ser engraçado.	Interação	Acentuar
13.	S2: Você tá vendo? Porque aí chega um e diz pra mim: mãe! Eu decidi que eu vou morar com a V.	Informação Informação	Confirmar Informar
14.	S4: @@@ Não era isso que você queria? @@@ E agora... @@@.	Interação Interação	Complementar Reconhecer
15.	Vou morar coma V. E eu: Hã! Ah! Tá. Decidiu? Mas você acha que tem condições agora, você não acha que tá ganhando pouco... Aí depois eu falei: Ei! Presta atenção!...Já arrumou um apartamento, um sobradinho, já alugou e eu to dando a maior força. Aí o de 23 falou: também vou morar com a T. Eu falei: ah! Legal! Mas pera aí espera um pouco deixa eu primeiro botar o fora desse, pra depois eu por o seu. porque tem toda aquela coisa da gente querer ajudar. Aí eu me peguei, olha a cobrança! Eu me peguei assim! Nossa! Como eu queria ter condições financeiras de MONTAR o apartamento dele. Eu não tenho!Né?... Porque eles vão sair assim na cara, mas é aonde ele vai crescer.	Informação Interação	Exemplificar Reconhecer
16.	E: É o ponto assim nas narrativas né? A cobrança dos filhos pareceu ser a menor né? Existe mais uma cobrança em relação à mãe...	Contratual Acional	Tomar a palavra Propor

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
17.	S3: O bom é que a gente tá percebendo isso... Em casa assim eu tenho essa situação, eu quero, mas eu me seguro. Pera aí S3! Você não pode transformar todo mundo aqui em soldadinho de chumbo, não? Calma aí! Você trabalha 24 horas por dia e quer que todo mundo entre no seu ritmo? Eu não vou dar conta. Eu fico lá na minha. Respiro fundo. Ah! Vamos, aí agita né? Faz. Dou umas ideias assim: ah! Não é melhor isso?	Avaliação Interação Informação	Validar Conformar Exemplificar
18.	S2: Funciona bem né?	Avaliação	Validar
19.	S3: Não seria melhor assim? Sabe? Em vez de: FAZ DESSE JEITO! Tem que ser assim.	Interação	Complementar
20.	S4:... acho que isso aí é fruto de tudo aquilo que a gente discutiu. Porque no fundo, no fundo, é eu acho que, o que eu tenho visto, pelo menos aqui entre nós quatro, é muito mais uma cobrança da gente mesmo. Talvez nas narrativas, o que a gente discutiu tenha DADO muito isso, essa coisa de cobrança mesmo. Mas eu acho que pelo ou menos um ponto em comum... é: QUE A A GENTE SE COBRA MUITO MAIS! Eu acho. Tudo bem, eu cobro a ausência da minha mãe, eu cobro a... quietude do meu marido é eu cobro a inércia das minhas filhas..., Mas só que eu acho que isso...se eu for olhar pra tudo que a gente falou aqui, nós quatro? Que eu vejo muito, muito mais da gente cobrando da gente mesmo.	Avaliação Interação Avaliação	Justificar Reconhecer Criticar
21.	S2: Hamham.	Interação	Conformar
22.	S3: Eu não costumo nem assim é... tem certas cobranças que eu já falo assim: eu não aceito! Porque eu já me cobro tanto... Que quando alguém vem me cobrar alguma coisa eu, não! Pera aí, calma aí. Vamos por aí não, porque assim coitada de mim eu não dou conta.	Interação Informação Avaliação	Conformar Explicitar Justificar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
23.	S1: É eu sei. Essa situação quando você falou S4 lembrou muito eu em relação as minhas filhas. Eu achava que sempre eu tinha que levá-la, buscá-la, não vai de ônibus, a gente vai dar um jeito... Hoje eu saí de casa, filha: você tem duas opções: ou você vai comigo e fica no carro lá até eu terminar e a gente vai no seu medico, ou então você vai pro seu medico de ônibus e depois eu te pego. Hoje! Eu consigo fazer isso.	Informação Informação	Confirmar Exemplificar
24.	S2: Nossa! Já tá evoluindo já. Deixando ela andar com as pernas dela.	Avaliação	Avaliar
25.	S4: Cobrança de filho. E não cobrança, não só cobrança nossa de filho, entendeu? É que assim eu entendi você conseguiu me cutucar com essa questão do abandono né? Eu acho que na realidade, desde que a gente começou a conversar aqui, o que eu to sentindo é muito isso mesmo. Que o nosso discurso tá sempre girando em torno disso dessa questão de abandono, abandono, abandono e que talvez a gente seja assim, não sei nem que termo usar né? Talvez nós mulheres..., mas acho que é muito de mulher mesmo isso né? ...é essa coisa do abandono, acho que é uma coisa nossa! De mulher! Porque desde que a gente sentou aqui nessa sala é o que a gente tá falando disso.	Avaliação Interação Interação Avaliação	Avaliar Conformar Reconhecer Justificar
26.	S3: É discutir em torno disso.	Interação	Complementar
27.	S4: Isso é fato né? Então eu to aqui pensando que realmente a gente tem tratado quase que basicamente disso. Agora o mais interessante é que eu to me sentindo assim que tá parecendo... assim que a gente muitas vezes não tem razão pra essa queixa de abandono.	Interação Avaliação	Contestar Tomar Posição
28.	S1: Nem de abandono e nem é de cobrança. Que a gente é um ser dominante em tudo. Dominamos, queremos. Eu me sinto mais de DOMINADORA. DOMINAR MARIDO, DOMINAR FILHOS, DOMINAR TUDO! TUDO! É do jeito que a gente quer. Eu não vejo tanto assim como abandono é de DOMINADORA! Porque que eu que tenho que? Nossa! Eu ainda tinha O AVAL DA FAMÍLIA. Nossa! A S1 resolve tudo, faz tudo.	Avaliação Interação	Avaliar Atenuar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
29.	S3: Haham.	Interação	Conformar
30.	S1: Então aquilo me enchia mais pra EU tomar a decisão de tudo! De marido: faz isso, faz aquilo, sabe? E não é por aí gente! Você é uma chata em vida (@@)	Avaliação Informação	Validar Confirmar
31.	S3: O tempo vai passando ó! E você vai ficando cada vez mais sozinha (@@).	Avaliação	Avaliar
32.	S2: Mas eu vejo essa questão do abandono é... das mulheres assim quase que em geral, porque no outro grupo que eu fiz de terapia? Todas se queixavam do abandono do psiquiatra que saiu daqui e abandonou elas sem receita... Entendeu?... ACHO QUE ISSO É GERAL DAS MULHERES! DO SER HUMANO TALVEZ! Né?	Informação Avaliação	Exemplificar Validar
33.	S4: Mas eu acho que talvez seja mais... uma coisa mais pontual de mulher mesmo. Porque tem a ver com o tanto que a gente se dá.	Avaliação Interação	Validar Complementar
34.	S1: Porque a gente... se questiona... Ou questiona, questiona a tudo! O homem não? Ele é aqui ó? Ele vai e pronto. Não tá, não se questiona por tudo.	Avaliação	Avaliar
35.	S2: Mas também, eu vejo assim, poucos casos, mas eu vejo também aquelas mulheres que não falam nada, tudo pra ela tá bom... Você vê que as pessoas sofrem. Não tem vontade... Não fala nada, aí sofre mais. Acho que tem mais é que falar mesmo.	Avaliação Informação	Avaliar Exemplificar
36.	E: Mais alguma coisa?	Contratual	Tomada da palavra
37.	S3: É eu percebi assim que a... eu não sei por que! Tem muito aquela coisa... De, meio que: ai! Coitadinha de mim! Sabe?	Avaliação Informação	Avaliar Informar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
38.	S2: De vítima né?	Interação	Complementar
39.	S3: Não sei bem se de vítima? Eu não gostei disso não! Eu não sou coitadinha, nunca fui. ... Eu me descobri nessa posição: ai! Coitadinha de mim. Que eu faço essas coisas e fico assim.	Informação Informação Interação	Infirmar Explicitar Reconhecer
40.	S1: Com dó de você.	Interação	Complementar
41.	S3: Ai! Coitadinha! Que dózinha de mim! Coisa horrível! Uma mulher linda e maravilhosa	Informação	Confirmar
42.	S4: ficar reclamando.	Interação	Complementar
43.	E: Vamos adiante? Então, o mito do amor materno, a gente mais ou menos falou né? Ele é um termo usado por uma filósofa chamada Elisabeth Batinder, que mostra como foi construído a ideia do amor materno. Uma ideia que foi construída na nossa sociedade, de um amor que é natural, instintivo, que é da natureza da mulher né?... Aquele amor que é responsável por tudo. A construção desse mito dá suporte às práticas sociais: para nossas atitudes, ou seja, a manutenção desse mito do amor materno é justamente o que justifica o homem não se engajar na criação dos filhos.	Contratual Informação Informação	Estabelecer atividade Informar Explicitar
44.	S2: @@. Você vê que a gente não deixa.	Informação	Informar
45.	E: Não sei se vocês entenderam.	Informação	Informar
46.	S2, S4 & S1: Entendi.	Informação	Confirmar
47.	S2: Entendi perfeitamente.	Interação Interação	Complementar Acentuar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
48.	S4: É tão aceito socialmente né?	Interação	Complementar
49.	S1: Mas a gente puxou uma até falou entre nós. O MEU FILHO MAIS VELHO QUEM É? O MARIDO. Ó! O MEU FILHO MAIS VELHO. VOCÊS NÃO FALARAM ISSO?	Informação	Citar
50.	S4 & S3: Eu não.	Avaliação	Invalidar
51.	S2: Mas muita gente fala, eu já ouvir falar, o filho mais velho lá de casa: o marido. Eu já ouvi falar.	Interação Acional	Contestar Incitar
52.	S1: Olha aí! O amor incondicional... materno ilimitado... É o instinto natural... E às vezes eu me sinto como tal. Muitas vezes.	Interação Interação	Conformar Complementar
53.	S2: E outra coisa que eu já ouvi falar demais também assim: MÃE É MÃE! MÃE NÃO FAZ ISSO! FOSSE O PAI FAZIA! MÃE É MÃE! Tipo assim como se o amor é tão grande que tem que morrer, tem que sofrer ali e não faz. MÃE NENHUMA LARGA UM FILHO!	Informação	Informar
54.	S3: Quem será que inventou esse mito? Algum homem que inventou?	Interação	Complementar
55.	S4: Ela não inventou, ela identificou né?	Informação	Informar
56.	E: Foi construído na própria sociedade que a gente vive uma ideia que foi construída, na nossa cultura...	Informação	Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
57.	S3: Que eu acho que os INSTINTOS, A MULHER ELA REALMENTE TEM. A posição mulher ela já tem, quando ela engravida, por exemplo, ela começa a mudar todo pra receber aquele serzinho ali. Agora essa coisa EXAGERADA que a gente CARREGA que todo mundo acha que a gente tem que ser o tempo todo E NÓS ACEITAMOS ISSO E PEGAMOS ISSO E COLOCAMOS NAS COSTAS E SAÍMOS CARREGANDO ESSE BAÚ é uma coisinha de cultura mesmo e que é um fardo muito pesado porque não nos permite ser diferente em nada, descansar um pouco.	Interação Informação Interação	Contestar Explicitar Conformar
58.	S1: Quantas vezes S3., quantas vezes eu escondi fatos das minhas filhas pro meu marido.... Olha! Eu não vou contar para o seu pai. Sabe? Olha! O outro erro. Em vez de eu ficar calada, bobinha calada, não! Vou fazer isso sempre. Por favor, seu pai não vai saber disso que não sei o que. Pegava o aval delas ainda sabe?	Avaliação Informação	Avaliar Exemplificar
59.	S3: Eu tive marido esses dois anos e nove meses, só. Nunca tive maridos.	Informação	Informar
60.	E: Então, vocês parecem que entendem assim essa questão do mito né? Mas é justamente a manutenção, ou seja, enquanto eu acreditar que existe esse amor incondicional, ilimitado e responsável é que...	Informação	Explicitar
61.	S2: O homem não vai jamais...	Interação	Complementar
62.	E: vai justificar que o homem...	Informação	Informar
63.	<S4: vai ficar na dele>.	Interação	Complementar
64.	E: ...vai justificar que ele realmente não tenha esse comprometimento.	Informação	Informar
65.	S2: A gente já ouviu falar assim: HOMEM LARGA, HOMEM LARGA FILHO, MAS MÃE, NÃO! PAI LARGA FILHO, MAS MÃE NÃO LARGA. Já ouvi demais esse comentário.	Informação Avaliação	Informar Avaliar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
66.	S3: FILHOS SÃO DA MÃE! OS FILHOS SÃO SEMPRE DA MÃE. Aonde a mãe vai, ela leva os filhos. O homem não, ele sai de casa, ele vai embora e arruma outra família.	Informação Informação	Confirmar Explicitar
67.	S1: Eu... me lembrou uma coisa, minha irmã morava mais longe... Ela vinha no final de semana com o marido. O marido bebia. Chegava, ia pra uma festa chegava trêbado. A minha mãe falava pra minha irmã assim: olha! Minha Filha! Vai cuidar do seu marido. Prepara a janta dele e deixa aí. E ele trêbado e a minha mãe querendo que ela fosse fazer tudo direitinho pra ele? Sabe? Em vez de ó! Te vira, resolve, você tá bêbado. Ou melhora. Não! Minha mãe, não você vai preparar, deixa a comida prontinha, você vai esquentar a comida... ou no fogo... porque você vai esquentar a comida pra o seu marido.	Interação Informação	Conformar Exemplificar
68.	S3: É, deixa eu te contar uma história. Eu trabalhei numa casa de um advogado e ele me disse assim um dia que... ele já tava no segundo casamento, o que fez com que ele escolhesse aquela pessoa com quem ele estava casado foi que um dia, ele namorava ela, chegou na casa dela, e o pai tava chegando... Meio trôpego, que tinha bebido e a velhinha, mãe dela foi lá pegou ele foi lá agasalhar e ele disse: É com essa mulher que eu vou casar porque ela foi bem criada.	Informação	Exemplificar
69.	S1 & S4: (@)	Interação	Conformar
70.	S2: IGUAL A MÃE, VAI CUIDAR DE MIM.	Interação	Complementar
71.	S1: Mas tem muito disso. A gente talvez ainda é levada a isso, ainda hoje. Às vezes, eu não sei o limite, qual é o limite pra fazer carinho, de cuidado? Será que a gente sabe? Qual seria o limite, ou o mito tá muito mais avançado do que esse limite que a gente fez essa divisão?	Interação Avaliação	Complementar Avaliar
72.	S3: A gente se doa demais e talvez quer que o outro se doe da mesma forma. Só que ele não tem nem ideia disso.	Avaliação	Avaliar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
73.	S4: Eu acho que é uma coisa tão certa isso aí, tão certa que eu me lembrei de situações que eu já vivi. Uma muito específica com a ex-mulher do meu irmão, no sentido assim de que nós mulheres, nós estamos TÃO ENFRANHADAS NESSE MITO que quando a gente vê uma mulher que não tá nesse amor natural, instintivo, ilimitado, incondicional, nós somos AS PRIMEIRAS A... A APONTAR O DEDO PRÁ ELA. Essa mãe aí! Não é uma mãe não! Essa mãe aí é uma cachorra!	Avaliação Interação Informação	Validar Conformar Exemplificar
74.	S2: Desnaturada!	Interação	Complementar
75.	S1: Madrasta.	Interação	Complementar
76.	S3: Desse jeito.	Interação	Conformar
77.	S4: É uma coisa tão certa que tá tão arraigado dentro da gente, que você, inclusive vai julgar mesmo OS SEUS PARES, MULHERES COMO A GENTE NÊ? Mas a gente pode ver assim no dia a dia, quantas vezes você já não apontou o dedo pra uma amiga tua?... APONTEI O DEDO PRÁ MINHA MÃE? Eu disse que ela não me amava incondicionalmente? Tá tão arraigado em mim @@.	Informação Interação	Explicitar Reconhecer
78.	S1: Tá tão enraizado no elo social que... às vezes a gente se pergunta até que ponto é o correto? Não é legal você ser tão. Não é legal você amar incondicionalmente né? Não é melhor, não é legal? Não é mais comum? Do que você cortar...	Avaliação Interação	Validar Contestar
79.	S4: Mas acho que é por isso, por causa dessa questão do mito.	Avaliação	Avaliar
80.	S1: Do mito, do mito... exato. Então, tá tão enraizado na gente isso, que às vezes a gente até critica quem é mais enérgico...	Interação Interação	Conformar Complementar
81.	S2: Quem não tá certo. Critica quem tá correto. Quem já mudou né?	Informação	Explicitar
82.	S1: A gente não sabe qual que é o correto e o qual que não é mais.	Avaliação	Avaliar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
83.	S4: Olha só! Eu vivo um problema atual com a minha filha caçula. A gente... não sei por que razão a gente bate muito de frente, eu acho assim que é aquela coisa do espelho né?... Aquela coisa de gênio parecido de coisa parecida... E ÀS VEZES ME DÁ UM CANSAÇO! PENSAR, AI! NÃO TO TOLERANDO ESSA BAIXINHA, SABE? Mas assim ATÉ PRÁ MIM É INSUPORTÁVEL PENSAR ISSO! Até eu comigo mesma, sem nem verbalizar, PRÁ MIM É INSUPORTÁVEL PENSAR NISSO: EU NÃO TÔ TOLERANDO ESSA BAIXINHA!	Informação Informação	Explicitar Exemplificar
84.	S2: Mas é porque ela faz você refletir as coisas.	Avaliação	Avaliar
85.	S4: Por causa desse mito. Por conta desse mito.	Avaliação Informação	Infirmar Explicitar
86.	S3: Mas eu acho que é muito mais porque a pessoa se vê como uma pessoa horrorosa, uma mãe...	Avaliação	Avaliar
87.	S4: Mas não é isso que eu me sinto... é porque eu acho assim... Será que eu tenho o direito de me cansar da minha filha? Acho que é isso aí... E tem dia que eu fico cansada. Podia ter uma maquininha de congelar ela uns doze dias!	Informação Informação	Confirmar Explicitar
88.	S1: Só? @@@. Eu com a minha filha mais velha, eu já falei minha filha: PELO AMOR DE DEUS! EU VOU ARRUMAR UM LUGAR PRÁ VOCÊ FICAR PORQUE EU NÃO TE AGUENTO MAIS. EU NÃO TE AGUENTO G! {cita o nome da filha}. Eu não te aguento G! Não aguento porque você tá demais... você extrapola.	Interação Informação Informação	Conformar Acentuar Exemplificar
89.	S4: Aí depois tu fica morrendo? Porque falou isso?	Interação	Complementar
90.	S1: Aí daqui a pouco... ela fica moída e eu também. Aí...Muda de uma hora pra outra. Ela faz assim: ela olha pra mim e sorri! E aí, ai! Filhinha eu vou aí te dar um abraço. Igual uma idiota, besta sabe?... Então, é difícil pra saber, essa situação pra lidar...	Informação Informação	Confirmar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
91.	S3: @@@. Eles aprendem a manipular a gente.	Interação Informação	Atenuar Explicitar
92.	S1: A minha mais velha além de manipular, ela dominava a mim, domina ainda, eu estou ficando mais esperta. EIA SABE DOMINAR, ELA SABE! GENTE É IMPRESSIONANTE A CAPACIDADE DELA! Vó, vô, pai, mãe, ELA MANIPULA! Ela manipula de uma tal maneira que agora que eu to abrindo, agora que eu to... meu Deus!	Avaliação Informação	Validar Informar
93.	S2: Agora que você tá vendo isso, né?	Acional	Incitar
94.	S1: Tô vendo isso. E como é difícil a gente reeducar ou a gente tentar aprender pra como lidar com essa situação! É difícil. EU FICO DESESPERADA, igual a você! Meu Deus! Será que eu estou renegando a minha filha, será que eu... ah! Eu vou congelar?	Informação Informação	Confirmar Explicitar
95.	E: Vamos passar pro outro então?...”Contradições”. É... Vocês cobram dos homens e ao mesmo tempo dizem que o amor materno é natural, instintivo e próprio da mulher. Porque o amor materno é uma coisa natural né? A mulher nasce com isso... é próprio da mãe e da mulher... vocês cobram dos homens a não participação deles. Então vocês conseguem entender essa contradição?	Contratual Informação	Tomar a palavra Informar
96.	S2: É cobra, mas não deixa eles participarem às vezes. Porque a gente já faz tudo né? A mulher pega e toma a frente e já faz tudo né? Aí, já que ela tá fazendo mesmo, porque que eu vou me preocupar. Na verdade é essa.	Informação Informação	Confirmar Explicitar
97.	S1: É. Agir.	Interação	Conformar
98.	S4: E olha que muitas vezes essa cobrança é silenciosa né? Não é nem em palavras.	Interação	Complementar
99.	S1: NÃO! PIOR É A ATITUDE.	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
100.	S4: Você cobrar uma cobrança silenciosa ela é ainda pior porque aquela que você chega: OLHA! CRIATURA! EU QUERO QUE VOCÊ PEGUE O CARRO E VÁ NO MERCADO COMPRE UMA FARINHA, UM CAFÉ E TÁ AQUI A LISTA, VÁ! O pior é aquela cobrança quando você imbuída desse mito de que você precisa amar incondicionalmente e amar incondicionalmente significa, por exemplo, prover a sua casa, quando você vai lá pro Mercado, morre e fala assim: porque que aquela criatura infeliz não veio pro Mercado fazer a compra?	Informação Informação	Explicitar Exemplificar
101.	S2: A gente quer que a pessoa faça! Sem você pedir. Eu lá em casa faço com os meus filhos assim: ninguém faz nada aqui, sou eu mesmo né? Então deixa eu fazer.	Informação Informação	Confirmar Exemplificar
102.	S3 & S4: (@) você já...	Interação	Acentuar
103.	S2: Olha o F {nome } fala pra mim assim: mãe! Você me pediu isso? Precisa pedir? Você não tá vendo? Não mãe! Você podia me pedir! Entendeu? Então a gente que é culpada, a gente centraliza, a gente quer ser a supermulher e quer dar conta de tudo! Entendeu? E quer que eles sejam diferentes, se a gente não pede a gente não fala! Eles não sabem o que a gente quer.	Informação Informação	Explicitar Exemplificar
104.	S3: Porque na verdade a sociedade valoriza essa supermulher, quando a gente não é essa supermulher a gente é amputada. A gente que é egoísta.	Avaliação Informação	Validar Explicitar
105.	S4: Acho que é muito provável que seja algo muito próprio da mulher mesmo e que talvez tenha a ver com essa coisa desse mito mesmo. PORQUE O MITO ELE TE TRANSFORMA EM ALGO, COMO ELA FALOU AQUI, MUITO, COM MUITO PODER. Só que ninguém intrinsecamente, por si mesma é tão poderosa a ponto de poder abarcar tudo e ainda como ela disse: sair linda e maravilhosa à caça.	Avaliação Interação	Validar Reconhecer

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
106.	S1: Mas nós, nós mulheres temos que saber TER UM JEITO MUITO INTELIGENTE DE AGIR, DE MEDIR PALAVRAS, NÉ? ATITUDES! Porque a gente tá agindo, tá falando, tá reclamando, mas tá fazendo. A gente reclama, mas faz. Sabe como... que tem essas prerrogativas de você mudar o jogo, mas continua fazendo a mesma coisa! Porque tá enraizado! Tá enraizado na gente. É cultural.	Avaliação Informação	Criticar Informar
107.	S2: É porque é muito difícil a mudança. Pra todo mundo é muito difícil à mudança!	Avaliação	Justificar
108.	S3: Tô falando que crescer dói, né? Evoluir né? Muitas vezes é doloroso. É... aceitar que você tá fazendo algo que não é bom nem mesmo pra você.	Avaliação	Validar
109.	E: vamos passar pro outro assunto?.Um segundo ponto que existe na nossa sociedade é a tese da naturalização, que é aquela que a defende a ideia das coisas inatas, que a mulher... Ela já nasceu pra ser mãe, ela já nasceu pra ser esposa. Ela já nasce, é algo natural? A Ideologia do Patriarcado. É uma ideia, um tipo de pensamento que existe na nossa sociedade, a nossa sociedade é patriarcal.	Contratual Informação	Estabelecer atividade Informar
110.	S1: Desde a criação...	Interação	Conformar
111.	E: O que é o patriarcado que existe ainda nos dias de hoje? É uma ideia que centraliza na figura do...	Informação	Explicitar
112.	S4: Do homem	Interação	Complementar
113.	E: Do pai, a hierarquia e colocam o homem como soberano, como líder, numa posição superior e de comando né? Então a figura do pai que exerce uma autoridade e que os filhos têm que obedecer e... as mulheres também.	Informação	Explicitar
114.	S4: Ficam submissas.	Interação	Complementar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
115.	E:... Então a nossa sociedade é patriarcal ainda nos dias de hoje.. Outro ponto é a diferenciação e papéis de gênero. Então na nossa sociedade também existe uma coisa de... dividir, de fazer uma diferença, né? Por exemplo: homem, mulher, razão, emoção, o bem e o mal. Então tudo se vocês repararem tem essa divisão e essa divisão cria uma desigualdade. Então existe também... E essa tendência de atribuir papéis de gênero, determinar qual é o papel do homem, e da mulher, como um homem na sociedade,... Deve pensar, agir, sentir e a mesma coisa em relação a mulher.	Informação	Explicitar
116.	S1: É, mas eu acho que isso tudo vem desde o cristianismo. Porque a mulher foi feita com... A costela do Adão. Entendeu?	Avaliação Informação	Avaliar Confirmar
117.	S3: Dependente.	Interação	Complementar
118.	S1: E essa parte religiosa diz muito disso. Porque a mulher ela tem que tá aí sempre prestativa para o seu marido. A parte religiosa chama muito a atenção nesse lado.	Avaliação Interação	Validar Complementar
119.	S2: Não, mas hoje em dia já tá mudando um pouco...	Avaliação	Avaliar
120.	S1: Aí hoje... o que me chama mais também, antigamente o homem era o provedor e a mulher ficava tomando conta dos filhos. Hoje em dia, o que? A gente divide o custo, o financeiro, porque nós temos que trabalhar fora. E além do mais o homem não saiu.....da situação dele. Ele tá na rua, ele tá trabalhando fora. A mulher não. Ela está trabalhando fora...	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar
121.	S2: E dentro de casa	Interação	Complementar
122.	S1: ... ainda tem esse mito dela, ela que comanda a casa com os filhos, a responsabilidade é sobre a mulher, isso é mito? Não! Não sei se é mito. Porque o homem, sei lá, então a gente tá mais dividido ainda pra cuidar de fora, de casa, trabalhando e cuidando da casa, de filho. Olha aí como isso é difícil também pra gente, porque nós buscamos isso, tivemos que correr atrás.	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
123.	S2: E o que acontece, pegando o gancho dela aí. É o homem meio que acomodou porque a gente foi trabalhar fora, mas a gente ficou com as duas atividades entendeu? Que é o que ela tá falando aí. Eu ouvi o marido de uma amiga minha falar muitas vezes pra ela: QUEM NÃO TEM COMPETÊNCIA, NÃO SE ESTABELECE. FOI TRABALHAR FORA TEM QUE GANHAR UM BOM SALÁRIO PRÁ PODER PAGAR UMA EMPREGADA. Quer dizer: ELE NÃO! Ele não tinha que pagar nada, mas já que ela decidiu trabalhar fora...então que o salário dela tinha que dar pra ela pagar uma boa empregada ou então ela tinha que se lascar trabalhando fora e fazendo tudo em casa. Que marido é esse né? Quer dizer na cabeça dele realmente a responsabilidade toda é da mulher da casa, de dar conta de tudo. Já que foi trabalhar fora e deixou a casa e os filhos então que pague uma empregada, porque ele não tem nada a ver com isso.	Informação Interação Informação	Confirmar Complementar Exemplificar
124.	S1: E a gente ouve muito falar que... eu até acredito, eu não sei se eu estou errada ou é um mito? QUE A CASA... QUEM DOMINA A CASA, A RELAÇÃO FAMILIAR É A MULHER. Gente! A gente ouve toda hora isso.	Avaliação Informação	Validar Exemplificar
125.	S2: Mas hoje em dia já está mudando, os casais novos, as coisas já são divididas. Eu vejo o meu filho casado, por exemplo. Cada um tem o seu papel já. Tipo assim: Ó você vai lavar sua roupa, eu vou cuidar disso aqui. Eles dividem mais as coisas.	Informação Avaliação	Infirmar Justificar
126.	S1: Eu acho que você tá certa. Eu sempre comento e já comentei isso e concordo que a GERAÇÃO DOS NOSSOS FILHOS... É A PIOR, EU ACHO, PRÁ GENTE. A gente sofre mais. Porque os novinhos, esses jovens de agora, os dois dividem as atividades dentro de casa, é muito mais fácil porque eles já estão... então a geração dos nossos filhos eu falo assim: não vai ter pior.	Avaliação Informação	Validar Explicitar
127.	S4: Não há nada que não possa piorar! @@	Interação	Reconhecer
128.	E: O que tu achas?	Acional	Incitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
129.	S4: É eu acho né? Que tudo isso aí faz sentido. Mas eu fico aqui pensando nesse item aí da Ideologia do Patriarcado, que eu acho que nós estamos vivendo um momento na nossa sociedade MUITO IMPORTANTE, EM QUE ISSO AÍ TÁ SENDO QUEBRADO.	Avaliação Avaliação Avaliação	Avaliar Criticar Tomar Posição
130.	S3: TOTALMENTE.	Interação	Conformar
131.	S4: E eu acho que de repente toda essa CARGA né? Que a gente tá tendo como mulher, a nossa queixa de abandono, de excesso de um monte de coisa... eu acho...que tem a ver com tudo isso. É todo um contexto cultural em que existem todos esses mitos, com essa diferenciação de papéis, COM UM GRAU FORTE SOCIAL EM QUE, SE VOCÊ FIZER DO JEITO QUE A SOCIEDADE DIZ, EU TE ACEITO. MAS SE VOCÊ NÃO FIZER, EU NÃO TE ACEITO. E como uma coisa que tem a ver com a quebra dessa ideologia, que eu acho que essa coisa do patriarcado tá sendo quebrada..	Avaliação Avaliação Informação	Avaliar Tomar Posição Confirmar
132.	S2: Tá.	Interação	Conformar
133.	S1: Mas é isso que a gente tá falando agora aqui.	Interação	Acentuar
134.	S4: Hoje EU NÃO ACHO QUE O HOMEM DETÉM O PODER DE UMA CASA NÃO! NÃO ACHO MESMO!	Avaliação Avaliação	Avaliar Tomar Posição
135.	S2: Dessa geração nova, não.	Informação Informação	Infirmar Explicitar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
136.	S4: DE VÁRIAS FAMÍLIAS QUE EU CONHEÇO, MINHA MÃE SERVIA A COMIDA DO MEU PAI, ELA BOTAVA NO PRATO. E LEVAVA ATÉ ELE. Então, hoje, eu acho que não é assim, a gente divide o orçamento familiar. Metade, como se diz, tomara fosse assim né? Metade é minha responsabilidade, metade é sua. Então eu acho que essa ideologia ela tá deixando de existir. Só que o COMPLICADOR é que tudo que se criou em termos de cultura e de mito em torno disso... EU ACHO QUE NÃO TEVE ESSA EVOLUÇÃO, né? Ou seja, a mulher tem que continuar sendo boa, dada, só que ela também agora precisa assumir uma função que socialmente, por anos, era do homem. E talvez, eu não sei, é uma ideia ainda confusa, mas que eu estou começando a construir agora, depois dessa conversa nossa né? SERÁ QUE TODA ESSA COISA DESSA NOSSA COBRANÇA NÉ? COMO MULHER, TAMBÉM NÃO TEM A VER COM ESSA COISA DE PA-PÉIS? Tá, eu cresci pra entender que: o homem da casa era o forte, era a figura, ele que tinha que manter trazer a comidinha e tudo. Só que o que eu to vivendo não é isso! E SERÁ QUE EU NÃO TÔ RECLAMANDO AGORA DO ABANDONO E ATÉ DA MINHA MÃE PORQUE ELA NÃO ME ENSINOU A VIVER? Ela não me ensinou porque ela não sabia. MAS SERÁ QUE EU AGORA NÃO TÔ AGORA NESSE SOFRIMENTO, NESSA QUEIXA TODA, POR CAUSA EXATAMENTE DISSO, PORQUE EU NÃO APRENDI ISSO? QUE EU CRESCI ESPERANDO ISSO	Avaliação Informação Informação Avaliação Interação	Avaliar Explicitar Exemplificar Justificar Contestar
137.	S1: Mas foi mudança né? Mudança.	Interação	Complementar
138.	S4: Pois é isso que eu estou falando, as mudanças sociais. Que estão galopantes.	Informação	Confirmar
139.	S1: Mas é por isso que vem a calhar com o que a gente falou, porque hoje a nossa geração ainda é de correr atrás do Mercado e dentro de casa, AINDA!	Informação	Explicitar
140.	S2: De ser supermulher, a gente quer ser supermulher.	Interação	Complementar
141.	S1: As filhas, o filho já não é mais, ele tá ajudando, ele tá participando, ele tá dividindo, entendeu? Então é uma geração que vai ser bem melhor. Parece.	Avaliação	Avaliar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
142.	S4: Acho que as mulheres precisam evoluir.	Avaliação	Avaliar
143.	E: E em relação a isso aqui, tem mais algum ponto?	Contratual	Estabelecer atividade
144.	S2: O estabelecimento de relações de poder...	Informação	Informar
145.	S1: Engraçado eu não sei por que eu passei a me, to me questionando, não sei por que veio esse assunto, não sei se cabe aí... Eu sou uma pessoa, eu tenho que, FELIZ QUANDO EU TENHO UMA PROGRAMAÇÃO FAMILIAR PRÁ FINAL DE SEMANA!QUANDO NÃO TEM EU FICO DESESPERADA.	Informação Informação	Informar Explicitar
146.	S4: Mas a gente que é mulher, a gente é inquieta né? Naturalmente inquieta, eu acho! Que a gente tem sempre essa coisa. Ai! Tem que fazer alguma coisa.	Interação	Complementar
147.	S2: ANSIEDADE! ISSO É ANSIEDADE.	Avaliação	Validar
148.	S4: É assim uma coisa terrível. Meu marido sempre vai pro sítio no sábado. E elas, claro! Tem os programas com os namorados né? Eu gosto de ficar sozinha, curiosamente. Eu gosto de ficar sozinha! Sabe? Deitar ver abobrinha na televisão. Jogar aquele jogo japonês de números. EU FICO HORAS, FAZENDO AQUILO, DEITADA, SABE? MAS EU SÓ CONSIGO FAZER ISSO SE EU TIVER SOZINHA. Eu acho que quando eles estão dentro de casa, EU TENHO UMA INQUIETANÇA, DE ESTAR FAZENDO AS COISAS. tem que tá fazendo, tá vendo, é interessante isso? Aí nesse dia elas saíram e eu me ESPARRAMEI por ali, fiz o que quis, ficava lá com o controle da televisão que EU ADORO ficar {trocar de canal}sabe? Quando eu to com o meu marido ele não deixa fazer isso. Eu acho que é muita essa coisa de papel. Papel sabe? Mulher é dentro de casa é pra cuidar de filho, cuidar da comida, cuidar da dispensa. MULHER DEITADA NO SOFÁ COM A MÃO NO CONTROLE, NEM PENSAR!	Informação Informação Interação	Explicitar Exemplificar Complementar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
149.	S3: O MARIDO CHEGAR E A MULHER TÁ DORMINDO? QUE HORRÍVEL! NÃO PODE!	Avaliação Interação	Validar Complementar
150.	E: Vamos passar pro outro então?	Acional	Tomar a palavra
151.	E: O que vocês elaboraram, aprenderam desde a semana passada né? Com os outros encontros que a gente fez. Do que vocês tomaram consciência nessas reuniões?	Contratual	Estabelecer atividade
152.	S4: Eu mesma acho que falei né? Dessa coisa de olhar pra isso, dessa coisa ser um mito, dessa inquietação da gente, da questão da queixa, pelo ou menos pra mim, serve pra mim ficar refletindo né? Eu acho que é UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA, eu cheguei a verbalizar Por exemplo, que a queixa sobre a minha mãe, muitas vezes... Não sei, se ela não fez porque não queria cuidar de mim, acho que ela não fez porque tinha lá as questões dela, as ocupações, né? É uma tomada de consciência de alguma forma, mas também eu acho que eu saio daqui com muitas interrogações. Eu queria sair daqui mais aliviada.	Avaliação Interação Avaliação	Avaliar Reconhecer Criticar
153.	S1: Isso me faz entender que eu tenho que buscar MAIS SEGURANÇA, MAIS FIRMEZA, sabe? De atitudes, MAIS SEGURANÇA EM TUDO. BUSCAR! Me faz questionar isso entendeu? As nossas reuniões.	Avaliação	Avaliar
154.	S2: Mesmo antes desses encontros, né? Eu já tinha descoberto muita coisa, mas que me ajudou a descobrir MAIS AINDA com os encontros aqui. De que, por exemplo, os nossos pais não fizeram por maldade, fizeram porque não aprenderam com os pais deles, porque é uma coisa que vem de geração em geração e que atualmente isso tá mudando muito, porque as gerações tão mudando muito também, né? Essa coisa mais dividida, de um respeitar mais o outro, sabe? Os tempos foram mudando. Já não tem mais esse patriarcado, já é mais uma coisa mais de convivência, de respeito um pelo outro, né? Entendi que a agente... mulher não é a dona do mundo. A gente tem o direito de errar, que a gente tem o direito de errar na educação dos filhos e corrigir. Mostra muito isso aí pra gente, esses encontros,	Avaliação Informação Interação	Avaliar Exemplificar Reconhecer

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
155.	S1: É me faz analisar muito, que eu sempre, ah! Eu tenho duas filhas, E assim me assusta quando me deparo com estas perguntas por que eu estou numa situação de mais responsabilidade, de mais... pra eu orientá-las... PELO OU MENOS. E eu tenho que sair dessa COBRANÇA DE CULPA, como você diz hoje, sua mãe não foi tão culpada, hoje você sabe entender melhor a sua mãe, você também entendeu melhor a sua mãe do jeito que ela agiu com você, NÓS TAMBÉM, GENTE, eu sei eu tenho certeza que eu falhei demais, mas eu não quero sentir esse pouquinho de culpa que eu estou sentindo. PORQUE EU FALHEI PRÁ ACERTAR. Eu preciso fazer esse exame de consciência e tirar essa culpa que está me machucando. Então todas essas reuniões me faz policiar mais a maneira de eu agir, sabe?	Avaliação Interação Informação	Validar Conformar Informar
156.	S4: Eu acho que tomar consciência também de que você, por exemplo, eu acho que a consciência de que você tem problemas muito parecidos traz um pouco de...	Avaliação	Avaliar
157.	S2: Conforto.	Interação	Complementar
158.	S4: Você não acha não? Você escutar a pessoa falando que sofre pelas mesmas coisas que você sofre? Eu acho que dá um pouco de conforto.	Avaliação Interação	Avaliar Reconhecer
159.	S3: É essa questão da consciência? Que nem eu falei pra vocês... Eu tomei consciência DE QUE MUITAS VEZES EU ME FAÇO DE COITADINHA E EU ACHEI ISSO HORRÍVEL! Entendeu? Eu fiquei horrorizada com isso. Eu não quero isso.	Informação Informação	Informar Explicitar
160.	S1: Engraçado porque a gente não gosta de quando uma pessoa reclamando, de quando uma pessoa inferior, não gosta de lidar com pessoas de coitadinha, e às vezes a gente se faz de vítima! Por quê? Somos tão frágeis? De que? Porque a gente toma tanta atitude...	Avaliação Interação	Validar Complementar
161.	S3: E a questão de filhos, ah! De sentir às vezes culpa e tal eu to assim: vou fazer isso assim dessa forma, se isso não der certo, beleza. Aonde eu perceber que não tá dando certo eu paro, vou parar e vou tentar fazer diferente. Vou mudar! Tenho colocado isso na prática já há algum tempo.	Informação Avaliação	Exemplificar Avaliar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
162.	S4: Ah! Eu me dei conta que eu tenho que trabalhar muita coisa ainda em mim viu I. Pra deixar que esse trator de menopausa. Essa crise de idade, a constatação é até a comprovação de que eu preciso prestar mais atenção em mim e me cuidar porque se não a coisa degrading. Porque eu acho aquilo que você falou a vida em casa, infelizmente por conta desses papéis e desses mitos... ela gira em torno da gente e eu acho que to, vivendo um momento de crise na minha vida POR ISSO PORQUE TUDO PASSA POR MIM, mas eu to me sentindo fragilizada, e mau to conseguindo me ajudar. Porque eu acho que eu sempre fiquei assim, acima com uma imagem de uma pessoa forte, fluída, sabe? Que resolvia as coisas e eu hoje eu... to me sentindo muito fragilizada. Me dá um pouco de tranquilidade vê que cada uma, dentro do seu contexto, tem o seu problema né? Mas eu acho que eu tenho que prestar mais atenção em mim e me cuidar.	Avaliação Interação Interação	Avaliar Conformar Reconhecer
163.	E: Foi isso que tu te destes conta?	Acional	Incitar
164.	S4: Foi. Eu acho que tenho que prestar mais atenção em mim como mulher, como mãe, como profissional, como amiga né? Assim naquele primeiro dia que a gente veio aqui eu fiquei pensando, a gente falou sobre a gente, ter independência, fazer as coisas eu saí daqui e me perguntei: se eu quiser me libertar daquela vida doméstica, de cuidar de tudo. Da A e da J e do meu marido tudo a tempo e a hora e sair com uma amiga, vocês acreditam que eu não tenho uma pessoa pra ligar e dizer: vamos sair? De tanto que eu me isolei do mundo.	Avaliação Informação Informação	Avaliar Informar Exemplificar
165.	S2: Eu acredito.	Interação	Conformar
166.	S3: Não é um privilégio seu se sentir isolada	Interação	Conformar

Trecho	Transcrição dos atos da fala	Esferas dos atos da fala	Categorias dos atos da fala
167.	S1: E o que eu passei de crises e o que acontece comigo, eu vou criando dentro de mim um falso eu. De não.. Tudo que acontece. Toda vez que eu tenho um problema eu me isolo e fico criando um falso eu. Problema com a minha filha, problema com o meu marido. Teve uma época do ano passado... formamos um grupo de amigas, mas entendeu? E isso é muito bom. Hoje eu converso com uma colega ela é até Psicóloga e ela fala assim pra mim: ah! Você não vai se CUIDAR NÃO? ESSE DINHEIRO, VOCÊ NÃO VAI SE CUIDAR NÃO? A G{nome da filha} A VAI TOMAR TODINHO SEU.	Avaliação Informação	Avaliar Explicitar
168.	S1: @@ Desse jeito! Então é uma situação que ninguém valoriza porque você tá fechada dentro de casa, corre pra lá, corre pra cá, elas iriam te valorizar muito mais e talvez até o seu marido se você ter esse grupo, vamos sair? Poxa! Que mãe pra frente. Minhas filhas hoje me criticam: mãe! Você tá fechada, você não busca nada, você não sai, sabe? Elas falam isso. E eu com consciência pesada quando viajo pelo CESP, meu Deus! Quase morro!	Informação Interação	Explicitar Conformar
169.	S4: De culpa.	Interação	Conformar
170.	S1: Morria, Hoje eu to vendo, meu Deus! EU TENHO QUE PENSAR EM MIM. Pra eu me fortalecer.	Informação	Confirmar

Nota. Os símbolos: @ significa riso, {} indica comentários do transcritor, letras maiúsculas significam fala com tom enfático, < > indica que a fala foi tomada e (...) significa pausa.

Discussão da terceira sessão do grupo focal.

A análise dos extratos da terceira sessão do grupo focal indica que, de forma semelhante às outras duas sessões, continuam a predominar o uso das esferas de: informação, interação e avaliação nos atos da fala das participantes da pesquisa. O mesmo pode-se dizer em relação ao pouco uso das outras esferas, acional e contratual, as quais foram utilizadas mais pela experimentadora do que pelas participantes do grupo.

A experimentadora usou também, nessa sessão, a esfera da informação, nas categorias informar e explicitar com o intuito de informar e de deixar claros os temas propostos para discussão. Em relação às categorias, observou-se que as participantes mantêm o uso frequente das mesmas categorias, as quais foram: explicitar, exemplificar e informar, na esfera da informação; complementar, conformar e reconhecer, na esfera da interação; e de: avaliar, validar e justificar na esfera da avaliação.

A análise quanto às esferas e categorias predominantes indica que continuou a prevalecer um acordo, um pacto de opiniões entre as participantes do grupo nessa última sessão. Registraram-se poucos momentos de uso de categorias que expressam discordância, tais como: contestar, na esfera da informação; e de criticar e tomar posição, na esfera da avaliação.

Vale destacar que essas categorias, quando usadas, referiam-se aos temas apresentados para discussão e não em relação às opiniões ou as falas entre as participantes do grupo. Em outras palavras, as participantes apreciavam os temas apresentados pela experimentadora, avaliando-os de forma crítica e, por vezes, contestando-os; porém, não se registraram atos da fala significativos em que as participantes contestassem as falas, umas das outras. Um dos momentos que ilustra esse aspecto pode ser visto na fala de S4:

É eu acho né? Que tudo isso aí faz sentido. Mas eu fico aqui pensando nesse item aí da Ideologia do Patriarcado, que eu acho que nós estamos vivendo um momento na nossa sociedade muito importante, em que isso aí tá sendo quebrado. (trecho 129)

Outro momento é quando S3 avalia a questão do instinto materno opondo-se à ideia apresentada de que o mito seria construído socialmente. Segundo ela: “Que eu acho que os instintos, a mulher ela realmente tem. A posição mulher ela já tem, quando ela engravida, por exemplo, ela começa a mudar todo pra receber aquele serzinho ali” (trecho 57).

Nessa sessão apresentaram-se novos temas para discussão, os quais foram extraídos da análise das narrativas e dos atos da fala nas sessões anteriores do grupo focal. O primeiro tema dessa sessão instigou as participantes a darem sua opinião quanto à percepção, por parte da experimentadora, do quanto elas eram cobradoras, fazendo cobranças da mãe, do marido e dos filhos.

As trocas verbais indicam que as participantes S1 e S2 concordam que adotam uma postura de cobrança, cobrando das pessoas com quem convivem, marido e filhos e até delas mesmas. S2 complementa dizendo que: “A gente naturalmente vive cobrando” dos outros e de si mesmas (ver trecho 2). S1 reconhece o quanto cobra do marido e filhas para que sejam da forma como ela acha que eles devam ser, percebendo sua intenção de dominar tudo e a todos (ver trechos 6 e 28). Ambas justificam que a cobrança em relação aos outros surge em função da cobrança que elas têm com elas mesmas, quanto ao desempenho de seus papéis, como mães ou donas de casa, querendo dar conta de tudo e achando que devem agir como uma “supermulher”, como se pode ver na fala de S2, (trecho 9), e de S1(trecho 28).

Essa justificativa apresentada por S1 e S2 é compatível com os resultados dos estudos de Pilla (2008), a qual aborda a criação de um modelo de feminilidade, em que se valorizava a conduta controladora da dona de casa, à qual era atribuída a tarefa de governar a si, seu lar e sua família. O que corresponde à ideologia da “mãe moral” apontada por Chodorow (1978), que deveria focar-se no cuidado dos filhos e do marido.

Em relação às participantes S3 e S4, os atos da fala indicam que elas avaliam o tema de forma crítica, concluindo que cobram muito mais delas do que dos outros, como se vê na fala de S3 (trecho 3) e de S4 (trecho 20). Outros aspectos importantes é que todas as participantes avaliam a cobrança muito mais em relação aos filhos do que em relação às mães ou aos maridos e, na avaliação crítica de S4, a cobrança está relacionada com a queixa do abandono sofrido pela mãe, filhas e marido.

A partir do momento que S4 introduz o assunto sobre a queixa do abandono, observa-se que as demais participantes entram no ritmo, discutindo sobre a questão e concluindo que, em geral, as mulheres costumam se queixar. Elas consideram essa conduta como tipicamente feminina (ver trecho 32), o que faz S3 se dar conta do quanto o reclamar contribui para que sintam dó de si mesmas, como se pode ver nos trechos 37 a 41:

S3: É eu percebi assim que a... eu não sei por que! Tem muito aquela coisa. . . De, meio que : ai! Coitadinha de mim! Sabe?

S2: De vítima né?

S3: Não sei bem se de vítima? Eu não gostei disso não! Eu não sou coitadinha, nunca fui. ... Eu me descobri nessa posição: ai! Coitadinha de mim. Que eu faço essas coisas e fico assim.

S1: Com dó de você.

S3: Ai! Coitadinha! Que dózinha de mim! Coisa horrível! Uma mulher linda e maravilhosa.

Em relação ao segundo tema dessa sessão, informou-se inicialmente como foi construída a ideia do mito do amor materno, segundo a filósofa Elisabeth Badinter, como sendo um amor

natural, instintivo e ilimitado. Em seguida propôs-se a reflexão de como a manutenção desse mito justifica as atitudes dos homens de não se engajarem na criação dos filhos.

As trocas verbais evidenciaram que as participantes entenderam a questão, porém, centraram-se na discussão em torno do mito do amor materno e do amor incondicional pelos filhos, referindo-se às crenças culturais que dão suporte a esse mito, tais como: “Mãe é mãe, mãe nenhuma larga um filho” (trecho 53). “O homem larga filho, mas mãe, não” (trecho 65). “Os filhos são sempre da mãe” (trecho 66), ou ainda de que as mulheres foram criadas para doarem-se aos outros e cuidarem de seus maridos e filhos (trechos 68, 70, 72), ou seja, de priorizar seu papel de mãe e de cuidadora.

A ideia apresentada da construção social do mito do amor materno é contestada por S3, a qual esclarece que o amor é instintivo e de natureza biológica, reforçando, assim, a ideologia da naturalização, como já citamos anteriormente. No entanto, S3 concorda que a ideia de atribuir à mulher a responsabilidade pela família e pelas tarefas domésticas seria algo cultural (ver trecho 57).

Essa questão apontada por S3 é abordada nos estudos de Santos (2011), ao analisar os discursos em nossa cultura sobre a domesticidade e sua relação com os modelos de identidade de gênero. Segundo essa autora, a ênfase dada pela nossa cultura para que as mulheres se identifiquem com o espaço doméstico e com a execução das atividades de cuidado e manutenção do lar, tem o intuito de estabelecer um padrão de comportamento e, desse modo, preservar valores e papéis de gênero tradicionais.

Em relação à fala de S4, vale destacar sua percepção de como as mulheres internalizaram a ideia do mito do amor materno, a tal ponto que, quando uma mãe não ama incondicionalmente seu filho, as mulheres são as primeiras a acusarem e condená-la, como se vê no trecho 73. As demais participantes concordam e complementam, dizendo que a mulher é considerada, uma “desnaturada e madrasta” (trechos 74 e 75) e avaliam os sentimentos que as mães têm ao serem mais enérgicas com seus filhos, como na fala de S1 no trecho 80. A discussão evolui e S4 traz para o grupo um questionamento: se a mulher que é mãe teria o direito de se cansar da própria filha, como se vê nas falas entre S4 e S3, nos trechos 83 a 85:

S4: Olha só! Eu vivo um problema atual com a minha filha caçula. A gente... não sei por que razão a gente bate muito de frente. . . E às vezes me dá um cansaço! Pensar, ai! Não to tolerando essa baixinha, sabe? Mas assim até prá mim é insuportável pensar isso! Até eu comigo mesma, sem nem verbalizar, prá mim é insuportável pensar nisso: eu não tô tolerando essa baixinha!

S3: Mas eu acho que é muito mais porque a pessoa se vê como uma pessoa horrorosa, uma mãe.

S4: Mas não é isso que eu me sinto . . . Porque eu acho assim. . . Será que eu tenho o direito de me cansar da minha filha? Acho que é isso aí. . . E tem dia que eu fico cansada. Podia ter uma maquininha de congelar ela uns doze dias!

Observou-se que a partir dessa fala de S4 as outras participantes concordam e identificam-se dando exemplos de situações semelhantes vividas com os seus filhos (ver trecho 88). S1 coloca o quanto é difícil para uma mãe deixar de amar incondicionalmente, como se vê em sua fala a seguir:

Tô vendo isso. E como é difícil a gente reeducar ou a gente tentar aprender pra como lidar com essa situação! É difícil. Eu fico desesperada, igual a você! Meu deus! Será que eu estou renegando a minha filha, será que eu... ah! Eu vou congelar? (trecho 94).

Essas trocas verbais evidenciam momentos, os quais apontam para uma tomada de consciência em relação à ideologia da naturalização, questionando a ideia de que o amor materno é algo inato. Nesse aspecto Rios e Gomes (2009) esclarecem que o amor materno não se trata de um instinto que surge quando a mulher gera uma criança, e sim, é um sentimento humano, podendo variar dependendo muito mais de um comportamento social do que uma condição biológica e instintiva.

O terceiro tema apresentado nessa sessão revelou contradições evidenciadas em análise. As participantes consideram o amor materno como algo natural, instintivo e próprio da mulher, porém, cobram dos homens a não participação com a criação dos filhos.

Em relação a esse tema, as participantes abordaram os seguintes aspectos: (a) entendem que a mulher costuma fazer tudo e não deixa o homem participar; (b) existe uma cobrança silenciosa, na qual, segundo S4, a mulher, imbuída desse mito, cobra silenciosamente a não participação do marido, como uma queixa; (c) as mulheres querem que os outros façam o que elas necessitam, sem que elas tenham que pedir ou falar; (d) reconhecem que a mulher é culpada dessa situação ao querer dar conta de tudo e ser uma supermulher; (e) a sociedade valoriza essa supermulher. Elas concluem que essas atitudes são próprias das mulheres e estão relacionadas, de fato, com o mito do amor materno (ver trecho 105).

O quarto tema apresentou a tese da naturalização e a ideologia do patriarcado, colocando-se que a nossa sociedade ainda é patriarcal. Outros aspectos relacionavam-se com a diferenciação dos papéis de gênero e o estabelecimento de relações de poder.

As participantes concordam que a nossa sociedade coloca a mulher numa condição de submissão, que é algo que vem desde o cristianismo, segundo o qual a mulher foi feita da costela de Adão. Discutem sobre as mudanças atuais, pontuam que o homem não é mais o único provedor e que a mulher que optou por trabalhar fora tem uma dupla jornada, isto é, trabalha fora e dentro de casa, enquanto que o homem permanece trabalhando apenas fora de casa.

S2 exemplifica essa situação relatando que a mulher que optou por trabalhar fora não pode deixar de cuidar do lar e da família, sendo cobrada principalmente pelo marido, o qual não assume essa responsabilidade (ver trecho 122). S1 valida essa fala comentando sobre a crença de que ainda se ouve nos dias de hoje que: “Quem domina a casa, a relação familiar é a mulher” (trecho 124).

S2 avalia, no entanto, que as gerações mais novas dividem as tarefas e responsabilidades domésticas de uma forma mais igualitária. O que é validado por S1 ao comentar sobre a geração dos filhos, que está mudando, que vai ser melhor que a anterior.

Em relação à ideologia do patriarcado, S4 faz uma avaliação crítica colocando que essa ideologia está sendo quebrada, afirmando que: “Hoje eu não acho que o homem detém o poder de uma casa não. Não acho mesmo” (trecho 134). Acrescenta mais adiante que apesar de o pai, de o homem não ser mais o principal provedor, e da mulher participar do orçamento familiar, ela tem que continuar sendo “boa e dada”, apontando que a ideologia deixa de existir, porém, as mulheres não evoluíram. Segundo S4, as mulheres ainda esperam e se queixam dos maridos, quando eles não cumprem seus papéis tradicionais de provedores (ver trecho 136).

Em relação ao tema das relações de poder, as participantes começam a falar sobre a inquietude da mulher e sua ansiedade em sempre estar fazendo algo dentro de casa. Entendem que isso tem a ver com o seu papel de gênero, o qual determina que, em primeiro lugar, o lugar de mulher é em casa e trabalhando, ou seja, desempenhando suas funções domésticas, como se vê na seguinte fala de S4:

Eu acho que quando eles estão dentro de casa, eu tenho uma inquietação, de estar fazendo as coisas. Tem que tá fazendo, tá vendo, é interessante isso? “Aí nesse dia elas saíram e eu me esparramei por ali, fiz o que quis, ficava lá com o controle da televisão Eu acho que é muito essa coisa de papel. Papel sabe? Mulher é dentro de casa é pra cuidar de filho, cuidar da comida, cuidar da dispensa. Mulher deitada no sofá com a mão no controle, nem pensar! (trecho 148)

Ao que S3 valida complementando que: “O marido chegar e a mulher tá dormindo? Que horrível! Não pode!” (trecho 149).

O último tema apresentado procurou indagar o que as participantes aprenderam e tomaram consciência durante as reuniões. S4 iniciou colocando sua tomada de consciência em relação à cobrança do abandono materno, o qual estava relacionado com a sua internalização do mito do amor materno.

S1 entende que tem que buscar mais firmeza e mais segurança em suas atitudes. Ela constata que os encontros propiciaram muitos questionamentos e a fizeram entender que tem que parar de se culpar e se responsabilizar por tudo em relação à educação das filhas, cobrando-se pelo o que deu errado em sua educação.

S2 descobriu coisas novas nesses encontros e entendeu que a mulher não é a dona do mundo, tem o direito de errar na educação dos filhos e de corrigir. S4 fala de que tomou consciência de que os seus problemas são parecidos como os das outras e de que isso traz certo conforto. S3 fala que tomou consciência de que se faz de coitadinha e ficou horrorizada ao se dar conta disso. Relata que tem mudado sua atitude com os filhos, não se sentindo mais culpada.

S4 coloca, no final, que compreendeu que precisa prestar mais atenção em si mesma como mulher, como mãe, como profissional, como amiga. Ela comentou que, ao priorizar seu papel de mãe e de provedora, isolou-se, não tendo uma vida social, nem amiga para sair, dedicando-se à família e aos filhos. Esse isolamento é confirmado pelas outras participantes em suas falas, como S3 e S1 quando complementa e diz que “viver fechada dentro de casa não a faz ser mais valorizada pela família” (trecho 168). Ela conclui que tem que pensar mais nela mesma e não sentir culpa por não atender a família em primeiro lugar.

Para finalizar, vale destacar a percepção de S1 ao criar um “falso eu”, no trecho 167:

S1: E o que eu passei de crises e o que acontece comigo, eu vou criando dentro de mim um falso eu. De não. Tudo que acontece. Toda vez que eu tenho um problema eu me isolo e fico criando um falso eu. Problema com a minha filha, problema com o meu marido.

Essa fala nos remete novamente ao termo usado por Harter (1998), de falso self, observado tanto em adolescentes como em mulheres, em que elas não dizem o que realmente pensam ou sentem, reprimindo suas vozes (Gilligan, 1982) escondendo seus sentimentos, diminuindo a si mesmas, pois receiam criar conflitos e temem desagradar os outros, o que poderia romper relacionamentos e levar ao abandono. Dessa maneira preferem mascarar seu self verdadeiro para não correr esses riscos.

Discussão Geral dos Dados Obtidos na Terceira Etapa

A análise dos atos da fala, quanto à predominância de esferas e categorias, revelou que as participantes mantiveram, ao longo dos três encontros, um acordo de opiniões em relação aos temas apresentados para discussão. Os momentos marcados por críticas e contestações dirigiram-se muito mais aos temas apresentados do que às falas e opiniões entre as participantes. Isso significa que durante as três sessões prevaleceram entre as participantes um ambiente de conformidade, propiciando o compartilhamento de experiências, as trocas de apoio e criação de uma identificação grupal, condutas consideradas como tipicamente femininas como já destacado anteriormente, pelos autores Câmara e Carlotto (2007), Mehta e Strough (2010) e Rosistolato (2009).

Dos poucos momentos marcados por contradições entre as participantes, é importante ressaltar que as falas que expressavam uma tomada de posição, eram falas mais assertivas e diretas. Essas falas provocavam uma reação inicial de contestação irônica pelas demais participantes do

grupo, a qual não se mantinha por muito tempo, pois o grupo buscava entrar em conformidade em seguida.

Esse resultado demonstra a dificuldade das mulheres em nossa sociedade de adotarem, ou mesmo de aceitarem entre elas, uma fala feminina mais franca e direta, ou seja, uma fala que, segundo a definição de Harter (1998), expressa o que realmente a pessoa pensa e acredita e não o que os outros gostariam de ouvir.

Esse aspecto tem sido estudado por diversos autores, os quais enfatizam que as mulheres são socializadas, desde pequenas, a viver em função dos outros, para agradar aos outros e não para contestá-los ou confrontá-los. Dessa maneira, elas são incentivadas em suas relações a serem dóceis e educadas ou até mesmo a calarem-se, o que as leva a suprimir suas vozes, suas opiniões e sentimentos verdadeiros e a desenvolverem relações inautênticas (Badinter, 1985; Fávero, 2010b; Gilligan, 1982; Harter, 1998; Sánchez & Castillo, 2013; Theran 2009).

Ainda em relação à fala, observou-se que, no final, o grupo focal proporcionou um espaço, no qual, as participantes puderam parar e pensar em si mesmas e não só nos outros (marido e filhos), fazendo-as concluírem que precisam prestar mais atenção a elas mesmas. Isso indica que as sessões e as reflexões realizadas no grupo focal, contribuíram para que elas dessem voz as suas opiniões e desejos como pessoas, mulheres e profissionais e não só como mães.

A análise das trocas verbais revelou momentos importantes de interação entre as participantes, nos quais a expressão de suas ideias, o debate e a reflexão conjunta, fizeram com que elas desenvolvessem uma tomada de consciência sobre aspectos importantes de suas vidas (Fávero, 2012). Isso as levou a rever, questionar e analisar suas formas de pensar e agir, de como, por exemplo, construíram e vêm desempenhando seus papéis femininos em suas relações interpessoais e sociais, como mulheres, mães, esposas e profissionais.

Segundo Fávero (2012), a reflexão e interação propiciada pelo grupo focal podem levar à tomada de consciência dos sujeitos sobre seus próprios paradigmas e à reelaboração de suas práticas pessoais e sociais:

Á medida que reformulamos os significados que atribuímos à vida, aos outros, ao mundo e a nós mesmos, nós reformulamos também nossa interação com a vida, com os outros, com o mundo e conosco, interação essa que se revela por meio do que temos nos referido como prática pessoal e prática social. (Fávero, 2010, p. 126)

Dentre esses momentos de tomada de consciência, destacamos os seguintes: (a) percepções quanto ao seu papel social:

- De que a mulher existe para satisfazer as necessidades e desejos do outro, principalmente dos filhos, “fazer o que os outros querem que você faça”, deixando de lado seus desejos, sua sexualidade e seus projetos profissionais;

- De como essa situação as tornam pessoas dependentes; da tendência da mulher, de esperar apoio, principalmente dos pais, em função do apego feminino; de como tendem a se menosprezar, não valorizando o que fazem ou o que conseguiram ser;

(b) percepções acerca da internalização de atitudes tidas como tipicamente femininas, tais como as de:

- Queixar-se, ter dó de si mesma, fazer-se de coitadinha, esconder problemas do marido, silenciar;
- Dar mais importância àquilo que lhes falta (abandono e ausência dos pais e maridos) do que àquilo que possuem (apoio feminino);

(c) percepções em relação ao modo como desempenham seus papéis de mãe, dentro da ideia do mito do amor materno:

- Queixa da mulher de arcar sozinha com o cuidado da família que está relacionada à sua dificuldade de pedir ajuda, de delegar funções e responsabilidades domésticas aos outros ou de querer dominar e governar o lar, tarefas tidas como naturalmente femininas e que contribuem para que o marido não participe da criação dos filhos;
- As mulheres tendem a tratar os maridos como se fossem filhos;
- As mulheres internalizaram tanto a ideia do mito do amor materno, que, quando uma mãe não ama incondicionalmente seu filho, ela são as primeiras a acusá-la e a condená-la, concluindo, assim, que o mito do amor materno é uma verdade e até mesmo uma “regra”.

Vale ressaltar que o reconhecimento quanto a importância da tomada de consciência e o fato de não saírem aliviadas ao final das sessões, relatado por algumas participantes, apontam para o fato de que a tomada de consciência não se trata de algo que traz alívio, pois incita a uma tomada de atitude de também, de mudança de comportamento.

Observou-se que apesar da tomada de consciência as participantes defenderam algumas crenças e valores tradicionais, tais como: que o amor materno é algo natural e instintivo, portanto, de origem biológica, algo até mesmo “hormonal”, como dito por uma das participantes.

Outro aspecto refere-se à crítica quanto à permanência de uma ideologia patriarcal em nossa sociedade, a qual, segundo elas, está sendo “quebrada”. As participantes entenderam que as mulheres também se tornaram provedoras e dividem as despesas domésticas, que os homens não detêm mais o poder da casa e que as gerações mais jovens possuem uma relação mais igualitária, ao dividirem as funções e responsabilidades domésticas. No entanto, avaliam que apesar de o pai, de o homem não ser mais o principal provedor, espera-se ainda da mulher que ela continue a ser “boa e dada”, concluindo que a ideologia deixa de existir, porém, as mulheres não evoluíram.

Essa reflexão sugere que, apesar de hoje em dia ser valorizado o desempenho de outros papéis pelas mulheres, a sociedade espera ainda que elas sigam um padrão de feminilidade, no qual

elas devem: ceder, agradar e servir aos outros. Essas atitudes são compatíveis com o discurso de “boas mães” apontado no estudo de Amazonas et. al (2011), com o estereótipo de “boas mulheres”, conforme defendido por Gilligan (1982), e também com as pesquisas sobre feminilidades hegemônicas, nas quais ser mulher é: ser delicada, dócil, obediente, discreta e subordinada ao homem, conforme citado no estudo de Bordini e Speb (2012).

Discussão Geral do Estudo

Nessa discussão retomaremos as análises e discussões desde as narrativas até o grupo focal, para destacarmos os aspectos mais relevantes evidenciados ao longo dessa pesquisa. O primeiro aspecto refere-se à pertinência da proposta metodológica desenvolvida por Fávero (2005, 2012) e empregada na coleta de dados dessa pesquisa psicológica, a qual possibilitou que se alcançassem os objetivos propostos, isto é, de investigar como as mulheres vivenciam o seu processo de socialização e constroem os seus papéis de gênero.

Trata-se de uma proposta que privilegia procedimentos de pesquisa qualitativos, tais como: as narrativas e os grupos focais, os quais permitem evidenciar os significados, assim como o paradigma pessoal de cada sujeito que partilha tais significados (Fávero, 2005).

Evidenciou-se, nesse estudo, que tanto as narrativas quanto os grupos focais possibilitaram que as participantes expressassem os significados pessoais de gênero, construídos ao longo de suas vidas e de como elas interagiram com os significados de gênero presentes na sociocultura e mediados pela sua socialização, durante o seu desenvolvimento psicológico. Esses resultados confirmam, além da pertinência do método, a tese defendida por Fávero (2010b), sobre a importância na análise da interação dialética entre o indivíduo e o seu meio sociocultural para se compreender a subjetividade gendrada e a construção dos papéis de gênero.

Em relação à expressão de significados, os dados corroboram as observações feitas em 1982, por Gilligan. Em suas pesquisas, a autora confirmou que as pessoas, ao falarem de suas vidas, falam de uma forma significativa, ou seja, revelando os significados mais importantes construídos em suas vidas e a linguagem que usam, assim como as conexões que fazem revelam o mundo como elas veem e no qual elas atuam (p. 2).

Além disso, ao falarem de suas vidas, as pessoas expressam as suas emoções, o que se evidenciou pelas falas enfáticas das participantes, ao gravarem suas respostas, bem como nas suas trocas verbais durante as sessões de grupo focal. Dessa forma, conclui-se que o método empregado além de revelar significados, permite também falar sobre emoções. A análise e estudo das emoções é uma proposta defendida por Fávero (2010b), a qual possibilita uma melhor compreensão dos processos de socialização de gênero tal como evidenciado nesse estudo.

Do ponto de vista metodológico, outro aspecto relevante a destacar refere-se à tomada de consciência verbalizada pelas próprias participantes, ao escreverem suas histórias de vida, ao

ouvirem suas próprias vozes, quando gravaram suas respostas às questões complementares e quando compartilharam essas vozes nos grupos focais. Quanto a isso, Fávero (2012) destaca que, ao expor ao grupo os seus pontos comuns, produz-se um questionamento entre os participantes que pode conduzi-los à tomada de consciência de questões não refletidas anteriormente por eles.

O método empregado, portanto, possibilitou que as participantes refletissem sobre os seus paradigmas pessoais, sobre os seus valores e crenças, proporcionando uma análise crítica e coletiva sobre as suas atitudes. Foi possível que ocorresse uma tomada de consciência, de cada uma das participantes, principalmente em relação aos significados e valores atribuídos no desempenho de papéis femininos tradicionais, especialmente o de mãe. (Fávero, 2005).

Em particular, destacamos que o emprego da análise dos atos da fala, tal como proposto por Fávero (2005), permitiu que se evidenciassem aspectos importantes da socialização feminina, presentes nas interações verbais das participantes. Um deles se refere à falta ou dificuldade das mulheres de serem assertivas em suas falas.

Como já comentamos anteriormente, vários autores que investigam sobre psicologia do gênero afirmam que a “fala direta e franca” não faz parte da ideologia feminina, pois as mulheres, desde cedo, são socializadas para agradarem ao outro. (Badinter, 1985; Gilligan, 1982; Harter, 1998; Sánchez & Castillo, 2013; Theran 2009). São socializadas para a docilidade e para a submissão como foi constatado nos estudos de Traverso-Yepéz e Pinheiro (2005) e de Holub et al. (2008), ou para não tomarem uma posição clara e crítica, como é referido em Fávero (2010b).

Esses estudos nos indicam que a socialização feminina, além de conduzir a não assertividade nas mulheres, pode conduzir a criação de relações inautênticas consigo mesmas e com os outros, a criação de um falso self, como é defendido nos estudos de Harter, (1997, 1998) e confirmado nesse estudo. Essa confirmação pode ser verificada, por exemplo, quando uma das participantes disse que tinha a sensação de estar criando um “falso eu” ao esconder do marido problemas familiares; e também quando outra participante disse ter adotado uma postura de silenciamento com o marido, ou seja, calando sua voz, nas palavras de Gilligan (1982).

Iremos retomar, tal como fez Fávero (2010b), as teses defendidas por Gilligan (1982), como já fizemos no decorrer deste estudo, e também por Chodorow (1978, 2002, 2012, com o objetivo de entender a assertividade e outras atitudes, como a dependência, o apego, o medo ao abandono, a queixa, isto é, o foco em afetos e eventos negativos, que são apontados por alguns autores como atitudes tipicamente femininas (Cox et.al., 2010; Sánchez & Castillo, 2013; Sampaio et.al., 2008; Simonson et.al., 2011).

A escolha dessas teóricas e pesquisadoras feministas justifica-se pela adoção de uma abordagem compatível com a que é empregada nesse estudo, a qual considera tanto os aspectos socioculturais, como os pessoais ao analisar a construção de significados de gênero, pelos indivíduos, ao longo do seu desenvolvimento psicológico. Nas palavras de Chodorow (1978): uma

abordagem que preza pela interconexão entre “psiqué, cultura e sociedade” (p. 10) e que considera a análise da subjetividade feminina o ponto central para se entender uma sociedade gendrada, como já mencionamos na fundamentação teórica desse estudo.

No livro de Gilligan, *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, publicado em 1982, a autora, ao investigar as diferenças nas formas de pensar e de falar de homens e mulheres, constatou que a perda da autenticidade nas vozes femininas ocorre na transição para a adolescência quando as meninas começam a se identificar com o papel social de “boa mulher”. Uma mulher que é agradável, educada, não assertiva e quieta e, portanto, que se enquadra, sob o ponto de vista sociocultural, às convenções sociais femininas, ainda muito patriarcais, relacionadas à bondade e mansidão.

Segundo os dados dos seus estudos, Gilligan (1982), define a “boa mulher” como aquela que não declara abertamente as suas afirmações, mascarando-as através da evasão. Nega a sua responsabilidade e alega que apenas quer atender as necessidades dos outros; enquanto que “mulher má” é aquela que expressa a sua voz verdadeira. . . “. que não se compromete em seguir convenções que possam levá-la a uma autodecepção ou à traição de si mesma” (p. 71).

Diante desse dilema entre o self e o outro, entre compaixão e autonomia, ou ainda entre feminilidade e maturidade, conforme é tratado por Chodorow (1978), Gilligan (1982), conclui que o temor de serem rejeitadas, de perderem o apoio ou até mesmo de serem abandonadas pelos outros são os motivos que levam as adolescentes, e mais tarde mulheres, a optarem por calar suas vozes, opiniões e sentimentos. Portanto, para a autora a importância que as adolescentes e mulheres dão às suas relações com os outros é o ponto chave para se entender a perda da assertividade nas vozes femininas, bem como as outras atitudes, como a dependência, o apego, o medo ao abandono e a queixa da falta de apoio.

A importância que as mulheres dão às relações é fundamentada pela tese de Chodorow que, em 1974, já defendia a ideia de que as mulheres vivenciam um self definido sempre em relação a alguém, contrário ao self criado pelos homens, o qual procura negar as relações e as conexões com os outros, conforme já afirmado na fundamentação teórica.

Dessa forma, como vimos, a identificação primária, de forma direta e contínua, da menina com a sua mãe propicia o estabelecimento de relações de apego e de dependência. Isso pode gerar dificuldades futuras para essa menina que, quando adulta, poderá não saber como lidar com a separação e sua individuação, processos psicológicos essenciais de seu desenvolvimento psicológico humano (Chodorow, 1978; Fávero, 2010b; Gilligan, 1982).

Com base no que foi exposto por Chodorow (1978), pode-se concluir que a internalização dos papéis de gênero femininos ou a construção identitária feminina se dá em um contexto relacional, mediada por um vínculo direto e afetivo existente entre a menina e sua mãe. Essas relações têm implicações positivas e negativas no desenvolvimento psicológico das meninas. As

positivas referem-se à capacidade de sentir empatia e de aprenderem a desenvolver conexões afetivas e pessoais com os outros. O lado negativo seria uma fixação nessas relações afetivas, podendo torná-las dependentes delas. (Chodorow, 1978).

Nas três etapas de coleta de dados deste estudo evidenciou-se a questão de dependência entre as participantes, seja por meio de suas queixas de abandono e referências frequentes à ausência do apoio masculino, seja pela necessidade de ter alguém ao seu lado, dando suporte e decidindo o que elas devem fazer; ou que as façam felizes, acreditando que sua felicidade não está em suas mãos, e sim nas mãos de um “príncipe azul”, conforme é citado nos estudos de Sánchez e Castillo, 2013.

Essas crenças femininas retiram a responsabilidade dos ombros das mulheres pela sua própria felicidade, pela realização de seus desejos e pela tomada de decisões em suas vidas e contribuem para que se mantenham suas relações de dependência e apego aos outros. (Sánchez & Castillo, 2013).

Outro resultado importante deste estudo relaciona-se à internalização do papel de mãe, dentro da ideia do mito do amor materno, conforme vimos na fundamentação teórica, segundo a análise de Badinter (1985), e de Del Priore (2009), o qual foi confirmado e reconhecido por todas as participantes de uma forma significativa. Todas assumiram que em algum momento de suas vidas responsabilizaram-se pelos atos dos seus filhos e sentiram-se culpadas por não exercerem o papel de “boas mães”, o que ratifica os resultados do estudo de Amazonas, et. al, 2011, citado na Tabela 4, sobre subjetivação feminina.

Essa questão, apresentada na terceira sessão do grupo focal, incentivou-as a questionar se a mulher que é mãe teria o direito de se cansar dos próprios filhos, correndo o risco de ser considerada uma “mãe desnaturada”, como foi dito por elas. Em outras palavras, será que poderiam deixar de priorizar o seu papel de mães e focarem-se mais nos seus desejos e necessidades próprias, como mulheres, pessoas e profissionais? Poderiam deixar de cuidar das necessidades dos outros, em especial de seus parceiros e filhos? (Harter, 1998; Sánchez & Castillo, 2013). Em suma, como diz Fávero (2010b), elas poderiam romper com os códigos e padrões de feminilidade mediados pela sua socialização desde meninas?

Sim, é possível! Com base na literatura dos estudos de gênero, Fávero (2010b) esclarece que os estudiosos dessa área concordam que os indivíduos devem ir além e questionar mitos e ideologias (da naturalização) que fundamentam as práticas sociais e pessoais. Devem refletir criticamente sobre os significados que fundamentam essas práticas e que os levam à repetição de determinados padrões de comportamento que os aprisionam a seus papéis sociais gendrados, os quais, segundo a autora, não são “naturais e imutáveis” (p. 8); eles são, antes de tudo, construídos e como tal podem ser modificados.

Dessa forma, ao assumirmos a perspectiva psicológica defendida por Fávero (2010b), de que o ser humano é um ser ativo e construtor do seu próprio desenvolvimento e não um mero reflexo de sua sociocultura, consideramos que ele é capaz de construir novas formas de ser homem e de ser mulher, novos paradigmas pessoais que possam conduzir a uma maior igualdade e bem estar nas suas relações interpessoais, “ao reformular os significados que atribuí à vida, aos outros, ao mundo e, principalmente, a si mesmo” (p. 160).

PARTE IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo principal investigar, junto a um grupo de quatro mulheres, como elas vivenciaram sua socialização feminina e construíram os seus papéis de gênero, ao longo do seu desenvolvimento, a partir de suas narrativas. Para tanto, procurou-se analisar dados relevantes narrados em suas histórias de vida, desde a sua infância até os fatos mais recentes compartilhados em suas interações durante os grupos focais.

Procuramos captar, em suas narrativas e em suas vozes, quais eram os seus paradigmas pessoais construídos em relação a gênero. O intuito foi identificar quais foram os valores, as crenças sociais e os padrões de feminilidades internalizados por elas, seja junto às suas famílias de origem, como também no momento atual, junto às famílias que criaram, ao desempenharem seus papéis femininos tradicionais, como esposa, e mãe.

De posse desses dados, procuramos analisá-los, tanto do ponto de vista social quanto psicológico. Desse modo, nosso estudo procurou articular os aspectos culturais mediados na interação dialética do indivíduo e sua sociocultura, com os aspectos subjetivos e individuais construídos pelo próprio sujeito, ao longo do seu desenvolvimento psicológico, conforme é defendido por Fávero em seus trabalhos anteriores (2005, 2006, 2007, 2009, 2012).

Acreditamos que uma das contribuições desse estudo para a psicologia deve-se, em primeiro lugar, ao fato dele demonstrar a importância de se estudar questões de gênero quando se quer compreender os processos do desenvolvimento psicológico humano, tais como a socialização dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres e a construção identitária pessoal dos indivíduos. Em segundo lugar, acreditamos que esse estudo contribui para o conhecimento sobre a socialização enquanto processo de desenvolvimento psicológico, pois, em nosso levantamento da literatura, constatamos que o tema referente à socialização e papéis de gênero aparece com maior frequência em publicações científicas nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Antropologia, do que na área de Psicologia. Esse fato demonstra, portanto, que predominam as perspectivas sociológicas para a análise desse tema, em detrimento das perspectivas psicológicas e desenvolvimentais, tal como procuramos abordar nesse estudo.

Quanto à sua relevância científica, destacamos o desafio metodológico assumido nessa pesquisa. Para estar em conformidade com a tese de Fávero (2005, 2012), assumida nesse estudo, de que o ser humano é um ser ativo e construtor permanente do seu próprio desenvolvimento, adotamos uma perspectiva teórica, conceitual e metodológica desenvolvida por Fávero (2005, 2012), na qual o sujeito da pesquisa teve voz e uma participação ativa na própria construção dos dados.

Essa participação ativa ocorreu no sentido de que a colaboração dos sujeitos da pesquisa não se restringiu apenas ao fornecimento de dados, de uma forma passiva. As participantes, ao contrário, foram ouvidas e convidadas a emitir suas opiniões, a esclarecer, podendo concordar ou discordar da análise e da interpretação de suas narrativas, realizada pela experimentadora da pesquisa.

Esse método alternativo oportunizou o acréscimo de novos elementos para análise, além de estimular o desenvolvimento de um pensamento reflexivo e crítico dos sujeitos sobre os dados apresentados.

O engajamento das participantes na pesquisa, tanto na coleta de dados, como em sua análise e interpretação e, às vezes, até mesmo na avaliação da pesquisa, trata-se, na verdade, de um desafio metodológico, de uma alternativa metodológica posta em prática nessa pesquisa. Uma alternativa que está em concordância com a postura metodológica empregada nas pesquisas feministas que investigam sobre a subjetividade humana, as quais procuram defender a realização de uma prática científica mais inclusiva e transformadora capaz de promover uma psicologia mais reflexiva e crítica (Morawiski, 1997).

Com essa abordagem metodológica, os sujeitos da pesquisa verbalizaram suas críticas, quando lhes foi colocado que a nossa sociedade ainda é muito patriarcal, durante as discussões no grupo focal. Alegaram que o homem realmente era o principal provedor nas famílias e as mulheres eram submissas, em sua geração, porém, nas novas gerações, como a de seus filhos, presenciam relações mais igualitárias, com a participação masculina nas tarefas domésticas e a participação feminina nas despesas financeiras.

Essa questão levantada pelos sujeitos da pesquisa sugere que se façam novos estudos para verificar, junto a novas gerações, qual a influência das ideologias sociais, como a do patriarcado, da naturalização, da feminilidade e da masculinidade, nos indivíduos, quanto à construção de seus papéis de gênero e em suas relações interpessoais.

Para tanto, sugerimos que se realizem pesquisas transversais com indivíduos de diferentes faixas etárias, nascidos em décadas diferentes e mais recentes para que se possam avaliar as mudanças sociais e o seu impacto no desenvolvimento psicológico dos indivíduos. Dessa forma, será possível verificar também se a nossa sociedade ancora-se ainda em parâmetros patriarcais ou se vivemos sob a predominância de configurações patriarcais mascaradas, como foi apontado por

alguns autores, ao longo desse estudo (Amazonas, Vieira & Pinto, 2011; Fávero & Abrão, 2006; Gilpatric, 2012).

Sugerimos pesquisas com grupos mais heterogêneos, além de idades diferentes, sujeitos de diferentes classes sociais, raças e culturas para que se possa estudar a identidade de gênero e a sua intersecção com outras identidades sociais, tal como proposto pela perspectiva da interseccionalidade na teoria feminista (Shields, 2008).

Para finalizar, acreditamos que esse estudo revelou a necessidade de se rever as práticas socializadoras de gênero, empreendidas nas escolas, nas famílias, nas relações entre pais e filhos (as), entre os casais e pela mídia, as quais produzem seus efeitos, como a aprendizagem de traços e condutas tipicamente femininas.

Condutas como a falta de assertividade, a dependência, o apego e o medo ao abandono, tal como foi evidenciado nesse estudo, são efeitos de uma socialização gendrada, pois comprometem o desenvolvimento de self mais verdadeiros e autênticos nas meninas e adolescentes. Essa situação poderá torná-las pessoas alienadas, delas mesmas, isto é, alheias aos seus desejos e necessidades, vivendo com carências, ausências e limitações, o que certamente terá implicações em suas relações interpessoais e em suas trajetórias de vida, quando atingirem a idade adulta. (Gilligan, 1982; Harter, 1998; Fávero, 2010b; Sánchez & Castillo, 2013).

REFERÊNCIAS

- Abrão, L. G. M. (2003). *O feminino e o masculino em "malhação: Identidade e identificação de adolescentes frente à telenovela"* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirado em http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/4564/1/2009_LarissaGuimaraesMartinsAbrao.pdf.
- Abrão, L. G. M. (2009). *A participação política da mulher: Uma análise do ponto de vista psicológico* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirado em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4564/1/2009_LarissaGuimaraesMartinsAbrao.pdf.
- Abrão, L. G. M., & Fávero, M. H. (2004). A interlocução de adolescentes frente à telenovela e a manutenção dos papéis de gênero: uma análise dos atos da fala. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, 8, 9-19.
- Amazonas, M. C., Vieira, L. L., & Pinto, V. C. (2011). Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31, 314-327.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1980).
- Bakhtin, M. (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem* (2ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. et al. (1971). *A análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes.
- Barthes, R. (1993). *The semiotic challenge*. Oxford, Basil: Blackwell.
- Berger, P., & Luckman, T. (1973). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Blakemore, J. E., & Hill, C. A. (2008). The child gender socialization scale: A measure to compare traditional and feminist parents. *Sex Roles*, 58, 192-207. doi: 10.1007/s11199-007-9333-y
- Bordini, G. & Speb. (2012). Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25, 738-746.
- Bordo, S. (1986). The cartesian masculinization of thought. *Signs*, 11, 439-456. Retirado em <http://www.jstor.org/stable/3174004>.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. (M. H. Kuhner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 160 p. (Trabalho original publicado em 1990).
- Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry* 18(1), 1-21.
- Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2007). Coping e gênero em adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 12, 87-93. doi: 101590/S1413-73722007000100011
- Carvalho, A. M., Cavalcanti, V. R., & Almeida, M. A. (2008). Mulheres e cuidado: Bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? *Paidéia*, 18, 431-444.

- Chabrol, C., & Bromberg, M. (1999). Préalables à une classification des actes de parole. *Psychologie Française*, 44, 291-306.
- Chodorow, N. (1978). *The reproducing of mothering: Psychoanalysis and sociology of gender*. Berkley, CA: University of California Press.
- Chodorow, N. (1990). *Psicanálise da Maternidade: Uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Chodorow, N. (2002). The cycle completed: Mothers and children. *Feminism & Psychology*, 12, 11-17. doi: 10.1177/0959353502012001002
- Chodorow, N. (2012). *Individualizing gender and sexuality: Theory and practice*. New York, NY: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Colley, A. (2008). Young people's musical taste: Relationship with gender and gender-related traits. *Journal of Applied Social Psychology*, 38, 2039–2055.
- Collins, R. L. (2011). Content analysis of gender roles in media: Where are we now and where should we go? *Sex Roles*, 64, 290-298. doi 10.1007/s11199-010-9929-5
- Cordazzo, S. T., & Vieira, M. L. (2008). Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, 365-373.
- Correia, M. F. (2003). A constituição social da mente: (Re) descobrindo Jerome Bruner e construção de significados. *Estudos de Psicologia* 3, 505-513.
- Costa, F. G. (2006). *A tomada de consciência e o grupo focal na transformação das representações sociais do envelhecimento: uma pesquisa de intervenção*. (Tese de doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirada em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6673/3/2006_FilomenaGuterresCosta.pdf
- Cox, S. J., Mezulis, A. H., & Hyde, J. S. (2010). The influence of child gender role and maternal feedback to child stress on the emergence of the gender difference in depressive rumination in adolescence. *Developmental Psychology*, 46(4), 842-852. doi: 10.1037/a0019813
- Del Priore, M. (2009). *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. São Paulo: Unesp.
- Diniz, P. K., & Salomão, N. M. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paidéia*, 46, 145-154.
- Doise, W. (1998). *Representation sociale dans l'identité personnelle*. Trabalho apresentado na Jornada Internacional sobre Representações Sociais, Natal/RN.
- Fávero, M. H. (1995). A mediação do conhecimento psicológico na produção de um texto para o professor. *Temas em Psicologia. Ensino, Formação e Orientação*. Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, 1, 11-21.
- Fávero, M. H. (1997). Menina, moça e mulher: O ser feminino na psicologia. In: M. Gimenes. *A mulher e o câncer*. Campinas, SP: Psy.

- Fávero, M. H. (2001a). "E se fosse comigo?": Os adolescentes frente a uma situação hipotética de gravidez. *Universitas Psychologia*, 2, 62-81.
- Fávero, M. H. (2001b, dezembro). *Regulações cognitivas e metacognitivas do professor: Uma questão para a articulação entre a psicologia do desenvolvimento adulto e a psicologia da educação matemática*. Trabalho apresentado no I Simpósio Brasileiro de Psicologia da Educação Matemática, Paraná.
- Fávero, M. H. (2005). Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: Por uma articulação teórica e metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 17-25.
- Fávero, M. H. (2007). Paradigme personnel et champ conceptuel: Implications pour les situations didactiques. In M. Merri (Eds.), *Activité Humaine et Conceptualisation* (pp. 625-634). Toulouse, France: Presses Universitaires du Mirail.
- Fávero, M. H. (2010a). Mediação do conhecimento e gênero: Uma hegemonia partilhada. In E. Guérios & T. Stoltz (Eds.), *Educação e Alteridade*. São Carlos, SP: Editora da Universidade de São Carlos.
- Fávero, M. H. (2010b). *Psicologia do gênero: Psicobiografia, sociocultura e transformações*. Curitiba/ PR: UFPR.
- Fávero, M. H. (2012). A pesquisa de intervenção na construção de competências conceituais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 17, 103-110.
- Fávero, M. H., & Abrão, L. G. M. (2006). "Malhando o gênero": O grupo focal e os atos da fala na interação de adolescentes com a telenovela. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 175-182. doi: 10.1590/SO102-37722006000200007
- Fávero, M. H. & Maracci, I. L. (2012, Junho). *Recits et groupe focal: L'implication des participants dans la construction de la connaissance sur les representations sociales de genre*. Trabalho apresentado na XI Conferência Internacional de Representações Sociais, na Universidade de Évora, Portugal.
- Fávero, M. H., & Mello, R. M. (1997). Adolescência, maternidade e vida escolar: A difícil conciliação de papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, 131-136.
- Fávero, M. H., & Trajano, A. A. (1998). A leitura do adolescente: Mediação semiótica e compreensão textual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14, 229-240.
- Floriano, E. C. S. (2006). *O grupo focal e os atos da fala na mediação de competências em adultos: um estudo junto a mães de deficientes visuais* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirado em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1827/1/2006_Eliete%20Carvalho%20Santos%20Floriano.pdf.
- Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: Teoria e Prática* 8, 123-131.

- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Liber Livro Editora. Série Pesquisa em Educação.
- Garlick, S. (2003). What is a man? Heterosexuality and the technology of masculinity. *Men and Masculinities* 2, 156-172.
- Gergen, K., & Gergen, M. (2010). Scanning the landscape of narrative inquiry. *Social and Personality Compass* 4/9, 728-735. doi: 10.1111/j.1751-9004.2010.0029x
- Gillespie, R. (2003). Childfree and feminine understanding of the gender identity of voluntary childless women. *Gender & Society*, 17, 122-136. doi: 10.1177/0891243202238982
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press.
- Gilpatric, K. (2010). Violent female action characters in contemporary american cinema. *Sex Roles*, 62, 734-746.
- Hagan, L. K., & Kuebli, J. (2007). Mother's and father's socialization of preschooler's physical risk taking. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 28, 2-14. doi: 10.1016/j.appdev.2006.10.007
- Harter, S. (1997). *The personal self in social context: Barriers to authenticity*. In: R. D. Ashmore, & L. Jussim (Eds.), *Self and identity: Fundamental issues* (Rutgers Series on Self & Social Identity vol. 1, pp. 81-105). New York: Oxford University Press.
- Harter, S., Waters, P. L., Whitesell, N. R., & Kastelic, D. (1998). Level of voice among female and male high school students: Relational context, support, and gender orientation. *Developmental Psychology*, 34, 892-901.
- Holub, S. C., Tisak, M. S., & Mullins, D. (2008). Gender differences in children's hero attributions: Personal hero choices and evaluations of typical male and female heroes. *Sex Roles*, 58, 567-578.
- Hupp, J. M., Smith, J. L., Coleman, J M, & Brunell, A. B. (2010). That's a boy's toy: Gender-typed knowledge in toddlers as a function of mother's marital status. *The Journal of Genetic Psychology*, 171, 389-401. doi: 10.1080/00221325.2010.500637
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30, 262-275.
- Jack, D. C. (1991). *Silencing the self: Women and depression*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Jadva, V., Hines, M., & Golombok, S. (2010). Infant's preferences for toys, colors, and shapes: Sex differences and similarities. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 1261-1273.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. (2007). Entrevista narrativa. In M. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 90-113). Petrópolis: Ed.Vozes.

- Kishimoto, T. M., & Ono, A. T. (2008). Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pró-Posições*, 19, 209-223.
- Kuschnir, A. N. (2007). *Criando significados através dos gêneros: Uma análise de narrativas no contexto acadêmico*. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais, 4. 455-467. Retirado em linguagem-unisul.br/paginas/ensino/por/linguagem/cd/Porto/4.pdf.
- Lotman, Y. M. (1988). Text within a text. *Soviet Psychology*, 26, 32-51.
- Mehta, C. M., & Strough, J. (2010). Gender segregation and gender-typing in adolescence. *Sex Roles*, 63, 251-263. doi 10.1007/s11199-010-9780-8
- Mielis, M. D., & Garcia, M. C. (2010). Apuntes sobre socialización infantil y construcción de identidade em ambientes multiculturales. *Revista latino americana de ciencias sociales Ninéz y juventud*, 8, 809-819.
- Miranda, P. (2010). Habitar um corpo sexualizado: Identidades de gênero construídas numa modernidade ambígua. *Revista Ex aequo*, 22, 59-75.
- Morawski, J. (1997). The science behind feminist research methods. *Journal of Social Issues*, 53, 667-681.
- Morawski, J. (2005). Reflexivity and the psychologist. *History of the Human Science*, 18, 77-105.
- Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24, 44-55.
- Mungioli, M. C. (2002). Apontamentos para o estudo da narrativa. *Comunicação & Educação, São Paulo*, 23, 49-56.
- Nascimento, A. R., Nascimento, I. F., & Trindade, Z. A. (2008). A representação social do trabalho feminino para homens casados. *Mental*, 6, 145-164.
- Oliveira, O. H. B. (2013). *A aula de matemática: A didática do feminino e do masculino*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirado em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13226/1/2013_OtavioHenriqueBrazdeOliveira.pdf
- Oliveira Vieira, D. & Fávero, M. H. (2009, outubro). *A tomada de consciência no desenvolvimento de competências conceituais em professoras: Uma pesquisa de intervenção com foco no autismo*. Trabalho apresentado na XXXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Goiânia, pp. 09-42.
- Osório, L. C., & Valle, M. E. (2009). *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Perosa, G. S. (2006). A Aprendizagem das diferenças sociais: Classe gênero e corpo em uma escola para meninas. *Cadernos Pagu*, 26, 87-111.
- Pilla, M. C. (2008). Labores, quitutes e panelas: Em busca do lar ideal. *Cadernos Pagu*, 30, 329-343.

- Ribeiro, J. S. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: Socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, 26, 145-168.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: Revisão da literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia Campinas*, 26, 215-225.
- Rosistolato, R. P. (2009). Gênero e cotidiano escolar: Dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. *Estudos Feministas*, 17, 11-30.
- Rutherford, A. (2007). Feminist questions, feminist answers: Towards a redefinition. *Feminism Psychology*, 17, 459. doi: 10.1177/0959353507084327
- Salgado, J. S. M. (2007). *A voz de homem e a voz do homem: Representações sociais masculinas do magistério*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirado em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2715/1/2007_JoaoSergioMacedoSalgado.pdf.
- Sampaio, J., Santos, M. D., & Silva, M. R. (2008). A representação social da maternidade de crianças em idade escolar. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28, 174-185.
- Sanchez, T. E., & Castillo, C. C. (2013). *Mujeres en transición: Reflexiones teórico empíricas em torno a la sexualidad, la pareja y el género*. México: Universidad Iberoamericana.
- Santos, M. R. (2011). Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 60). *Cadernos Pagu*, 36, 257-282. doi.org/10.1590/S0104-83332011000100010
- Seron, C., & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: Um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13, 154-164.
- Shields, S. A. (2008). Gender: an intersectionality perspective. *Sex Roles*, 59, 301-311. doi: 10.1007/s11199-008-9501-8.
- Simonson, J., Mezulis, A., & Davis, K. (2011). Socialized to ruminate? Gender role mediates the sex difference in rumination for interpersonal events. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 30, 937-959.
- Sinno, S. M., & Killen, M. (2009). Moms at work and dads at home: Children's evaluations of parental roles. *Applied Developmental Science*, 13, 16-29. doi: 10.1080/10888690802606735
- Spanevello, R. M., & Lago, A. (2010). A Transmissão do patrimônio na agricultura familiar: Uma análise a partir da compensação das filhas. *Interthesis*, 7, 141-222.
- Theran, S. A. (2009). Predictors of level of voice in adolescent girls: ethnicity, attachment, and gender role socialization. *Journal of Youth Adolescence*, 38, 1027-1037. doi 10.1007/s10964-008-9340-5
- Tian, W., Jimarkon, P., & Singhasiri, W. (2011). *Designing a Transcription System for Face-to-face PhD Supervisory*. Retirado em Doing Research in Applied Linguistics: <http://arts>.

- kmutt.ac.th/dra/PDF%20CD%20on%20Web/108-119_Designing_a_Transcription_System_for_Face-to-face.pdf
- Unger, R. K. (1979). Toward a redefinition of sex and gender. *American Psychologist*, *34*, 1085-1094. doi: 10.1177/0959353507083090
- Vianna, C., & Finco, D. (2009). Meninas e meninos na educação infantil. *Cadernos Pagu*, *33*, 265-283.
- Vieira, D. O. (2008). *A tomada de consciência no desenvolvimento de competências conceituais: uma pesquisa de intervenção com foco no autismo* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília. Retirado em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2158/1/2008_DenisedeOliveiraVieira.pdf
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, *9*, 460-482.
- Wisdom, J. P., Rees, A. M., Riley, K. J., & Weis, T. R. (2007). Adolescents' perceptions of the gendered context of depression: "Tough" boys and objectified girls. *Journal of Mental Health Counseling*, *29*, 144-162.
- Xavier, C. Filha. (2011). Era uma vez uma princesa e um príncipe ...: Representações de gênero nas narrativas de crianças. *Estudos Feministas*, *19*, pp. 591-603.
- Zanoni, H. T., & Ferreira, E. S. (2009). Identidades de gênero e filmes infantis: Um panorama sobre as novas perspectivas da construção das identidades de gênero em crianças. *Caderno Espaço Feminino*, *22*, 149-169.
- Zosuls, K. M., Ruble, D. N., Tamis-LeMonda, C. S., Shrout, P. E., Bornstein, M. H., & Greulich, F. K. (2009a). The acquisition of gender labels in infancy: Implications for gender typed play. *Developmental Psychology*, *45*, 688-701. doi: 10.1037/a0014053
- Zosuls, K. M., Ruble, D. N., Tamis-LeMonda, C. S., Shrout, P. E., Bornstein, M. H., & Greulich, F. K. (2009b). The potential benefits and risks of identifying as a tomboy: A social identity perspective. *Developmental Psychology*, *45*, 688-700.

ANEXOS

1 Aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: SOCIALIZAÇÃO, PAPÉIS DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO: TECENDO NARRATIVAS FEMININAS

Pesquisadores(as) responsáveis: INARA LINN MARACCI

Número do projeto: 02 - 09/2011

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado "SOCIALIZAÇÃO, PAPÉIS DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO: TECENDO NARRATIVAS FEMININAS".

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (itens VII.13 letra "d" e IX.2 letra "c" da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 24 de outubro de 2011.

Debora Diniz
Coordenadora Geral – CEP/IH

2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PED).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Socialização, Papéis de Gênero e Desenvolvimento Psicológico: Tecendo Narrativas Femininas.

Nome do Pesquisador Responsável: Maria Helena Fávero

Nome do Pesquisador Assistente: Inara Linn Maracci

A senhora está sendo convidada a participar de uma pesquisa cujo objetivo será analisar de que maneira o processo de socialização e os papéis de gênero se fazem presentes nas diversas áreas na vida de mulheres em nossa sociedade.

Os dados utilizados na pesquisa serão coletados através de entrevistas realizadas no Serviço de Assistência Médica a Saúde do Hospital Universitário de Brasília (HUB), as quais poderão ser transcritas, narradas ou gravadas.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e serão identificadas com um código, e não com o seu nome, assegurando assim a sua privacidade.

Estas informações serão utilizadas na pesquisa e divulgadas em revista científica ou como tema de congresso científico.

A assinatura deste termo não a obrigará a participar da pesquisa. A qualquer momento, a senhora tem o direito de recusar-se ou mesmo abandonar a pesquisa sem precisar dar qualquer tipo de explicação ou sofrer qualquer prejuízo por isso.

Este termo encontra-se redigido em duas vias, ficando uma com a senhora e outra com o pesquisador assistente.

Caso a senhora tenha qualquer dúvida, poderá contatar o pesquisador assistente, Inara Linn Maracci pelo telefone 3307-1516 ou pelo comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas pelo telefone 3107-7366 ou pelo e-mail : cep_ih@unb.br.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____, RG _____, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Brasília, ____ de _____ de 2011

Sujeito da Pesquisa.

Maria Helena Fávero
Pesquisador Responsável

Inara Linn Maracci
Pesquisador Assistente.

**3 Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de voz
para fins de Pesquisa.**

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado (a) no projeto de pesquisa intitulado: *Socialização, Papéis de Gênero e Desenvolvimento Psicológico: Tecendo Narrativas Femininas*, sob responsabilidade de Inara Linn Maracci, pesquisadora responsável, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS), Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para: análise por parte da equipe. Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas a pesquisa explicitada acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável. Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com a participante.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____.

4 Transcrição dos Atos da Fala da Primeira Sessão do Grupo Focal

E: Minha história de Vida: de menina até hoje, discussão em grupo focal dos principais dados colhidos nas narrativas. Vocês estiveram lidando com as narrativas das suas vidas aqui em duas ocasiões: na primeira escreveram um texto e na segunda responderam as questões suscitadas no texto, quando vocês gravaram né? Hoje convidamos vocês a discutirem juntas: 1) O que estes dois momentos focados nas suas vidas levaram vocês a pensar, refletir e sentir?

S1: Eu acho que quando a gente para pra falar da gente é um momento assim de... um conhecimento mais profundo que o dia a dia da gente é tão corrido, filho, família, casa, trabalho e a gente não para pra pensar um pouco. Então pra mim foi um momento assim de reflexão: pra onde eu vou de onde eu vim o que, que eu quero? É uma chacoalhada na minha vida.

S3: É um conhecimento.

S2: A gente vê assim coisas que a gente nunca imaginou assim coisas que já passou da infância, da adolescência, a gente fala: Nossa! Eu com a cabeça de hoje faria tão diferente do que naquela época, né? A gente pensa assim, e como ela falou a gente reflete muito sobre a vida mesmo de coisas que já passou, o que vem pra frente também diante do que a gente vai revendo, é muito bom.

E: S3, ia falar?

S3: Não, é como ela falou o autoconhecimento né? Porque a gente para a gente vai vivendo, vai vivendo e vai levando a vida e você não para assim pra pensar, exatamente o que ela colocou. O que? Que eu quero? Quem sou eu de verdade? As pessoas tem uma imagem de você e às vezes você se olha por aquela imagem que as pessoa tem e não por aquilo que você mesmo tem que você se vê no espelho e o que você sente né? Você vive mais pelo reflexo, mas é o reflexo dos outros, mas ah! Muda o cabelo... Ah, faz isso, você vai mudando né? É uma opinião daqui, uma opinião do outro lado e que você às vezes nem se pergunta, mas é isso mesmo que eu quero?...eu quero mudar o meu cabelo? Muitas vezes a gente nem quer, a gente só faz aquilo que os outros estão querendo que você faça.

S1: Ou às vezes... faltou esse momento pra gente querer mudar né?

S3: É.

S1: Bom vamos colocar no papel? O que, que eu fiz, eu nunca fiz esse trabalho, esse exercício de reflexão, pra onde eu quero ir né? Às vezes é o momento da gente dar um tempo pra gente resolver... A nossa vida, porque a gente não sei se é cultural? Pra mim eu vejo isso.. é você tá mais em função dos outros do que de você mesmo. Então você tem que ter um tempo pra você, eu tô aprendendo muito agora, tô me cobrando mais. Resolva a sua vida, cuide da sua vida, faça você, faça... o seu mundo porque as coisas fluem, né?

S3: Toda vida e pra melhor.

S2: Agora isso eu vejo que a gente com terapia, a terapia ajuda muito a gente a ver isso. O que você precisa, é ver o seu eu e ver o que te faz bem, e não o que você tem. Muitas vezes, eu passei muitos anos da minha vida preocupada em agradar as pessoas, ah, como é que tá achando isso, ai! Fulano tá pensando aquilo e aquele outro, depois que você começa a amadurecer e a fazer terapia a sofrer na vida e a levar bordoadas, aí você começa a pensar: eu tenho que ir, no fundo eu tenho que ser um pouco egoísta, e fazer aquilo que me dá prazer. Não adianta fazer uma coisa pra agradar os outros e que eu tô insatisfeita, então já tem muitos anos na minha vida que eu faço o que me dá prazer.

S1: Que bom que você...

S1 e S4: você consegue isso? (rindo).

S2: Eu consigo, Graças a Deus! Eu consigo a dizer não, a ser sincera, a falar o que eu acho.

S1: Eu tô engatinhando nisso, mas você falou um ponto que eu fui de uma geração que a minha mãe só falava assim: olha o que os outros vão pensar! Olha o que, que os outros vão pensar.

S3: É.

S1: Ai! Meu Deus!

S1: Tá tão embutido isso em mim, tá tão enraizado isso comigo, que pra desmamar, é difícil.

S4: É porque é muito tempo né? Você convivendo com isso, você aprendendo isso e eu acho que essa experiência eu, por exemplo, fiquei muito surpresa de como é possível à gente lembrar tão ricamente, mas tanto detalhe numa narrativa assim? ... e que depois no segundo momento em que a gente foi gravar né? As questões é... e aí fazendo assim uma releitura rápida né? Do que eu tinha escrito, como que a gente consegue? Né lembrar? A gente consegue porque foram coisas muito importantes pra gente, foram muito pontuais, assim...

S2: A vida né.

S4: O que eu senti assim é que, por exemplo, o que eu sou hoje é resultado de tudo aquilo, né? Na realidade o que eu senti muito ao fazer esse... é ter esses dois momentos foi isso né? Eu me senti produto de tudo isso. Só que assim ao contrário até ao invés de me sentir mais liberta, eu fiquei mais preocupada que eu pensei assim: Gente! Então eu preciso ter muito cuidado porque as minhas filhas também vão ser produto do que elas estão vivendo isso em termos de experiência comigo hoje, por exemplo.

S3: É porque os pequenos eles nascem ali limpinhos, purinhos ali, eles não tem nada, a gente que assim, a sociedade, as famílias, o mundo é que vai colocando ali, então assim, que tipo de pessoa que eu tô produzindo para o futuro?

S1: E o exemplo é maior é o de dentro de casa né?

S3: convive ali quase todo dia.

S4: Outro dia eu vi um comentário assim que a gente tá falando de filho é que: os pais é que estragam os filhos. Num primeiro momento eu achei tão malvado, um comentário tão malvado né? Mas assim acho que não é assim nesse sentido de estragar, porque a gente na verdade a gente já vem com essa carga, por exemplo, tudo aquilo que eu escrevi, eu sei que cada coisa daquela que eu escrevi tem algo em mim hoje que é por causa daquilo.

S2: Claro.

S1: E por conta da vida, da sua criação, dos seus pais.

S4: Exatamente. Então assim não é que os pais estragam os filhos, a circunstância daquilo que você vive vai construindo aquilo que você vai ser. Você é né?

S1: Mas é porque também a gente aprende com o tempo também e como aprende né? Eu acho que um dia assim eu conversando com a minha irmã é... dói pra gente ver os nossos erros nos nossos filhos! (rindo) Então, poxa porque as minhas filhas falam, tá com isso? Puxou a quem? A mim.

S2: Conviveu naquilo ali, agora assim, ainda bem, eu pelo ou menos tenho essa consciência que os meus pais fizeram, é o que não foi correto, na cabeça deles tava certíssimo. Quer ver um exemplo? Eu era canhota. Eu sou canhota eu faço tudo com a canhota, mas minha mãe não deixava eu escrever com essa mão eu tinha que escrever com a direita, eu apanhava, pra ela é o correto, não ! Não pode. Hoje em dia a gente sabe, você tem que deixar a criança fazer do jeito que ela quer que ela se sente bem.

S1: Hoje você escreve com as duas?

S2: Não só com a direita, mas faço tudo com essa.

S1, S4 e S3: rindo.

S4: Mas escrever é com a direita?

S2: É com a direita, não consigo pegar a caneta com a outra mão. Aí pra você vê pra ela tava fazendo certo. Então a gente acha que sempre tá fazendo tudo correto. Então hoje Os pais querem o que é o melhor para os filhos, a gente erra assim também, na educação, no jeito que a gente é, quer né? O homem é ser humano, tem que andar sozinho, tem que crescer. O homem, tá feito, o ser humano não tem como mais você querer que ele seja do teu jeito.

S3: As crianças tão muito evoluídas.

S2: Ave Maria! Demais!

S4: É muita não, né?

S1: É porque hoje em dia não é só os pais que ensinam né? É a informática, é o computador são os amigos, é um mundo, um mundo ali fora, então se você não tiver uma estrutura, uma base... uma direção das coisas né?

S4: E as vezes é tão mais fácil assim você, a gente que tá assim nessa fase de ser mãe e tá vendo os filhos abrindo a porta e saindo pro mundo, às vezes é tão mais fácil você sabe, ah! Deixa que o mundo resolve né? Resolve e fica uma coisa comichando a gente lá dentro né? A gente que é mulher né? Eu acho que isso é muito da mulher.

S2: muito da mulher, exatamente.

S4: Muito da mulher, fica aquela coisa te pinicando, mas eu não posso simplesmente deixar que o meu filho construa o seu destino... Eu tenho que fazer a minha parte, eu tenho que exercer o meu papel e aí é onde eu acho que você falou uma coisa certa, com certeza a gente erra, com essa ânsia de..

S2: De querer acertar.

S4: De exercer o seu papel.

S1: Gente, não é fácil educar, não é fácil amar, como a gente sofre por amar, como a gente sofre pra educar, né? Ai! A gente sofre. Nossa! Não é fácil, não!

E: É esgotou o tempo dessa pergunta, tem mais alguma coisa que vocês queriam colocar? Que não falaram? ... (silêncio). Tem um ponto interessante agora também. Bom! Nas suas narrativas encontramos pontos comuns, basicamente das quatro, né? 1) A referência à ausência do pai e a referência à ausência do pai dos seus filhos.

S2: Hummm.

E: Convidamos vocês a discutirem esses dois pontos.

S4: Que bom né? (rindo)

S1: Não é? (rindo)

S4: Que bom que esse mal não é só o meu? (rindo)

S1, S2: É (rindo)

S4: Não é? (rindo)

S2: É acontece em todas as famílias e a gente pensa que é só na nossa. Esses dias eu estava conversando com uma amiga minha sobre essa questão, muito preocupada porque o filho tava dando, tá com alguns problemas, ai! Eu fico com vergonha, eu disse: menina! Todo mundo tem problema na família. Uns abrem mais, outros bota uma peneira que ninguém pode falar desses assuntos e aí é tudo maravilhoso até tirar a peneira como fala a Denise Bomforte. Outros são mais abertos, mas todos têm problemas, diversos, diversas formas né? Situações é então tudo tem eu estou numa fase assim que eu falo assim: eu não sou dona dos atos de uma pessoa de 20 anos. Eu sou mãe da pessoa de 20 anos né? Eu orientei, eu fiz o que pude, nhenhêhê! Agora, se a pessoa vai, esse que tá com 20, 23 anos, o meu mais novo tá com 23 anos, os atos são dele! Eu falo: ei! Eu não ensinei aquilo... eu... Aí o pessoal, o povo... eu já não sofro muito igual eu sofri no começo não...hoje em dia eu já sofro bem menos ...

S1: Não, mas você tem que ser mãe, mãe do filho de 50... mas tá orientado né?

S2: É aí eu falo, mas é porque eu sou mãe e isso e aquilo, mas tem tanta coisinha assim que você vai ficando mais fortalecida, aí eu falo aquilo que eu falei pra você é a gota d'água já, as coisas são assim, mas você quer assim, você quer que eu ajude eu tô aqui pra te ajudar, quer? Paciência, se não você morre junto.

S1: É a gente tem que sempre alertar e tá aí né? ...Pra... ajudar.

S2: Pra ajudar no que tem que ajudar né?

S1: Mas você não pode viver por ele né?

S2: Não.

S1: Agora essa questão do pai, eu agora estou é... me tocando mais com essa ausência do pai. Eu perdi o meu pai com 9 anos. É um acidente e eu estava com ele. Então eu não pensei, nunca pensei... que isso fosse me fazer tanta falta, tanta falta, como agora eu estou passando com as minhas filhas. Porque eu vivi isso a ausência de um pai... e talvez eu fiz com que as minhas também ficassem... dessa forma. Que eu abracei de uma forma... na educação que o meu marido ficou... lá fora.

S4: Não havia nem espaço pra ele.

S1: Nem espaço pra ele...

S2: Só que a ausência do seu pai foi uma ausência muito diferente que eu imagino que o sistema que você tá colocando porque o pai faleceu, faleceu não tem jeito. Agora eu acho mais duro ainda...

S4: A ausência camuflada.

S2: ... quando o indivíduo tá presente e é ausente.

E: como?

S2: Quando o indivíduo está presente e se torna um pai ausente alheio.

S1: Mas eu cobri, eu acho, sabe? Quis dominar, quis resolver, quis fazer... uma hora que ele poderia tá ali.

S3: Num momento que ele poderia tá ali...que nem criança a gente percebe...que eu nunca tive pai. Então assim esse vazio do pai ele continua. Eu tenho um vazio que hoje eu identifico esse vazio como o vazio do pai. A falta de um pai a minha vida. Então assim, minha mãe me criou a mim e aos meus três irmãos sozinha. Eu tive os meus filhos sozinha. Meu filho caçula, durante um período o pai tava lá, mas eu também cuidava de tudo igual a vocês, sempre cuidei de tudo, o pai não tinha...

S1: Superpoderoso

S3: ...não cuidava

S4: depois assumia

S3: ...depois separamos e o pai começou a assumir umas responsabilidades, infelizmente assim eu me decepcionei e acabou culminando numa situação aí que agora é que a criança vai ficar sem pai mesmo. Então tipo assim a gente tá tão habituado a ver a mãe cuidar e a gente assume essa responsabilidade que os meus filhos mais velhos estão tentando me ajudar a educar o mais novo. Pensa como é difícil admitir...

S2: É que a gente vira Pãe, a gente é pai e mãe.

S3: ... que o meu filho de 17 anos tome certas atitudes, eles assumiram o papel do homem da casa e tu acha que eu deixo assim uma oportunidade?

S2: Não.

S3: Que sentimento eu vou ter? Mãe isso aqui não é o fim do... A Senhora pode até não concordar de eu ter colocado o "D" de castigo, mas a Senhora não pode me desautorizar na frente dele. Isso eu ensinei a ele e agora ele tá me ensinando (rindo) e a mim e as minhas duas primas que estão morando comigo, uma tem filho também né? E a outra não, a outra só nos ajuda, e tenta nos ajudar a cuidar dessas crianças que a gente tem. E ele tem que ficar... Debatendo com essas três mulheres, Ai!Meu Deus.

S1: 17 anos.

S2: Ela tá falando uma coisa em relação ao mais velho né? Eu quando me separei, o meu mais velho, eu agora me lembrei disso, o meu mais velho quis assumir tudo, entendeu? Ele queria ser... Nossa! Maluca, fiquei e aí eu comecei a fazer terapia justamente quando eu me separei em 94. Aí uma luta pra mostrar pra ele que ele não era o dono daquela situação, falando com e ele, mas que ele não podia ser o pai dos outros, porque não adiantou, os outros não aceitam. Aí você tem que mostrar, não! Eu vou resolver junto com você,

nhãnhãnhã! Mas automaticamente o mais velho tomou o lugar. Impressionante isso né? Querer ser o pai dos outros.

S4: Ah! Eu achei interessante essa percepção que ele fez da falta do pai e aí você repetir essa história né? Atuar talvez inconscientemente pra que a história se repita né? Eu acho que no meu caso, assim eu não sei, eu acho que é um pouco diferente né? Porque eu tive muito ausência de mãe.

S2: Ah!

S4: Então eu cresci muito com a minha mãe cuidando dos filhos dos outros. Então assim era aquela casa que sempre tinha filho dos outros, estudando, filho dos outros que vieram, que o pai que mora em roça que vinhos pra ficar. Isso! Aconteceu na minha vida inteira até os meus 18 anos eu me lembro da minha mãe fazendo esse movimento de cuidar dos filhos dos outros. E... Até a narrativa que eu fiz foi interessante pra eu perceber isso né? Que eu acho que assim não é que ela não cuidava de mim é que eu queria que ela cuidasse mais! Porque eu queria que ela cuidasse...

S2: Diferente.

S4: de mim igual aos outros, eu queria que ela cuidasse de mim por mim por que eu era a filha dela. Então eu acho que eu hoje, mulher adulta, o movimento que eu fiz foi exatamente o contrário. É né? Essa coisa que me deixa cansada hoje aos 25 anos de casada com filha de 23 e 19 anos? É que eu acho que eu me extenui pra não ser essa mãe, entendeu? Eu acho que eu me esforcei demais até a exaustão pra não ser como minha mãe foi comigo. Então assim eu jamais aceitei qualquer pessoa dentro da minha casa pra morar ou pra o que quer que seja e sempre procurei ser uma mãe assim muito presente até demais...

S2: E até sufoca às vezes

S4: E você vê que é um movimento contrário né? Claro que meu pai... se eu for comparar meu pai e minha mãe, eu acho que o meu o meu pai ele era mais presente porque ele era muito controlador né?, uma pessoa que controlava até o tamanho do meu cabelo, que jeito que tinha quer ser o corte, o comprimento do meu vestido, isso é coisa de mãe, né? Mas, então eu acho que assim... interessante essa tua reflexão que mostra que a gente se movimenta dessa forma mesmo...

S1: Inconscientemente.

S4: Inconscientemente, então hoje assim eu sou uma mãe cansadíssima porque esses anos todos exercendo...

S1: Tem que largar...

S4: ...exercendo talvez um pouco mais que um papel de mãe... exercendo... É construindo uma história pra sufocar essa coisa de ausência de mãe, né? Que é aquilo que você falou: uma mãe que todos os dias que abria porta, a minha mãe tava lá, minha mãe nunca trabalhou fora. Podia chegar lá em casa a hora que fosse ela estava lá. Mas era um presente ausente, né? Uma pessoa que tava sempre cuidando de tudo... tudo... Tudo e eu... não que ela não cuidasse, hoje a narrativa me ajudou a entender isso, eu é que não me senti cuidada né?

S2: Você sentiu...

S4: como eu gostaria.

S2: ...você dividiu ela com outras pessoas que você não queria...

S4: Uma coisa que eu não fiz.

S2: Mais uma coisa de ciúme assim eu acho, entendeu?

S4: É eu não sei se foi ciúme, eu acho que foi mesmo uma coisa de abandono mesmo, é um sentimento, é assim aquela coisa de...

S1: Porque a nossa geração também... Nós criança e os nossos filhos mudou demais.

S2: Muito.

S1: Porque antigamente o pai era o principal...

S4: Provedor.

S2: Patriarca

S1: ...indivíduo da casa, a mãe e depois os filhos. Hoje não. Tem os filhos, o pai e a mãe em terceiro lugar. Então é... E a gente com essa situação é às vezes pra entender isso foi muito difícil.

S2: Mas pera deixa eu entender, o pai em primeiro lugar, você falou?

S1: Antigamente era o pai... porque...

S2: Ah! Porque agora trocou.

S1: porque agora é o filho, o filho em primeiro lugar, o que domina... uma casa

S4: Porque a vida gira em torno dele. (rindo)

S1: É. Aí vem o pai e depois a mãe que fica em terceiro ainda. Porque a mãe cede tudo, né?

S2: Lá em casa é diferente (rindo). Lá em casa eu tô em primeiro lugar. Atualmente né? Já foi mais assim né... A terapia que me ajudou.

S1: Ai! Que bom

S2: Ah! Eu tô em primeiro lugar lá em casa.

S4: Aonde você fez terapia? Eu quero ir nessa terapia sua (rindo)

S2: Eu atualmente lá em casa tô em primeiro lugar.

S1: E você é tratada com tal e respeitada?

S2: Respeitada. Que eu não tenho marido né? Sou eu e eu só tô com dois né? Um já casou e tem dois comigo, então assim eu me coloco em primeiro lugar em tudo. Inclusive eu tô botando na cabeça deles que eu quero que eles saiam de casa. Que eles vão morar só. Eu ajudo a pagar o aluguel de uma quitinete. O que eu quero, eu quero ter a minha vida. Só que eu quero assim: ...tá começando a clarear na cabeça dos dois, eu não quero que eles saiam, deixa o corpo pra fora, há uma diferença muito grande. E eu vou sair e tal que você não me quer mais, não é isso. Eu quero que você saia pra você crescer como ser humano, que você saia numa boa, arrumar o seu cantinho, você faz o não sei o que, entendeu?

S1: Mas isso é também uma forma de educar, né?

S2: Deles crescerem, de terapia. Porque, hoje, o meu tá fazendo 29 anos o meu do meio, 29 anos, hoje. É o mais dependente de mim. Eu falo, Menino! Pelo amor de Deus você vai fazer 30 anos, eu não quero filho na barra da saia com 50 anos.

S3: Quer completar 40 anos.

S2: O de 23 é mais desprendido o de 23 do que o de 29. Ele rapidinho vai tomar o rumo dele.

E: É a gente...

S4: A gente quase não falou da ausência do pai, dos pais dos nossos filhos né?

E: é... referência a...

S4: E é uma parte interessante.

E: ausência do pai...

S1: É

E: ... do pai dos seus filhos.

S3: Hoje em dia é dividir a responsabilidade né? ...seria muito bom. Nem sempre a gente pode contar com os pais. Faz muita falta. É muito difícil ser chefe da família, ser a mãe da família, ser o pai da família, ser a orientadora da família, ser a que tem que dizer não, ser a que está observando todo o andamento da casa né? Se os filhos fizeram o dever de escovar os dentes, se tem alimento, que vai pagar as contas...

S4: A empregada.

S3: A empregada, ou a falta de alguém pra cuidar, ai! Meu Deus a pessoa não apareceu hoje, os meus filhos estão sozinhos, como o de 15 anos (rindo), mas ultimamente tá mais tranquilo. Você não tem pra quem pedir. Pra quem ligar e dizer: olha! Tem como você sair o tempo inteiro do trabalho e assumir a casa? Não tem! Vai pedir pra quem? Aí você vai lá conversa com uma colega de trabalho, conversa com o chefe, me dá meio tempo? E aí você sai correndo, desesperada pra socorrer.

S1: É este fardo... é da mulher. Continua.

S3: É muito difícil!

S4: Agora engraçado...

S3: Porque agora tem casos que tem esses pais, assim tem esse pai, mas a mulher não pode contar com esse pai para estas funções.

S2: É, mas é aquele pai que é presente, mas é ausente.

S4: Na minha família acontece uma coisa interessante. São seis filhos, nós somos duas mulheres e quatro homens. É... Engraçado, os meus irmãos homens não são assim não, como o meu marido. Que age assim como se tudo que acontece em casa eu que tenho que cuidar por que...

S2: Ainda fala assim, olha tem que dar atenção...

S4: Eu ainda ouço um discurso fajuto porque eu sou tão competente porque que ele vai fazer alguma coisa se eu sou tão competente? E interessante que os meus quatro irmãos... não são assim. Meus quatro irmãos eles são daquelas pessoas que lavam a bunda de menino, faz sopinha bota na boca, lava a boca, limpa a casa, cozinham. E eu acho isso interessante.

S1: Mas isso é uma família diferente. E a família deles, do seu marido?

S4: A família do meu marido? Essa não tem muito que eles são dez... filhos né? Só três homens.

S1: E eles são todos iguais?

S4: Não, não são todos iguais não. Eu acho que ele tem um irmão que é bem provedor.

S1: Eu acho então que isso daí... é

S4: É da gente.

S1: vem um pouco da gente.

S2: Também né?

S1: De querer dominar, de querer invadir o espaço do outro, querer atuar e aí o retorno... é isso.

S4: Essa sobrecarga né?

S1: Porque ou a gente não confia, que conflito não? A gente não...

S3: Não tem paciência.

S1: Não tem paciência...

S3: pra esperar.

S2: Toma a frente e faz.

S1: Isso.

S2: Aí o outro fica acomodado, porque sabe que você faz mesmo.

E: Fica?

S2: Acomodado.

E: O outro é o?

S2: o outro é o marido, é o pai.

S1, S4 e S3: é o marido (rindo).

S4: O pai dos filhos (rindo)

S2: O pai do filho que fica acomodado sabe por quê? Porque sabe que a mulher vai e faz e acontece.

S4: Ah! Mas isso não é a mesma coisa que eu falei que o meu marido às vezes diz: Porque que eu vou fazer, você é tão competente, porque eu vou administrar os nossos negócios? Você faz isso com tanta competência!

S2: Ah! Mas não advinha que eu já tô cansada né?

S4: Então assim é um movimento que eu acho que é uma coisa muito mais dessas últimas décadas.

S1: Eu não sei porque eu acho que a gente é eu acho que é uma coisa que assim não admira... esse lado do marido. A gente não admira, a gente vê só os defeitos. Sei lá? Entendeu?

S4: Hamham

S1: É uma questão tem que dar uma analisada porque tu admirar o outro é tão bonito... é tão bonito, é um exemplo pros filhos é ver pro lado da paz sabe? Da alegria, tu admirar uma pessoa é tão bonito. Um dia eu vi o William e a Fátima Bonner, o William Bonner, ela, é em uma entrevista, parece que eles são um exemplo né? De um casamento? E eu falando coisas assim, eles se admiram demais, vocês tão comigo, acho que isso aí dá um gás...

S2: Essa coisa de se valorizar o pouco que se faz, do outro né? Do marido? Faz, fazer uma coisa interessante, Ó! Que bacana! De vez em quando ver o lado bom né? E não tá só reclamando da vida.

S3: Eu vi, não sei onde que eu vi às vezes uma pessoa falar que assim: o filho, o marido, o homem, o homem no caso, se ele fizer, qualquer coisa que ele faça tá não ficou perfeito, não ficou bom? Mas você tem que elogiar! Porque daí por diante, ele vai melhorar.

S2: É o ser humano...

S3: E cada vez que você elogiar...

S1: É o que tem de mais velho né? (rindo)

S3: E cada vez que você elogiar ele vai procurar melhorar. Agora se você reclamar? (rindo), Bom! Ele não vai mais querer fazer.

S1: Eu acho que a gente trata o marido como um filho.

S2: Também.

S4: Você acaba cuidando de tudo mesmo né?

S3: É o lado maternal. A mulher tem muita iniciativa.

S2: Agora hoje eu vejo, por exemplo, eu me separei, os meus filhos tinham 13 e 14 anos, tudo novinho, eu vejo que eles assim têm muita mágoa do pai deles. Mas assim, Graças a Deus! Que eu nunca falei mal do pai deles. Eu falava assim: ele é assim, mas ele é seu pai, você tem que gostar do jeito que ele é. E até hoje às vezes eu falo assim, eu converso tudo né? Ele, o meu filho mais velho tem muita mágoa do pai.

S1: tem que saber perdoar.

S2: É eu falo: não seu pai é assim e assado por que... E ele fala: Mãe! Mas tem coisa que é muito esquisita. Entendeu? E graças a Deus que eu não carrego essa culpa de ter mostrado isso pra ele, o lado negativo do pai. Não ter mostrado o positivo e nem o negativo do pai. Você tem que gostar do jeito que ele é. Ele tem os defeitos dele, era isso que ele dava conta entendeu? E tantantan!Entendeu?

S1: Todo mundo tem defeito né? M. e o perdão é uma coisa que te liberta e assim você ter passado isso a eles é uma coisa né?

S2: De ter passado isso. Porque eu não tenho mágoa de ninguém. Eu tenho facilidade de perdoar. Mas eu sinto assim, que muitas vezes ele, por exemplo, o do meio já é mais de perdoar, de falar: Não, mas eu gosto do meu pai do jeito que ele é aceito as coisas porque ele é assim mesmo, o mais novo também aceita, o mais velho é que tem essa... Mas que ele, continua até hoje, casado com filho, eu tenho uma netinha, até hoje ele faz coisa que o meu filho não gosta, aí vai só completando, entendeu? Aí é que é duro.

E: Gente! Tem mais alguma coisa que alguém gostaria de colocar desses dois pontos?

S2: Não, eu acho que não.

S3: Bom eu vou colocar uma coisa aqui, Não é bem de pai porque eu não tive pai. Em relação a minha mãe, a minha mãe faleceu há pouco tempo e só agora que eu, assim num estalar de dedos que eu, as coisas tavam na minha cara, atitudes dela, pra me proteger, pra eu ter uma vida diferente daquele meio que eu tava, atitudes que ela tomou que eu não entendia, e agora assim... pim! A luzinha ascendeu. Vichi! Foi por isso que a minha mãe fez isso? Essa... há 37 anos, eu era bem, eu tinha o que? 12 anos? Quando essas coisas aconte-

ceram, quando eu tinha 12 anos de idade, certas atitudes que ela teve na época que eu até a um mês atrás eu não percebia.

S2: É, mas é porque você vai amadurecendo né? Aí que você vai aprendendo, né?

S3: É e assim lamento porque agora ela não tá mais aqui.

S1: Quando você perdeu é que você foi analisar.

S3: É e fatos novos que aconteceram, uma história que está se repetindo na minha vida que agora me fez cair à ficha.

S4: É tipo assim que agora você tem que... agir como ela?

S2: Tipo passar a limpo?

S3: Não, não é porque assim eu tô tendo um... tá acontecendo uma coisa na minha vida que envolve ...eu vou contar pra vocês em relação ao pai do meu filho caçula, que há pouco tempo eu descobri que ele tava abusando da criança. Assim eu tô tendo das autoridades e da justiça um apoio que a minha mãe não teve. E essa história aconteceu comigo. Na época lá eu não entendi a atitude da minha mãe. Pra me tirar do meio que eu vivia, pra não continuar com aqueles abusos, ter uma perspectiva de vida diferente, ela me tirou de casa e me colocou numa casa de família pra trabalhar. Isso pra mim foi quebrou um vínculo com ela, porque assim apoio que eu tinha era dela, o amor que eu tinha era dela. De repente eu me vi sem ela, sem os meus irmãos numa casa estranha e daí por diante eu passei a ser dona do meu nariz. Então eu não me dava conta de que esse era a forma...

S2: Uma atitude pra te defender daquilo.

S3: Pois é pra me defender, mas eu não encarei, eu encarei como uma punição. Porque eu fiquei o tempo, o resto da vida todinha...

S2: Magoada com ela.

S3: ...distante da minha mãe e não entendia por que.

S1: Isso precisou acontecer contigo pra você entender né?

S3: Hamham.

S1: E antigamente o que ela tinha pra resolver era isso.

S3: É.

S4: Talvez ela não tivesse opções.

S3: É e eu lamento porque ela não estar mais aqui. Sofreu.

S1: Mas aonde ela está ela vai entender.

S2: É e mãe, com certeza ela entendeu você.

S3: Tava o tempo todo lá assim na minha cara, todo o tempo assim e eu não percebia. Engraçado né? Como a gente, o tempo passa né?

E: É na próxima lâmina a gente vai ver alguma coisa em relação a isso né? Que ao invés de punição era um apoio né?

S3: É.

S2: Mas quem tem história de vida tem que falar. (rindo)

S1, S4, S3: Ah. Que bom (rindo).

S2: Dá pra gente ficar falando tarde inteira aqui.

S4: Ou um mês.

E: Olha só, outro ponto em comum nas narrativas, tá? É vocês assumem efetivamente o papel de provedoras e de pessoas responsáveis socialmente, do ponto de vista do cuidado com a família e, no entanto se queixam disso. Convidamos vocês a discutirem isso.

S1: É, é, isso é triste né?

S3: Olha! Eu reclamo muito. Eu acho assim que de certa maneira assim... eu sou a pessoa mais contraditória que eu conheço... você tá sempre assim, tentando se equilibrar. Minha paciência tem como se equilibrar.

S2: Você reclama muito de que?

S3: Eu reclamo das responsabilidades, eu queria ter com quem dividir, mas eu queria ter certeza que a pessoa ia assumir aquilo ali... (rindo)

S1, S4, S2: (rindo).

S4: Talvez um dia você faz né?

S3: Talvez não igualzinho...

S1: Dominadora né?

S3: ... Mas que eu pudesse deitar e ficar deitadinha ali, sossegada um pouco pensando, não tá tudo ok, tá tudo bem. (rindo).

S1: Que engraçado agora que lá em casa eu tô assim deixando mais o outro respirar, minhas filhas, eu tô deixando mais as minhas filhas respirar e tô vendo que tá sendo melhor.

S2: Nossa

S1: Sabe? É impressionante. Meu Deus! Nossa mas eu tava que nem louca, transtornada, desesperada numa situação dessa eu girava o mundo.

S3: Um mundo e uma revolta

S1: Com certeza... E agora tô percebendo se eu deixar tomar atitudes fazer, eu vivo melhor, eu tô mais tranquila. E não é aquele bixo de sete cabeças que eu tava pensando. Isso em relação a tudo a minha volta.

S2: Porque vai mudando...

S1: Isso é ser dominadora entendeu? E ainda vinha gente dizer assim: Nossa, mas você é demais, hein? Tinha vezes que dizia: Nossa! Mas você consegue fazer isso e aquilo, então aquilo me... quanto mais falava, mais eu fazia. Minha sogra falava: Nossa! O V. casou com a pessoa certa. E aí quanto mais falava, mais eu fazia. Gente! Pra que?

S3: Pra se matar. (rindo).

S1: Pra se acabar. (rindo).

S3: Se matar de trabalhar.

S1: Gente! Chega um ponto que você não aguenta mais.

S4: Mas sabe o que que eu acho? Essa queixa é uma coisa que tem muito mais a ver com a idade que a gente tá. Vocês não acham isso não?

S2: Hamham.

S4: Assim porque você falar sobre e tá cuidando de seus filhos, Primeiro você tá cheia de gás né? Segundo você tá vivendo uma outra época. Agora tá nessa idade que a gente tá e talvez isso acometa nós quatro de uma forma muito parecida...

S2: Ela(C) talvez é mais nova.

S4: É ela talvez como é mais nova, talvez não, mas assim eu acho que pelo ou menos pra mim vem acontecendo muito isso, né? Eu tô sentindo que é uma fase muito forte de muita mudança...

S1: É a menopausa

S2: É a tal (rindo).

S4: É vem à menopausa o teu corpo já não é mais o mesmo, não responde como você quer, nada em você funciona como dantes, então acho que você começa, é uma coisa que eu penso sempre comigo, não sei se vocês passam por isso, então você, de repente você começou a olhar pra você e o que você vê não é aquilo que você tinha lá atrás e aí você começa a se queixar porque eu acho que você pensa assim: gente quando eu tava lá com a minha carne toda dura né?

S3: rindo

S4: com a minha libido lá nas alturas né? E eu fiquei cuidando de filhos, cuidando de casa, fazendo compra, indo no mercado e...

S2: E com todo aquele pique né? Hoje em dia não é tanto.

S3: É então eu acho assim que esse tom de queixa assim, não sei assim no meu caso acho que ele vem muito assim com esse conteúdo. Puxa Vida! Agora né? Que os meus filhos estão grandes, a minha libido foi pro ralo abaixo...

S2: Mas tem como você ter de volta

S4: Eu sem energia mais, tô exausta, to de saco cheio porque caminho que nem uma desesperada faço yoga vai lá só sai uma grama.

S1, S3, S2: Rindo

S4: ...então assim eu acho que tem uma coisa muito forte, né? Eu senti muito isso né? Nessas narrativas uma coisa muito forte que tá muito ligado à idade. Essa idade da mudança é como se de repente desse um... A vida começa a mudar e não é porque você quer...

S2: É que a menopausa...

S1: Eu pra mim é, eu vejo muito como... Adolescência... Das minhas filhas. Não vejo tanto é talvez né culminou com a minha menopausa né? Mas a adolescência! Eu estava nitidamente despreparada, nós pais, despreparados pra lidar com a adolescência hoje. Totalmente despreparada e não tive apoio porque minhas irmãs todas os filhos já eram maior e outra diferença de um ano pro outro...

S2: já muda mais

S1: ... de adolescência é muito grande. Então me vi só pra cuidar de duas adolescentes que vieram a mil e a gente não soube contornar essa situação. Eu entrava em choque todos os dias.

S2: Aí vira uma guerra.

S1: vira uma guerra

S2: Quem tem mais forças? Você viu?

S1: É e eu não soube lidar, principalmente eu mãe que queria dominar tudo? Não consegui. E era guerra de família. De filhos com o pai.

S4: E a gente demora pra reconhecer né?

S1: Pois é.

S4: esse não conseguir né?

S1: É e veio assim na minha menopausa, mas pra mim essa coisa física comigo não, mas eu estou demais despreparada. Nós os pais estamos despreparados.

S2: Agora essa coisa física assim que você tá colocando eu senti isso também porque um ano atrás eu tinha um pique totalmente diferente e você não sabe o quanto eu escuto atualmente: Nossa! Você não é mais a mesma! Eu tinha 50 anos, agora tenho 55, tô na menopausa, agora eu resolvi fazer reposição hormonal porque eu não estava suportando, eu tô fazendo, porque não dá pra você ficar com a libido lá embaixo, arretada, com o coração batendo na goela...

S3: Rindo

S2: ... não dormia, passava a noite toda acordada, tudo por causa da menopausa, tô fazendo reposição hormonal vai fazer um mês. Eu estou ótima.

S3: Eu estou aqui pensando daqui a pouco eu chego lá. (rindo)

S2: Eu passo gel direto, gel na coxa, gel no braço, progesterona e testosterona. Porque minha filha, eu tava querendo morrer.

S3: ... E aí tá eu tô no auge, com a libido e tudo mais em alta, mas assim continuo sozinha. E aí? Quando eu chegar lá, poxa vou arrumar alguém e pronto.

S4: Mas nem toda a mulher é a mesma coisa, hein C.? Provavelmente você vai chegar à meia idade e não vai ter esse problema, porque a gente não é igual.

S2: Mas acontece que essa libido a gente repõe com o hormônio. A gente volta a ter tudo. Eu não quero ficar mais sem hormônio mais não.

S3: Eu atualmente a minha libido eu sufoquei ela.

S4: Você prendeu ela numa caixinha.

S3: Fica aí quieta.

E: Mais alguma coisa desse ponto aqui? Dessa questão?

S2: Porque a gente já tinha discutido um pouco antes né?

E: É. Eles estão interligados né?

S2: É

E: Mas assim nessa questão tem mais alguma coisa?

S3: Eu acho que eu me queixo mais porque eu tenho realmente dificuldade de colocar pessoas da família pra assumirem certas atividades. Na minha casa não tem um pai, tem outras pessoas que já estão numa fase já de responsabilidades e eu tenho dificuldade pra chamá-las a essa responsabilidade. Levanta hoje mais cedo e faz isso, vem aqui e assume isso, faça a lista do supermercado e vá lá resolver.

S2: Mas é porque na sua casa tem assim você e outras pessoas adultas. É mais uma família junto, né? Pelo o que eu tô entendendo, é ela com os filhos mais novos, mais a irmã, uma prima com os filhos então são duas ou três famílias juntas, né?

S3: É acaba que é duas famílias.

S2: E Aí acaba que tem duas pessoas que mandam e vira uma confusão.

E: Vamos passar adiante? ...Essa aqui agora. Outro ponto em comum: apesar de relatarem dificuldades iniciais, na infância né? Vocês relatam ter estudado, relatam uma estabilidade profissional e financeira. Convidamos vocês a discutirem: 4) Porque minimizam o apoio que receberam pra isso se concretizar? Vamos ficar nesse ponto no quarto né? O quinto seria: Porque minimizam o que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais para se focarem na queixa ao abandono?

S2: Olha, porque assim na verdade, essa questão de... focar na dificuldade, na verdade eu até coloquei na minha história que eu fui meio que jogada no mundo. Eu bati cabeça. Porque assim: meus pais, minha mãe era dona de casa, da chinela pra dentro. Meus pais não foram de se preocupar assim, de direcionar, ó! Você vai fazer isso você vai fazer aquilo. Eu sai de casa com 19, 18 anos então eu já vim a estudar depois de velha porque eu casei, não tinha como fazer, como estudar, tive filho logo, então meio que assim as coisas que eu tenho eu consegui por minha conta. Claro que minha mãe ficava querendo e falando: ei agora vai fazer isso que a gente falou, agora a gente vai estudar de pequeno né? Tudo, agora papai quando era as filhas dele, coronelzão, papai criou filho, as filhas pra... costurar que ele comprou uma máquina, de pequena eu já tinha uma máquina.

S1: Não, e quando a gente casava os meus irmãos a herança das mulheres era uma máquina de costura...

S2: Pois é... A cultura.

S1: ... E dos homens eram terra. Então as mulheres ganhavam uma máquina de costura e os homens terra. Então a gente foi preparada para o casamento. Agora hoje eu vejo que se eu tivesse a cabeça lá atrás que eu tenho hoje? Eu iria continuar os meus estudos naquela época. Eu ia terminar... fazer o mestrado e o doutorado. Não, aí eu disse não, vou cuidar de filhos... depois agora a dificuldade pra começar, recomeçar é muito difícil. Fiz até especialização e quase morri! Mestrado agora não tem porque tantos problemas do mestrado né? Nem fui fazer a prova porque tantos problemas lá em casa de adolescentes não sei o que, falei: Meu

Deus! Ainda to fazendo... Não to com cabeça pra poder estudar mais. Naquela época, porque agora to me preparando pra estudar. Agora, foi correto? Ter deixado o estudo pra cuidar de filhos?

S2: Eu não, não me arrependo na época...

S1: Porque eu ia fazer mais uma coisa, tudo junto?

S4: Tudo ao mesmo tempo né?

S2: Porque quando eu ainda fiz o vestibular eu já tinha o meu filho mais velho e o meu ex falava assim: mas você foi estudar... eu fui estudar eu tinha dois, é um ano e quatro meses e nasceu outro então tudo muito pertinho. Ah! Então você não quer estudar, então deixa eu estudar e você cuida dele de noite pra mim. Você sabe tirar a febre? Não. Aí eu já não estudei, eu realmente não tive como. Aí você vai acomodando também, a verdade é essa. Depois eu prestei, mas não busquei, mas aí agora depois de velha que eu conseguir estudar.

S3: É eu tenho queixas em relação a isso porque eu acho assim é... Eu me acho uma pessoa assim: sempre tive muito potencial, só que esse potencial não foi apoiado, teve pouco apoio, não foi direcionado que nem você falou, que é uma coisa de canalizar pra uma certa direção de dar uma orientação, mas assim é atualmente eu percebi uma coisa independente de qualquer coisa que tenha acontecido de orientação ou não orientação eu continuo com esse potencial. Só assim eu lembro de mim garotinha quando eu chegasse aos 30, 40 anos de idade a minha vida estaria organizada, mas não organizada como tá hoje. Morando de aluguel, estaria organizada mesmo! Pra viajar, pra passear, pra fazer o que eu bem quisesse. Porém tá? Não tá. Então tá. Agora eu tenho que correr atrás. Eu tenho que continuar correndo atrás. Porque se eu não conseguir alcançar isso se eu chegar aos 80 e eu tiver concretizado isso, puder é simplesmente, aí meu deus os meus filhos tão criados eu tenho condições de passar um mês na Europa, de passar um mês no pantanal se for da minha vontade e sem me preocupar que vai faltar dinheiro pra pagar as contas, pra pagar isso pra pagar aquilo eu acho que ainda vai ser válido.

S1: Mas agora você tá consciente de que você precisa disso, você tá correndo atrás e você tá concretizando.

S3: Ainda não (rindo). Eu tenho essa consciência, preciso começar agir.

S1: Exatamente.

S2: Mas eu to aprendendo aí com essa história aí, eu to lembrando de mim, eu to com 55 anos pra me aposentar e eu não tenho planos pra morar. Agora só porque eu não quis comprar? Não, foi porque eu não tinha dinheiro, tinha uma penca de filhos tárrara. Então eu não me revolto quanto a isso? Tenho onde morar sim. Eu saio da Universidade e arrumo um canto para morar em qualquer canto por aí. Vai ser mais difícil? Vai ser mais difícil. O correto era o que? Eu ter o meu cantinho já prontinho...

S3: cantinho quitado e resolvido.

S2: ...mas não foi porque eu não quis, não tive tempo. Muita gente já me interrogou isso? Como que você não comprou...? Eu digo você não sabe de nada. Quem sabe é você!

S3: É, mas pra mim tá muito presente pra eu não me esquecer. Eu preciso correr atrás dos meus projetos. A I. Quando eu fazia terapia né? I eu trabalhava com produtos de beleza. Eu continuo cadastrada lá só que assim eu cheguei à conclusão de que: é eu tinha projetos de fazer faculdade, de ser funcionária pública e tudo isso eu tinha deixado de lado achando que não tinha mais importância, porque não tava lá martelando. Eu pensei comigo: Não! Essa empresa de produtos cosméticos, me tornar uma empresária (rindo) na área de beleza, de estética, uma coisa que eu gosto muito, era um sonho novo que não conseguiu espaço naqueles sonhos. Então eu ainda tento concretizar primeiro aqueles sonhos mais antigos para eu poder chegar nesse sonho mais novo.

S2: E esse seu agora?

S3: É porque assim, se eu focar nisso agora eu não vou conseguir estudar. Assim concurso público hoje em dia é uma guerra pra se...

S1: Você de repente vai ser uma empresária do ramo cosmético então?

S3: Pois é, aí eu olhei bem pra dentro de mim, sabe? Dá pra deixar isso? Não dá ele tá, tem que tá lá martelando.

E: É vou repetir a quatro, vou pedir pra vocês ficarem mais atentas a quatro, a gente pode na segunda sessão partir do ponto cinco. Mas eu vou repetir só pra vocês pensarem mais uma vez, se surge alguma ideia. Porque vocês minimizam, diminuem né? O apoio que receberam pra isso se concretizar? Porque vocês diminuem, minimizam o apoio que vocês todas receberam pra serem as profissionais que são... hoje? Todas receberam apoio para estarem aonde estão. A questão é: Porque vocês não dão valor, ou minimizam esse valor que receberam pra chegarem aonde estão?

S2: É eu entendi, é isso que eu coloquei que o apoio que eu tive foi muito pouco. Assim eu fui conquistando e tive que meter a cara e fazer.

S4: Eu acho porque quando você considera a palavra apoio eu acho que de repente você pensa, primeira coisa que vem: pai e mãe.

S2: É.

S4: Primeira coisa que vem e não necessariamente precisa ser. Mas é a primeira coisa que vem. Porque você começou a sua fala falando que os seus pais moravam na roça, então acho que a primeira coisa que vem é

essa questão de apoio. Segundo: Que quando você pensa em apoio você pensa numa pessoa te carregando, te empurrando, te orientando, te falando, te colocando nos lugares, te tirando daqueles lugares e colocando em outros é e talvez essa pergunta mexeu comigo de uma outra forma, né? Eu por exemplo da minha família eu sou a única rebelde. Meu pai é empresário aqui em Brasília, nós somos seis filhos, dos seis filhos, cinco trabalham com ele. E eu sou a rebelde. E eu me rebeldei por causa da história que eu tive com ele e isso talvez a gente deva considerar que foi um apoio, essa coisa, essa história da minha vida, o fato de eu ter me rebelado e ter dito: Não eu não quero trabalhar numa empresa familiar eu quero ser funcionária pública e nem que eu compre uma guerra, eu vou. E ainda sorte que não teve guerra né? Não teve guerra alguma, eu simplesmente desatei um nó saí pro mundo. Deixei meus cinco irmãos lá naquela empresa tomando de conta e fui cuidar da minha vida. Então talvez essa coisa da gente, que eu acho que é muito da gente mulher, que a gente é muito sensível, né? Você ter que ter aquele apoio das pessoas te empurrando e de repente a forma com o meu pai, por exemplo, me conduziu pela vida inteira, ele construiu a pessoa que eu sou hoje, né? Uma pessoa que diz: eu vou largar isso aqui e vou fazer aquilo lá e vou fazer bem feito e vou conseguir como eu consigo até hoje.

S2: É que no fundo I. Quando eu coloco uma coisa, claro que eu tive apoio da minha mãe, mas quem nos conduziu nós irmãos menores pra vida... foi a minha irmã mais velha. Ela que trouxe a gente pra Brasília. Tive mais apoio da minha irmã mais velha. Ela que me trouxe pra Brasília. Eu não queria vir na época, ela insistiu, insistiu. Mamãe, tadinha! Papai, não resolvia muito. Mamãe falava assim: se você quiser voltar eu te dou dinheiro você pega o ônibus e volta. Mamãe, coitada! Ela não tinha muita noção das coisas. E eu não tenho mágoa nenhuma deles por isso. Depois de mais velha eu fui criar eles, porque eles não tinham condições e eles moravam comigo. Tá me entendendo? Eles moravam comigo, eu cuidei dos dois muito tempo até morrer.

E: recebeu apoio da irmã mais velha.

S2: É da irmã mais velha.

S3: Eu tinha uma tia.

S2: Tanto é que mamãe falava assim: Nossa eu nunca imaginei que você a menorzinha da família fosse cuidar da gente, entendeu? Então porque eles não tinham assim... papai tinha um financeiro mas não tinha um intelecto, não tinha como fazer as coisas ...

E: a menorzinha da família...

S2: a menorzinha, a mais nova, a mais baixinha, que tudo é grandão (rindo) e fui eu que cuidei deles. Dei a assistência até morrer. Eu e o meu irmão mais novo.

E: aos pais?

S2: Aos pais.

S1: Eu não sei se essa coisa de minimizar, de diminuir, se eu to entendendo é até em relação a nossa profissão. Porque, porque que a gente não pode ter assumido um cargo dentro da Universidade? ...Aí é que tá, tá sempre pensando o que os outros vão pensar? Falta esse apoio? O marido apoiou pra isso? Nunca. Imagina. Ter um cargo...

S4: chegar em casa às 10horas.

S1: ... É responsabilidade, é muito mais responsabilidade e responsabilidade toma seu tempo, toma a sua...

S4: Energia.

S1: ... energia, então você não teve essa estrutura. Aí vem... o que aconteceu com a Universidade? Tá certo os filhos desestruturou também? Claro que sim. Eu trabalhava numa área que era de projetos e aí foi nessa confusão toda dentro da Universidade. Os projetos foram pra um lado eu fui junto depois acabou, muita gente foi mandada embora. Então você teve um apoio? A gente também tem que ter um apoio. Um apoio...

S4: Institucional.

S1: Institucional, um apoio interno, familiar. Tem que ter um apoio pra você também crescer. Um apoiando o outro, e eu nunca tive isso. Nem no trabalho, nem em casa.

S2: Não é assim comigo.

S1: É, mas talvez você não tenha uma estrutura pra você, pra te apoiar.

E: É outro ponto em comum da narrativa de vocês? Então assim uma conclusão. Apesar de vocês relatarem dificuldades iniciais, vocês relatam ter estudado, relatam uma estabilidade profissional e financeira. Como é que vocês chegaram a isso?

S3: Eu tive assim, a minha tia sempre me deu um empurrãozinho, ela era uma segunda mãe pra mim. Eu voltei aos 21 anos de idade e eu tinha deixado um filho pequeno de idade e ela assim tá você vai continuar a trabalhar em casa de família porque não tem estudo pra conseguir vaga em outro lugar, mas você vai voltar pra escola. E foi bem séria e eu ai! Meu Deus, idade, terminar o primeiro grau, como vai ser isso? O que eu vou encontrar lá? Tá, aí fui. Às vezes eu vou meio travada, meio com medo, mas eu vou. Fui né? E assim ah! Três meses eu já tava lá toda enturmada e...

S2: Adorando.

S3: ...adorando e vivendo aquilo, gosto muito de estudar e tal. Um dia eu me lembro que eu tava falando assim: e: Ah! Tia um dia quando eu terminar o segundo grau eu vou fazer vestibular pra Universidade ela assim: Ah! Minha filha, mas a Universidade só pra filho de rico, porque é muito difícil. Eu fiquei com uma raiva! Virei pra ela e falei assim: olha! Eu não quero que você me diga que é difícil, de hoje em diante você não vai dizer isso por mim. Tudo que eu falar se eu for fazer você vai me dizer assim: vai lá que você consegue. E ela mudou! Essa minha tia ainda hoje ela mãezona pra mim em todos os sentidos. Nunca mais ela que repetiu que nada é difícil.

S2: A gente vai mudando na vida né?

S3: Nunca mais. Tá eu não fiz vestibular pra Universidade não fiz vestibular pra nenhuma faculdade até hoje. Terminei o segundo grau. Fiz curso de informática, até criava programas, hoje em dia não sei por que quando eu vim pra cá era pra eu mexer com isso e acabou que eu não mexi. Por final em vão. Eu continuo querendo estudar e ela tudo que eu quero tudo que eu posso e vou fazer... ela: vai lá que você vai conseguir, precisar de mim eu to aqui.

E: Então teve o apoio da tia.S2: É.E: e S4.

S4: É eu vou ficar mais nessa coisa de que a gente fica com essa questão de apoio, que ele deve vir só de pai e mãe e que a gente... Talvez essa questão, talvez sirva até pra gente clarear que nem sempre né? É pai e mãe... e também tem essa coisa, eu por exemplo, sempre fui rebelde né? Rebelde por boa causa né?

S1: Rebelde, mas você tinha que trabalhar, tinha que estudar.

S4: Pois é, mas ser rebelde que veio da minha família e que veio da forma como o meu pai me criou e da própria ausência da minha mãe, ao invés de me jogar no buraco, me jogou pra cima, até hoje. Levou tudo contra, eu to fazendo mestrado e a minha mãe: Você é louca! Vai ficar morrendo de cansada, você não dá conta! Dou e vou, entende? Então essa coisa assim, eu achei boa a questão porque faz a gente pensar nisso. Primeiro que apoio nunca vem só de pai e mãe e segundo de que o fato como eles te colocam no mundo, e te constituem pode te impulsionar, como no meu caso.

S1: Mas é onde mais pesa eu acho, hoje em dia você tem um filho, ah! Só estuda. Filha vai limpar, me ajuda aqui a limpar a cozinha? Lá em casa é assim ninguém quer saber de nada. Eu to pegando aos poucos. O que é esse monte de louça aí? Lave! Eu não! Eu fui criada, eu tinha que estudar e tinha que cuidar de granja. Então esse lado assim de você estar em uma certa estabilidade profissional né? Não é que a gente, o salário da Universidade não é aquela coisa.

S2: Não, financeiro não. Devia ganhar melhor

S1: Mais que você puxou porque você tinha a obrigação de estudar e de trabalhar. Ajudar em casa, lavar uma casa, limpar uma casa, varrer uma casa, entendeu?

S3: Ser babá (rindo).

S1: Interessante foi assim. Acho que esse apoio é um apoio? No fundo no fundo, não é apoio é ensinar. Porque hoje em dia, como é difícil a gente passar isso para os filhos.

S2: É porque esse negócio do apoio o meu apoio foi minha irmã que nos trouxe pra Brasília. Foi o apoio mais forte.

E: O apoio que vocês receberam pra chegarem aonde chegaram, hoje.

S1: Minha irmã trouxe as três mais acima de mim e eu vim à última.

E: Foi a irmã?

S1: A irmã.

S4: Interessante que isso faz a gente refletir né? Agora mesmo eu to aqui pensando, por exemplo, com essa empreitada do meu mestrado, a pessoa que mais tá me apoiando é o ausente do meu marido!

S2: É né? Tá vendo?

S4: É ele. O dia que eu tenho aula aqui eu chego em casa ele não me deixa chegar na pia!

S1: Rindo.

S4: Não me deixa fazer nada! O dia que eu tenho aula eu chego lá em casa ele já preparou o jantar, já jantaram, ele já ajeitou a cozinha...S1: Tá vendo.

S4: ... E aí quando eu vou lá e como alguma coisa na cozinha e vou arrumar ele: Não! Pode ir tomar banho que eu vou arrumar.

S2: Tem mais um gasto, tem que ter outras pessoas...

S4: Ah! Sim. Tem que ter outras pessoas ajudando que se ele não tivesse me ajudando eu não sei se ia dar conta. Eu não tenho ninguém me ajudando faz 7 anos.

S2: Eu também, não tenho nem faxineira.

S4: Ai! Que bom, que faz a gente ver essas coisas né?

E: Então tá. Acho que a gente pode encerrar por aqui e continuar sexta-feira, que tem outros pontos né? Eu dividi o tempo. S2: Hamham.

S1: Porque não continuar hoje, hein?

S2: É tá tão bom, né?

5 Transcrição dos Atos da Fala da Segunda Sessão do Grupo Focal

E: A gente viu esses slides e só para repassar, né? A gente chegou a ver aqui esse primeiro que falava sobre o que... Que vocês refletiram, pensaram e sentiram ao narrar à história da vida de vocês, em dois momentos. Depois a gente viu pontos em comum, a referência à ausência do pai e a referência à ausência do pai dos seus filhos. O fato de vocês assumirem o papel de provedoras e de serem pessoas responsáveis socialmente, do ponto de vista, do cuidado da família e, no entanto se queixam disso. Outro ponto em comum, apesar de relatarem as dificuldades iniciais, todo mundo relata ter estudado, ter uma estabilidade profissional e financeira, e nós paramos no quarto ponto: porque minimizam o apoio que receberam para isto se concretizar. Então a gente começou a falar sobre esse ponto e acho que hoje a gente parte aqui do quinto ponto. Esse quinto ponto queria que vocês prestassem bem atenção, que é bastante importante, para vocês refletirem. É um ponto que na análise da MH e minha, a gente achou um ponto chave, forte para vocês estarem refletindo. Então, esse quinto ponto: Porque minimizam, ou seja, dão menos importância... o que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais para se focarem na queixa ao abandono.

S2: Vamos ler de novo. Porque minimizam, dão pouca importância né? O que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais para se focarem na queixa ao abandono(lendo).

S1: Eu acho que a presença da orientação na nossa vida desde criança, ela nunca foi forte, como pai, como mãe, que a gente foi colocado assim no mundo, e eu pessoalmente perdi o meu pai muito cedo e minha mãe não era uma pessoa tão ativa, então... Foi uma situação que me deixou também é... meio que.

S2: Desprotegida.

S1: Desprotegida do mundo e aí minhas irmãs que levaram a gente para lá e para cá e vai estudar aqui e vai para lá. Então... é assim... essa ausência de um pai e de uma mãe forte na minha vida, fez com que eu me tornasse uma pessoa dependente, e eu sou até hoje, em quase todas as minhas ações. Muito dependente, que eu tenho que tá sempre com o apoio de alguém do meu lado. E hoje um apoio...

S2: Insegura, né?

S1: Insegura. E eu acho que...e aí eu fico me policiando, mas ao mesmo tempo é... reclamando dessa situação, que eu não consigo, eu não tenho autonomia, autoridade, talvez como mãe, como mulher, como profissional até... médio. Eu acho que eu me desenvolvo mais lá fora do que dentro de casa, vamos dizer assim... entendeu? Do meu trabalho, que eu parei um tempo, mas eu sou muito mais capaz e competente. Eu... parece até que eu sou outra pessoa.

S2: Você se dá.

S1: É eu acho assim, o abandono é desde criança. E a gente fica focada nisso e é o tempo todo, é uma...roda, um giro em torno disso e eu não consigo me desvencilhar. É eu fico nisso.

S4: É eu também fui para casa pensando nesta questão né? E fui pensar exatamente nessa sua linha, exatamente nessa mesma linha, que eu acho que a persistência da queixa ao abandono vem de uma história de abandono.

S2, S3: Aham.

S4: Né? Por exemplo, como eu relatei aqui né? Eu por exemplo eu me senti muito abandonada pela minha mãe né? E não cheguei a relatar, mas eu também sofri uma história muito grande de abandono com o meu marido. Abandono do ponto de vista dele me deixar sozinha em situações complicadas. Como foi a história da minha filha caçula, que eu tive a minha filha caçula teve muitos problemas e eu fui correr atrás de tudo isso e foi assim muito extenuante, uma jornada assim de 5 anos de pura extenuação. E o meu marido simplesmente... ficou na dele. E ainda às vezes aceita tudo isso, isso é desígnio de Deus, eu... não. Eu vou querer saber o que é isso. Então eu saí daqui pensando nisso que essa persistência na gente hoje, apesar da gente tá madura, bem formada, o lado profissional, digamos assim, mais ou menos delineado, parece que é uma coisa que tá internalizada.

S1: É eu não sei se, você falou dessa situação do seu marido com problemas, eu também tive exatamente isso, passei muitas poucas e boas e terríveis situações e eu com medo, porque ele também inseguro, incapaz, o pai nunca foi presente, é...eu com medo da atitude dele, eu escondia. Não sei se aconteceu isso com você, eu escondia a situação pra não ter mais problema. O que foi pior porque se eu soubesse, se eu tivesse mais autoridade pra dividir, pra vamos fazer isso ou aquilo, eu não sei se você escondia do seu marido, assim?

S4: Não eu não cheguei a esconder não,

S1: Você não escondia.

S4: Mas eu mantive uma postura de silenciamento né?

S1: Sim, exato.

S4: Ah! Já que você não quer, vou eu partir pra luta sozinha, que eu tenho duas pernas, dois olhos, dois braços, lá vou eu, e assim, muito... mais uma atitude de...

S1: Indiferente?

S4: Não, mais de silenciamento.

S3: Eu, por exemplo, assim, essa questão de ter um empurrão direcionado, que às vezes não um empurrão só, mas um empurrão direcionado, te empurrar em uma certa direção...é eu sempre fui muito atrás, eu me cobro muito, porque eu nunca tive quem ficasse me cobrando, eu me cobro demais! Então eu to sempre me cobrando. Não! Eu tenho obrigação com isso eu tenho obrigação com aquilo, eu preciso disso eu preciso aquilo. Mas eu continuo sentindo falta desse apoio, eu não me sinto assim, eu sinto falta o tempo todo, como se tivesse faltando um pedacinho, como se tivesse faltando alguém em quem você possa de vez em quando se encostar?

S1: Aham

S3: Nem que seja pra chorar?

S2: rindo

S4: Ou pedir um colinho.

S3: Ou pedir um colinho?

S4: rindo

S3: ou pegar aquele fardo todinho e dizer assim...

S3: Ôh! Pessoa pega esse fardo aqui e assume por uma semana que eu vou esquecer que o mundo existe na próxima semana eu volto e reassumo tudo, você não precisa se preocupar.

S1: ou não falar nada, mas tá aí do lado.

S3: É vim aqui te dar um abraço!

S1: ... é ou um aperto de mão, ou até não falar nada. É uma dependência.

S3: Eu sinto falta disso.

S2: É eu até hoje, eu falo muito isso lá em casa. Falo gente me sinto só pra tudo. Pra decisões. Que eu tenho... que eu não tenho marido, né? Que eu sou divorciada já há muitos anos e atualmente não tô com namorado e aí tem os dois que moram comigo, mas tudo que eu tenho que decidir, até de pintar uma porta, eu decido só. E aí falo gente vê aí pra mim uma net pra por, procura um negócio mais barato, não sei o que, ninguém se movimentava.

S3: ah!

S2: Aí depois quando eu boto um negócio, ah! Mas... eu digo cala boca. Porque você não foi atrás...

S3: rindo

S2: ...eu botei e agora você vem dizer que não é bom?

S3: deixa eu te contar uma.

S2: você tá me entendendo? Então eu sempre falo o seguinte, eu costume dizer assim: eu decido as minhas coisas eu o meu umbigo.

S3: rindo

S2: ...eu e o meu umbigo. Eu decido.

S1: Mas às vezes a maneira de você decidir, assim às vezes até a maneira de falar, ou aproximar, talvez você poderia mudar isso entendeu?

S2: Pois é? Então, essa coisa a gente sente falta mesmo. Eu sinto falta, então em relação a pai e a mãe, por exemplo, como eu sempre falei, a minha mãe dona de casa, minha mãe tadinha, não tinha decisão pra nada, não tinha dinheiro pra nada, tudo ela dependia do meu pai. Meu pai coronelzão. Então quem resolveu e quem ajudou nós filhos foi essa minha irmã mais velha, que até já faleceu. Faleceu tem trinta anos atrás. Foi quem encaminhou a gente pra vir pra Brasília. Pra estudar, pra essa coisa toda. Agora na vida e no mundo, eu aprendi batendo a cabeça e aprendendo.

S3: É outro dia em casa o telefone ficou com problema. Eu falei gente liga na GVT e lá vai ter umas opções vocês vão digitando as opções. E eu lá correndo preparando o jantar e o meu filho pegou o telefone e tátátá e eu tô lá feliz, ai! Ele vai resolver. Aí quando começa lá a dar as opções, ele: mamãe! Resolve aqui! Eu peguei esse celular joguei lá em cima do armário e falei o dia que eu estiver com tempo e disposição eu vou resolver. Ficou 15 dias sem telefone. Cheio de gente um de 17, uma mulher de 23, uma outra de 21. É só ir digitando as opções não precisa responsável.

S2: mas a pessoa não quer ter esse trabalho.

S3: É só uma maquininha, você digita a opção para tal tipo de problema, tudo são opções.

S4: Mas eu pensei uma outra coisa que eu queria provocar mais um pouquinho ainda... que eu saí daqui pensando nisso também. Né? Que a gente eu não sei por que razão, que pra mim não tá claro, mas me parece que a gente quando chega nessa idade de mulher mais madura, alguma coisa muda, mas pra mim assim a razão não tá clara. Eu não sei se acontece com vocês? Mas eu acho que a gente fica nessa queixa de abandono, ah! Ninguém faz nada, ninguém vai atrás do resolver o telefone, ninguém vai contratar a net, mas, por exemplo, no meu caso, eu tenho dificuldade de pedir... sabe? Quando eu vejo, é assim eu não pedi. A minha filha caçula, ela aponta muito isso pra mim. Agora que ela tá mais madura, ela fala: mãe porque você não pediu? Se você tivesse pedido, eu teria feito. E tenho vivenciado muito isso com o meu marido. Depois que eu comecei o Mestrado eu tô muito sem tempo, óbvio, né? Então eu tenho pensa... assim, então já umas duas situações que eu chego pra ele... que deixa tudo, eu que cuido das finanças, eu que faço as compras, eu que

pago as contas, eu que cuido das coisas das meninas, mas depois que eu comecei o meu Mestrado, curiosamente, já por umas duas vezes eu cheguei pra ele: olha! Tá aqui a situação assim, assim e assim. Tal problema assim, assim, você pode resolver? Eu gostaria de entregar pra você e me desvencilhar disso. E ele levou...

S2: tá vendo?

S4: ...levou a frente depois de 25 anos de casamento, eu resolvendo tudo. Então, é assim por isso é que eu tô me permitindo agora, colocar isso, que eu acho que é uma coisa pra gente pensar. Mas eu sempre tive dificuldade de pedir, pra filho, pra marido.

S3: ... mas eu tenho essa dificuldade.

S1: Mas a maneira de pedir também... Eu acho a maneira de pedir que nem a M. falou de pedir, de mudar... mudar o jeito de...

CS3 faz a diferença não é o que você diz é como diz.

S1: ... isso, exato. Eu peço, mas é a maneira de pedir que eu tenho que mudar. Eu vejo claramente isso, que as meninas, ai! Mãe, elas já começam a reclamar, porque a maneira de eu pedir já é uma autoritária, sabe de pedir, resolve isso pra mim, sabe?

S2: Ou já reclamando, assim ah! Porque ninguém faz nada nessa casa. O simples fato de o papel higiênico acabar, aquele rolinho lá...

S3: ...rindo

S2: ...que fica o pauzinho lá em cima da coisa... Ai pede o papel higiênico e deixa no chão, e o pauzinho fica lá, pois agora eu não ponho no pauzinho, vai ficar aí.

S3: é uai.

S2: aí lá vem o outro vem e põe. Não pode ser assim, isso é até uma coisa de zelo, de cuidado.

S4: De higiene né?

S2: ...Que não tem, aí deixa o papel lá e não quer por no rolinho, sabe? De pendurar na parede assim?

S4: Eu sei, eu sei o que é isso.

S2: Aí você faz. Aí eles não querem fazer entendeu? Aí você vai mudando. Você tem que ir mudando para que eles mudem. E eu acho que tá assim bom lá em casa, porque eu estou mudando e eles tão mudando também.

S1: Com certeza, depende mais da gente do que deles.

S3: Meu filho me cobra.

S2: Eu falava muito assim, Ó, que eu vou me aposentar, tome o rumo de vocês que não quero saber de ninguém comigo... aí na outra terapia que eu tô fazendo, ela falou, oh! Você vai mudar o discurso, você vai dizer, olha gente tô com problema, vou aposentar,

S1: Isso.

S2: Como é que nós vamos fazer, queria que vocês fossem olhando aí aonde é que a gente vai morar. Que a gente vai ter que dividir com nós três aqui. Nossa! É bem diferente.

S4: Muito diferente.

S1: Com certeza, a maneira de falar.

S2: Então são coisinhas simples que às vezes você vai transform... Vai mudando sua forma de ser que o outro muda que é uma beleza.

S1: Engraçado nessa situação que você tá falando às vezes eu pensava assim, meu Deus, eu tenho que sentar pra resolver tal problema. E não é assim, às vezes hoje eu tô com a cabeça mais tranquila, hoje eu fui pegar minha filha do cursinho, eu já quando fui para casa, eu já tô com abertura com ela pra falar de qualquer coisa, porque eu mudei, eu me dei o direito de mudar, de ser mais dócil, então nesse momento que eu já fui pra casa, eu já fui plantando sementinhas entendeu? E está sendo muito melhor dessa forma, porque eu estou mudando.

S2: E a gente cansa menos.

S1: E aí eu pensava, e antigamente eu pensava assim: era aos trancos e barrancos? Nossa! Vai ter que... que horas eu vou sentar pra falar isso? Sabe?

S4: É quando o clima vai tá bom né?

S1: Não é?

S3: rindo

S1: Então às vezes é o nosso dia a dia, o meu eu que eu tenho que trabalhar... para poder...

S3: Para que os outros... que tá em volta,

S1: Exato, pra poder agir. Não é depende deles, é de mim.

S2: Foi, a mudança de atitude, o pouco que você muda, às vezes pequenininha, que você muda, faz uma diferença grande.

E: Em relação a esse assunto assim tem mais alguma coisa? Que queriam colocar sobre esse ponto aqui?

S4: Acho que nós maximizamos o minimizar.

S2: É (rindo).

S4: Rindo.

S3: Acho que a questão da humildade também a gente...às vezes...viu?

S1: É tão bonito né? Eu acho lindo

S3: Eu acho que com a humildade a gente acaba...

S1: Aprendendo mais.

S3: Aprendendo,né? Quando você baixa a guarda você consegue ver com mais clareza certas coisas que você , quando tá armado, você não consegue.

S1: Verdade! Você cria um muro.

S3: É.

S1: Né? Um muro na tua vida ao seu redor e é difícil.

S4: Eu acho também que a gente mulher tá vivendo uma era em que assim a mulher não pode se fragilizar né? A gente tá vivendo um tempo assim que a mulher tem que ser forte né? Então a gente não pode se mostrar frágil e isso vai criando essa couraça na gente mesmo eu acho... Vai criando essa coisa de não ser humilde , ser autoritária...

S3: For a como uma casca grossa terrível né? E lá dentro? Destruída.

S4: É só tá o silicone né?

S3, S1: Rindo

E: S2 tu ia falar?

S2: Não.

E: Então vamos passar para o outro tem mais um ponto pra gente refletir.

S1: Lá vem bomba! Rindo

E: Reflexões: outro ponto comum, evidências nas suas narrativas de dois movimentos: minimizam ou dão menos importância, nesse sentido, o que conseguiram desenvolver-se como pessoas e profissionais né? E o segundo... Minimizam o apoio feminino recebido pela família... e ao mesmo tempo, centram-se na ausência do apoio masculino. Não sei se ficou claro, eu posso repetir.

S2: Não. Pode repetir?

E: Bom se evidenciou duas coisas, nas narrativas de vocês: duas situações: primeiro que vocês minimizam aquilo, mais ou menos a pergunta anterior...

S2: ... (interrompendo) mais ou menos o que a gente já respondeu... Como pessoas e profissionais.

E: ...esse é um dos pontos que a gente conseguiu evidenciar e como pessoas e profissionais vocês parecem dar menos importância, não chama tanta atenção né, Minimizar, dar menos importância, e vocês são profissionais estão estabelecidas financeiramente. Mas nas narrativas, na análise que foi feita pareceu isso. Que isto é uma coisa que vocês não dão muita importância.

S4: Secundária, né?

E: De vocês mesmas...

S4: A gente queria muito mais! (rindo).

E: Ah! Então só para explicar, isso foi uma coisa que nos chamou atenção, é uma coisa que é característica da vida de vocês, todas são profissionais estabelecidas, mas isso não é uma coisa de muita relevância... na narrativa. E outra coisa que apareceu também, que chamou atenção foi que também... vocês minimizam o apoio feminino recebido pela família... pelas irmãs...

S2: Aham!

E: Pelas tias...

S4: Pela mãe.

E: ... o apoio que vocês receberam... feminino... de mulheres né?

S2: Aham!

E: ... pra chegarem a ser o que vocês são, as profissionais que vocês são hoje, chegar aonde vocês chegaram, todas relatam que receberam de alguma forma algum apoio.... Feminino né? , só que este apoio feminino é minimizado... Né? Porque ao mesmo tempo vocês se centram...

S2: ... (interrompendo) na ausência do apoio masculino...

E: Na ausência do apoio masculino.

S2: Mas é por que faz fã... assim é muito importante esse apoio masculino. Tanto que a gente coloca aqui que na ausência de pai, tem realmente, você vê numa família aonde tem a mãe e o pai envolvido onde crescem os filhos naquela, os dois envolvido ali, crescem é...pessoas é... como é que eu quero dizer?

S4: Centradas.

S2: É centradas não é? Desenvolve, estuda.

S3: ... (interrompendo). sabe se impor.

S2: Eu vejo muito a minha vizinha com o marido dela... ela tem dois filhos, eles já tão assim...já casaram os dois, tudo novinho tem 29, 28, mas aqueles meninos que já tão num emprego bom, já tem esposa, já tem filhinho, você vê que eles são centrados naquilo ali, entendeu? Porque teve o apoio junto, a coisa junta, agora

igual à gente lá em casa, mamãe fazia tudo coitada pra dar conta da gente e papai meio que achava assim que tinha que botar um saco de feijão, um saco de arroz, uma banda de carne, lá tinha fazenda...comida a vontade, mas ele não tinha aquele lado de preocupar com esse outro lado... pessoal de dar aquela atenção entendeu? Mamãe ficava desesperada para conseguir criar os filhos... né? E aí você sente falta realmente desse apoio masculino. Eu sinto!...(pausa) e aí eu tive três filhos homens né?

S1: ...(interrompendo) Essa minimizar que consegue desenvolver como pessoas e profissionais, eu acho que aqui em Brasília, culturalmente, pelo ou menos eu vejo isso, é a gente tem uma cultura dentro da universidade que somos executivos..

S4: Hummm.

S1: e principalmente na UNB o salário é péssimo! E aqui em Brasília há Judiciário, Executivo acho que aqui é muito mais, chama muita mais atenção sabe?

S3: Sim.

S1: ...e pra gente, então parece-me que ..nós não estamos é ..não damos esse valor que a gente tem ! Tem momento que eu falo, poxa! Filhas tudo que a gente consegui foi do nosso esforço, do nosso trabalho. Má... Aí elas falam: devia tá no Judiciário, você devia....

S2: isso... isso.

S1: tá ganhando muito mais. Você devia ter um salário muito melhor sabe?

S2: A gente fica na Universidade...

S1: Vem delas... porque a gente já passa isso também, mas se elas falam isso é porque eu também... eu já passei isso. Por quê? Primo, tio tá tudo ótimo tá num salário, tá no Judiciário...tá entendeu? É outra coisa. A diferença de... dos poderes de salarial eu acho muito grande no geral, principalmente salários de Universidade.

S2: Nossa!

S1: ...já é culturalmente aqui dentro, enraizado. Os meus colegas falam assim. Poxa! Antigamente fui chamado pra trabalhar no TCU, antigamente aqui na Universidade.

S2: É.

S1: No PRODASEN, no Senado o meu irmão tá lá ganhando rios de dinheiro...

S3: É verdade

S1: ... utlrapassa o limite eu o meu salário tá aqui eu vou me aposentar com isso e ele viaja todo ano, viaja pra Europa e eu... não consigo nem ir pro Nordeste, então...a gente já cria essa cultura de ...de menosprezar? O nosso lado? Talvez seja por aí.

S2: Eu meio que me acomodei na Universidade e hoje eu me arrependo. Eu acomodei na Universidade, não fiz concurso, não saí daqui, fiquei aqui a vida toda e hoje em dia eu falo nossa! Podia ter feito um tribunal, eu podia ter feito um Ministério Público... acomodou.

S1: Continua a mesma coisa né? A gente fica dando valo... dando mais importância... do que não ter feito do que...

S3: Aquilo que não tem...

S1: ... do que aquilo que tá fazendo.

S3: ...mais importância ao que não tem do ao que tem.

E: ...mas e voltando aqui ao... é...

S1: ... (interrompendo) do apoio feminino.

E: do apoio feminino tudo mais o que...

S2: Não (interrompendo), mas eu consigo valorizar o apoio feminino que eu tive assim, eu posso não expressar assim né? Mas por exemplo, eu...o tanto que a minha mãe lutou, mamã juntava castanha, vendia o saco da castanha pra comprar roupa pra gente no final de ano, pra comprar caderno. Agora papai tinha dinheiro, mas papai tinha dinheiro.

S4: Rindo

S2: ... mas ele não era de soltar o dinheiro pra casa, tá me entendendo? Então da minha irmã, minha irmã foi quem fez tudo para os irmãos, essa que faleceu, ela ia e falava com papai não sei o que, queria as coisas, ela que intermediava isso aí. E ela sofreu muito, morreu nova, porque ela queria dar, ela pegou uma carga muito grande com ela, que ela queria ver todo mundo encaminhado entendeu? E ela bem que conseguiu encaminhar a gente.

S1: É eu vejo por esse lado também M. pela minha vida, eu fui estudar fiz Faculdade na casa de uma irmã, fora da minha cidade, não tinha faculdade lá, ela que me deu apoio, na casa da minha irmã. Vim pra Brasília depois que eu terminei a faculdade, na casa da minha irmã. Eram três irmãs. Tanto é que esse apoio é tão importante pra gente que a gente ficou sem pai, a mamãe com 11 filhos, aos 9 anos, eu tinha 9 anos. E 11 filhos, mamãe voúva. Todos nós somos muito chegados, muito amigos entendeu? Principalmente as mulheres. E a gente assim... Não sei se esse apoio que a gente fala sabe? Que tá falando aí? Mas a gente assim é superligado, uma ajudando a outra sabe? A gente aqui em Brasília se fala todos os dias, uma tem problema a

outra tá sabendo , uma tá ajudando, ajuda a fulana, é assim entendeu? Mas... a ausência do apoio masculino... é...é assim... gritante na minha vida. É gritante!

E: Então vocês mais ou menos concordam com o que... com essa frase assim que existe uma coisa assim de se centrar mais na ausência do apoio masculino e valor...e do que dá valor ao que vocês ...

S2: ... (interrompendo) é talvez não expresse o valor que tem. Mas tem um valor.

S1: É verdade... Tá embutido. Lá dentro

S2: A gente talvez não soube expressar né? Pelo ou menos eu dou esse valor.

S3: É verdade.

S1: A gente chama mais atenção da ausência...

S2: mas a gente chama mais atenção mesmo ao que faltou , ao que a gente tem a gente costuma , é...

S4: ... (interrompendo) guardar com a gente.

S2:...não falar mesmo, já tem mesmo, entendeu?

S3: É

S2: A gente reclama mais é do que não tem. Do que não teve.

S1: Infelizante né? Porque tem pessoas que vangloria, que dá tanta importância nas mínimas coisas do que tem que parece que são mais felizes, e parece que vivem melhor.

S3: Mas é.

S1: E são tão pessoas que chama tanto a atenção que é muito melhor você conviver com estas pessoas do que com uma pessoa que fique só reclamando...

S2: Deus me livre! Que eu tô longe de quem reclama demais. Não! Pelo amor de Deus!

S1: ... Mas a gente...

S2: Eu não aceito mais gente que reclama demais.

S1: Mas a gente, essa maneira da gente tá dando mais valor a ausência do que ao que tem? É um pouco isso.

S4: É.

S3: É eu cheguei à conclusão de que assim eu nunca... nunca perdoei a minha mãe, por exemplo, ela veio pra cá pra Brasília, teve a mim e os meus dois irmãos e o terceiro já nasceu no Piauí e quando eu tinha 5 anos minha mãe migrou daqui pra lá. Minha mãe voltou né...

S2: Pro Piauí.

S3: Pro Piauí. A gente saiu daqui da cidade fomos para o interior do Piauí, pra roça e assim, nada das possibilidades que eu tinha aqui eu tive lá. Então tudo que eu conquistei foi na roça. Na roça mesmo! Minha mãe na época teve...é ganhou "n" terrenos em Taguatinga e ela não quis, teve possibilidade de estudar, as pessoas: Não A., vamos estudar e tal"! Estudar pra conseguir bons empregos e a minha mãe não quis. Eu não sei o porquê? Mas assim a conclusão que eu chego assim, eu nunca consegui perdoar a minha mãe por isso! Assim eu preciso resolver isso!

S2: Você precisa perdoar.

S3: Eu preciso resolver

S2: Até para o bem seu.

S1: Exatamente.

S3: O que passou, passou não adianta... não vai, entendeu ?

S2: Tenta entender porque ela não fez na época, certamente.

S3: Porque se eu tenho assim, ah! Se eu tivesse continuado aqui, minha vida teria sido diferente.

S2, S1, S4: Ou não né?

S4: Eu acho que assim...pra mim também, essa coisa do apoio feminino, eu concordo com isso aí, eu acho que, de certa forma eu minimizo muito a figura da minha mãe. Eu Acho que provavelmente eu não seria também o que eu sou hoje, se não fosse também a presença dela na minha vida, né? É... eu acho que assim, no meu caso, o meu pai sempre foi uma figura muito autoritária, muito controladora e eu acho que ele sufocava um pouco, a minha mãe, com tanto autoritarismo. E por conta disso eu me..eu senti essa coisa do abandono dela e também por que ela se ocupou muito de cuidar de filhos dos outros como eu já falei né ? É eu acho que eu minimizo isso sim!Né? Por exemplo, às vezes minha mãe conta histórias assim de que ela apesar de nunca ter trabalhado fora, nunca ter tido o próprio salário...a vida inteira ela que fez todas as roupinhas da gente e ela conta uma história assim tão engraçada, até hoje ela conta que eu era uma criança bem pequeninha, eu sempre fui muito pequena como hoje, né? E ela conta que ela uma vez fez um vestido pra mim que ela bordou uma historinha no vestido, que era a história de um passarinho preso em uma gaiola. E que esse vestido fez sucesso na cidade inteira né? Todo mundo via aquele vestido e ficava louco com aquele vestido. Então assim pra que? Que eu tô contando essa história? Porque lá na pequenez dela, no sufocamento dela né? Com a figura masculina tão autoritária dentro de casa, assim ela exercia o papel dela de mãe de provedora né? Mas por alguma razão que eu não sei explicar e eu acho que é algo que eu tenho que trabalhar muito ainda na minha vida, porque até hoje eu tenho muita dificuldade assim de é... de aceitar a minha mãe, íbisis literis, assim como ela é sabe? Eu me vejo muito mais questionando ela e muito mais perdoando as loucuras e

as doideiras do meu pai do que é...simplificando as coisas que vem dela. E eu não sei te dizer, não sei te explicar isso, porque eu acho que é uma coisa que tá lá dentro e que precisa ser trabalhada ainda. Pode ser que isso seja um referencial importante pra pessoa que eu sou também, talvez o dia que eu trabalhar isso vai desabrochar de mim uma coisa muito melhor, eu não sei, mas pra mim é claro eu concordo com isso e no meu caso, eu acho que é uma coisa que precisa ser muito trabalhada, tá muito arraigada ainda, por causa dessa coisa, por exemplo, meu pai faz uma besteira...50 vale 50. Minha mãe faz uma besteira vale 50. Com todo o autoritarismo do meu pai eu tenho muito, mais facilidade de perdoar ele, de aceitar as coisas dele, ainda que estejam assim, que foram figurativo, mas ainda que estejam mais ou menos no mesmo pé de igualdade né? Mas isso...acho que é uma coisa minha que precisa ser trabalhada. Interna ainda, eu acho.

S1: É porque também a mulher ela sempre foi muito submissa antigamente né? Ela tinha que respeitar e atender o pai, lá em casa, o meu pai era aquela pessoa, super sociável, ele tinha os amigos, ele tinha na roça né e no final de semana ele era o barbeiro, então ele cortava o cabelo dos amigos depois disso, no sábado à noite eles faziam...jogavam baralho e a mamãe fazia os..

S2: os comes.

S1: Os quitutes lá, os comes e bebes, então o meu pai sempre foi assim o social, na Igreja ele que comandava ele tinha um grupo de pessoas pra resolver tudo na Igreja e a mamãe aí...

S3: Apoiando.

S4: Na sombra dele.

S1: Apoiando, aí meu pai morreu!... num acidente. Imagina a mamãe com onze filhos solteiros! Então ela ficou assim aí que ela ficou ela se fechou muito mais. E os filhos cada um foi tentando crescer com as minhas irmãs...mais velhas

S2: Olha! Papai viajava tanto que nasceu depois de mim, veio uma meninazinha, MC. lembro como se fosse hoje! Ela nasceu, morreu e ele não chegou.

E: A conhecer?

S2: Não. De tanto que a minha mãe teve que enterrar a bebezinha eu me lembro eu com minha irmã atrás das flores pra botar no caixãozinho de anjinho, na roça isso. Mamãe chorava, hoje em dia eu entendo o tanto que ela não sofreu, ela teve a menina e ela parteira viu? E – sozinha né?

S2: Parteira! E teve a meninazinha eu lembro que lá no Nordeste falava sapinho, não sei o que,acho que ela morreu de Pneumonia, porque novinha, assim dias! Ela foi ficando, foi ficando, não tinha medico aquela coisa tudo..

S4: Sem condição.

S2: Botou à velinha na mão parece que eu tô vendo vestida de branco, botou o caixãozinho e enterrou. Papai chegou, já tava...

S1: Nem sofreu?

S2: E aí a mamãe sofria, não porque ele era muito desligado. Abraçar papai, a gente não tinha essa coisa de abraçar. Eu vim abraçar papai depois de velha. Depois de casada.

S1: É não tinha.

S2: Eu era assim tão longe de papai que eu fumava e sempre fumei e eu casada eu fumava escondido, casada eu ia à casa dele e fumava escondido dele. Ele entrava na sala eu prendia o cigarro na mão, porque eu não queria que ele visse. Era um respeito assim, uma coisa. Já com mamãe a gente era mais chegado. Entendeu? Era mais dado, que convivia mais.

E: S3 quer falar mais alguma coisa?

S3: Não, só pra esse negócio que ela falou de abraçar, essa parte do contato físico, ela faz muita falta gente!

S2: É.

S1: Verdade.

S3: Às vezes a pessoa tá ali, mas ele nunca chega perto de você!

S1: Até a gente tem que mudar né, porque nós, eu não recebi beijo e abraço de meus pais, meu que era mais ligado geralmente, acho que o pai é mais ligado a filha né? Papai que cuidava mais assim, conversava mais com a gente, mamãe não. AH, e eu perdi com nove anos, isso foi... mas beijo e abraço?

S2: A gente vai aprendendo depois, com o tempo.

S1: Nunca, mas nunca, nem me lembro da mamãe ter me dado um beijo, nunca!

S3: A minha mãe também não. Um beijo, uma abraço, assim eu não me lembro. Pai eu nunca tive mesmo né? Agora eu sou extremamente beijoqueira. Não tem nada no mundo que eu goste mais do que dá abraço e beijo. (rindo).

S2: Mas é muito bom.

S3: E é com todo mundo.

S1: Mas às vezes eu beijo, é tem que saber dá o beijo, porque às vezes eu beijo pra tê-lo de volta!

S3: Ah! Rindo.

S4: rindo.

S1: Pra ter o beijo e volta! Não, minhas filhas! Verdade! Beijo para ter um beijo de volta e...

S3: Mas eu também beijo o meu filho...

S1: E às vezes eu não tenho isso e eu fico mais chateada, olha só!

S3: Ah! Eu peço! Eu peço! Dá beijo aqui, vem cá. Às vezes eu pego as bochechas assim dos meninos: ai! Coisa tchutchuca da mamãe! E engraçado com 17 anos os meus filhos não se importam, faço na frente de quem tiver! E eles ficam feliz da vida que eu faço isso.

S2: É que já tem esse costume né?

S3: O pequenininho fazer assim ele já vem dá beijo.

S2: Olha e também, veja bem, também eu tava pensando aqui agora eu tive muita sorte na minha vida assim, que eu encontrei muitas pessoas boas. Assim a minha primeira chefe eu sou amiga dela até hoje. Me ajudou muito! Eu morei no pensionato da W3 sul quando eu vim pra Brasília em 1976, eu até hoje tenho contato com essa amiga minha. C, que ela chama, baixinha, pequenininha, que me ajudou muito! E um dia eu era muito tímida gente, eu ficava vermelha, verde, amarela, branca...

S4: Quem diria hein M? (rindo)

S2: Escuta, pois é, aí ela falou pra mim olha, eu conversando com ela, nossa eu sou muito tímida, não podia ser, ela falou: olha! Você vai por uma coisa na sua cabeça a partir de hoje! Todo ser humano é igual a você. Se é um chefe por acaso naquele momento ele tá ali em cima, mas ele é igual a você, e aprenda a falar com as pessoas com a cabeça erguida olhando no olho! Menina, mas foi uma lição de vida isso pra mim. Eu pus em prática e acabou. Até hoje eu não tenho medo de falar com ninguém.

S1: Você tinha que idade?

S2: 19, 20 anos. Ela me ajudou muito. Foi feminino também.

E: o apoio...

S2: Feminino também.

S4: Interessante que a gente esquece né?

S2: A minha chefe me ajudou muito.

E: E tá se lembrando agora.

S2: É e marcou muito a minha vida isso aí.

S4: É a gente simplesmente esquece.

E: E a questão é justamente essa, porque minimiza esse apoio feminino e se centra na ausência do apoio masculino, porque essa tendência?

S4: Porque isso?

S2: É e aí, mas eu valorizo muito isso, eu cultivo muito as minhas amizades, eu tenho amizades assim de trinta anos atrás que eu convivo, que eu visito, sabe? Eu cultivo muito essa coisa... Graças a Deus! Mas é tive muita gente assim importante que me ajudou muito, mas mais feminino mesmo.

E: Mais o feminino que apoiou?

S2: Mais o feminino. Masculino foi pouco.

E: Tem mais alguma coisa, mas a questão é mais no sentido é de se centrar na ausência né?

S2: Eu tô entendendo.

E: Ao invés de pensar naquilo que recebeu, pensa mais naquilo que não recebeu. Ou seja, recebeu o apoio feminino, mas fica mais..

S4: Centrada no...

E: No apoio masculino que..

S4: Não recebeu.

E: Porque isso acontece?

S2: É porque a gente tem essa mania de... de falar mais do que faltou do que valorizar a coisa que tem.

S1: Carência.

E: Mais alguma coisa?

S4: Por exemplo, nessa parte do crescimento né pessoal... é já que a gente tá lembrando né? Eu por exemplo me lembrei da minha avó, a mãe do meu pai, né? Ela me acolhia na casa dela que até hoje gente, se eu fechar o olho eu sinto o cheiro de manga rosa da casa da minha avó. Então ela era assim muito carinhosa comigo, então aquilo que eu não recebia lá em casa muitas vezes de uma atenção particularizada pra mim, às vezes eu chegava na casa da minha avó e eu ia lá pra limpar as coisas pra ela que ela tinha um problema na perna, e eu ia muito pra lá depois da aula pra poder limpar, dá uma limpadinha na casa pra ela, fazer alguma coisa, eu chegava lá a primeira coisa que ela falava: que você quer comer minha filha? E ela sentava, conversava comigo e falava: vamo! Quer que a vovó ensina você a bordar?

S2: Rindo.

S4: Então assim...

S2: Dava uma atenção né?

S4: Era uma figura feminina né? Depois minha avó inclusive antes de morrer ela ficou doente já bem velha, veio pra Brasília, eu já adulta casada, ela me chamou na casa dela antes de morrer e me doou em vida! Olha só eu quero te dar isso, isso, eu tenho lá em casa uma panela de ferro, eu tenho uma colcha tecida à mão por ela que ela me deu..

S2: Olha que legal né?

S4: Então ela me chamou e me deu em vida, então assim talvez ela não pra essa questão assim de, de profissionalmente e tal, mas assim na minha formação pessoal eu acho que a minha avó foi uma figura muito importante... a mãe do meu pai.

S2: Deu carinho né?

S1: Engraçado né? Me lembrei de uma coisinha agora, minha irmã eu era muito apegadíssima a essa porque eu estudo... aliás, a gente é muito ligada tanto é que eu fui fazer faculdade na casa dela, mas eu só ia pra escola se ela me levasse.

S2: Humm.

S1: Um grupo escolar né? Tinha, mas eu não ia, se ela não me levasse, eu não ia junto com ela? Eu não ia pra escola. Tinha que ser ela me levando.

S2: Você não ia sozinha.

S1: Ela que me colocava pra dormir. Eu tinha o que uns sete anos, ela... porque as minhas outras irmãs mais velhas elas estudavam lá, tinha que estudar em colégio de freira e outras em colégio de padre, que eu tive um irmão que ele teve até a batina naquela época, depois papai morreu ele veio. Eu tenho uma irmã freira até hoje e uma outra que também saiu, também era freira, hoje tem filhos. Mas eu sempre fui muito apegada a ela, tanto é que eu fui estudar na casa dela, lá em Cachoeira do Itapemirim, minhas outras irmãs vieram pra Brasília, depois quando eu estava...me formei e tinha um namorado desde criança.

S4: (Rindo).

S1: Tanto é que naquela época eu comecei a namorar com 14 anos, e lá ninguém namorava com essa idade. E aí eu namorei, esse meu namorado a gente estudava, morava lá no interior aí ele foi pra Vitória e eu fui pra Cachoeira. Tinha uma certa distância e lá em Vitória ele ficava numa república com um irmão, primo e a prima dele e a irmã dele e a prima dele, aí ele... e eu pra Cachoeira estudando lá em cidades de 120, 180 km de diferença então às vezes a gente se encontrava no lugar de origem onde a gente nasceu. Aí ele começou... A prima dele começou a dar em cima dele. Nós namoramos quase 6 anos, um namoro certinho aquela coisa de beijo e abraço, antigamente era um namoro assim. Que devia ser até hoje, eu acho né? Aí, não hoje você está com uma pessoa e já fica já vai pra cama e não é assim? Antigamente não era.

S3: Encontrou hoje e já vai pro motel.

S1: E aí o que aconteceu? Essa prima dele começou a dar em cima dele, e hoje ele é casado com a prima...

S2: Humm, ele casou com ela.

S1: Aí ele pra conversar comigo pra terminar, nossa! os meus irmãos queriam que ele fosse lá em casa pra explicar o porquê. Mas eu me lembro que na época eu falei assim, não teve briga, não teve nada, ele falou: olha! A gente tá namorando, eu tô namorando a gente tá se gostando e a gente terminou, sofri demais! Mas eu me lembro que eu falei pra ele assim: poxa vida M! Eu tinha o meu pai e perdi. Agora tive você e perdi.

S2: Aí, Ó!

E: Sempre a tal da ausência, da falta né?

S1: Ah! Meu Deus! Me lembrei disso agora. Me chocou tanto, eu chorei tanto, nunca falei com ele.

S3: Eu tive um avô por parte da minha mãe que foi assim, meu avô o tempo que convivi com ele até os 11 anos e meio mais ou menos, é... era assim eu era grudada. Meu avô ia pra roça passava 15 dias na roça e eu tava junto. Aí assim a gente plantava arroz, milho, mandioca depois ia colher meu avô ia caçar e eu queria ir junto. Ele não deixava, mas se ele ia tirar mel de abelha eu ia junto, se ele ia colher caju (rindo) eu ia junto. Então assim eu parecia mais um indiozinho perdido nas matas junto com o meu avô do que uma menina (rindo) né? Então tudo que é assim de figura masculina que eu tive, que eu tive algum carinho, que eu tive algum... foi do meu avô, pai da minha mãe, só !Ele me ensinou a ler a Bíblia né? Aprendi a ler as histórias da Bíblia com o meu avô. Me ensinava o dever de casa quando eu voltava da escola, e assim...

S1: Talvez isso tudo explica tanto essa carência masculina né? Que a gente tem... eu acredito que é por aí. Tá enraizado.

S3: É muita carência, credo! Isto dificulta os relacionamentos da gente, com os homens.

S2: Eu agora não preciso mais...

E: Como?

S3: Isto dificulta os nossos relacionamentos com homens

E: A carência?

S3: É.

S1: Porque você não sabe como lidar.

S3: Porque eu não sei como lidar com eles, fico esperando alguma coisa que eles não tão nem imaginando que eu tô esperando...

S4: Humhummm.

S3: Eu não sei dizer, aquilo que eu quero.

S4: Também você não verbaliza.

S3: É, não sei, não consigo, eu tenho essa dificuldade até com os meus próprios filhos, o mais velho por exemplo. Ele fica dizendo assim: ai! Mamãe você podia dividir mais as coisas comigo, os assuntos pra eu te ajudar a resolver.

S1: E você pensa.

S3: Ai... às vezes que nem esse negócio do telefone que eu pedi pra resolver ele não resolveu eu já pronto. Fiquei furiosa (rindo).

S1: E ele com toda boa vontade achando que tava fazendo...

S3: Agora, por exemplo, esses dias eu conversei com eles, e disse Ó! A L vai estudar que é a minha prima mais velha e a A vai ficar em casa, vocês tem que ajudar a A. Ai o que que eu descobri ontem? Que a A não gosta de cozinhar, já o JM quer ser mestre cuca, aí o que acontece? O J é que tava cozinhando! Ai ontem a noite ele falou assim: olha a partir de amanhã eu vou inverter o meu horário de trabalho, vou trabalhar pela manhã até o final das férias, até voltar a estudar. E a A, ai! O meu mestre cuca vai embora, G assume a louça que eu vou ter que cozinhar! (rindo), eu disse era você que tava cozinhando? Era, e eu nem sabia. Pronto.

E: Tem mais algum ponto porque a gente tem mais um assunto?

S4: Não. Podemos seguir.

E: Podemos passar? Agora é o ultimo. É, então outro ponto em comum: as suas narrativas evidenciam o papel da mãe dentro da ideia do mito do amor materno, isto é : um amor incondicional, responsável por todos os atos dos filhos (independente das suas idades) de modo que vocês se centram muito mais no papel de mãe, do que de pessoa, mulher e profissional.

S2: É, mas é isso mesmo. (rindo)

S4: Pra mim isso já á é bem mais claro.

E: Foi outro ponto em comum que a gente analisou. Não sei se ficou claro? Quer que eu releia? O que vocês pensam sobre isso?

S2: Não que a gente centra mais no papel de mãe? É porque assim...acho que no meu caso é porque eu fui muito mãe e pai eu criei os meus meninos muito sozinha, entendeu? Então é realmente a gente foca muito nisso daí. E aos trancos e barrancos porque, é justamente a ausência masculina na criação dos filhos faz falta também, então não tem como a gente não valorizar essa coisa, porque tá aí implícito que... que a ausência faz falta mesmo da figura masculina, e a gente valoriza, a gente fica assim supermãe, agora só que atualmente eu já sei diferenciar um pouco assim, eu já não me puno, não sofro com as coisas que deram erradas, porque eu sei que eu tentei fazer com que desse certo . Se deu errado, eu já não me culpo, eu acho que eu já fiz até demais! Porque ninguém dá conta de fazer tudo. Você não pode, você não é perfeita em tudo né? Você tem os seus defeitos e tudo. Então hoje, atualmente eu já não me culpo assim com as coisas que deram errado, eu já aceito! Eu considero que é uma coisa natural da vida.

S1: Nossa, mas isso aí me dói tanto, lê um negócio desses, me dói demais! Porque...que eu apanhei demais. Eu achei que tava fazendo a coisa certa, respirando pelas filhas...

S2: Humhum

S1: Ai! A minha filha não podia, eu sempre via um empecilho, se ela pudesse pegar ônibus pra ir pra tal lugar, Nossa! Eu quase morria ...dos meus horários de trabalho pra ela não ter que pegar um ônibus. Hoje eu quero que essas filhas peguem um ônibus e elas não, a mais...

S3: Elas não sabem.

S2: Elas não sabem pegar.

S1: A mais velha ela vai de taxi. Amanhã eu tenho um compromisso, olha um exemplo, eu tenho um compromisso amanhã teria que ser 07h30min, aí passei pras 08h00min, por quê? O cursinho dela começa às 08h00min, filha, mas como é longe é eu vou fazer o seguinte: vamos! eu te deixo mais cedo, eu te deixo mais cedo porque eu tenho que ir lá. Ai ela falou assim: Ah! Mãe eu não quero chegar tão cedo, não? Eu vou de taxi! E sabe quantos minutos da minha casa o cursinho? No máximo 20 minutos caminhando. Eu acho que dá 1 km e meio, dois.

S2: Dá pra ir a pé.

S3: Rindo.

S1: Então ela não consegue. E também que anda com a avó, a avó vamos pro shopping, ela cresceu assim! Vamo pegar taxi ! vamo pegar taxi ! Hoje eu tenho uma dificuldade e o V sempre falava: Você tem que deixar essas meninas! E eu colocava ele, deixava ele doidinho. Vai pra tal lugar, pega a G que não sei o que, nossa! Ai! Então isso aí, essa situação que eu quero respirar pelas filhas, e hoje a minha mais nova fala: Mãe! Que mundo você vive? Eu resolvo mãe, deixa que eu faço! Sabe?

S2: Que bom! Que ela já tá melhor, já tá diferente.

S1: Ai! A mais velha me dói, porque ela não...

S2: Terapia (interrompendo e rindo)

S1: Ai onde eu quero que ela faz, porque ela tem idade pra fazer? Porque eu pensava assim pô! Até nessa idade, eu vou fazendo. Depois ela faz por conta própria.

S3: Ai, elas não fazem porque não tem o hábito.

E: É vocês entenderam bem aquela ideia do mito do amor materno, o que que é, esse mito?

S4: Não é que você tem que amar, amar, amar, amar, amar, amar até morrer? (rindo)

E: O amor incondicional é um amor que a mãe se responsabiliza por todos os atos dos filhos independente da idade deles. Tudo que acontece com os filhos a responsável...

S3: É a mãe.

S1: E a culpa!

S3: Hoje, eu já não tenho mais não!

E: ...é a crença. O mito do amor materno.

S3: Essas coisas, às vezes eu tomava certas atitudes em relação aos meus filhos e eu me sentia extremamente culpada, me sentindo mal, me sentindo mal, mal. Hoje não! Até o pequenininho se faz alguma coisa que eu não gosto eu viro as costas e deixo ele lá dando birra, depois ele vai atrás. Ai eu vou e converso. Ah! Isso assim, assim.

S2: Mas a gente é.

S3: Mas antes? Eu não conseguia virar as costas não! Eu era capaz de sentar lá e chorar junto com ele (rindo)

S2: Mas a gente sofre muito até entender.

S3: Porque eu achava que tinha que tá lá.

S1: Eu ainda sofro, eu me sinto muito culpada... dessa situação toda sabe? Sofro demais! Ai meu Deus eu queria que a minha filha fosse desse jeito e ela não consegue, eu sofro porque ela não consegue!

S4: Mas por quê? Você se culpa?

S1: Eu me culpo. Eu me culpo.

S2: Ela se culpa porque ela fez isso, ela superprotegeu, mas a gente bem que faz, eu também fiz muito assim coisas, mas agora meus meninos de pequeno já, por exemplo, F com 9 anos, 10 anos ele ia sozinho lá de casa pro colégio, andando. Porque eu não tinha condição, eu não tinha carro, fiquei sem carro, então a ocasião que faz acontecer. É como você vive. Se você tem condições você faz, se você não tem? Tem que se virar na forma que é. Então, mais eu sofri muito também com isso, eu falava: Meu Deus! Eu não dou conta desse três meninos sozinha. Ai Meu Deus, tá dando tudo errado e eu achei que tava tudo certo. Mas quem me ajudou foi: terapia e a religião também, a religião ajuda muito.

S3: A religião é um apoio extremamente importante.

S2: Aquela coisa de você ter força, de pedir a Deus, de você conversar com Deus, de você participar de grupos, de grupos na Igreja, de seminário, dessas coisas nos ajuda muito à gente a crescer. Hoje atualmente eu não me culpo de nada! Sabe?

S3: Eu me sinto...

S2: Sabe como é que eu me sinto hoje? Graças a Deus! Eu me sinto assim que eu fiz além do que eu podia! Eu tiro o chapéu pra mim mesma, falo: Nossa! Que bom que eu conseguir fazer. Tá tudo criado, tá tudo grande, se não seguiu correto? Sabe. Meu filho casado outro dia falou pra mim assim: mãe você plantou dentro da gente tudo que tinha que ser feito. Quem não seguir? É porque não quer. Mas a gente sabe ser honesto, aprendeu. A gente sabe ser educado, entrar e sair em qualquer lugar a gente sabe fazer, entendeu? Então você fez. Ai a pessoa mais que vai desenvolvendo. Agora a gente sofre também, tem fases que a gente sofre. Mas tudo é o caminhar, é o amadurecer, depois você vai entendendo tanta coisa.

S3: É em termos de religião, por exemplo, eu me sinto extremamente assim... é bem sucedida. Porque meus filhos, eu não nasci dentro de um lar evangélico, eu nasci dentro de um lar assim, a gente não tinha religião, era aquele católico que nem ia na Igreja. E eu que não ia mesmo na Igreja. Então assim de repente eu fui frequentando uma Igreja Evangélica, me tornei Evangélica, meus filhos vieram pra cá em 2005, vieram morar comigo, levei eles pra dentro da Igreja, bati de frente com a minha mãe, que não queria de jeito nenhum, depois ela um dia chegou pra mim e falou: você tinha razão, eles hoje são crianças melhores.

S2: Com certeza.

S3: E eles têm os papéis deles dentro da Igreja de dirigir a oração, de correr atrás do grupo de jovens pra reunião de jovens...

S2: Isso é muito bom gente! Ajuda muito!

S3: De fazer gincana de não sei o que? E aí que eu vejo assim: eu fiz eu dei um empurrãozinho, o restante é... o Presidente da congregação abraçou meus filhos por eles serem assim muito educadinhos, muito gentis, eles pegam, AH! As senhorinhas levam as senhorinhas até o banco, ajuda o senhorzinho a entrar no carro.

S2: Nossa isso faz um bem tão grande!

S3: E assim... esses senhores abraçaram os meus filhos de tal maneira que mesmo eu sendo uma mãe solteira dentro da Igreja, eu sou aquela pessoa que eles colocam lá em cima!

S2: Então!

S3: Dizem: irmã você fez por esses meninos, você consegue manter, meus filhos e os filhos do casal do Presidente, são os únicos jovens da Igreja hoje. Todos os outros que nasceram lá, já não estão mais lá, não querem.

S1: Isso ajuda demais. Lá em casa, eu sempre eu fui de uma família muito religiosa, mas o meu marido espírita, minha sogra espírita, então ficou aquela confusão, uma hora as meninas aqui, uma hora as meninas ali, Hoje, eu dei um tempo, eu, olha só, eu, meu deus, eu preciso retomar isso, eu tô assim com mais vigor hoje, hoje eu tô cuidando mais de mim, pra poder ajudá-las, entendeu? Na parte religiosa.

S2: Você é católica?

S1: Eu sou católica, mas eu tô conhecendo um lado cristão que eu tô gostando demais. É um acolhimento, é uma estrutura que eu tô assim impressionada.

S2: Aonde?

S1: Tá me ajudando muito. Lá no sudoeste.

S2: É Igreja?

S1: É Igreja.

S2: É a gente se encontra, Quem me acei... Quem me... aonde eu me senti assim muitos anos atrás 94, 95, foi no bombeiro. Na paróquia do bombeiro. Tinha o padre Ivan na época, muito carismático. Nossa! Foi muito bom.

E: Mas voltando ao nosso tema.

S2: Ah! Sim, é porque a gente vai saindo né? (rindo)

S4: Rindo. Eu fico me perguntando se é mito mesmo, eu acho isso é uma verdade! Né? Eu fico pensando que essa é uma verdade, porque é difícil você encontrar uma mulher que não seja assim, Uma mulher que tenha filhos, que seja mãe, e que não se sinta responsável por seus filhos, por aquilo que eles fazem pela forma como eles agem. Pelo o que eles...

S3: Pelo o que eles serão.

S4: ... Falam, com a forma como eles falam é então eu acho que isso é uma regra!Né?E acho que é isso que nos deixa mulheres muito cansadas, né? Porque você, realmente ser responsável pelos atos dos seus filhos independente da idade deles?

S2: Já são adultos né?

S4: É. Eu tenho uma filha que tem 23 anos dentro de casa, né? Quer dizer ela já não é mais uma adolescente, já é uma mulher. Tem o seu emprego, o seu carro, sua vida, né? Ela não é independente, porque mora comigo, e né enfim, troca ideias com a gente. Mas pra mim, por exemplo, quando eu descobri que a A tinha tido relação sexual com o namorado, eu quase morri! Eu quase morri. E depois que o tempo passou um pouco eu fiquei me perguntando, porque que eu quase morri? Ela tinha lá já seus 18 anos né? Então eu acho que eu quase morri por isso, por me sentir responsável por ela né? Por me sentir assim um pouco, bom se ela agiu assim alguma semente eu plantei nela pra ela agir assim. Porque ela acabou transando com o namorado que tinha pouco tempo que estava namorando... e enfim numa situação muito complicada assim e o cara muito esquisito, louco depois eu...eu quando vi o cara eu já sabia que ele já não batia bem das bolas, e o tempo acabou mostrando isso eu quase tive que botar polícia atrás desse rapaz porque eu. Começou até a ameaçar a minha filha. Então assim eu acho que, não sei essa coisa, acho que toda mulher tem isso.

S1: É superproteção, sobra mais pra mulher isso, o homem é mais desligado eu acho.

S4: É eu acho que o homem pensa assim, ah! Já que aconteceu né? Tipo o meu marido, ah! Já que aconteceu né? (rindo) vamo lá! Mas assim eu acho que a gente mulher, né uma vez que você é mãe? Não sei por isso que eu comecei a falando, será que é um mito ou uma verdade? Acho que é algo até hormonal.

E: Algo?

S4: Hormonal, que é uma coisa que tá no sangue da gente né quando você vira mãe, eu acho que alguma coisa acontece com você.

S3: É um dispositivozinho lá que faz você mudar.

S4: É eu acho que...

S1: A entrega é muito grande né? A entrega, você, às vezes você se anula.

S2: É.

S1: E até que ponto isso é bom?

S3: E aí tá você vai colocando eles em primeiro lugar sempre.

S1: Mas é automático! É, é automático, né? (rindo) a gente se entrega tanto, se anula que é tão automático na vida de uma mãe...

S3: É tão automático que quando eu passo na rua (rindo) e alguém mexe comigo, um homem mexe comigo, eu fico pensando esse cara tá doido tá mexendo com quem? Depois eu, pera aí C. você é mulher! (rindo). Eu

me esqueço eu só me lembro que eu sou mãe, dona de casa e provedora da casa. Assim eu sou o pai da família, eu tenho que dar conta daquela família, e isso não é de agora não, já tem muito tempo. E eu fico assim, esse cara tá ficando é doido, tá mexendo com quem mesmo? E aí depois eu paro e assim aí eu me lembro, ah! Eu sou mulher!

S2: Ai que bom que mexeu comigo! (rindo) Atualmente eu tô doida pra alguém mexer e não acho alguém pra mexer comigo.

S1: Passa em frente a uma obra!

S2: É acho que eu vou passar.

S3: Eu não tô assim jogada as traças, ainda tem alguém que vê alguma coisa interessante em mim, que às vezes nem eu me vejo (rindo). De tanto assim, ai! Tenho que correr pro o trabalho, ai! Eu tenho que fazer isso, ah! O remédio do fulaninho que eu tenho que dar. Ah ! O fulaninho tem exame tal dia, o fulaninho tem o psicólogo, que agora tô trazendo o pequeno ao Psicólogo , de noite agora em casa eu desligo , tenho que lembrar toda noite de desconectar o telefone porque o pai do pequeno fica ligando perturbando o meu juízo, pra não ficar atendendo ou, ouvindo o telefone tocar, eu tô desconectando. Aí eu tenho que ficar lembrando-se disso também. E aí mesmo sobra tempo pra eu olhar no espelho e dizer ai! Que linda mulher que eu sou?

E: Então concorda com essa parte aqui de que vocês se centram muito mais no papel de mãe do que de pessoa, mulher e profissional?

S3: Sim.

S4: Eu pra dizer pra vocês, se eu fosse contar pra vocês as inúmeras vezes da minha vida, em que eu deixei de sair com uma amiga, de ir num cinema, de fazer alguma coisa, pra mim, por conta de uma besteirinha das minhas filhas? Nós vamos ficar três dias aqui.

S1: Rindo

S3: Ai. Minha colega me convidou hoje pra sair, não! Eu tenho que voltar correndo pras minhas crias.

S4: É.

S2: Eu atualmente já não, eu amo incondicional, eu adoro, eu amo os meus filhos tudinho, mas eu já tô mais assim, é priorizando a minha pessoa. Já a mais de um ano que eu já tô fazendo isso. A prioridade lá em casa é minha! Já parei de fazer almoço, não faço, que já tão tudo criado, eu me matava fazendo comida...

S3: Eu ainda tenho um fardo

S2: Não faça mais! Não faça comida, fechei o fogão já tem uns dois anos. Faça assim café, lanche, agora almoço, come na rua, eu como na rua.

S1: E você é mais feliz assim!

S2: Muito!

S1: Pois é eu não consigo.

S2: Porque eu me matava para lavar as panelas, ninguém queria lavar o prato de comida , fui avisando, avisando, agora, mas graças a Deus que isso não é uma coisa que gerou atrito e briga não!Eu fui colocando, colocando, depois quando eu fechei, fechei , não faço, faço o dia que eu tenho vontade de fazer. Ah! Eu vou fazer almoço hoje, eu faço a comida, eles às vezes fazem, mas eles já encaram isso entendendo que eu não dou conta, de eu ficar fazendo almoço, lavando panela, lavando prato, trabalhando..

S1: ninguém dá conta.

S4: limpando o chão (rindo)

S2: Então aos poucos eu fui inserindo isso e eu tô achando que tá muito bom assim. Quero viajar eu viajo passo 15 dias passo 10 dias.

S3: Não eu tô me programando pra isso.

S2: É porque os seus filhos ainda são muito pequenos.

S3: É eu tenho um de 4 anos ainda.

S4: É muito pequeno ainda.

S2: É o meu mais novo tem 23.

S3: Então quando eu fiquei grávida desse pequeno eu estava eu ia assim no segundo emprego de novo, ia fazer um curso de estética no SENAI que eu gosto muito, no SENAI não, um curso no SENAC de Técnico de estética, aí... assim no dia da entrevista, 2 dias depois de eu ia fazer a matrícula no curso, eu me descobri grávida. E eu falei, e eu vou dar conta de tudo isso? Não vou nem assumir tudo isso e vou ficar só aonde eu já estou mesmo.

S4: Só com esse embrião aqui, que eu sou eternamente responsável por ele (rindo) agora.

S3: É (rindo) e ele tá lá, lindo e maravilhoso, é uma graça, mas, dá uma canseira. Dá uma canseira. E agora esse negócio de mexer com justiça... Na terça-feira eu tava de folga, tive que madrugar no fórum pra pegar...é orientações , agora tô correndo atrás de documentações de testemunhas, tem que entrar com com pedido de guarda legal, pedido de execução de pensão,

S1: Ai Deus do Céu!

S3: E assim ontem eu recebi um telefonema.

S2: Um dor de cabeça.

S3: ... da DPCA, me disseram , olha dia 02 de fevereiro tá agendado pra você trazer o seu filho na 1a. Consulta dele aqui, na 1 a. visita ao Psicólogo Forense aqui. Eu chorei tanto, mas eu chorei tanto que eu achei que eu ia escorregar pelo ralo.

S2: Mas por quê?

S1: Pelo seu filho... o que aconteceu?

S2, S1: Mas você chorou por quê?

S3: É uma investigação de abuso. Eu chorei por que ...

S2: Porque o seu filho vai?

S3: Não, eu chorei porque assim, ainda ontem de manhã eu tava assim: Ai Meu deus! Nada acontece, parece que essa história não vai pra diante, até quando eu vou dar conta de ficar batendo de frente com o meu ex-marido pra ele não pegar a criança, pra ele não falar com a criança. As pessoas me perguntam assim: Você tem certeza que aconteceu um abuso? Eu falo gente!

S2: É tão difícil, assim né?

S3: O transtorno que o meu filho tava passando... Ah! Mas criança se engana. Mas eu falei, mas criança não se engana com coisas tão óbvias, assim com coisas tão específicas, não óbvias...

S2: Mas a melhor coisa ele vai pro Psicólogo lá.

S3: Ele já tá fazendo tratamento.

S2: Então!

S3: Mas aí eu também fico assim... chorei de emoção por eu tá acontecendo alguma coisa, já não tava naquele momento me sentindo tão sozinha, chorei preocupada, já vai fazer 3 meses, será que o Psicólogo vai conseguir tirar uma coisa desse menino?

S2: Vai.

S3: E se der errado?

S2: Vai dá errado não!

S3: A carga que vai vir pra cima de mim, porque já tem umas cobranças da família do meu ex-marido, a responsabilidade...

E: A responsabilidade por tudo que acontece com os filhos

S2: É tá dentro do assunto é!

S3: É. A culpa que...

S4: Você já está pensando no desdobramento futuro do teu filho.

S3: e a culpa que eu senti quando eu comecei a perceber que isto estava acontecendo. Porque como eu passei por isso na minha infância eu na minha cabeça, naquele momento eu tinha obrigação de reconhecer um pedófilo.

S2: Haham.

S3: Ah! Porque você passou por isso, não foi ninguém me dizendo, foi eu, como que eu que passei por isso e não reconheci nesse homem com quem eu morei junto?

S1: Você se culpou por isso.

S3: Sim. E u não reconheci nele essa pessoa. Comecei...

S2: Mas é muito difícil.

S3: Comecei a lembrar de coisas que eu não me lembrava...

S2: Eles fazem muit...Não é fácil reconhecer.

S3: E assim só de falar eu fico tensa. Só dele ligar em casa eu travo, o meu corpo dói tanto que eu preciso tomar um medicamento. Eu faço o que tem que fazer... mas eu faço assim...

S2: Você faz obrigada.

S3: Na marra, enferrujada, porque eu sei que eu não tenho alternativa eu tenho que fazer pra proteger o meu filho eu tenho que fazer, eu tenho que ir agora com essa história até o fim.

S2: e ele é filho dele?

S3: É. Agora. A ansiedade pra essa história chegar no fim.

S1: Mas você está agindo da melhor maneira, enfrentando. A melhor maneira é enfrentar.

S2: É.

S3: Ontem quando eu comecei a chorar, chorar, eu estava no apartamento onde que faço faxina sozinha, eu comecei a chorar, chorar, chorar e não parava de chorar. E aí eu me dei conta que eu tava chorando... pelo o que tá acontecendo com ele, eu tava chorando por mim,...

S2: É todos, você vai ficando estressada.

S3: Eu. Quando eu chegar no final dessa história eu vou tá resolvendo o meu problema que nunca foi resolvido.

S2: É.

S3: Parte dele.

S4: Tomara

S3: Parte do abuso que eu sofri que as pessoas não foram punidas, eu descobri que eu tô querendo punir aquelas pessoas que abusaram de mim também.

S2: É.

E: A gente já tá a mais ou menos uma hora. Mais alguma coisa em relação a esse ponto de reflexão? Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?

S4: Acho que se a gente fosse falar sobre isso era o dia inteiro.

S2: É exatamente.

S4: Contar histórias como ela tá contando né? É eu acho que renderia, mas eu acho que o principal é que isso é verdade, que a gente age exatamente assim.

S3: E a gente cobra das nossas mães por isso aí.

S4: E você muitas vezes você não... ão submete o seu papel de profissional em detrimento do seu papel de mãe, exatamente porque você é mãe! Que você tem que prover. Como ela tá dizendo aqui. Então muitas vezes, por exemplo, o filho vai pedir pra ela, Ah! Eu quero que você fique em casa comigo, não! Mais eu tenho que trabalhar.

S3: É.

S4: Então você não tá, a gente como mulher a gente não tá valorizando o nosso lado profissional, a gente tá valorizando, o nosso lado de mãe. Responsável por prover, por dar o de melhor. Então fica assim, por isso é que eu acho que surge essa coisa, primeiro mãe, segundo mãe, terceiro ser mãe, quarto ser mãe, depois... ser mulher né? Ser profissional.

S3: E aí vem o profissional, você tem que ser o profissional pra dar o bom exemplo, pra...

S4: Pra o seu filho o dia que tiver um emprego mandar bem também, né?

S3: É para poder cuidar, ter a grana e assim depois vem a mulher, porque eu pra mim a mulher tá em ultimo lá, entendeu? A coitada da mulher aqui, tá jogada lá.

E: E vocês duas em relação à mulher ficar por ultimo como a C. falou?

M: Atualmente, eu já não acho que não pode ficar por ultimo não.

S3: Não é que eu acho... é que tá me deixando.

S1: Você já tá com autoajuda, porque você já conseguiu sair disso.

S2: Mas é porque o meu caso é bem diferente ela tem criança de 4anos, o meu filho mais novo tem 23 anos, então agora eu já sou prioridade, eu já me sinto assim, entendeu? Já não me culpo de coisas, eu já não esquento muito a minha cabeça. Nessa parte profissional às vezes eu fico pensando que eu tô naquela fase, aposenta ou não aposenta, mas eu gosto de fazer alguma, de desenvolver alguma coisa gostosa na área do trabalho e eu tô num local que eu não tô fazendo nada que eu gosto. Então cada hora que me dá vontade de me aposentar ao mesmo tempo eu fico pensando, na verdade eu queria trabalhar mais um pouco. Talvez se eu achasse um lugar assim onde me desse aquele gás, aquela coisa gostosa de fazer...eu ficaria mais, então eu tô nessa coisa assim de, eu tô balançando aí pra ver, entendeu? Mas eu já me coloco assim mais em primeiro lugar já, atualmente.

S3: Mas de repente não seria a hora de você pensar em aposentar, mas assim pensar em fazer, sair do que você não tá gostando de fazer...

S2: É

S3: ...e procurar uma atividade que te renda alguma coisa, mas que te dê prazer.

S4: Que goste né?

E: E S1 falou pouco.

S1: Falei pouco né, porque machuca tanto. (rindo)

S2, S4: Rindo.

S1: É mais eu tô primeiro é: a mãe, segundo: a mãe, terceiro: a mãe e depois a mulher tá lá no final, esquecendo até de mim. Ontem minha filha falou assim: Mãe, porque que você não vai... ela foi... vai filha você tem uma semana e você estudou muito vai passar uma semana lá na praia em Vila Velha e aí vai e volta e ela: Mãe porque que você não vai mãe?

S2: A sua filha mais nova que...

S1: Mais nova é...

S2: Que fica mais perto, tá mais em volta a ela.

S1: Porque você não vai mãe? Ah! Vocês dependendo de mim o tempo todo, como eu vou filha? Sabe? Então eu já fico assim, então eu não tô vivendo o meu eu.

S2: Aí você já fica assim...

S1: Eu não tô vivendo o meu eu em função de filhos. Não tô vivendo o meu eu ...

S2: Mas as suas filhas não precisam mais de, elas já tão adultas né?

S1: Uma tem 17 outra tem 19.

S2: Ah! Sim você tem as mais novinhas.

S1: 17 e 19. Vamos ver se vai passar na UNB, então é mil mudanças esse ano entendeu? Lá em casa. E aí eu fico... eu tô sempre lá em quarto ou quinto lugar. Isso...e eu me sinto bem com isso?

S2, S3: Não.

S1: Não. Mas eu também não tenho estrutura pra mudar, por enquanto. Estou buscando...

S3: É eu tô na mesma situação.

S1: Eu estou buscando, estou buscando, entendeu?

S2: Vai fazer a terapia! .Tô falando.

S1: Eu não tinha estrutura pra fazer um Mestrado, a minha família estava tão...

S2: Desestruturada.

S1: Desestruturada, tão confusa...

S2: Mas às vezes você saindo...

S1: ... Que nem a prova do mestrado eu fui fazer, porque eu não tava com estrutura psicológica, mental, física. Agora estou me preparando pra enfrentar.

E: O que tu ia falar?

S2: Tô falando prá fazer terapia pra ajudar a se organizar. Porque a terapia ela ajuda a gente demais a se organizar, a traçar metas, o terapeuta vai te ajudando ali, então coisinhas mínimas que você muda na sua vida, você vê que faz...

S3: Uma diferença!

S2: Uma diferença enorme pra sua família. Pra suas filhas

S1: Verdade.

S1: É engraçado que a gente quer do outro, quer que o outro seja tal. tanto que ele deve preencher a lacuna que falta na gente .

S2: É.

S1: Hoje eu vi uma frase, mais ou menos isso, então a gente busca no outro...

S3: E a gente cobra do outro

S1: Cobra do outro a lacuna que nos falta. É muito sério isso, ao invés de você... levantar o que o outro tem vangloriar o que o outro tem dar valorizar o que o outro tem você quer que ele seja. Você quer que ele seja....

S2: Igual a você.

S1: Que ele cubra o que falta em você.

S3: E se perguntar o que tá faltando aqui, o que eu tenho que mudar na minha vida pra eu preencher esse vazio? (rindo) entendeu? Eu assim, ultimamente eu largo a trouxa de roupa às vezes no fim de semana que tem que lavar o dia que tô de folga, passo a mão nos meninos e vou ao shopping (rindo).

S2: Você precisa sair um pouco.

S4: É. Respirar outros ares.

S3: Sair um pouco. Preciso ficar um pouco perto deles dentro de casa. Eles estão aí a minha volta, mamãe isso, mamãe aquilo e eu tô aqui mexo na panela, mexo na pia, mexo na roupa eu realmente não para pra dar aquela atenção.

S2: É, e é importante.

S3: E eles reclamam porque não tem atenção. E eu me reclamo porque tô sobrecarregada.

S1: Nossa como eu hoje eu analiso assim como eu fui. eu poderia ter mudado muita coisa tipo..não sei se ontem eu falei isso? Não sei se eu pensei nisso, mas eu cresci assim: eu tinha que estudar e tinha que trabalhar dentro de casa, acho que eu falei isso ontem?

S3: É

S2: Falou lavar as coisas.

S1: Então eu acho que eu fui me cobrando tanto hoje em dia no trabalho que eu poderia ter me desligado mais de trabalho e ter dado mais ainda atenção a filho, sei lá! Tô me questionando tanto com essas coisas sabe? (rindo).

S4: Rindo

E: Então gente acho que a gente já chegou agora, tem mais alguma coisa que gostariam de deixar registrado? Não?

S2: Vai sair um livro. (rindo)

S1: Rindo

E: Tá bom então.

6 Transcrição dos Atos da Fala da Terceira Sessão do Grupo Focal

E: Eu tô colocando aqui o último slide onde a gente parou, quando eu pedi pra vocês refletirem sobre... que narrativas se evidenciava o papel dentro da ideia do mito do amor materno, isto é um amor incondicional, responsável por todos os atos dos filhos independente de suas idades, de modo que vocês se centram muito mais no papel de mãe, do que pessoa, mulher e profissional. Esse foi o último ponto que a gente discutiu...

S3: É. Eu ainda quero transformar a minha prima pra ela ficar igual a mim. S4, S1 e S3: rindo.

E: Só pra vocês lembrarem onde a gente parou e agora eu elaborei outros pra gente refletir hoje. Hoje no caso seria a terceira sessão. Então a primeira coisa... ouvindo-se as suas narrativas percebe-se o tanto que vocês são cobradoras. Fazem cobranças...

E: Da mãe, do marido, dos filhos.

Todas: rindo.

E: É uma análise que a gente fez ouvindo a narrativa, que aparece assim essa coisa da cobrança. O que vocês pensam sobre isso?

S2: Penso que a gente cobra mesmo. Naturalmente a gente vive cobrando. Até da gente mesmo, a gente se cobra muito.

S3: A gente se cobra mais da gente do que dos outros. Aí assim já estende para os outros, né? Eu faço, faço, faço e to sempre me cobrando. Ah! Eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo, porque eu sou a mãe, eu sou a dona da casa, eu tenho que botar tudo em ordem e eu quero transformar a pobre da minha prima na mãe igual eu sou. A coitada não vai dar conta! (rindo)

S1: (rindo) Mas S3. Isso gera tudo uma ansiedade né? E o que é uma ansiedade pra mim? Ansiedade é tudo aquilo que te deixa estressada por uma coisa que você não tem, mas gostaria de ter. Uma coisa que você não é, mas gostaria de ser. Então essa cobrança vai assim... é uma roda gigan... é uma roda que gira! A gente só fica nisso!

S4: É, mas você tá falando de uma cobrança de você. Você se cobrando?

S1: Não. Cobrando na sua postura porque você... isso gera ansiedade.

S4: Pois é você se cobrando de você mesma?

S1: É como mãe. Aí você cobra do marido, aí você cobra do filho...

S2: Das pessoas... que convive.

S1: Você tá cobrando do seu marido uma situação que você não tem e que você gostaria que ele fosse pra você, entendeu? Isso te gera ansiedade e a cobrança. Eu quero o meu marido assim, então eu vou cobrar pra ele daquela forma porque eu acho que aquele é o certo. Isso? 24 horas na minha cabeça. Minhas filhas: Mãe! Para pelo amor de Deus! Para! E hoje eu estou parando mais porque eu estou percebendo que eu quero que a minha filha levanta e vai fazer isso, isso, isso porque eu quero que ela seja do jeito que eu imagino que ela tem que ser e não se eu fosse aceitá-la, que as coisas fossem acontecendo normalmente, que seria muito mais prazerosa...

S2: A convivência.

S1: E desenvolver mais como ser humano, sabe E? Essa dominação que a gente tem.

Entrevistadora: M. tu começou a falar?

S2: Não, é que a gente tem mania de ser, aquela história de ser super mulher, de dar conta de tudo. Então a gente se cobra, de ser perfeccionista. Eu já fui muito mais, queria tudo perfeito, não ter o direito de errar, entendeu? Então isso aí vai gerando essa cobrança em cima da gente mesmo e das pessoas que convivem com a gente. Essa história que você tá colocando que a gente tem mania que os outros sejam do jeito que a gente quer? O que tá errado né? Que hoje em dia eu já percebo que não adianta. Filho principalmente eles tem que ser do jeito que eles sabem. A gente orienta, fala: Olha! É melhor assim! Mas se estressar para querer que seja? A gente sofre muito. Tem que deixar eles caminharem com as pernas dele e dizer assim: Olha! Eu que to de fora, e to vendo melhor, cuidado com isso aí, tipo assim mais de conversar e não de ficar... tipo assim você tem que ser assim...

S1: Isso.

S2: ...porque não funciona. Funciona mais, hoje eu vejo com os meus filhos, funciona mais eu conversando. Será que não é melhor assim? Se você vai na imposição, aí você não consegue nada não. Aí se você vai e conversa, olha! Eu que to de fora, eu to achando que era melhor você vai fazer isso. Pensa direitinho dessa forma. Aí ele: Ah! Será? Entendeu? E aí às vezes muda! Agora se eu falar: você tem que fazer isso... ichê! Ele faz de outro jeito.

S1: E a gente fez e faz muito isso né?

S2: faz.

S1: Já fez muito né? E hoje eu me cobro mais. E é difícil você mudar de uma hora pra outra.

S2: Muito.

S1: Porque você tem que mudar com o avião andando! O avião voando! Você tem que mudar ali. Os seus filhos estão crescendo, é adolescente... tem que mudar em pleno voo. Ai! E você não foi preparada pra... no solo. Você, tá! Lá vai ter um voo, vou ter isso, isso e isso! Eu não fui preparada, nem pensei, nem me analisei, eu agora estou voando está todo mundo no avião e você tem que arrumar... .

S2: Você quer ver uma coisa que eu tenho falado, com essa história dos meus filhos de eu me aposentar, têm uns dois anos que eu venho falando pra eles: Olha! Cuida da vida porque eu vou aposentar nhãnhãnhã? E aí agora minha filha, quando é esse ano, os dois resolveram que vão sair de casa. Eu tomei um susto! Porque eu não imaginava que fosse tão rápido, mas agora eu já to assim que bom que vão sair né?

S4: (rindo) Chega a ser engraçado.

S2: Você tá vendo? Porque aí chega um e diz pra mim: mãe! Eu decidi que eu vou morar com a V.

S4: (rindo) Não era isso que você queria? (rindo) E agora... (rindo).

S2: Vou morar coma V. E eu: Hã! Ah! Tá. Decidiu? Mas você acha que tem condições agora, você não acha que tá ganhando pouco... .

Todas: (rindo) Interação

S2: Aí depois eu falei: Ei! Presta atenção! Ah! Legal! Tá arrumando, já arrumou um apartamento, um sobradinho, já alugou e eu to dando a maior força. Aí o de 23 falou: também vou morar com a T. Eu falei: ah! Legal! Mas pera aí espera um pouco deixa eu primeiro botar o fora desse, pra depois eu por o seu.

Todas: (rindo).

S2: Porque se não, vai ser os dois na mesma época, porque tem toda aquela coisa da gente querer ajudar. Aí eu me peguei, olha a cobrança! Eu me peguei assim! Nossa! Como eu queria ter condições financeiras de montar o apartamento dele. Eu não tenho! Né? De comprar geladeira, fogão porque eles vão sair assim na cara, mas é aonde ele vai crescer.

S1: Aonde vai aprender... .

S2: E eu tenho certeza que ele vai crescer muito com isso. E ela já tem dois filhos, ele já vai com a família pronta. Falei: ei! Presta Atenção. Mãe! Às vezes me dá uma dor no coração, é uma mudança, é uma responsabilidade! É, mas é aí que você vai aprender. Você não quer ela? Não é o amor da sua vida? Normalmente acaba os dois.

E: É o ponto assim nas narrativas né? A cobrança dos filhos é a menor, né? Existe mais uma cobrança em relação à mãe...

S1: Cobrança da mãe para os filhos.

E: Não! Cobrança de vocês...

S4: Das nossas mães... .

E: Cobrança de vocês em relação ao marido e cobrança de vocês até em relação à terapeuta. Ah! Como é que me abandonaram.

S2: É dos terapeutas né?

S3: O bom é que a gente tá percebendo isso. A gente se deu conta de que nós temos esse problema e temos que resolver. Em casa assim eu tenho essa situação, eu quero, mas eu me seguro. Pera aí C.! Você não pode transformar todo mundo aqui em soldadinho de chumbo, não? Calma aí! Você trabalha 24 horas por dia e quer que todo mundo entre no seu ritmo? Eu não vou dar conta. Eu fico lá na minha. Respiro fundo. Dou uma voltinha na rua e volto e faço que eu dou conta e quando eu vejo que a coisa tá muito... Gente! Vamos fazer isso? Ah! Vamos, aí agita né? Faz. Dou umas ideias assim: ah! Não é melhor isso?

S2: Funciona bem né?

S3: Não seria melhor assim? Sabe? Em vez de: Faz desse jeito! Tem que ser assim.

S2: Nossa! Quando vai por aí que a coisa vira uma pirraça.

S1: A maneira de falar... muda tudo.

S2: De falar, de agir.

S4: É até o seu jeito, o seu estar né? Acho que interfere, mas eu acho que isso aí é fruto de tudo aquilo que a gente discutiu. Porque no fundo, no fundo, é eu acho que, o que eu tenho visto, pelo menos aqui entre nós quatro, é muito mais uma cobrança da gente mesmo. Talvez nas narrativas, o que a gente discutiu tenha dado muito isso, essa coisa de cobrança mesmo. Mas eu acho que pelo ou menos um ponto em comum e que eu vejo aqui entre nós é: que a gente se cobra muito mais! Eu acho. Tudo bem, eu cobro a ausência da minha mãe, eu cobro a... quietude do meu marido é eu cobro a inércia das minhas filhas que vão na onda né? Daquela do que eu vou proporcionando pra elas, cobro de você (pesquisadora) que nos abandonou (rindo) né? Mas só que eu acho que isso... assim, talvez seja muito mais resultado dos temas que a gente discutiu aqui, porque se eu for olhar pra tudo que a gente falou aqui, nós quatro? Que eu vejo muito, muito mais da gente cobrando da gente mesmo.

S2: Hamham.

S4: Sabe assim uma coisa, eu acho que a gente tá muito mais nessa coisa de cobrar mais da gente mesmo.

S3: Eu não costumo nem assim é... tem certas cobranças que eu já falo assim: eu não aceito! Porque eu já me cobro tanto, eu já me cobro tanto que quando alguém vem me cobrar alguma coisa eu, não! Pera aí, calma aí. Vamos por aí não, porque assim coitada de mim eu não dou conta.

S1: É eu sei. Essa situação quando você falou E. E lembrou muito eu em relação as minhas filhas. Eu achava que sempre eu tinha que levá-la, buscá-la, não vai de ônibus, a gente vai dar um jeito...

S2: Superprotegendo.

S1: A gente... Vamos fazer, porque eu pensava assim: poxa! Até certa idade, ah! Já é de maior, elas vão se virar, de um dia pro outro, nossa! Vai fazer assim elas vão resolver pegar um ônibus e vai... hoje, quando eu vim pra cá, a G.tem um medico hoje à tarde. Se fosse eu ontem? Deus me livre! Olha! Eu tenho que sair daqui a tal hora, porque eu tenho que pegar a minha filha. Eu não posso ficar até o final não, porque eu tenho que pegar a minha filha, porque ela tem medico. Hoje eu saí de casa, filha: você tem duas opções: ou você vai comigo e fica no carro ou lá até eu terminar e a gente vai no seu medico, ou então você vai pro seu medico de ônibus e depois eu te pego. Hoje! Eu consigo fazer isso.

S2: Já é uma mudança grande.

S3: Já. Interação

S1: Eu não conseguia de jeito nenhum.

S2: Nossa! Já tá evoluindo já. Deixando ela andar com as pernas dela.

S1: Eu dei as opções... porque aí hoje eu, assim há uns meses atrás, eu exigia. Vai minha filha você quer tudo na mão, pelo amor de Deus! Eu já to cansada, faça a sua parte! Mamãe tá. Fazendo a minha, que eu to trabalhando, eu to correndo, faça, vai de ônibus. ..

S3: Só que ela não sabia fazer né?

S1: Não sabia, ela nunca fez. Sempre tudo na mão. Informação.

S3: A gente acha que eles vão vir prontos e nós temos que ensinar tudo! Até andar de ônibus.

S1: Até andar de ônibus.

S4: Cobrança de filho. E não cobrança, não só cobrança nossa de filho, entendeu? É que assim eu entendi você conseguiu me cutucar com essa questão do abandono né? Eu acho que na realidade, desde que a gente começou a conversar aqui, o que eu to sentindo é muito isso mesmo. Que o nosso discurso tá sempre girando em torno disso dessa questão de abandono, abandono, abandono e que talvez a gente seja assim, não sei nem que termo usar né? Talvez nós mulheres... não sei se é só nós quatro, mas acho que é muito de mulher mesmo isso né?

S2: Hum.

S4: ...é essa coisa do abandono, acho que é uma coisa nossa! De mulher! Porque desde que a gente sentou aqui nessa sala é o que a gente tá falando disso.

S3: É discutir em torno disso.

S4: De certa forma nós estamos falando de abandono. Abandono das figuras em torno das quais a nossa vida gira.

S4: Isso é fato né? Então eu to aqui pensando que realmente a gente tem tratado quase que basicamente disso. Agora o mais interessante é que eu to me sentindo assim que tá parecendo... assim que a gente muitas vezes não tem razão pra essa queixa de abandono.

S1: Nem de abandono e nem é de cobrança. Que a gente é um ser dominante em tudo. Dominamos, queremos. Eu me sinto mais de dominadora. Dominar marido, dominar filhos, dominar tudo! Tudo! É do jeito que a gente quer. Eu não vejo tanto assim como abandono é de dominadora! Porque que eu que tenho que? Nossa! Eu ainda tinha o aval da família. Nossa! A A. resolve tudo, faz tudo.

S3: Haham.

S1: Então aquilo me enchia mais pra eu tomar a decisão de tudo! De marido: faz isso, faz aquilo, sabe? E não é por aí gente! Você é uma chata em vida. (rindo)

S2: É. Interação

S1: Porque nem filho aguenta, marido não aguenta isso...

S3: O tempo vai passando ó! E você vai ficando cada vez mais sozinha (rindo). S2: Mas eu vejo essa questão do abandono é... das mulheres assim quase que em geral, porque no outro grupo que eu fiz de terapia? Todas se queixavam do abandono do psiquiatra que saiu daqui e abandonou elas sem receita...

S4: (rindo) Vai ver que o pobre foi transferido pela direção do Hospital.

S2: Entendeu? Ele saiu e depois nas férias ele voltou então assim o que elas se queixaram muito é começa um tratamento, uma terapia legal, quando tá tomando rumo pra dar certo pra dar tudo bem e aí se sente abandonada, entendeu? Acho que Isso é geral das mulheres! Do ser humano talvez! Né?

S4: Mas eu acho que talvez seja mais...

S2: mais das mulheres.

S4: uma coisa mais pontual de mulher mesmo.

S1: Porque a gente... se questiona...

S4: Porque tem a ver com o tanto que a gente se dá.

S1: Ou questiona, questiona a tudo! O homem não? Ele é aqui ó? Ele vai e pronto. Não tá, não se questiona por tudo..

S3: Uma visão periférica dos homens e ele ficam...

S2: Mas também, eu vejo assim, poucos casos, mas eu vejo também aquelas mulheres que não falam nada, tudo pra ela tá bom...

S4: Mas um dia ela vai falar.

S2: Você vê que as pessoas sofrem. Não tem vontade...

S3: Pessoa morta né?

S2: Não fala nada, aí sofre mais. Acho que tem mais é que falar mesmo.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

S3: É eu percebi assim que a... eu não sei por que ah! Eu ainda não sei por quê! Tem muito aquela coisa assim de, meio que: ai! Coitadinha de mim! Sabe?

S2: De vítima né?

S3: Não sei bem se de vítima? Eu não gostei disso não! Eu não sou coitadinha, nunca fui.

S2: Você fala o que? As pessoas?

S3: Não. Eu, eu que me descobri...

S4: Você tá se sentindo assim: Que você tá falando?

S3: Eu me descobri nessa posição: ai! Coitadinha de mim.

S2: Deixa eu entender: as pessoas acham que você é coitadinha?

S4: Ela tá se achando!

S3: Não. Eu me percebi assim.

S2: Ah! Sim.

S3: ...que eu faço essas coisas e fico assim.

S1: Com dó de você.

S3: Ai! Coitadinha! Que dózinha de mim! Coisa horrível! Uma mulher linda e maravilhosa

S4: ficar reclamando. Informação.

S3: ...ficar com dózinha (rindo) né?

E: Vamos adiante?

S4: M: Vamos.

E: Então, o mito do amor materno, a gente mais ou menos falou né? Ele é um termo usado por uma filósofa chamada Elisabeth Batinder, que mostra como foi construído a ideia do amor materno. Que na verdade esse mito do amor materno é uma ideia que foi construída, criada na nossa sociedade, ideia de um amor que é natural, instintivo, que é da natureza da mulher né? Que ela já nasce com isso né? E um amor ilimitado. Aquele amor que é responsável por tudo e que a mulher é como se ela já nasce com isso, ela já traz com ela isso. A construção desse mito dá suporte às práticas sociais: para nossas atitudes, para as nossas atividades sociais, ou seja, a manutenção desse mito do amor materno é justamente o que justifica o homem não se engajar na criação dos filhos.

S2: (Rindo). Você vê que a gente não deixa.

E: Não sei se vocês entenderam.

S2: E; S1: Entendi

S2: Entendi perfeitamente.

E: Existe um mito do amor materno...

S4: É tão aceito socialmente né?

S1: Mas a gente puxou uma até falou entre nós. O meu filho mais velho quem é? O marido. Ó! O meu filho mais velho. Vocês não falaram isso?

S4 e S3: Eu não.

S2: Mas muita gente fala, eu já ouvir falar, o filho mais velho lá de casa: o marido. Eu já ouvi falar.

S1: Olha aí! O amor incondicional... materno ilimitado... É o instinto natural...

S2: Eu tô 15 anos sem marido então...

S1: É o instinto natural? E às vezes eu me sinto como tal. Muitas vezes.

S2: E outra coisa que eu já ouvi falar demais também assim: Mãe é mãe! Mãe não faz isso! Fosse o pai fazia! Mãe é mãe! Tipo assim como se o amor é tão grande que tem que morrer, tem que sofrer ali e não faz. Mãe nenhuma larga um filho!

S3: Quem será que inventou esse mito? Algum homem que inventou?

S4: Ela não inventou, ela identificou né?

E: Foi construído na própria sociedade que a gente vive uma ideia que foi construída, foi algo criado. Nasce na nossa cultura...

S4: Entre nós assim, pela nossa cultura.

E: Na nossa cultura, na nossa sociedade...

S3: Que eu acho que os instintos, a mulher ela realmente tem. A posição mulher ela já tem, quando ela engravida, por exemplo, ela começa a mudar todo pra receber aquele serzinho ali. Agora essa coisa exagerada que a gente carrega que todo mundo acha que a gente tem que ser o tempo todo e nós aceitamos isso e pegamos isso e colocamos nas costas e saímos carregando esse baú é uma coisinha de cultura mesmo e que é um fardo muito pesado porque não nos permite ser diferente em nada, descansar um pouco.

S1: Quantas vezes C., quantas vezes eu escondi fatos das minhas filhas pro meu marido. Porque se fosse pra falar, ele ia, e eu acho que era o correto...

S2: Pois é... (rindo).

S1: Quantas vezes eu...

S4: Tinha que deixar o pau quebrar né?

S1: Vocês não fizeram isso?

S4: Ah! Eu já.

S3: Eu tive marido esses dois anos e nove meses, só. Nunca tive maridos.

S1: E ainda pegava o aval delas. Olha! Eu não vou contar para o seu pai. Sabe? Olha! O outro erro. Em vez de eu ficar calada, bobinha calada, não! Vou fazer isso sempre. Por favor, seu pai não vai saber disso que não sei o que. Pegava o aval delas ainda sabe?

S3: Quando elas tiverem os filhos delas vão se pegar cometendo os mesmos... (rindo).

E: Então, vocês parecem que entendem assim essa questão do mito né? Mas é justamente a manutenção, ou seja, enquanto eu acreditar que existe esse amor incondicional, ilimitado e responsável é que...

S2: O homem não vai jamais...

E: vai justificar que o homem...

S4: vai ficar na dele.

Entrevistadora: ...vai justificar que ele realmente não tenha esse comprometimento. A gente já ouviu falar de mito do amor paterno?

S4 e S2: Não

S2: A gente já ouviu falar assim: O homem larga, homem larga filho, mas mãe, não! Pai larga filho, mas mãe não larga. Já ouvi demais esse comentário.

S3: Filhos são da mãe! Os filhos são sempre da mãe. Aonde a mãe vai, ela leva os filhos. O homem não, ele sai de casa, ele vai embora e arruma outra família.

S2: Eu vou até te falar uma coisa que a minha mãe falava muito que eu lembro, mamãe falava assim: pai! Minha filha gosta de filho enquanto está com a mulher de bem, depois que ele separa, não tem mais aquele amor. Já ouvi demais a minha mãe falar isso.

S1: Eu... me lembrou uma coisa, minha irmã morava mais longe assim da cidade e aí a gente se via no final de semana, ela vinha no final de semana com o marido. O marido bebia. Chegava, ia pra uma festa chegava trêbado. A minha mãe falava pra minha irmã assim: olha! Minha Filha! Vai cuidar do seu marido. Prepara a janta dele e deixa aí. E ele trêbado e a minha mãe querendo que ela fosse fazer tudo direitinho pra ele? Sabe? Em vez de ó! Te vira, resolve, você tá bêbado. Ou melhora. Não! Minha mãe, não você vai preparar, deixa a comida prontinha, você vai esquentar a comida... ou no fogo... porque você vai esquentar a comida pra o seu marido.

S3: É, deixa eu te contar uma história. Eu trabalhei numa casa de um advogado e ele me disse assim um dia que... ele já tava no segundo casamento, o que fez com que ele escolhesse aquela pessoa com quem ele estava casado foi que um dia, ele namorava ela, chegou na casa dela, e o pai tava chegando, o pai dela tava chegando meio trêbado, que tinha bebido e a velhinha, mãe dela foi lá pegou ele foi lá agasalhar e ele disse: É com essa mulher que eu vou casar porque ela foi bem criada.

S1 e S4: Rindo.

S2: Igual à mãe, vai cuidar de mim.

S4: Meu Deus!

S1: Mas tem muito disso. A gente talvez ainda é levada a isso, ainda hoje. S4: Eu não sei.

S1: Às vezes, eu não sei o limite, qual é o limite pra fazer carinho, de cuidado? Será que a gente sabe? Qual seria o limite, ou o mito tá muito mais avançado do que esse limite que a gente fez essa divisão?

S3: A gente se doa demais e talvez quer que o outro se doe da mesma forma. Só que ele não tem nem ideia disso.

S4: Eu acho que é uma coisa tão certa isso aí, tão certa que eu me lembrei de situações que eu já vivi. Uma muito específica com a ex-mulher do meu irmão, no sentido assim de que nós mulheres, nós estamos tão enfrontadas nesse mito que quando a gente vê uma mulher que não tá nesse amor natural, instintivo, ilimitado, incondicional, nós somos as primeiras a...

S2: a dizer...

S4: a apontar o dedo pra ela. Essa mãe aí! Não é uma mãe não! Essa mãe aí é uma cachorra!

S2: Desnaturada!

S4: Não é?

S1: Madrasta.

S4: É uma coisa tão certa que tá tão arraigado dentro da gente, que você, inclusive vai julgar mesmo os seus pares, mulheres como a gente né?

S1: Assusta.

S4: Não acredito que essa mulher está simplesmente deixando o filho jogado. Que a minha cunhada ela, ela primeiro que ela proibiu o meu irmão de ver, aí o meu irmão e a família toda pra ver, tinha que ser na base do oficial de justiça. E, assim enquanto ela estava explorando financeiramente o meu irmão, então ela fazia barganha. Ela usava a menina como barganha. E um dia, a gente vivia nessa situação, acho que ela simplesmente cansou da filha, a filha entrou aí nessa fase de rebeldia, 15 anos e aí começou a ir pra rua, aí ela simplesmente, ela virou para o outro lado. Aí ela começou a tipo expurgar a filha de alguma forma e houve um momento inclusive que ela teve agressão física com a filha e foi quando o meu irmão conseguiu tirar a filha de dentro de casa. Foi pra delegacia...

S1: Mas aí teve um desequilíbrio?

S4: É, mas, por exemplo, muitas pessoas da minha família, até quem conhecia: essa mulher não é mãe! Não foi ela quem pariu!

S2: (rindo)

S4: Então assim, isso é só um exemplo, mas um exemplo cabeludo. Mas a gente pode ver assim no dia a dia, quantas vezes você já não apontou o dedo pra uma amiga tua? Quantas vezes eu já não apontei o dedo pra minha mãe? Eu disse que ela não me amava incondicionalmente? Tá tão arraigado em mim. (rindo).

S1: Tá tão enraizado no elo social que... às vezes a gente se pergunta até que ponto é o correto? Não é legal você ser tão. Não é legal você amar incondicionalmente né? Não é melhor, não é legal? Não é mais comum? Do que você cortar...

S4: Mas acho que é por isso, por causa dessa questão do mito.

S1: Do mito, do mito... exato. Então, tá tão enraizado na gente isso, que às vezes a gente até critica quem é mais enérgico...

S2: Quem não tá certo. Critica quem tá correto. Quem já mudou né?

S1: A gente não sabe qual que é o correto e o qual que não é mais.

S4: Olha só! Eu vivo um problema atual com a minha filha caçula. A gente... não sei por que razão a gente bate muito de frente, eu acho assim que é aquela coisa do espelho né? Eu olho pra ela e me vejo e ela olha pra mim e se vê. Deve ser isso. Aquela coisa de gênio parecido de coisa parecida. Então, por causa disso eu tenho batido muito de frente com ela. Muito, muito, muito. E às vezes me dá um cansaço! Pensar, ai! Não to tolerando essa baixinha! Sabe? Mas assim até pra mim é insuportável pensar isso! Até eu comigo mesma, sem nem verbalizar, pra mim é insuportável pensar nisso: eu não to tolerando essa baixinha!

S2: Mas é porque ela faz você refletir as coisas.

S4: Por causa desse mito. Por conta desse mito.

S3: Mas eu acho que é muito mais porque a pessoa se vê como uma pessoa horrorosa, uma mãe...

S4: Mas não é isso que eu me sinto... é porque eu acho assim...

S3: Não, de pensar, de pensar isso.

S4: Será que eu tenho o direito de me cansar da minha filha? Acho que é isso aí. S3: É. Quando a gente pensa alguma coisa assim.

S4: E tem dia que eu fico cansada. Podia ter uma maquininha de congelar ela uns doze dias!

S1: Só? (rindo).

S4 e S3: (rindo).

S1: Eu com a minha filha mais velha, eu já falei minha filha: pelo amor de Deus! Eu vou arrumar um lugar pra você ficar porque eu não te aguento mais. Eu não te aguento, G! Não aguento porque você tá demais... você extrapola.

S4: Aí depois tu fica morrendo? Porque falou isso?

S1: Aí daqui a pouco...

S4: Tu tá morrendo porque falou isso.

S1:... ela fica moída e eu também. Aí!... Muda de uma hora pra outra. Ela faz assim: ela olha pra mim e sorri! E aí, ai! Filhinha eu vou aí te dar um abraço. Igual uma idiota, besta sabe?

S3: (rindo).

S1: Então, é difícil pra saber, essa situação pra lidar...

S3: Eles aprendem a manipular a gente.

S1:... porque nós não estamos é... seguras de como lidar com uma situação dessas. Porque a gente vê o espelho, você tá vendo você ontem né? Sua filha dessa forma, e eu agiria assim porque o meu pai era desse jeito,

mais enérgico e agora eu não sou, eu não dei limites, como é que eu vou cortar agora? Aí você... eu não sei como lidar às vezes. Aí é difícil.

S2: Sem contar que hoje em dia os filhos são muito mais... evoluídos, em tudo. Já nascem... é de computador...

S4: Já sabem tudo, né?

S2: Já sabem tudo, eles já sabem e eles cobram da gente, que a gente não cobrava de mãe. A gente era tão bobinha. Eu era tão bobinha quando eu era pequena, nossa!

S1: A manipulação é deles também né?

S2: É. A gente não sabia nem cobrar de mãe. A gente ficava meio que assim porque a gente era muito inocente, nas coisas. Hoje em dia não tem mais isso. Os filhos já tão assim... acima, entendeu?

S4: É.

S2: Aí é difícil.

S3: Eu tenho muita dificuldade com o meu pequeno. Ele me manipula bonitinho. S2: Pois é tá vendo? E é o pequeno.

S3: Ele tem quatro anos.

S1: A minha mais velha além de manipular, ela dominava a mim, domina ainda, eu estou ficando mais esperta. Ela sabe dominar, ela sabe! Gente é impressionante a capacidade dela! Vó, vô, pai, mãe, ela manipula! Ela manipula de uma tal maneira que agora que eu to abrindo, agora que eu to... meu Deus!

S2: Agora que você tá vendo isso, né?

S1: Tô vendo isso. E como é difícil a gente reeducar ou a gente tentar aprender pra como lidar com essa situação! É difícil. Eu fico desesperada, igual a você! Meu Deus! Será que eu estou renegando a minha filha, será que eu... ah! Eu vou congelar?

S4: Ainda não inventaram a maquininha.

S1: (rindo)

S2: Aí eu vejo assim que nesse momento aí, a mãe tem que estar mais próximo da filha possível, ser mais amiga o que puder ser, porque é mais fácil de lidar.

S1: Aí então... eu tinha esse pode... esse jeito autoritário que quase ela morre com isso, então eu estou me doutrinando.

S2: É tente ser verdadeira com ela, falar...

S1: Até estou buscando muito na religião. Buscando como você falou aquele dia que como ajuda e elas não estão com essa base assim espiritual? Por que o pai era de uma religião e eu sou de outra. Aí já... problema, eu também vejo isso como problema. Aí eu estou buscando. Eu preciso me...

S2: Fortalecer.

S1: Fortalecer em todos os aspectos pra poder entendê-la e a gente poder ter um melhor relacionamento, mas eu primeiro. Esperar dela é perda de tempo.

S2: Não e de repente você mudando ela vai mudar.

S1: Ela já está.

S2: Ela já está tá vendo? Você mudando ela já vai mudar também, Já vai entender, nossa! A minha mãe tá tão diferente! Entendeu? E essa cumplicidade às vezes melhora muito.

S1: Porque ela assim, ela sempre foi, ela é a primeira neta, então a avó queria ver a neta, o vestido era de onde? "O Bixo comeu".

S2: Marca.

S1: Nessa loja eu já paguei. Eu que entro nessa loja? Eu nem entro, passo na frente. O consumismo dela é uma coisa de louco! E eu não sou assim. Então a gente bate de frente.

E: E esse assunto assim, vocês tem mais alguma coisa pra colocar?

S1: Não.

S3: Eu tenho que ficar esperta com o D pra ele não me manipular tanto.

S1: Quantos anos?

S3: (rindo) quatro anos.

S1: Que demônio.

E: Vamos passar pro outro então?... Contradições. É... Vocês cobram dos homens e ao mesmo tempo dizem que o amor materno é natural, instintivo e próprio da mulher. Então fica uma coisa contraditória né? Porque o amor materno é uma coisa natural né? A gente nasce com isso... é próprio da mãe e da mulher...

S4: Mas a gente quer que os homens aprendam ué? (rindo)

S1: Rindo.

E: Mas vocês cobram dos homens a não participação deles. Então vocês conseguem entender essa contradição?

S2: É cobra, mas não deixa eles participarem às vezes. Informação Explicitar

S1: É. Agir.

E: O homem é desligado, não cuida, não participa...?

S1: Sim.

S2: Porque a gente já faz tudo né? A mulher pega e toma a frente e já faz tudo né? Ai, já que ela tá fazendo mesmo, porque que eu vou me preocupar. Na verdade é essa.

S4: E olha que muitas vezes essa cobrança é silenciosa né? Não é nem em palavras.

S1: Não! Pior é a atitude.

S4: Você cobrar uma cobrança silenciosa ela é ainda pior porque aquela que você chega: Olha! Criatura! Eu quero que você pegue o carro e vá no Mercado compre uma farinha, um café e tá aqui a lista, vá! O pior é aquela cobrança quando você imbuída desse mito de que você precisa amar incondicionalmente e amar incondicionalmente significa, por exemplo, prover a sua casa, quando você vai lá pro Mercado, morre e fala assim: porque que aquela criatura infeliz não veio pro Mercado fazer a compra?

S2: Você não falou pra ele...

S4: Pois é, é isso que eu to falando, quando a cobrança é silenciosa.

S2: A gente quer que a pessoa faça! Sem você pedir. Eu lá em casa faço com os meus filhos assim: ninguém faz nada aqui, sou eu mesmo né? Então deixa eu fazer.

S3 e S4: (rindo) você já

S2: Olha o F fala pra mim assim: mãe! Você me pediu isso? Precisa pedir? Você não tá vendo? Não mãe! Você podia me pedir! Entendeu? Então a gente que é culpada, a gente centraliza, a gente quer ser a super mulher e quer dar conta de tudo! Entendeu? E quer que eles sejam diferentes, se a gente não pede, a gente não fala! Eles não sabem o que a gente quer

S3: Porque na verdade a sociedade valoriza essa super mulher, quando a gente não é essa super mulher a gente é amputada. A gente que é egoísta

S2: Não é só com esposo, não! É com as pessoas da sua convivência. É filho, é esposo se tiver junto.

S3: Quem tiver por perto.

S4: É quem der mole.

Todas: (rindo)

S2: Até colega de trabalho. É relação humana isso aí. Até colega de trabalho, às vezes a gente fala: nossa! Fulana não tinha que fazer isso? A gente tem que tá falando o que ela tinha que fazer? Eu to fazendo a minha parte!

S1: Nós somos em quatro aqui falando nesse assunto. Será que todas as mulheres não estão nessa linha dura. Me responde E?

S2: Com certeza. (rindo), estamos, acho que é da mulher.

S4: Acho que é muito provável que seja algo muito próprio da mulher mesmo e que talvez tenha a ver com essa coisa desse mito mesmo. Porque o mito ele te transforma em algo, como ela falou aqui, em algo muito, com muito poder. Só que ninguém intrinsecamente, por si mesma é tão poderosa a ponto de poder abarcar tudo e ainda como ela disse: sair linda e maravilhosa à caça.

S3: Não dá conta.

S4: Isso. Isso eu acho que não é só aqui dentro não, A? Acho que é dessa porta pra fora de uma forma muito geral.

S1: Mas nós, nós mulheres temos que saber, tem um jeito muito inteligente de agir, de medir palavras, né? Atitudes! Porque a gente tá agindo, tá falando, tá reclamando, mas tá fazendo. A gente reclama, reclama, reclama, mas faz. Sabe como... que tem essas prerrogativas de você mudar o jogo, mas continua fazendo a mesma coisa! Porque tá enraizado! Tá enraizado na gente. É cultural.

S2: É porque é muito difícil a mudança. Pra todo mundo é muito difícil à mudança! S1: E mudar em pleno voo,

S3: E crescer né?

S1: tá mudando em pleno voo, né?

E: S3?

S3: Tô falando que crescer dói, né? Evoluir né? Muitas vezes é doloroso. É... aceitar que você tá fazendo algo que não é bom nem mesmo pra você. Você tá fazendo com a melhor das intenções, mas não é bom nem pra você, totalmente bom, aquilo ali. E você tem que mudar e você pensa: eu vou mudar como? Por onde eu vou começar? É todos os dias você tem que lembrar que você tá num processo de mudança. Que aí a hora que você esquece você vai lá e ih!...

S1: Porque nós não tivemos essa resposta materna e nem paterna. Minha mãe nunca chegou pra mim: Minha filha: olha! Vai fazer isso, isso e isso. Aliás, era sempre o meu pai que conversava com os filhos, eu perdi o meu pai com nove anos num acidente, mas eu me lembro muito bem do meu pai conversar com a minha irmã oito anos mais velha, que ela tava com um namorado e ele falava assim: Minha filha! Esse... esse namorado seu é isso, isso, isso. Ele tem um ponto positivo aqui e negativo aqui, mas olha! Cuidado! Cuidado! Que eu acho, que pode ser que ele não seja um bom namorado pra você. O meu pai fazia esse papel.

S2: Ainda bem que ele fazia.

S1: Mas... aí ele morreu. A minha mãe... ah! Eu vou prover os filhos... aí conversa? Nada. Minhas irmãs que começam, as mais velhas que começam a trazer, ou levavam, vou estudar aqui, estudar lá, entendeu? Então esse papel de pai e de mãe? Eu não tive. Pra pai e mãe pra resolver. Porque assim uma família não é aquela coisa, pai e mãe e os filhos, os dois se acertam se conversam pra educar os filhos. O correto de uma família eu vejo assim! E aí eu to fazendo a mesma coisa com as minhas filhas, por quê? Eu nunca tive a visão de um pai pra mim, então eu quero ser o pai e a mãe! E dou com o burro n'água. S3: Eu nunca tive pai mesmo. Nem pra dizer nada. Então assim nunca soube, nem sei como é o nome da pessoa. Então, nunca teve homem dentro de casa mesmo. Nem pra ajudar em nada, pra comandar nada, pra fazer nada. Sempre foi a minha mãe. Conversa? Zero. Por exemplo, com o meu filho mais velho a gente teve um distanciamento, porque eu deixei ele pequenininho com a minha mãe e vim pra cá e na cabeça dele eu tinha abandonado. Só que quando eu trouxe ele de volta pra morar comigo eu consegui resgatar isso. Mas aí o meu filho do meio que era colado em mim se distanciou. E eu tenho uma dificuldade enorme pra...

S1: Com homens

S3: ... pra conseguir ter uma convivência assim, eu vejo que a nossa conversa não é aquela coisa profunda que tem que ser. Tá superficial (emocionada).

S1: Entendi.

S3: ... e isso me incomoda e ele fica triste, mas não consegue me dizer o que é que ele quer.

S1: Isso é ciúme, não?

S3: E tem agora ciúmes do pequeno.

S1: Então!

S3: E aí ele... .

S2: É o do meio. É o salsicha.

S3: ... ele fica me cobrando.

S2: É o salsicha. Já sei. Eu tinha que fazer Psicologia (rindo). É o filho do meio, eu tenho isso lá em casa. Eu tenho o mais velho, o do meio e o de 23. É 30, 29 e 23. O do meio é carente, já me deu tanta, quando ele era pequenininho ele falava: ninguém gosta de mim nessa casa e chorava, levei ele pra fazer terapia, sabe por quê? O mais velho é o dono do pedaço que já chegou faz tempo, chega o segundo todo mundo só fala no primeiro, o primeiro tem ciúmes do segundo e aí chega o terceiro, você larga o do meio pra cuidar do bebezinho ele fica ali, salsichinha, imprensado. A maioria dos filhos do meio são carentes. S1: Mas não são, é porque são três. Lá em casa duas, elas são gato e rato e eu vejo que é muito ciúmes, porque também. O que aconteceu, é um ano e meio de diferença. Elas deviam ser amigas né? A gente pensa assim. Onde eu errei meu Deus! Que elas não são amigas. Aí quando o bebê nasceu uma ficava comigo e outra com o pai, cada uma num colo.

S4: Interessante né? Como a gente se atribui a culpa né? Quer dizer que as meninas dela brigam sabe se lá porque razão e a culpa é...

S1: É nossa

S4: ... é tua. Você acabou de dizer, é tua.

S1: Verdade...

S4: Não é nem nossa.

S1: Porque eu acho, a mais nova, muito mais fácil. A gente tem mais afinidade eu com a C e com a G o pai é mais, mas o pai é mais torrão, fechadão. Então a disputa... uma agride a outra o tempo todo. É ciúmes, e como lidar? É fácil?

S2: Terapia. (rindo). Tudo cai na terapia.

S3: (rindo).

E vamos passar pro outro assunto?

S2: vamos que já esgotou.

E: Então, o que tu mais ou menos perguntou A, tá aqui. É o que de fato temos na nossa sociedade ocidental? Então são alguns pontos que existem né? A construção do mito do amor materno. Isso é uma coisa assim... são estudos na nossa sociedade ocidental e não em uma sociedade oriental que já funciona de outra forma...

S1: É?

Entrevistadora: Sim aí já é outra cultura, outras pessoas. Essa questão do mito do amor materno é algo que foi construído por nós, na nossa própria sociedade. Construído pela gente mesmo. E tem uma razão de ser. Uma ideia que foi construída e foi transmitida...

S2: Pelo mundo feminino.

S4: Pelas gerações

E: ...transmitido às pessoas. Acho que vocês entenderam bem a questão do mito do amor materno, aquela condição que a mulher se coloca de que ela tem que amar incondicionalmente, de uma forma ilimitada, que isso já é da natureza feminina, que ela já nasce assim, isso foi dito, colocado e construído. Um segundo ponto

que existe na nossa sociedade é a tese da naturalização, que é aquela que afirma, que vende aquela ideia das coisas inatas, que a mulher tem uma natureza feminina, ela já nasceu pra ser mãe, ela já nasceu pra ser esposa. Ela já nasce, é algo natural. Tese da naturalização é aquela que aponta: isso é da natureza da pessoa, ela já nasce com isso, à mulher. É uma ideia, né?

S4: Também construída

Entrevistadora: Construída por algumas pessoas da nossa sociedade e...

S2: E que ficou né?

E: ...e que se faz presente nas nossas atitudes, nos nossos relacionamentos, no dia a dia. Então é algo natural, instintivo, biológico, já nasce.

S1: Até quando não sabemos. (rindo)

S3: Acho que tem um pouco disso, mas não é tudo isso.

E: Só para terminar eu explico rapidamente e aí vou deixar pra vocês pensarem: A Ideologia do Patriarcado. O patriarcado, o que é? A Ideologia? É uma ideia, um tipo de pensamento que existe na nossa sociedade, a nossa sociedade é patriarcal!

S1: Desde a criação...

E: O que é o patriarcado que existe ainda nos dias de hoje? É uma ideia que centraliza na figura do...

S4: Do homem

E: Do pai, colocam né? A hierarquia e colocam o homem como soberano, como líder, numa posição superior e de comando né? Então a figura do pai que exerce uma autoridade e que os filhos têm que obedecer e... as mulheres também.

S4: Ficam submissas.

E: ... As mulheres também. Então ele fica numa posição superior e de comando em relação aos filhos, a esposa, as mulheres em geral. Então a nossa sociedade é patriarcal ainda nos dias de hoje. Existe esse pensamento. Outro ponto é a diferenciação e papéis de gênero. Então na nossa sociedade também existe uma coisa de... dividir, de fazer uma diferença, né? Por exemplo: homem, mulher, razão, emoção, o bem e o mal. Então tudo se vocês repararem tem essa divisão e essa divisão é uma coisa que faz com que... crie uma desigualdade. Por exemplo: quando se coloca que homem é diferente de mulher, né? Cria-se uma relação de poder, porque daí o homem tá superior à mulher. Quando a gente coloca que emoção é diferente de razão, quando a gente coloca que a mulher é mais emotiva e que o homem é mais racional, a gente tá dizendo então que a mulher é intelectualmente mais inferior porque ela age mais pelas emoções? Então existe também, na nossa sociedade essa tendência de fazer uma diferença e de atribuir papéis de gênero, que diz qual é o papel do homem, qual o papel da mulher na sociedade, o que é adequado para o homem, o que é adequado para a mulher na sociedade. Como que o homem deve pensar, agir, sentir e fazer e como que a mulher a mesma coisa. Então distribui papéis, o teu papel é esse, o teu papel é aquele. Então a nossa sociedade é caracterizada por isso também. E o estabelecimento de relações de poder. Por haver essa divisão e essa distinção, essa diferença, o que cabe para um e para outro? Acaba dividindo, criando uma relação de poder, uma disputa. Quem tem mais poder, um ou o outro.

S1: É, mas eu acho que isso tudo vem desde o cristianismo. Porque a mulher foi feita com... A costela do Adão. Entendeu?

S3: Dependente.

S1: E essa parte religiosa diz muito disso. Porque a mulher ela tem que tá aí sempre prestativa para o seu marido. A parte religiosa chama muito a atenção nesse lado. Gente eu me perdi...

S2: Não, mas hoje em dia já tá mudando um pouco... da parte religiosa que chama mais atenção.

S1: Aí hoje... o que me chama mais também, antigamente o homem era o provedor e a mulher ficava tomando conta dos filhos. Hoje em dia, o que? A gente divide o custo, o financeiro, porque nós temos que trabalhar fora. E além do mais o homem não saiu....

S2: Do casulo.

S1: ...da situação dele. Ele tá na rua, ele tá trabalhando fora. A mulher não. Ela está trabalhando fora...

S2: E dentro de casa

S1: ... ainda tem esse mito dela, ela que comanda a casa com os filhos, a responsabilidade é sobre a mulher, isso é mito? Não! Não sei se é mito. Porque o homem sei lá, então a gente tá mais dividido ainda pra cuidar de fora, de casa, trabalhando e cuidando da casa, de filho. Olha aí como isso é difícil também pra gente, porque nós buscamos isso, tivemos que correr atrás.

S2: E o que acontece, pegando o gancho dela aí. É o homem meio que acomodou porque a gente foi trabalhar fora, mas a gente ficou com as duas atividades entendeu? Que é o que ela tá falando aí. Eu ouvi o marido de uma amiga minha falar muitas vezes pra ela: quem não tem competência, não se estabelece. Foi trabalhar fora tem que ganhar um bom salário pra poder pagar uma empregada. Quer dizer: ele não! Ele não tinha que pagar nada, mas já que ela decidiu trabalhar fora...então que o salário dela tinha que dar pra ela pagar uma

boa empregada ou então ela tinha que se lascar trabalhando fora e fazendo tudo em casa. Que marido é esse né?

S3: Bom né? Se dividisse o salário da empregada né? Eu pago a metade...

S4: E você paga a outra.

S2: Quer dizer na cabeça dele realmente a responsabilidade toda é da mulher da casa, de dar conta de tudo. Já que foi trabalhar fora e deixou a casa e os filhos então que pague uma empregada, porque ele não tem nada a ver com isso.

S1: E a gente ouviu muito falar que... eu até acredito eu não sei se eu estou errada ou é um mito? Que a casa... quem domina a casa a relação familiar é a mulher. Gente! A gente ouviu toda hora isso.

S2: Mas hoje em dia já está mudando, os casais novos, as coisas já são divididas. S1: Divididas o que? Divididas como?

S2: Você vê esses casais os novos que estão casando agora...

S1: Ah! Os novos.

S2:...essa outra geração. Eu vejo o meu filho casado, por exemplo. Cada um tem o seu papel já. Tipo assim: Ó você vai lavar sua roupa, eu vou cuidar disso aqui. Eles dividem mais as coisas.

S1: Eu acho que você tá certa. Eu sempre comento e já comentei isso e concordo que a geração dos nossos filhos...

S2: Já tá diferente.

S1:...é a pior eu acho, pra gente. A gente sofre mais. Porque os novinhos, esses jovens de agora, os dois dividem as atividades dentro de casa, é muito mais fácil porque eles já estão... então a geração dos nossos filhos eu falo assim: não vai ter pior.

S4: Não há nada que não possa piorar! (rindo)

S1 e S3: (rindo)

S2: Quando o meu filho casou, o mais velho, nossa! Eu olhava assim e falava, ficava caladinha. Só observando ele levando o lixo lá fora, levando café pra ela na cama. Lá em casa até cueca era no chão, entendeu? Quando casou, a mulher de hoje em dia, a mulher de hoje em dia, ela não aceita mais apanhar a cueca do chão, igual a gente apanhava dos maridos, dos filhos né? Apanhar do chão, lavava, não sei o que, não. Ei! Põe a sua... cansei de ver a minha nora falar. Ah! Ele tá aprendendo. Põe sua roupa aí porque eu não vou apanhar não tá?

S3: Eu ensinei isso para os meus irmãos, eu trouxe do Nordeste pra morar comigo eu cheguei e coloquei pra lavar louça, ensinei a lavar roupa, ensinei a fazer faxina... S2: No Nordeste ainda a cultura é... Bem diferente.

S3: E assim eu ralei, mas as minhas cunhadas hoje: ai! C. Graças a Deus! Você ralou, mas conseguiu fazer...

S4: Ensinou.

S3: ensinei porque eles fazem tudo. Meus irmãos fazem tudo na casa deles. Dividem de igual pra igual.

S1: Então não existe geração pior viu E? Calma, eu acho que não vai ter pior do que essa agora, nossos filhos.

S2: Pior não? Vai ser melhor!

S1: Não, vai ser melhor porque os nossos filhos assim pra gente, pra gente, como a gente sofre com isso! Porque a gente tá correndo, trabalhando fora e não tem reconhecimento! Que tem que fazer tudo de dentro de casa...

S2: Não, mas eu já penso diferente. Eu penso que pra eles, eu acho legal ver... S1: Então, vai ser melhor.

S2: ... o casal de hoje em dia, eu gostaria que o meu marido fosse, eu acho legal ver o casal hoje em dia, cada um ajudando, fazendo comida, o outro lavando a louça o outro...

S1: Mas é isso o que eu estou falando essa geração é melhor.

S2: É melhor.

S1: Porque ela já tá vendo tanta dificuldade que a gente passa...

S2: Pior?

S1: Não, a nossa, nós... é a que mais sofre por ser desse jeito e por ver os filhos é... assim. Porque quando vão casar eles já sabem como é que a gente funciona, o que não deu certo e tá fazendo o correto.

S3: Tá fazendo diferente.

E: O que tu achas?

S4: É eu acho né? Que tudo isso aí faz sentido. Mas eu fico aqui pensando nesse item aí da Ideologia do Patriarcado, que eu acho que nós estamos vivendo um momento na nossa sociedade muito importante, em que isso aí tá sendo quebrado.

S3: Totalmente.

S4: E eu acho que de repente toda essa carga né? Que a gente tá tendo como mulher, que estão todas aqui de certa forma nos queixando de abandono, de excesso de um monte de coisa... eu acho...eu não sei... Eu fiquei aqui agora pensando nisso, eu acho que tem a ver com tudo isso. É todo um contexto cultural em que existe

todos esses mitos, com essa diferenciação de papéis, com um grau forte social em que, se você fizer do jeito que a sociedade diz eu te aceito. Mas se você não fizer eu não te aceito. E como uma coisa que tem a ver com a quebra dessa ideologia, que eu acho que essa coisa do patriarcado tá sendo quebrada.

S2: Tá.

S1: Mas é isso que a gente tá falando agora aqui.

S4: E eu acho que socialmente essa carga que nós trazemos cultural e das gerações... É eu acho que não tá tendo essa contextualização. Por exemplo, hoje eu não acho que o homem detém o poder dentro de uma casa não! Não acho mesmo!

S2: Dessa geração nova, não.

S4: De várias famílias que eu conheço, minha mãe servia a comida do meu pai, ela botava no prato. E levava até ele. Então, hoje, eu acho que não é assim. Por exemplo, o meu pai chegava em casa, tá aqui o dinheiro dentro de casa é pra gastar assim, assim e assado. Então hoje, por exemplo, a gente divide o orçamento familiar. Metade, como se diz, tomara fosse assim né?, metade é minha responsabilidade, metade é sua. Então eu acho que essa ideologia ela tá deixando de existir. Só que o complicador é que tudo que se criou em termos de cultura e de mito em torno disso... Eu acho que não teve essa evolução. Entende assim? Ou seja, a mulher tem que continuar sendo boa, dada, só que ela também agora precisa assumir uma função que socialmente, por anos, era do homem. E talvez, eu não sei, é uma ideia ainda confusa, mas que eu estou começando a construir agora, depois dessa conversa nossa né? Será que toda essa coisa dessa nossa cobrança né? Como mulher, também não tem a ver com essa coisa de papéis? Tá eu cresci pra entender que: o homem da casa era o forte, era a figura, ele que tinha que manter, trazer a comidinha e tudo. Só que o que eu to vivendo não é isso! E será que eu não to reclamando agora do abandono e até da minha mãe porque ela não me ensinou a viver? Ela não me ensinou porque ela não sabia. Mas será que eu agora não to agora nesse sofrimento, nessa queixa toda, por causa exatamente disso, porque eu não aprendi isso? Que eu cresci esperando isso?

S1: Mas foi mudança né? Mudança.

S4: Pois é isso que eu estou falando, as mudanças sociais. Que estão galopantes.

S1: Mas é por isso que vem a calhar com o que a gente falou, porque hoje a nossa geração ainda é de correr atrás do Mercado e dentro de casa, ainda!

S2: De ser supermulher, a gente quer ser supermulher.

S1: As filhas, o filho já não é mais, ele tá ajudando, ele tá participando, ele tá dividindo, entendeu? Então é uma geração que vai ser bem melhor. Parece.

S2: Às vezes ainda vejo a minha nora, tipo assim, meio que me deixando... tudo por conta dele... às vezes deixando mais por conta dele.

S1: E você como mãe fica doída.

S2: Não faço nada, não falo nada, não entro no mérito, deixo que eles se virem.

S4: Deixa eles se entenderem né?

S2: Você vê a mudança da coisa. Por exemplo: Teve um show que ele queria ir muito e ela falou: Ai! Ele tá tão cansado que aí ela pediu um colega pra ajudar a pagar o ingresso pra ele poder ir no show e ela ficou em casa com a menininha, aí eu falei, nossa! Que legal! Já o meu, o pai dele falou: nunca vi isso você vai pro show e a outra fica em casa sozinha. Quando ele, às vezes ela quer ir para um canto com os amigos, que ele não pode ir, ele fica com a menina. Eu acho legal! Eu acho que é uma coisa de confiança boa, entendeu? Só que o pai é ciumento demais e neurótico né? Nunca vi isso. Isso não dá certo! Ela sai...

S1: Ele tem que fazer terapia.

S2: Iche! Não vale a pena.

S4: Acho que as mulheres precisam evoluir.

S2: Sabe? Então eu to vendo uma evolução legal nesse sentido aí! De ter e sair com os amigos, que elas saem juntas só as mulheres, e sai os homens tudo junto, sozinhos. E não é pra aprontar. Ele falou: Mãe! Ele foi dormir até lá em casa no dia que ele foi no show. Mãe! Foi tão bom, eu descansei, relaxei um show que eu queria ver de rock, que ela não gosta e você vê, eu não tinha interesse em paquerar ninguém, eu fui pra curtir. Eu disse: Ah! Que legal! E ele falou: eu também confio quando ela quer sair sozinha com as amigas e tudo. Porque se não tiver isso aí, é horrível!

E: S3 quer falar alguma coisa?

S3: Bom, os meus são ainda muito pequenos né? Nessa questão de filho né? Mas é... essas coisas é meio... a gente fica se perguntando assim aonde, de onde que vem isso? Pra onde que vai aquilo, né? Essa questão de confiança de relação é muito importante, de cada um, às vezes a gente precisa de um tempinho nosso de curtir alguma coisa sem tá preocupado em dar atenção pro outro que tá ali do lado, né?

E: E em relação a isso aqui, tem mais algum ponto?

S2: O estabelecimento de relações de poder...

S1: Engraçado eu não sei por que eu passei a me, to me questionando, não sei por que veio esse assunto, não sei se cabe aí...

S2: Às vezes a gente sai do assunto quando entra na vida da gente! (rindo).

S1: Eu sou uma pessoa, eu tenho que, feliz quando eu tenho uma programação familiar pra final de semana!

S2: Você gosta?

S1: E quando não tem, eu fico: ai! Meu Deus! Esse vai ser um final de semana terrível, tem que arrumar alguma coisa pra gente fazer. Olha só! Ao invés de curtir esses pequenos momentos, vamos curtir, vamos ficar em casa...

S2: Comer pipoca, dormir.

S1: Não fazer nada, não fazendo nada. E é um sofrimento isso e eu me via como sempre? Tem que arrumar alguma coisa. Quando não tinha, entro em desespero. Eu ainda to nesse processo de mudança. Porque, sabe? Não fazer nada, vamos ler um livro gente, quer coisa melhor. E eu não, tinha que ter alguma programação social. Olha que difícil isso. Que... que dependência! Eu acho que é uma dependência!

S3: A gente cria isso e fica ali nesse círculo vicioso. É... até acordar um fim de semana ou feriado sem se preocupar com o que tem que fazer. Tomar um cafezinho, ver o sol entrar pela janela, é uma coisa extremamente prazerosa.

S2: E coisas simples né?

S3: Coisas simples.

S2: Que dá prazer.

S3: Mas a gente deixa passar.

S4: Mas a gente que é mulher, a gente é inquieta né? Naturalmente inquieta, eu acho! Que a gente tem sempre essa coisa. Ai! Tem que fazer alguma coisa.

S3: É os meus me disseram isso hoje.

S4: Tem que fazer alguma coisa!

S1: Entra em movimento, agir... fazer alguma coisa que às vezes não é nem boa, não dá certo.

S2: Ansiedade! Isso é ansiedade.

S4: E eu acho que a gente tem essa preocupação, não sei se é essa fase que a gente tá vivendo, uma fase de muita queixa e de abandono, essas coisas, esses dias eu me peguei mentindo pras minhas filhas.

S1: (rindo)

S2: Nossa! Que bonitinho.

S4: É assim uma coisa terrível. Meu marido sempre vai pro sítio no sábado. Às vezes vai na sexta, dorme por lá, fica por lá. E elas, claro! Tem os programas com os namorados né? Eu gosto de ficar sozinha, curiosamente. Eu gosto de ficar sozinha!

S3: Eu também gosto.

S1: Que bom.

S4: Sabe? Deitar ver abobrinha na televisão.

S2: Eu também gosto.

S4: Jogar aquele jogo japonês de números. Eu fico horas, fazendo aquilo, deitada, sabe? Mas eu só consigo fazer isso se eu tiver sozinha. Eu acho que quando eles estão dentro de casa, eu tenho uma inquietação, de estar fazendo as coisas.

S2: você tem que estar fazendo alguma coisa que eles precisam.

S4: tem que tá fazendo, tá vendo, é interessante isso? Aí nesse dia eles saíram e as meninas ficaram por lá, aí não, tinham programado de sair, pra fazer um lanche, os dois casais, não! Não vamos, não vamos deixar a senhora sozinha aqui. Eu falei: Não! Eu vou sair com a minha amiga. Ela... eu já telefonei pra ela...

Todas: (rindo)

S4: Ela vai passar aqui e a gente vai sair, nós vamos pra um barzinho e tal, tal... Ai! Mentira né?

S1: Só pra ficar sozinha.

S3: Pra não ter que dizer pra ela.

S4: Só pra, por causa das inquietações. Não sei se vocês entenderam o que eu to falando?

S3: Sim, entendi... pra não dizer pra elas.

S4: Aí elas saíram e eu me esparramei por ali, fiz o que quis, ficava lá com o controle da televisão que eu adoro ficar (tchutchuc) sabe? Quando eu to com o meu marido ele não deixa fazer isso. Aí quando chegaram, ué? Tá em casa? Ah! Não! Me telefonou disse que não podia vir aqui por causa disso... Quer dizer uma mentira inofensiva. Né?

S3: Boba.

S4: Mas pra que?

S2: É mais de outra vez você fala assim: Não que eu to a fim de ficar sozinha, to doida que vocês saiam porque eu gosto, sabia? De ficar sozinha mexendo na televisão. S4: É ninguém me enchendo o saco...

S3: A dificuldade de assumir isso né?

S2: É a coisa da gente ser sincera mesmo, ué.

S4: Que eu acho que é muito essa coisa de papel. Papel sabe? Mulher é dentro de casa é pra cuidar de filho, cuidar da comida, cuidar da dispensa. Mulher deitada no sofá com a mão no controle, nem pensar!

S3: O marido chegar e a mulher tá dormindo? Que horrível! Não pode!

S1: O que mais me dói agora, eu sempre me programei pra arrumar o final de semana e quando não tem nada pra fazer, já tava entrando em choque lá em casa, por quê? O pai insatisfeito! Quer alguma coisa pra fazer.

S2: E ansiedade também, fica ansioso pra ocupar o tempo, pra não pensar nas coisas...

S1: É.

S4: Você tem que dizer: estou aberta a sugestões, quando eles vierem te cobrar (rindo).

S2: É.

S3: Você faz assim A, quando for chegando perto do fim de semana, gente! Esse fim de semana, vocês vão arrumar alguma coisa que a família possa fazer.

E: Vamos passar pro outro então?

S2: Eu to preocupada que eu preciso ir, eu acho que vou deixar vocês aí?

E: Só mais um.

S2: Só mais um? Vamos.

E: O que vocês elaboraram, aprenderam desde a semana passada né? Com os outros encontros que a gente fez. Do que vocês tomaram consciência nessas reuniões? Esse é o...

S2: É o último

S4: Eu acho até que a gente já falou um pouco disso, né? Eu mesma acho que falei né? Dessa coisa de olhar pra isso, dessa coisa ser um mito, dessa inquietação da gente, da questão da queixa, pelo ou menos pra mim, serve pra mim ficar refletindo né? Eu acho que é uma tomada de consciência, eu cheguei a verbalizar aqui, né? Por exemplo, que a queixa sobre a minha mãe, muitas vezes aqui, eu acabei verbalizando... Não sei, se ela não fez porque não queria cuidar de mim, acho que ela não fez porque tinha lá as questões dela, as ocupações, né? É uma tomada de consciência de alguma forma, mas também eu acho que eu saio daqui com muitas interrogações ainda assim. Eu acho que, não sei, eu me sinto assim de certa forma.

S1: Mas também E é muito difícil você na vida...

S4: Eu queria sair daqui mais aliviada.

S1: Sabe? É assim ou é assim? Tudo depende! Não tem Ah! Você vai agir dessa forma! Não é. Depende do contexto, depende quando, onde, sabe?

S4: Do que vai acontecer né?

S1: Então me faz entender que eu tenho que buscar mais segurança, mais firmeza, sabe? De atitudes, mais segurança em tudo. Buscar! Me faz questionar isso entendeu? As nossas reuniões.

S2: Mesmo antes desses encontros, né? Eu já tinha descoberto muita coisa, mas que me ajudou a descobrir mais ainda com os encontros aqui. De que, por exemplo, os nossos pais não fizeram por maldade, fizeram porque não aprenderam com os pais deles, porque é uma coisa que vem de geração em geração e que atualmente isso tá mudando muito, porque as gerações tão mudando muito também, né? Essa coisa mais dividida, de um respeitar mais o outro, de haver mais o respeito na relação, sabe? Os tempos foram mudando de uma forma que essa coisa já tá mudando mais. Já não tem mais esse patriarcado, já é mais uma coisa mais de convivência, de respeito um pelo outro, né? E porque eu penso que tem pessoas que tem mágoa, muita mágoa dos pais, de quem criou, de quem conviveu, que fez a pessoa ser assim né? E a pessoa tem dificuldade de mudar e tudo. E essas reuniões ajuda muito. Terapia em grupo. Terapia em si ajuda demais a gente a crescer.

E: tem alguma coisa que tu tomaste consciência, te fez dar conta de alguma coisa nesses encontros?

S2: Que a agente... que a gente mulher não é a dona do mundo. A gente tem o direito de errar, que a gente tem o direito de errar na educação dos filhos e corrigir. Errando que se aprende, entendeu? Mostra muito isso aí pra gente, esses encontros, a gente foi vendo. Cada uma tem uma situação diferente, ela mais nova tem uma situação diferente com os filhos mais que no frígir dos ovos como dizia a minha mãe, é tudo a mesma coisa. É ser humano, é relacionamento de ser humano, que tem que ter respeito, que tem que buscar... Entender melhor o outro entendeu? Pra conviver né? Por aí!

S1: É me faz analisar muito, que eu sempre, ah! Eu tenho duas filhas, então nós vamos ser amiguinhas, sabe? No mesmo patamar. Trocando de roupinha, trocando de sapatinho, trocando disso, trocando daquilo. E não me via num... numa situação mais acima que eu tinha que assumir isso, eu nunca tive... ninguém nunca assumiu na minha vida, então eu quis ficar igual. Estou apanhando hoje. Então eu tenho que levantar um pouquinho mais, eu tenho que orientá-las assim por dizer, e eu tava igual. Até com roupa. Ah! Vamos comprar essa blusa que aí a gente divide, sabe? A intenção era essa... três. E assim me assusta quando me deparo com estas perguntas por que eu estou numa situação de mais responsabilidade, de mais... pra eu orientá-las... pelo ou menos. E eu tenho que sair dessa cobrança de culpa, como você diz hoje, sua mãe não foi tão culpada, hoje você sabe entender melhor a sua mãe, você também entendeu melhor a sua mãe do jeito que ela agiu com você, nós também gente, eu sei eu tenho certeza que eu falhei demais, mas eu não quero sentir esse pouquinho de culpa que eu estou sentindo. Porque eu falhei pra acertar. S2: Claro!

S1: Eu preciso fazer esse exame de consciência e tirar essa culpa que está me machucando. E eu com culpa eu não sou... Eu não sei, não vou ser capaz de tomar uma atitude melhor, se eu tiver sem culpa... Eu preciso tirar isso de mim. Então todas essas reuniões me faz policiar mais a maneira de eu agir, sabe?

S2: Mas é bom porque nesse policiamento a gente vai refletir e a gente vai mudar as coisas que a gente tá vendo que não tá certo.

S1: É fácil?

S2: Não é fácil, é muito difícil.

S4: Eu acho que tomar consciência também de que você, por exemplo, tá... que assim eu acho, que, por exemplo, eu e a "A" vivemos momentos mais parecidos por causa da idade das filhas que ela já tem filhas maiores... eu acho que a consciência de que você tem problemas muito parecidos traz um pouco de...

S2: Conforto.

S4: Você não acha não? Você escutar a pessoa falando que sofre pelas mesmas coisas que você sofre? Eu acho que dá um pouco...

S2: De conforto

S4: É de conforto.

S2: Saber que é assim mesmo, que é coisa de família, de relação de mãe pra filho.

S4: Como é que é o telhado do vizinho não? Como é que é, não quebra, não é de vidro? O ditado. A gente pensa, né?

E: É vamos fazer uma pequena pausa? Que antes de tu sair, eu queria falar uma coisa. É que tem mais um slide, mas a gente volta, porque ainda não encerrou esse assunto. Tem a indicação desse livro aqui, que tem as coisas que a gente tem falado. E de continuar esse grupo em fevereiro, mas daqui pra frente à gente ter um texto de apoio. Porque aqui têm estudiosos, pesquisadores que falam sobre todas essas coisas que vocês estão relatando, essas experiências pessoais, esses questionamentos, todas as coisas que a gente colocou tem é...

S2: Pra ler o livro né?

E: É... então eu queria convidar vocês pra gente continuar só que da gente usar esse texto como um texto de apoio.

S2: O livro todo?

E: a gente vai começar a ler e vai começar a discutir sobre ele junto. Juntando a pratica e as experiências de vocês e a teoria. É pra dar um suporte pra reflexão de vocês. Ou seja, pra mudar, pra sair desse discurso patriarcal e fazer uma reelaboração. (Verifico com M a disponibilidade dela participar e quando uma vez que ela tinha me colocado no inicio do grupo que precisaria sair antes da sessão de grupo terminar).

S1: Eu tô lendo tanto livro. Num mês eu não leio isso tudo não.

S4: É progressivo

E: Não, a gente lê o primeiro capítulo, discute, entendeu?

S2: Um beijo pra todas, eu adorei estar com vocês.

Todas: tchau!

S4: Somos poderosas.

S2: É com certeza.

S3: rindo.

E: Então vamos voltar aqui né? Que eu senti que vocês tem mais alguma coisa pra dizer.

S3: É essa questão da consciência? Que nem eu falei pra vocês... Eu tomei consciência de que muitas vezes eu me faço de coitadinha e eu achei isso horrível! Entendeu? S1: Você se menospreza?

S3: É! Eu fiquei horrorizada com isso. Eu não quero isso.

S1: Engraçado porque a gente não gosta de quando uma pessoa reclamando, de quando uma pessoa inferior, não gosta de lidar com pessoas de coitadinha, e às vezes a gente se faz de vítima!

S3: Hamham. Se faz... de vítima.

S1: Por quê? Somos tão frágeis? De que? Porque a gente toma tanta atitude... S3: Eu acho que é assim pra chamar um pouco de atenção. Alguém olha pra mim? Me olhem, por favor. S4: Eu to tão coitadinha né?

S3: É. Aí me faço de coitadinha e pronto! Pra alguém me olhar? Acho que pode ser isso.

S4: faz sentido

S3: E a questão de filhos, ah! De sentir às vezes culpa e tal eu to assim: vou fazer isso assim dessa forma, se isso não der certo, beleza. Aonde eu perceber que não tá dando certo eu paro, vou parar e vou tentar fazer diferente. Vou mudar! Tenho colocado isso na prática já há algum tempo. É ah! Meu filho me dá uma má resposta para uma coisa, eu fico indiferente. Aí daqui a pouco ele começa a me rodear aí, ah! O que foi? Nada, você lembra aquele dia que você falou assim, assim comigo? Ah! Mamãe desculpa, não sei o que e tal. Aí a gente vai e conversa

S1: S3 pelo amor de Deus me ensina, porque a minha filha mais nova, ela, quando ela me agride por qualquer coisa, mãe! Ai mãe desculpa. Até quando eu levanto pra buscá-la, mãe! Me desculpa! Tava tão cansada. Fiz você perder o sono, mãe desculpa e me beija. A mais velha me xinga e eu fico depois, ó filha! Você tá bem?

S3: (rindo) Às vezes eu faço isso até com o pequenininho.

S1: Ai! Socorro. Aí ela me faz de gato e rato!

S3: Eu vou ao supermercado com ele aí ele quer comprar um monte de coisa... S1: Aí eu vejo então você tá fazendo isso? E você dá um castigo né? S3: É

S1: Mas a minha carência dela é tão grande que eu busco! Olha que doença! Isso já é uma doença!

S4: Mas estas coisas eu acho que a gente vai descobrindo sabe? À medida que as coisas vão acontecendo, eu acho.

S3: É e isso A eu fazia com namorados, com amigos... entendeu?

S4: Tem filhos que não funciona algumas técnicas.

S3: Eles faziam coisas que me agrediam, que eu não gostava e eu não verbalizava, não deixava transparecer nada. Deixava passar porque assim eu me senti dependente dele. Hoje não! Eu não gostei disso e disso e falo pra eles: me falem aquilo que vocês não gostarem, porque eu posso até me sentir que to apanhando na cara na hora, mas depois eu vou para e vou pensar e vai ser melhor assim. E em relação com colegas de trabalho que era boa, hoje é excelente. Por conta disso. Quando fazem alguma coisa, pera aí! Não é bem assim, não! É assim, assim, assim. Se você não concorda com isso, beleza! Porque antes eu simplesmente, eu ai! Ninguém me ama...

S4: Ninguém me quer S3:...ninguém me quer.

S1: Mas S3 eu sei lidar externamente, nossa! Eu sou uma... no trabalho? Meu Deus! Eu sei lidar. Agora eu apanho com a minha filha.

S3: O pequenininho faz assim: Vou lá com ele e dá birra porque quer todos os pacotes de doce que tem lá. Não D! Só um! Ah! Não vai querer um não? Tá bom deixa aí que o rapaz do Mercado vende pra outro menino. E vou saindo. Ah! To saindo, tchau D! Ele que vem atrás, porque antes eu ficava lá... antes quando eu era babá...

S4: tentando convencer...

S3: principalmente ficava convencendo, convencendo a criancinha, fazer as coisas do jeito que tinha que ser feita, ela que me convencia a fazer as coisas ao contrário, muitas vezes. (rindo).

E: O que mais que vocês... que ajudou vocês a reelaborarem, mais algum ponto, alguma coisa assim? Nesses três encontros? Coisas que fez pensar ...que se deu conta?

S4: Ah! Eu me dei conta que eu tenho que trabalhar muita coisa ainda em mim viu I. Pra deixar que esse trator de menopausa. Essa crise de idade, que eu acho que tem muito de uma crise de idade assim de descoberta de se deparar com as coisas e assim a constatação é até a comprovação de que eu preciso prestar mais atenção em mim e me cuidar porque se não a coisa degrading. Porque eu acho aquilo que você falou a vida em casa, infelizmente por conta desses papéis e desses mitos...

S2: S2 volta e diz: dá para ficar mais cinco minutos.

S4: ... ela gira em torno da gente e eu acho que to passando, vivendo um momento de crise na minha vida por isso porque tudo passa por mim, mas eu to me sentindo fragilizada, e mau to conseguindo me ajudar. Porque eu acho que eu sempre estive como se diz: Você sempre ficou assim, eu acho que eu sempre fiquei assim, acima com uma imagem de uma pessoa forte, fluída, sabe? Que resolvia as coisas e eu hoje eu não sei se por causa de uma chama de coisas, hormonal, por conta da menopausa, crise de idade mesmo e uma série de coisas, hoje eu to me sentindo muito fragilizada.

S3: precisando um pouquinho de colo.

S4: Não é nem colo eu não to dando conta de resolver as minhas coisas entendeu? Por exemplo, to tendo crises com a minha filha caçula, difíceis, difíceis de resolver né? Crises com o meu marido que oxalá fossem crises de briga de dar grito, é muito pior do que isso, é uma crise silenciosa que está se instalando e que assim como eu estou me sentindo frágil, eu não to sabendo lidar com isso. Me dá um pouco de tranquilidade vê que cada uma, dentro do seu contexto, tem o seu problema né? Mas eu acho que eu tenho que prestar mais atenção em mim e me cuidar.

E: Foi isso que tu te destes conta?

S4: Foi. Eu acho que tenho que prestar mais atenção em mim como mulher, como mãe, como profissional, como amiga né? Assim naquele primeiro dia que a gente veio aqui eu fiquei pensando, a gente falou sobre a gente, ter independência, fazer as coisas eu saí daqui e me perguntei: se eu quiser me libertar daquela vida doméstica, de cuidar de tudo. Da A e da J e do meu marido tudo a tempo e a hora e sair com uma amiga, vocês acreditam que eu não tenho uma pessoa pra ligar e dizer: vamos sair? De tanto que eu me isolei do mundo.

S2: Eu acredito.

S3: Vocês sabem que eu pensei que nós poderíamos fazer um grupo, pra sair, pra ir ao cinema, pra ir ao barzinho. Eu sou evangélica. Eu não bebo, mas eu não me importo de ir a um barzinho e vocês bebericar, e ficar e a gente conversar.

S4: Toma açaí, toma suco né?

S3: Não é um privilégio seu se sentir isolada

S1: E o que eu passei de crises e o que acontece comigo, eu vou criando dentro de mim um falso eu. De não...

S4: Se mostrar né?

S1: Tudo que acontece. Toda vez que eu tenho um problema eu me isolo e fico criando um falso eu. Problema com a minha filha, problema com o meu marido. Teve uma época do ano passado... formamos um grupo de amigas, mas entendeu? E isso é muito bom. Hoje eu converso com uma colega ela é até Psicóloga e ela fala assim pra mim: ah! Você não vai se cuidar não? Esse dinheiro, você não vai se cuidar não? A G vai tomar todinho seu.

S1: (rindo) Desse jeito! Então é uma situação que ninguém valoriza porque você tá fechada dentro de casa, corre pra lá, corre pra cá, elas iriam te valorizar muito mais e talvez até o seu marido se você ter esse grupo, vamos sair? Poxa! Que mãe pra frente. Minhas filhas hoje me criticam: mãe! Você tá fechada, você não busca nada, você não sai, sabe? Elas falam isso. E eu com consciência pesada quando viajo pelo CESP, meu Deus! Quase morro!

S4: De culpa.

S1: Morria, deixava a comida toda pronta era sexta-feira, deixava programada a sexta o sábado e o domingo. A idiota aqui se preocupando com isso, lá trabalhando e ligando, olha! Isso, isso, isso, sabe? Louca? Pra que? Pra me acabar. Alguém me valorizou por isso? Pra eu trazer o dinheirinho pra ter o estudo melhor... ninguém. Hoje eu to vendo, meu Deus! Eu tenho que pensar em mim. Pra eu me fortalecer.

S3: A minha prima, a chata da mãe de vocês ligando. Ó! A mamãe controlando a gente por telefone (rindo).

S1: Isso é até normal, mas se for doentio é um problema. Nada fácil

S2: Olha só! Eu vejo elas falando aí e desde o começo do grupo aqui que eu me peguei pensando o tanto que eu já evolui. Porque assim eu me sentia assim... um pedaço de cada um eu já senti tudo isso aí, mas assim são 15 anos de terapia que eu tenho mais de 15, comecei a fazer terapia em 94, quando eu me separei né? Então a criatura que eu sou hoje eu agradeço a terapia. A Deus primeiramente porque busquei muito na religião, me dediquei e sou católica praticante. Assisto missa diariamente é porque eu gosto, não é porque eu vou forçada, sinto prazer de fazer, mas tem quantos anos de 94 pra cá, tem mais de 15 já. E aí você aprende muita coisa. Você aprende a se conhecer, você aprende essa coisa aí, porque você se dá querendo que o outro te valorize. Como o outro não te valorize, acha chato o que você tá fazendo, na ocasião o seu filho não está entendendo o que você está fazendo por ele, você tá fazendo uma coisa ele não tá entendendo, ele vai entender depois! Quando ele tiver os filhos dele e meio que vai de geração em geração acontecendo isso. Então a gente quer o que? Que a gente se mate! Cansei de lavar o banheiro com escovinha e Q-Boa no azulejo às duas horas da manhã. Hoje em dia fica podre, eu não lavo, eu não. Vou pagar uma faxineira pra lavar. Não tô mais pra fazer isso então você muda, vocês né? S4: Com o tempo né?

S2: Com o tempo. Eu digo que a terapia ajuda a gente demais a se conhecer, a conhecer o outro, a acreditar no outro, a confiar em você também, a confiar no outro, a não cobrar do outro aquilo que você quer que ele seja que é, por exemplo, você pagou o colégio das filhas não sei o que. E você se mata, pra elas dizerem: Ai! Mãe que bacana! Que você tá fazendo isso, não vai falar, porque elas acham até chato, ah! Que mulher chata de ficar em cima de filho cobrando. A cobrança irrita o outro né? Então você não sabe o que fazer, faz o que você quer fazer, então quando você passa a fazer porque você quer fazer, sem cobrança, dentro do seu limite, sem ansiedade, sem se estressar, por prazer, aí você não quer que o outro te valorize, pra você tanto faz, você faz porque você quer fazer. Então eu digo mais uma vez pra vocês: a terapia todo ser humano tem que fazer, isso chega a ser obrigado. Você faz mais fácil você aprende a lidar.

Entrevistadora: Vou colocar esse slide aqui. Esse livro tem aqui e lá na editora da Universidade.

S1: Ah! Eu vou ver se tem lá na editora.

E: Essas questões sobre o patriarcado, sobre o amor materno...

S4: Tudo tem aí?

Entrevistadora: Tudo em aqui, trata de questões de gênero, como o próprio título diz: psicologia de Gênero. A proposta é essa da gente continuar esse grupo, mas agora a gente aliar a essas experiências de vida a gente...

S4 e S2: A leitura.

E: Fazer um pouco de leitura pra gente continuar tomando consciência, continuar refletindo porque só através da tomada de consciência e da reflexão que a gente chega à mudança, se não a gente fica só dando volta (foi combinada a data do próximo encontro com a leitura do primeiro capítulo).